

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

A VIDA EM VERSO: HISTÓRIAS E POEMAS DE ESPEDITO DE MOCINHA

ALUSKA SILVA CARVALHO

JOÃO PESSOA

2022

ALUSKA SILVA CARVALHO

A VIDA EM VERSO: HISTÓRIAS E POEMAS DE ESPEDITO DE MOCINHA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba como requisito final para obtenção de título de doutora em Letras, na área de concentração, Literatura, Teoria e Crítica, linha de pesquisa Estudos culturais e de Gênero, sob orientação da professora Dra. Ana Cristina Marinho.

JOÃO PESSOA

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C331v Carvalho, Aluska Silva.

A vida em verso : histórias e poemas de espedito de mocinha / Aluska Silva Carvalho. - João Pessoa, 2022.
208 f. : il.

Orientação: Ana Cristina Marinho.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Espedito de Mocinha - Poeta paraibano. 2.
Poéticas orais. 3. Poesia - História de vida. 4. Prosa.
5. História oral. I. Marinho, Ana Cristina. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-1(043)

ALUSKA SILVA CARVALHO

A VIDA EM VERSO: HISTÓRIAS E POEMAS DE ESPEDITO DE MOCINHA

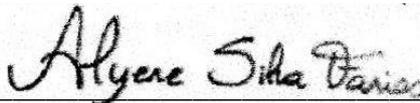
Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba como requisito final para obtenção de título de doutora em Letras, na área de concentração, Literatura, Teoria e Crítica, linha de pesquisa Estudos culturais e de Gênero, sob orientação da professora Dra. Ana Cristina Marinho.

Aprovada em 02 de fevereiro de 2022

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dra. Ana Cristina Marinho (UFPB)
Presidente



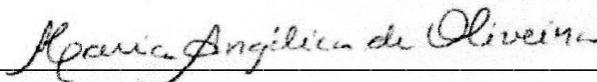
Prof^ª. Dra. Alyere Silva Farias (UFPB)
Examinadora interna



Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves (UFCG-PPGL)
Examinador interno



Lilian de Oliveira Rodrigues (UERN)
Examinadora externa



Maria Angélica de Oliveira (UFCG)
Examinadora externa

Às 622.563 pessoas que perderam a vida, vítimas da Covid-19 no Brasil. Especialmente, a José Gervásio da Silva (meu tio) e George Sabóia Marinho Lúcio (irmão de Ana).

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, por nunca ter me deixado perder a fé.

Aos meus pais, Lourdes e Antonio, por terem acreditado que a educação era o caminho e por terem feito o impossível para que eu sempre estudasse.

À Mariana, minha filha, que nasceu junto com essa tese. Obrigada, filha, por ter me escolhido para ser sua casa, seu abrigo.

Ao meu esposo, Tércio, por segurar minha mão nos momentos de insegurança, por entender minhas ausências, pela oportunidade de dividir sua vida comigo há vinte anos.

À minha família e a família de Tércio, por serem rede de apoio durante todo o período da escrita, pela motivação e pelo carinho. Em especial à minha prima Cristina, por segurar tantas vezes minha filha no colo para eu poder escrever esta tese.

A Seu Espedito de Mocinha, por ter me permitido entrar na sua vida e conhecer a sua história e poesia.

À Ana Marinho, por me acolher como orientanda, por ter respeitado meu tempo, e pelas reflexões propiciadas no processo de pesquisa desta tese.

A Hélder, pela amizade durante toda a minha trajetória acadêmica, por ter transmitido tanto amor ao ensinar e por me apresentar a literatura. O agradecimento estende-se à família, Etiene e Davi.

À professora Lilian Rodrigues, por ter aceitado o convite para contribuir com o meu trabalho desde a qualificação, pela gentileza nas observações realizadas.

À professora Alyere Silva Farias, por ter aceitado o convite para compor a banca examinadora desta tese, pela amizade desde os tempos da graduação.

À Maria Angélica, por estar de volta a uma etapa importante da minha formação acadêmica, por contribuir com esta tese, participando da banca examinadora.

Aos meus amigos, que são muitos, pela compreensão, apoio e sorrisos que deixam minha vida mais leve e feliz. Em especial, às txuris, nome de um grupo inseparável desde a graduação: Dayena, Laryssa, Nayara e Elyzama (obrigada por ter lido e corrigido a tese!); Às amigas Paloma, Tássia, Sandrelle, por terem dividido as angústias da pós graduação, à Mariana, pelos momentos de descontração e presença constante nos áudios de *whatsapp*;

Ao amigo Ayrton, por ter me apresentado Seu Espedito de Mocinha, por toda a contribuição e amizade. Estendo esse agradecimento, a todos os amigos que o grupo Viva me trouxe: Eujessika, Alcione, Jordão e Marbyo.

Ao programa de pós-graduação em Letras – PPGL, pela organização, compromisso com todos os alunos e alunas, por me ajudar a obter o título de doutora e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa a esta pesquisa.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por ele, e sem ele nada foi feito. Nele havia a vida, e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam. O Verbo era a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todo homem. Estava no mundo e o mundo foi feito por ele, e o mundo não o reconheceu. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos sua glória, a glória que o Filho único recebe do seu Pai, cheio de graça e de verdade. (João, capítulo 1)

RESUMO

O objetivo desta tese é estudar a produção artística do monteirense Espedito de Mocinha, poeta do cariri paraibano que possui vasta e eclética produção em poesia e prosa, além de ser exímio contador de histórias. A partir da história de vida, analiso como suas narrativas e sua poesia entrelaçam-se na criação do seu universo. O percurso das narrativas do autor foi cartografado a partir de suas vivências e de sua poesia. Dessa forma, amparada pela metodologia da história oral/ história de vida, apresento um narrador que comunica, a partir da poética da voz (e da escrita), sua literatura. Metodologicamente, o percurso reflete, a partir dos caminhos narrativos do autor, os procedimentos constitutivos de sua poesia, mostrando como ocorre a transposição da oralidade para a escrita. Para tanto, realizei um levantamento dos poemas oralizados e escritos do autor e analisei suas visões de mundo, temáticas e estilo, procurando compreender como a experiência de oralidade manifestada em sua poesia contribui para a constituição de um sujeito-autor. Teoricamente, discute-se, dentre outras, as contribuições dos autores Zumthor (2014, 2005, 1997) e Fernandes (2007), para performance e poética da voz; Ong (1998) para relações entre oralidade e escrita; e Hansen (1992) e Foucault (1969; 2004) para reflexões sobre autoria. O percurso analítico apontou que a poesia de Seu Espedito tem raízes fincadas na experiência oral e, mesmo que escritos, a natureza de seus poemas continua sendo oral. Esse fato não o diferencia de um poeta que faz o caminho inverso: ambos são poetas. Desse modo, não se identifica perdas significativas entre os registros orais para os escritos, excetuando-se, evidentemente o fator performático, que é único e irrepetível.

Palavras-chave: Espedito de Mocinha. Poéticas orais. História de vida.

ABSTRACT

The purpose of this thesis is to study the artistic production to Espedito de Mocinha. The course of Mr *Espedito de Mocinha's* narratives was mapped from his life experiences and his poetry. This poet from the *Cariri* region in the state of *Paraíba* (Brazil) has a vast and eclectic poetry and prose production, besides being an expert storyteller. Supported by the oral story/ life story methodology, I present a narrator that communicates, from the poetics of the voice (and writing), his literature. Methodologically, this thesis reflects, from the author's narrative courses, the constitutive procedures of his poetics, presenting how the transposition from orality to writing occurs. In order to do so, I carry out a survey of the author's oral and written poems and analyze his worldviews, themes and style, trying to understand how the experience of orality manifested in his poetry contributes to the constitution of an author-subject. Theoretically, I utilize the contributions of authors such as Zumthor (2014, 2005, 1997), Fernandes (2007), for performance and poetics of the voice; Ong (1998) for relations between orality and writing and Hansen (1992) and Foucault (1969; 2004) for reflections on authorship, among others. The analytical course pointed out that the poetry of Mr *Espedito* has its roots in oral experience and even if written, the nature of his poems remains oral. This fact does not differentiate him from a poet who does the opposite course: both are poets. Thus, I did not identify significant losses between the oral and written records, except, of course, for the performative factor, which is unique and unrepeatable.

Keywords: *Espedito de Mocinha*. Oral poetics. Life story.

RESUMÉ

L'objectif de cette thèse est d'étudier la production artistique de monsieur Espedito de Mocinha. Le chemin des récits de monsieur Espedito de Mocinha a été cartographié à partir de ses expériences de vie et de sa poésie. Ce poète du semiaride de la Paraíba a une production ample et éclectique en poésie et en prose, en plus d'être un conteur expert. Basé sur la méthodologie de l'histoire orale/histoire de la vie, je vous présente un narrateur qui communique sa littérature, à partir de la poétique de la voix (et de l'écriture). Méthodologiquement, cette thèse reflète, à partir des parcours narratifs de l'auteur, les procédures constitutives de sa poésie, en montrant comment se produit la transposition de l'oralité à l'écriture. À cette fin, j'examine les poèmes oralisés et écrits de l'auteur et analyse ses visions du monde, ses thèmes et son style, en essayant de comprendre comment l'expérience de l'oralité manifestée dans sa poésie contribue à la constitution d'un sujet-auteur. Théoriquement, j'utilise, entre autres, les contributions des auteurs Zumthor (2014, 2005, 1997), Fernandes (2007), pour la performance et la poétique de la voix; Ong (1998) pour les relations entre l'oralité et l'écriture, et Hansen (1992) et Foucault (1969; 2004) pour les réflexions sur la paternité. Le chemin analytique a souligné que la poésie de monsieur Espedito a des racines enracinées dans l'expérience orale et même si elle est écrite, la nature de ses poèmes reste orale. Ce fait ne le différencie pas d'un poète qui fait le contraire: les deux sont des poètes. Ainsi, je n'ai pas identifié de pertes significatives entre les enregistrements oraux pour les écrits, sauf, bien sûr, le facteur performatif, qui est unique et irremplaçable.

Mots-clés: Espedito de Mocinha. Poétiques orales. Histoire de vie.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A NARRATIVA DE SEU ESPEDITO: MAPEANDO CAMINHOS METODOLÓGICOS	18
1.2 REDEFININDO MÉTODOS: CARTOGRAFIA E HISTÓRIA DE VIDA	21
1.3 SOBRE OS ENCONTROS E AS TRANSCRIÇÕES	27
2. O NARRADO E O VIVIDO: EXPERIÊNCIAS POÉTICAS DE ESPEDITO DE MOCINHA	32
2.1 “EU NASCI E ME CRIEI AQUI”	36
2.2. ZABÉ DA LOCA, SEU ESPEDITO E DONA MARIA: CONVERSA DE VELHOS	40
2.3 “UM CRÂNIO COM POESIA”	48
3. A VOZ E O TEXTO: RELAÇÕES ENTRE ORALIDADE, ESCRITA E AUTORIA	58
3.1 ORALIDADE E ESCRITA	58
3.2 A PRODUÇÃO IMPRESSA NO BRASIL E O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO	64
3.3 ESCRITA E AUTORIA: INTERCESSÕES	70
4. CARIRI DE ARUIARA: POEMAS E HISTÓRIAS DE HUMOR DE ESPEDITO DE MOCINHA	81
4.1 PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO LIVRO	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	109
ANEXOS	112
1) EXPERIÊNCIAS POÉTICAS COM SEU ESPEDITO	116
TRANSCRIÇÕES	116

INTRODUÇÃO

No princípio, era o verbo: comunicare!

Desde muito criança, reconheço meu interesse em me comunicar com outras pessoas. Falante e tagarela, já na Terceira Série do Ensino Fundamental I, participava de um grupo artístico de meninas que, através de músicas, palestras e teatro, apresentava orientações sobre higiene bucal. A condição para integrar esse grupo era estar cursando a Quarta Série, mas, dada minha insistência para fazer o teste, fui aceita. Dança e teatro eram a minha paixão. Envolvi-me, naquela mesma época, entre os 7 e 9 anos de idade, com a catequese na Igreja Católica e, logo após a Primeira Eucaristia, aos 10 anos, comecei a ensinar catecismo às crianças praticamente da minha idade. Depois de catequista, animadora de grupo jovem, coordenadora de eventos na Paróquia, e atriz!, decorei vários textos de Artur Azevedo, João Cabral de Melo Neto, Lourdes Ramalho... e foi assim que a literatura entrou na minha vida! Antonio Luiz da Silva, à época, missionário redentorista, me apresentou o texto teatral, o folheto de cordel, Shakespeare, a Divina Comédia... um ecletismo e um volume de leitura a que poucos adolescentes têm acesso. Sou muito grata a ele e a Congregação Redentorista Nordestina que me ensinou uma fé política e evangelizadora.

Este contato com a literatura de cordel conectou-me com outra pessoa que fez (e faz) a diferença na minha vida, para além dos limites acadêmicos: José Hélder Pinheiro Alves. Aos 14 anos, fiz minha inscrição em um curso para alunos do Ensino Médio, na Universidade Federal de Campina Grande. Só depois entendi que se tratava dos cursos que os alunos concluintes da graduação em Letras ofereciam para cumprirem o estágio em Ensino. Pois bem, neste curso descobri um pouco como é a rotina de uma universidade e o curso de Letras começou a ocupar um espaço nas minhas escolhas, Hélder e Patativa do Assaré têm muita culpa nisso...

Finalizado o Ensino Médio, eu tinha certeza: queria ser professora.

E o verbo se fez: discipulus et magister!

Ingressei no curso de Letras em 2006 e já em 2007 fui monitora das disciplinas Teoria da Literatura I e II, (2007.1 e 2007.2). Como já falei antes, minha proximidade com a literatura veio desde muito cedo, mas eu sentia muita dificuldade em ler (e entender) poemas. Ter a oportunidade de monitorar as atividades do professor Hélder Pinheiro, tanto na poesia quanto na narrativa, me propiciou uma experiência estética com o texto literário, além de aprender a ser professora através do afeto e da escuta. No final de 2007, eu fiz o processo seletivo para o Programa de Educação Tutorial (PET Letras). Posso dizer, sem sombra de dúvidas, que participar deste programa me propiciou uma bagagem de leitura e de prática de ensino que me transformou em uma profissional mais engajada com a escola pública e com a pesquisa acadêmica. O PET tem como eixo o tripé *ensino, pesquisa e extensão* e o aluno bolsista precisa reservar 20 horas semanais de trabalho, desenvolvendo e executando projetos, participando de reuniões administrativas, convivendo com os outros bolsistas, além de cursar as disciplinas. Quem coordenava à época era a professora Denise Lino, a quem devo gratidão pela seriedade e disciplina que nortearam o trabalho no PET, na graduação e na vida.

Minha proximidade com língua e literatura gerou uma certa angústia no momento de escolher o objeto de pesquisa da minha monografia. A análise do discurso de linha francesa tinha tomado um lugar bastante especial nas minhas leituras porque dialogava com o que (à época) meu namorado estudava no curso de História e as aulas da professora Maria Angélica eram tão boas que eu comecei a literalmente me apaixonar pela AD. Decidi então que minha monografia iria dialogar entre Análise de Discurso e Literatura, surgindo assim o trabalho: “Chapeuzinho Vermelho: tradição e traduções” orientado pela professora Maria Angélica de Oliveira e com contribuições do professor Hélder Pinheiro. A proposta foi analisar diferentes versões de Chapeuzinho Vermelho e observar como os discursos se davam em cada espaço do dizer.

Em 2011, ingressei no mestrado do programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande. A dissertação, sob orientação da professora Josilene Pinheiro, caminhou para a pesquisa

bibliográfica, através de um recorte de questões de literatura no ENEM. Uma oportunidade de pesquisa aberta em um contexto de transição da prova que muito me interessava, resolvi então me debruçar sobre o tema, o que resultou na dissertação defendida em 2013.

Enquanto escrevo, penso: como conseguimos registrar em poucas linhas um percurso tão intenso, cheio de pedras, espinhos e flores? A linguagem nos desafia, mas, como diz Cora Coralina, “caminhando e semeando, no fim terás o que colher”.

Em 2014, surge um processo seletivo para professor temporário na UFCG. Agora a vaga era para Prática de Ensino em Literatura Brasileira, o ponto sorteado foi sobre a contística de Moacyr Scliar. Consegui o primeiro lugar e passei a ser professora de literatura da universidade federal da minha cidade. Eu não acreditava! Como disse ao final da minha defesa de dissertação, ser a primeira a chegar ao ensino superior na minha família já me deu um orgulho imenso e foi a concretização de um sonho de uma menina que passava de ônibus em frente à universidade e dizia à mãe que um dia iria estudar lá. Ter a oportunidade de ser professora desta mesma universidade foi tão grandioso que nem sei mensurar. Uma grande honra e uma grande responsabilidade também.

Neste período como professora de literatura, estive em contato direto com a produção acadêmica, participei de bancas de monografia e de especialização, orientei trabalhos de conclusão de curso e relatórios de estágio, integrei comissão organizadora e científica de eventos acadêmicos, planejei e lecionei, conheci muitos alunos, muitos se tornaram amigos, revi meus professores, agora colegas de profissão, fiz parcerias, escrevi um livro! Mas... ainda me faltava uma lacuna a ser preenchida: o doutorado!

Comecei então a fazer pesquisas de universidades que fossem próximas (filha única que não quer ficar muito longe dos pais) e descobri que na UFRN havia uma linha de pesquisa de literatura e ensino. Fui a algumas aulas como aluna especial, conversei com alguns professores, mas, quando lançado o edital, nenhuma vaga para esta linha de pesquisa. Era 2016. Neste mesmo ano, reencontrei seu Espedito de Mocinha, a grande voz desta tese, quando fui a Monteiro-PB, com um grupo de intercâmbio que coordenava e, então, toda a história cultural e literária da região passou a fazer parte de minhas conversas com um amigo, consultor de turismo, que

desenvolve trabalhos culturais em parceria com o Sebrae. Religiosa que sou, acho que Deus deu uma grande ajuda e, exatamente nesse ano, a professora Ana Marinho resolve voltar a estudar narrativas orais, depoimentos e história de vida. Eu havia enviado um e-mail para a professora Liane Schneider, pensando em trabalhar com a representação da mulher em literatura de cordel e, então, ela me encaminha para a professora Ana, dizendo que talvez a linha de pesquisa dela poderia ser mais próxima do que eu queria propor. O fato é que, quando o edital saiu, tive essa ideia de fazer um projeto sobre seu Espedito, tive pouquíssimo tempo para produzir o texto, mas o encontro que tive com o poeta me deixou cheia de esperanças e de vontade para que desse certo. A academia precisava ouvir a voz de Seu Espedito.

Para encurtar o caminho, a aparente confusão se desfez e fui para João Pessoa estudar Guimarães Rosa e conhecer a professora Ana Marinho, em uma disciplina como aluna especial. Nesse meio tempo, eu já tinha enviado o projeto e estudava para a seleção que ocorreu no segundo semestre de 2016. Continuei lendo sobre literatura oral e história de vida, estudos culturais, retomei alguns apontamentos da disciplina que cursei na graduação e consegui passar em todas as etapas do processo seletivo.

E assim as poéticas orais tornaram-se meu novo caminhar que deságua neste trabalho de conclusão. Uma pesquisa por demais afetuosa, na qual pude conectar uma necessidade de trabalho, afinal, o título de doutora é um marco importante na vida de qualquer profissional, com um prazer que é ouvir um ser humano tão especial e habilidoso com as palavras como é Seu Espedito de Mocinha.

Thesis

Ao nascer uma tese, nasce o propósito de socializar a arte de quem produz e vive a cultura popular, pois se entende que essas manifestações têm um sentido para os seus praticantes dentro de uma conjuntura social, além de ser literatura, seja ela de expressão oral ou escrita. Meu interesse nesse tema é antigo. Ele surge com a sede em ouvir histórias e aprender a partir da experiência da escuta e é fruto de um contato efetivo e afetivo com a cultura popular. É fruto da escuta de histórias sobre a Segunda Guerra Mundial e de como jovens padres holandeses rumaram em missão para o nordeste brasileiro e do que aqui encontraram; é fruto de aulas com um professor no ensino superior que me ensinou que a verdadeira experiência com a

poesia é a partir de sua realização oral, da escuta de sua própria voz ecoando no poema; é fruto dos ouvidos atentos às aventuras que o meu avô contava. Esse trabalho surge da necessidade de ser gente e de entender e aprender com “as gentes”:

[...] a cultura popular é feita e desenvolvida por *gente* e deve-se manifestar interesse por essa gente, ouvindo o que tem a dizer, prestando atenção às suas explicações, naquilo que acreditam essas pessoas, na sua maneira de ver o mundo. (...) Aprendi desde cedo que o mundo da cultura popular, por mais fantástico que se nos apresente é sempre um mundo de gente (AYALA, 2011, p. 90-91)

A experiência do vivido será a matriz desta tese. Um pouco do que fui, do que sou e de como me constituo se entrelaçará em uma escrita acadêmica, porém, decalcada. Um texto que falará de um homem simples e de suas histórias vivenciadas pelo “mundo todo”, como ele mesmo afirma, com sua alma de viajante e de narrador benjaminiano.

Seu Espedito de Mocinha é o sujeito deste rizoma, para citar as raízes de Deleuze e Guattari (1995). Seus platôs serão expostos de forma a contemplar as nuances apresentadas no decorrer de sua experiência de si, a partir de sua vivência em comunidade. Procurarei, por estes caminhos, cartografar o percurso de escrita e de memória de Seu Espedito de Mocinha, amparados pela metodologia da história oral/ história de vida, além dos registros autobiográficos apresentados em seu livro, e socializar experiências literárias deste homem do cariri paraibano que comunica, através da poética da voz (e da escrita), sua literatura.

Uma pesquisa de doutorado narrando uma voz do interior da Paraíba tem uma relevância social e política muito importante, uma vez que há, dentro e fora da academia, um movimento de elitização do fazer literário que por vezes atrapalha seu estudo, porque são poucas universidades e pesquisadores que se prestam a conhecer e socializar essas vozes poéticas. Como afirma Walter Ong (1998, p.16) “Apesar das raízes orais de toda verbalização, o estudo científico e literário da linguagem e da literatura, durante séculos e até épocas muito recentes rejeitou a oralidade.”. Os Estudos Culturais abarcam esse tipo de pesquisa, mas carecemos ainda de programas que possam incentivar o trabalho com as poéticas orais, seja por falta de

contato dos alunos, desde a graduação, com esse tipo de pesquisa, seja por carência de pesquisadores na pós-graduação.

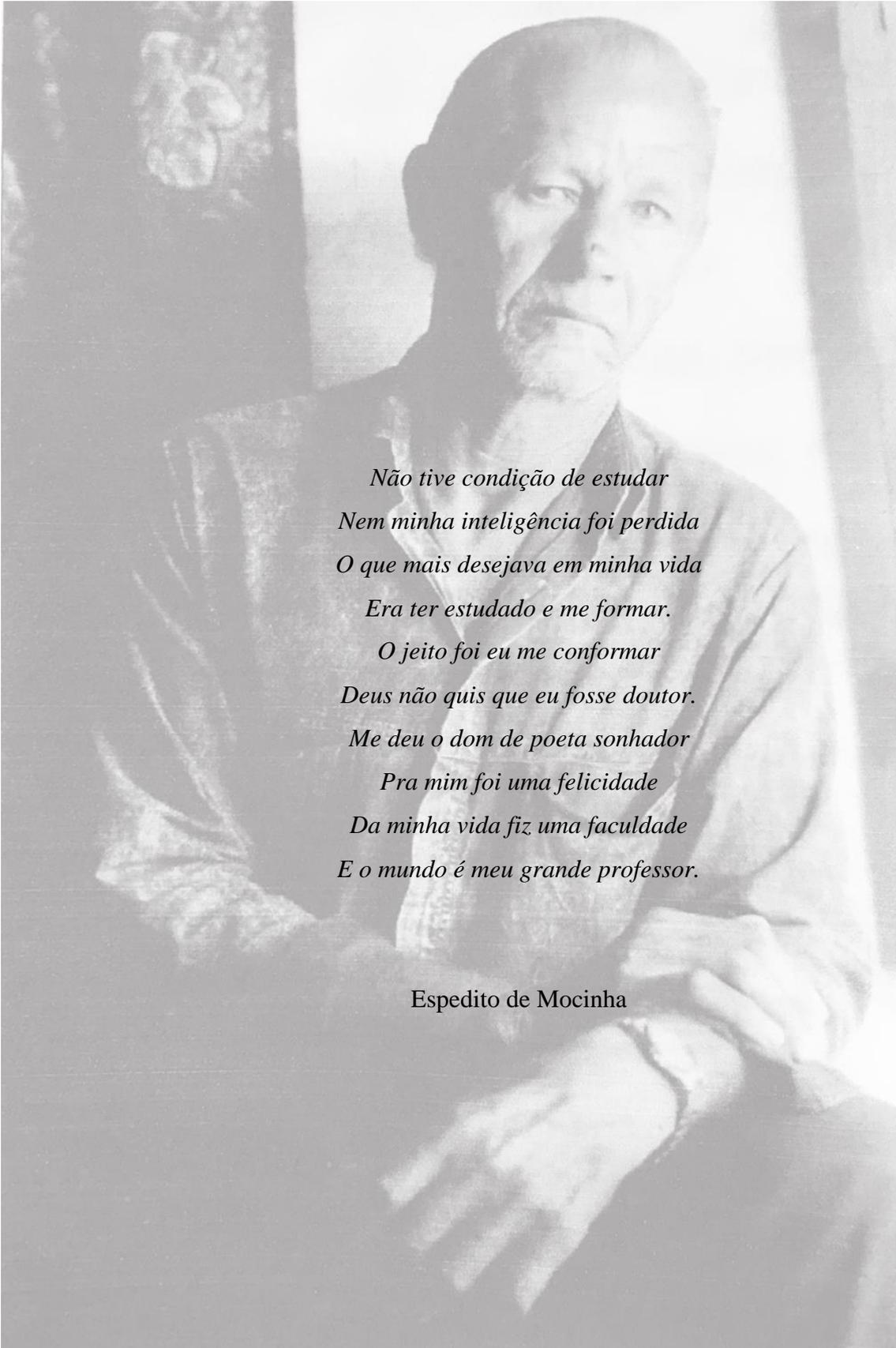
Conforme as motivações apresentadas, apresento como objetivo geral: Estudar a produção artística do monteirense Espedito de Mocinha e, a partir da história de vida, analisar como suas narrativas e sua poesia entrelaçam-se na criação do seu universo. E específicos: 1) Realizar um levantamento de poemas oralizados e/ou escritos por Espedito de Mocinha; 2) Refletir como as visões de mundo são materializadas em sua narrativa e poesia; 3) Compreender como a experiência de oralidade manifestada em sua poesia contribui para a sua constituição como autor de textos escritos. Assim sendo, procurarei responder a seguinte pergunta: Como Espedito de Mocinha transita sua experiência no seu fazer poético entre os registros orais e os escritos?

Por acreditar que cada pesquisa tem suas especificidades, a divisão estrutural desta tese será organizada com os seguintes capítulos: 1) *Narrativas de Seu Espedito: mapeando o caminho metodológico*, em que apresento Seu Espedito e discuto os (des)caminhos realizados no percurso de coleta de dados, apontando quais foram os procedimentos para categorizar o material obtido; 2) *O narrado e o vivido: experiências poéticas de Espedito de Mocinha*, no qual apresento o universo do poeta, mostrando como sua vida contribui para a construção da sua obra, percorrendo cartograficamente espaços e personagens importantes para a constituição de Seu Espedito como sujeito-autor de sua história; 3) *A voz e o texto: reflexões sobre oralidade, escrita e autoria*, capítulo de cunho teórico reflexivo sobre o limiar entre a oralidade, escrita e autoria, observando como a literatura mostra-se para seu Espedito e como ele constitui-se enquanto autor; por fim, o quarto capítulo apresenta uma categorização temática, a partir do livro que Seu Espedito lançou em maio de 2018: 4) *Cariri de Aruiara: Poesias, história de humor de Espedito de Mocinha*.

Quero dar um destaque especial à seção “anexos”, pois nela enxergo a alma desta pesquisa, espaço no qual transcrevo quatro encontros presenciais com o poeta, em um total de 485 minutos transcritos, em um processo que considero o mais árduo e desafiador desta tese: a pesquisa *in loco* e a transcrição. A voz de Seu Espedito é o corpo deste trabalho, uma obra viva, contendo, além de nossas conversas, registros fotográficos de espaços percorridos e amigos colaboradores da pesquisa. Na sessão, encontram-se também cópias digitalizadas de histórias e poemas escritos à mão por

Seu Espedito. No processo de escrita dos capítulos, há pequenos trechos destes momentos de transcrição e dos poemas, além da tentativa de, ao teorizar sobre algum tema mais específico à academia, relacioná-lo ao processo de criação poética e à história de vida de Seu Espedito.

Capítulo I



*Não tive condição de estudar
Nem minha inteligência foi perdida
O que mais desejava em minha vida
Era ter estudado e me formar.
O jeito foi eu me conformar
Deus não quis que eu fosse doutor.
Me deu o dom de poeta sonhador
Pra mim foi uma felicidade
Da minha vida fiz uma faculdade
E o mundo é meu grande professor.*

Espedito de Mocinha

1. A NARRATIVA DE SEU ESPEDITO: MAPEANDO CAMINHOS METODOLÓGICOS

Estudar oralidade e a diversidade de suas manifestações é um desafio porque andamos em terreno movediço. O olhar para a teoria e para o modo de coleta de dados necessita ser transformado, haja vista que a experiência é que encaminha a categorização e a reflexão. Este capítulo intenta discutir sobre as escolhas que tomei (ou que me tomaram) e sobre as mudanças necessárias que ocorreram no processo metodológico, uma vez que o percurso de escrita é passível a vários atravessamentos, inclusive de uma licença maternidade e de uma pandemia.

1.1 Escolha do tema e visita diagnóstica

Meu interesse em conhecer melhor o legado de Seu Espedito ocorreu através de reverberações de uma produção videográfica realizada sobre Zabé da Loca, uma artista que ficou conhecida por tocar “pife” (pífano), no cariri paraibano. O documentário “Sob o céu de Zabé”¹ conta a história da vida de uma mulher, autodidata, tocadora de pífano, que criou seus filhos em uma loca (gruta de pedra) que fica no mesmo assentamento onde vive Seu Espedito. No documentário, ele, além de contar um pouco de sua amizade com Zabé, declama um poema sobre ela.

Seu Espedito, já com 82 anos, vive em um assentamento chamado Santa Catarina, que fica a 14 quilômetros da cidade de Monteiro. Por conta da idade e de algumas dificuldades de locomoção, devido a sequelas de uma hanseníase que lhe acometeu há aproximadamente 20 anos, sua produção artística é ouvida apenas por turistas e por alguns ativistas culturais e professores que conhecem seu trabalho.

O poeta, como se autointitula, tem uma vasta e eclética produção como *poeta de bancada*, além de ser um exímio contador de histórias. O termo “poeta de bancada” surgiu popularmente entre os próprios poetas, sem haver uma interferência teórica, e representa uma diferenciação entre o “poeta de folhetos e romances” e o “repentista”.

¹ Documentário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=elvdZZmsOko>. Acesso em 20 jun. 2016

O *poeta de bancada* tem a liberdade de produzir poemas com várias rimas e estrofes, sem necessariamente ser um “cordelista”. Em pesquisa ao *Dicionário Bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada (1978)* lê-se:

Além de versistas, os poetas populares se chamam e são chamados poetas de bancada. Outra opção! Fora dele ficará a classe espúria dos poetas matutos, com os quais nem os repentistas nem os versionistas ou poetas de bancada têm afinidade (ALMEIDA; SOBRINHO, 1978, p.11).

Seu Espedito descreve como ocorre seu processo criativo, normalmente parte de alguma circunstância vivida ou ouvida, o ímpeto criador acontece, seja durante o dia ou no horário do sono, e, então, Seu Espedito escreve, tal qual Beneditino de Bilac “trabalha e teima e lima e sofre e sua”. Embora para o poeta pareça uma “inspiração divina”, observa-se um processo de trabalho com a linguagem, que nasce na memória e depois vai para o papel, conforme abordaremos nos próximos capítulos.

Seu Espedito é conhecido, não só no âmbito local, mas em toda a região do cariri e sertão paraibano. Um fato que chamou minha atenção, desde nosso primeiro contato, é que ele apresentava o desejo de perpetuar sua produção escrevendo a próprio punho seus poemas e histórias, mesmo tendo sido alfabetizado só até o segundo ano primário.

Meu primeiro encontro, na condição de ouvinte/pesquisadora, com Seu Espedito foi dia 21 de agosto de 2016. Passamos o domingo conversando para que eu pudesse conhecê-lo melhor e pude perceber a importância da realização de um trabalho mais consistente para que eu pudesse conhecer mais sua produção artística. Seu entusiasmo em conversar e versejar era latente já nos primeiros minutos de conversa, o que me entusiasmava como ouvinte também.

Embora haja o registro escrito de poemas e de contos criados ou recontados por Seu Espedito, seu nascimento é oral, contado e recontado, presente em sua memória, para só então ser passado para o papel. Muitas de suas histórias e poemas ganham asas e voam, através da generosidade do poeta que muitas vezes entrega a versão original dos textos por falta de dinheiro para “fazer cópias na cidade”. Muitos de seus textos perdem-se em sua memória que, mesmo muito eficiente, não se lembra mais de tudo que produziu.

Percebi que Seu Espedito era uma voz que ecoava em mim. Ao ouvir suas histórias, seu entusiasmo em me mostrar seus escritos, sua autoafirmação enquanto poeta e detentor de um saber cultural local, considerando que ele modificou até nomes de pontos turísticos da região, como veremos adiante, tive a sensação de que tinha muito o que aprender com ele, que suas histórias carregavam outras histórias nas quais eu me identificava, ao mesmo tempo em que sentia poeticidade e técnica no tecer das histórias.

Decidida a pesquisa e o colaborador, surge a primeira pedra no caminho: o método. Como transpor um universo eminentemente oral para um texto acadêmico? Quais temas exatamente eu iria abordar no projeto e, posteriormente, na tese?

As leituras que fiz sobre o universo da cultura popular e das conversas com as pessoas mais velhas me diziam que a escuta seria o ponto de partida para tudo. No texto *Aprendendo a apreender a cultura popular (2011)*, Ayala discorre acerca da dificuldade de entender o universo popular apenas pela leitura, defendendo a necessária inserção do pesquisador neste universo do dizer, que é aparentemente simples, mas que é fruto de uma complexa relação cultural: “para apreender este vasto universo não basta um ou outro enfoque teórico e metodológico (...) a cultura popular é um *fazer dentro da vida*” (AYALA, 2011, p. 108).

Ao fazer a primeira visita, numa tentativa de inserção no universo de Seu Espedito, muito diferente daquilo que planejei para o primeiro dia, nosso contato foi bem intenso, o que seria um encontro rápido para que nós pudéssemos nos conhecer um pouco e para que eu tivesse mais propriedade para pensar no projeto de pesquisa acabou sendo a mais longa das visitas. Ao chegar no assentamento Santa Catarina, deparei-me com um senhor com sede de conversar. Seu Espedito não só nos apresentou seu mundo poético, como nos tomou pela mão casa adentro para que adentrássemos em seu universo.

Após o meu ingresso no doutorado e início da pesquisa de campo, combinamos as visitas aos fins de semana. Elas foram sempre em companhia de meu esposo e, sempre que podíamos, levávamos alguém para Espedito conhecer. Essa ida com pessoas diferentes não era sem propósito. Eu queria checar a narratividade e a inventividade de Seu Espedito ao contar suas histórias e declamar os seus poemas, procurando observar como ele conseguia selecionar e dizer o que queria aos seus

ouvintes. Tal perspectiva foi adotada ao ler a tese *O mundo de Jove*, de Lúcio (2001), que realizou esse movimento levando alguns amigos para conhecer o cantador de coco, com o objetivo de observar como ele recriava suas narrativas.

Desse modo, os temas foram surgindo, falamos sobre o fazer poético, ele declamou poemas de sua autoria ou de algum poeta que ele conhecia e assim fui deixando algumas leituras teóricas realizadas para o projeto arquivadas e realizando outras. Entendendo que pesquisa de campo e etnográfica exigem um pouco mais do pesquisador, por sua natureza movente e dinâmica.

1.2 REDEFININDO MÉTODOS: CARTOGRAFIA E HISTÓRIA DE VIDA

Antonio Candido (2006) afirma que, para que haja o entendimento das manifestações orais, não se pode perder de vista sua qualidade estética, de modo a distinguir sua função total, social e ideológica. Desse modo, na tentativa de apreensão do universo poético de Seu Espedito de Mocinha, esta pesquisa tentou observar essa sua totalidade, não apenas registrando o que ele dizia através de sua poesia, mas o seu fazer poético no tecer da vida, nas suas narrativas. A *história de vida* surgiu como primeira abordagem metodológica que, registrada através da criação de vínculo com o autor, dar-me-ia a possibilidade de me aproximar de modo mais natural do seu universo.

Entende-se *história de vida* como uma técnica de pesquisa e um método que possibilita o estudo sobre o cotidiano e a memória das pessoas, compreendendo a dinâmica das relações que ocorrem durante suas existências a partir de seus pontos de vista. Não se procura, portanto, comprovar os fatos narrados, o documento oficial é o narrado como experiência do vivido.

Anos depois, com a proposta de submissão do projeto de pesquisa para a seleção do doutorado, li as teses das professoras Ana Cristina Marinho Lucio (2001) e Lílian de Oliveira Rodrigues (2006). Ambas participaram do Laboratório de Estudos da Oralidade – LEO, da Universidade Federal da Paraíba, que é uma referência em pesquisas desta natureza e pesquisaram artistas a partir da observação e da escuta de suas histórias e canções. A história de vida foi o método escolhido pelas autoras e que julguei apropriado para conduzir minha pesquisa de campo.

Para entender melhor o método, precisei pesquisar sobre história oral, uma vez que meu material de trabalho, além da voz, é a narrativa de alguém que se presta a contar histórias provenientes de uma memória coletiva que a sua experiência de vida o permitiu conhecer. Deter-me-ei adiante a discutir sobre esses métodos em uma tentativa de situar minha pesquisa, conforme o gênero “tese” exige, pois, mesmo reconhecendo sua natureza movente, é preciso demarcar o caminho a seguir.

De acordo com Amaral e Ferreira (1996), a história oral pode ser entendida em uma perspectiva técnica, teórica e metodológica. Seus primeiros estudos no Brasil datam da década de 1970 e, ao longo das décadas, observou-se que havia um interesse maior em trabalhos relacionados à cultura popular, e, posteriormente, às camadas populares, fato que retoma as origens da história oral enquanto método. Um fato importante que as autoras problematizam, que eu fui testemunha, ao participar dos encontros de Literatura oral e popular da Anpoll, está relacionado à compreensão do método em si. Procura-se ainda uma forma de torná-lo mais científico, acadêmico, o que, a meu ver, acaba homogeneizando uma pesquisa que tem sua natureza heterogênea, seja ela em relação aos/às participantes, aos temas ou ainda às áreas do conhecimento.

Trabalhar com história oral no Brasil em geral ainda consiste em gravar entrevistas e editar os depoimentos, sem explorá-los suficientemente, tendo em vista um aprofundamento teórico-metodológico; também é comum a utilização de entrevistas, em associação com fontes escritas, como fornecedoras de informações para a elaboração de teses ou trabalhos de pesquisa, sem que isso envolva qualquer discussão acerca da natureza das fontes ou de seus problemas. (AMARAL; FERREIRA, 1996, p. 11)

Além de lançar uma situação problema para os pesquisadores, as autoras seguem apresentando os três olhares para a história oral: como técnica, como disciplina e como metodologia. É, neste último olhar, que situo minha pesquisa. A história oral como método tem a função de estabelecer e ordenar os procedimentos de trabalho e não de trazer respostas para eles, pois são as teorias, das mais variadas áreas do conhecimento, aliadas aos objetivos do pesquisador, que encontrarão possíveis soluções ou caminhos para a reflexão crítica da pesquisa.

A história oral como metodologia inicial para este trabalho surgiu de forma quase que natural, uma vez que o que eu sabia sobre Seu Espedito era que ele se apresentava como contador de histórias e declamador de poemas, que tinha como

inspiração Zabé da Loca e seu entorno. O que me impressionou no primeiro encontro foi a riqueza de possibilidades de estudo que Seu Espedito me traria, pois eu não sabia que ele tinha (re)aprendido a ler para poder escrever seus poemas e histórias numa tentativa de sobrevivência de sua produção, que já começava a dar sinais de “falha” na sua memória. Comecei então a entender o que as autoras queriam dizer em relação à história oral como método: eu precisaria ler muito durante a pesquisa de campo, porque o que eu iria analisar como “corpus” ainda estava a ser dito.

Para entender a produção poética de Seu Espedito, que se revelava grande e inusitada a cada encontro, era inevitável que houvesse a criação de vínculo, processo importante relacionado à história de vida. Estreitar os laços de afeto e de vínculo com Seu Espedito foi um processo natural e prazeroso, conduzido de forma respeitosa e não meramente técnica. O modo pragmático com projeto e entrevista montados previamente não caberia para minha coleta de dados. A subjetividade dos encontros e a espontaneidade de Seu Espedito apontavam a história de vida enquanto método mais adequado. Ricardo Santhiago (2016) define bem esse momento do pesquisador e da pesquisa:

Isso se traduz em pontos de chegada que exibem soluções engenhosas para os desafios descobertos no meio da trilha sempre acidentada da história oral, em cada trecho dessa *prática reflexiva* à qual nos lançamos: na formulação de problemas e na constituição de temas/objetivos de pesquisa; na conformação de espaços narrativos imprevistos (...) na experimentação de novos recursos formais para a apresentação narrativa/argumentativa daquilo que o metodólogo clássico chamaria de ‘resultados de pesquisa’. Acontece que no nosso trabalho – como aprendemos com Alessandro Portelli, com Janaína Amado e com tantos outros que reconheceram o lugar do *imprevisto* na história oral – tudo está sujeito a ser *resultado* (SANTHIAGO, 2016, p. 08-09).

Como “tudo está sujeito a ser resultado”, após a escuta do primeiro encontro com Seu Espedito e os registros fotográficos de alguns textos escritos por ele, pensei que o que tinha apresentado como projeto de pesquisa não daria conta de apreender esse universo. O texto de Portelli, especificamente o *Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na história oral (1997)*, conduziu-me a um olhar respeitoso para com a minha pesquisa e, principalmente, para com Seu Espedito: “o respeito pelo valor e pela importância de cada indivíduo é, portanto, uma das primeiras lições de ética sobre a experiência com o trabalho de campo na história oral” (PORTELLI, 1997, p.17).

A história de vida (HV) surge, então, como norte de análise dentro da proposta de estudar apenas uma pessoa, no caso, Seu Espedito. Enquanto método, a história de vida foi introduzida no meio acadêmico em 1920, pela escola de Chicago e desenvolvida por Znaniescki, na Polônia. A partir da década de 1960, a HV procurou estabelecer estratégias de análise do vivido, constituindo, assim, um método de coleta de dados do homem (da mulher) no contexto das relações sociais, preocupando-se com a criação de vínculo entre pesquisador e pesquisado, além de uma não preocupação com a veracidade histórica do narrado pelo pesquisado. Sua versão dos fatos não precisava ser passível de comprovação histórica, mas respeitada como parte de sua vivência e uma ponte para uma memória coletiva (SILVA et al, 2007).

Como em toda pesquisa, um fato que se faz imperioso é manter a fidelidade ao que foi dito, sem tentar classificar, nomear e categorizar, desrespeitando o fazer próprio de cada colaborador/a. Tive o cuidado de não modificar muito suas falas, ao fazer as transcrições, e não tornar nossos encontros em grandes eventos, para não o intimidar. Desse modo, meu principal instrumento de coleta de dados foi o gravador de voz, através do qual foi realizado o registro das estórias, memórias e poemas, além de uma catalogação de seu material escrito, fruto de sua produção oral e registrado em folhas avulsas, escritas pelo próprio autor.

É importante destacar a função do gravador de voz no processo de escuta das histórias. Queiroz (1991) destaca a importância desse instrumento de coleta de dados da informação viva ou arquivos orais, termos trazidos pela autora em seu livro *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. A voz registrada em gravadores ou em filmes, onde se utiliza imagem e som, deu à história de vida um importante meio de apreensão do universo da pesquisa, que vai além dos frios registros escritos de entrevistas ou questionários:

Já a técnica da história de vida e depoimentos pessoais que utiliza o gravador, não abarca o domínio muito extenso do tempo; circunscreve-se ao espaço de investigação representado unicamente pelo presente e pelo passado imediato, isto é, pelo período que possa ser armazenado na memória dos indivíduos (...) a grande diferença entre o registro da informação viva e o registro através da escrita, que realça a observação que acaba de ser feita, está em que a informação viva provém diretamente do informante e de suas motivações específicas. Ao contrário, o questionário (para apresentar um exemplo), ou a entrevista com roteiro, têm origem nas preocupações do pesquisador, isto é, são impostos ao informante como algo exterior a ele, tendo ele de se conformar com um ritmo de perguntas que não

é seu, com perguntas orientadas por motivações que não são suas (QUEIROZ, 1991, p. 74-75).

Desde o nosso primeiro encontro, em 2016, já pedi autorização a Seu Espedito para registrar nossa conversa pelo gravador do celular. Ele, animadamente, consentiu o registro, dizendo que já estava acostumado a gravar suas conversas, que não sabia o “que danado o povo fazia com isso, que ele só contava mentiras”, e que já tinha sido filmado inúmeras vezes. Tal abertura foi importante e surpreendente para mim, já que eu nunca tinha tido contato com ele. Embora à vontade com o gravador, percebia que, em certos momentos, havia uma seleção do que me contar, tanto pela presença de um instrumento de registro, quanto por minha presença, uma vez que a questão de gênero é inibidora de certos temas. Como sempre fui com Tércio, meu esposo, percebia que, em alguns momentos, Seu Espedito queria contar uma história mais “apimentada”, mas esperava eu sair do local da conversa ou começava a dizer e se desculpava. Quando eu percebia essa vontade, saía de propósito e deixava o celular gravando a conversa, a estratégia me rendeu o registro de algumas piadas.

Ainda sobre a presença do gravador, constatei que, quando ele queria contar uma história importante, na sua concepção, vez ou outra, ele me perguntava se estava gravando, o que indica que, embora nossos encontros fossem o menos monitorados possível, as escolhas do que dizer eram a todo momento mensuradas por Seu Espedito. Tal reflexão, relacionada às escolhas feitas pelo sujeito pesquisado e à técnica da história de vida assemelha-se ao que foi apresentado por Rodrigues (2006):

Na história de vida, embora haja uma condução sub-reptícia do pesquisador, é o colaborador quem decide o que vai ser narrado, portanto nada de seu relato pode ser considerado supérfluo. Sendo assim, a história de vida vê aquilo que é narrado em todas as perspectivas possíveis. As recusas, os silêncios, as retomadas, as reiteraões e os gestos adquirem sentido próprio a partir dos elementos contextuais que aparecem (ou estão implícitos) na cena enunciativa e, portanto, devem ser levados em conta pelo pesquisador (RODRIGUES, 2006, p. 68).

Para efeito de contextualização, é importante salientar que todos os encontros foram registrados em áudio, algumas fotografias e, no dia 21 de abril de 2018, fizemos um registro em vídeo do lançamento do seu primeiro livro *Cariri de Aruiara*.

Todo material utilizado nesta tese foi autorizado por Seu Espedito e pelo Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba, parecer número 2. 567. 669, em anexo.

Ao abrir portas para o implícito, conforme Queiroz (1991), seja ele subjetivo, onisciente coletivo ou arquetipal, a história de vida encaminha o pesquisador para além do discurso explícito do colaborador. Sendo assim, outro método entrou em cena, após a transcrição e análise do primeiro encontro: o método cartográfico. Advindo da geografia, o termo “cartografia” ganha espaço nas ciências humanas como um método capaz de realizar um mapa de percurso dos sujeitos e suas comunidades, observando os processos de produção de seus rizomas e decalques.

Na apresentação do livro *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, Passos, Kastrup e Escóssia (2015) dizem que o conceito de Cartografia é tido como referência a partir do que Gilles Deleuze e Félix Guatarri discutem na introdução de *Mil Platôs* (1995). Sabemos que o ponto de partida dos autores está relacionado à escrita de livros, mas o método foi ganhando outros agenciamentos e rizomas².

Assim a cartografia enquanto método nos propõe um mapa:

Nesse mapa, justamente porque nele nada se decalca, não há um único sentido para a sua experimentação nem uma mesma entrada. São múltiplas as entradas em uma cartografia. A realidade cartografada se apresenta como mapa móvel, de tal maneira que tudo aquilo que tem aparência de “o mesmo” não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder, que pode por vezes ter a pretensão ilegítima de ser centro de organização do rizoma. Entretanto, o rizoma não tem centro (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 10).

A ideia da construção de um mapa surgiu nas orientações e leituras das transcrições de Seu Espedito, pois a construção de sua narrativa nos levava a crer que os limites geográficos e afetivos de sua produção eram moventes como os rizomas. Fernandes (2012, p. 151) define a cartografia como “uma análise descritiva e interventiva que considera os efeitos de subjetividade dos agentes envolvidos na performance”. O autor apresenta o método como uma possibilidade de desconstrução

² Entende-se por *rizoma* um sistema, uma espécie de árvore, sem ideia de uma raiz completamente fixa. E *agenciamento* como um crescimento das dimensões rizomáticas numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. O livro é um exemplo de agenciamento. (DELEUZE; GUATTARI (1995)

de uma visão historiográfica para a literatura, uma vez que seu olhar é multidimensional. É completa: “a abordagem cartográfica consiste no acompanhamento dos percursos em uma realidade em rearranjo, nos quais não devem ser desconsideradas as redes (rizomas) constituidoras do quadro processual” (FERNANDES, 2012, p. 153).

A leitura técnica do método cartográfico aproximava-me ainda mais de Seu Espedito ao criar uma narrativa dentro da narrativa. Ao me deslocar para o seu ambiente e ouvir suas histórias pude construir um olhar para um artista que se apresentava, para mim, como sujeito principal de sua estória no tecer sua cartografia, (re)construindo seus espaços, também se tornava um importante colaborador para a construção da minha narrativa no doutorado. Meu olhar de pesquisadora, contaminado por teorias e vontades, encontra outros olhares no meio do caminho. Os lugares por onde ele andou, os poemas, temas e personagens criados, o saber adquirido sobre a cultura local: rizomas acêntricos, mas conectados pelo pulsar poético de seu Espedito.

Diante do cenário apresentado, cabe destacar que pensar cartograficamente é estabelecer uma inversão própria da etimologia da palavra *método* (*metá-hodos hodos-metá*). Como se vê, o caminho é quem define o método e não o contrário. Enquanto escrevo, ouço e transcrevo, outros galhos surgem e, às vezes, parece que não têm fim. A pesquisa de campo exige uma convivência maior com o material coletado e cabe ao pesquisador saber quando os encontros presenciais precisam se findar para que a árvore não necessite ser podada infinitamente.

1.3 SOBRE OS ENCONTROS E AS TRANSCRIÇÕES

Neste tópico comento, à guisa de organização cronológica, como se deu a pesquisa de campo. Detalharei o projeto inicial dado que as condições de uma pesquisa com a informação viva, para citar Queiroz (1991), são dinâmicas e imprevisíveis; apresentarei como as alterações ocorreram e tomaram novas direções, seja pela imprevisibilidade, seja por mudança de olhar da pesquisadora frente ao material que produzira.

Conforme mencionado, a primeira visita aconteceu no dia 21 de agosto de 2016. Quando ouvi o material coletado via áudio, comecei a traçar um caminho de análise. Fazer pesquisa de campo com coleta de dados e gravador é por vezes desgastante porque precisamos afinar os ouvidos para a transcrição, além de estarmos sempre atentos ao que se transcreve porque o material se transformará em categorias de análise. Este foi o maior encontro em termos de material registrado em gravação, foram 332 minutos de áudio transcrito praticamente em sua totalidade. A partir dele, consegui observar as características de Seu Espedito de narrador benjaminiano, como veremos no capítulo seguinte.

Na segunda ida ao Assentamento, nosso encontro não ocorreu pois, em 06 de agosto de 2017, infelizmente, Zabé da Loca, amiga de Seu Espedito, foi sepultada. Eu não consegui encontrá-lo, pois ele tinha ido para a casa de sua filha, conversei apenas com o filho dele que estava em casa. Na ocasião, levei um caderno para que Seu Espedito pudesse escrever suas histórias e poemas e alguns livros de literatura. Quase todos os meses conversávamos por telefone, Seu Espedito tem um número próprio de celular e gosta muito de receber ligações, ele só tem um problema com meu nome, acha muito difícil, me reconhece por “a menina de Campina Grande”, como se lerá nas transcrições.

Passados alguns meses, fiz contato para uma nova visita, em novembro de 2017, e seu Espedito estava passando uma temporada em João Pessoa, na casa de uma das suas filhas. Como a esposa dele, Dona Maria, passava por problemas de saúde, decidi que não era um bom momento para visitas, aguardei seu retorno ao Assentamento Santa Catarina. Durante nossas conversas por telefone, ele me contou, muito alegre, que seu primeiro livro seria publicado pela editora da Universidade Estadual da Paraíba. Esse livro é fruto de uma parceria com o Sebrae, em um projeto chamado “Rota Cariri Cultural” realizado no município de Monteiro e região. Desde minha visita, em 2016, que havia a proposta do livro, como será visto nas transcrições, mas Seu Espedito já não tinha muitas esperanças, pois, segundo ele, já tinha se passado muito tempo. Resolvemos então que minha nova visita seria para o lançamento de seu livro.

Em 2018, por três vezes consegui encontrar-me presencialmente com Seu Espedito: 21 de abril, 05 de agosto e 09 de dezembro. Seu livro, *Cariri de Aruiara*, foi lançado no dia 21 de abril. Fiz o registro em vídeo e fotografei. Como foi um momento

que reuniu toda a família, amigos e artistas locais, fiquei mais como observadora, o que não deixava de ser um momento importante da pesquisa. Darei mais detalhes desse momento, no capítulo quatro.

Após a publicação do livro e a análise das transcrições, começamos (eu e a orientadora) a perceber que o material coletado em áudio, juntamente com a expressiva quantidade de textos escritos, além do livro, seria suficiente, pelo menos naquele momento para estabelecermos algumas interseções analíticas. Além do mais, um triste fato fez com que seu Espedito voltasse novamente para João Pessoa, ele ficara viúvo no segundo semestre de 2018 e só voltou para casa em dezembro, quando fizemos a visita. Este foi nosso último encontro presencial, depois disso conversamos algumas vezes por telefone.

Antes de iniciar os capítulos analíticos, achei que seria justo dar destaque à fala de Seu Espedito na íntegra, sem interrompê-la com explicações e análises pois, como afirma Zumthor (1997, p. 10), é na “oralidade em que se enraíza toda a poesia”. Em uma tentativa de apreensão do universo de Seu Espedito por ele mesmo, apresentarei, no texto em anexo, a chave de transcrição e a narrativa de todos os encontros. Além de considerar que essa será a melhor maneira do/a leitor/a conhecer seu Espedito, muitas de suas histórias serão recontadas nos outros encontros, caso típico de um contador de histórias benjaminiano. Dessa maneira, optei por transcrever na íntegra, nesse momento do texto, e evitar colocar o que considero tão importante para o trabalho em forma de “anexo”. Posteriormente, o material será analisado de forma contextualizada. Para os demais encontros, serão transcritos apenas trechos, devidamente sinalizados cronologicamente, conforme as discussões temáticas e teóricas forem ocorrendo.

Segue, abaixo, um quadro resumo dos encontros, a modalidade da gravação e o tempo de duração:

Data	Encontro	Duração da gravação
21/08/2016	1º	332 minutos/áudio
06/08/2017	2º (não estava em casa)	-
21/05/2018	3º lançamento do livro	26 minutos /vídeo
05/08/2018	4º	92 minutos/áudio
09/12/2018	5º	61 minutos/áudio

Como se percebe pela quantidade de tempo e de páginas digitadas de transcrição, que este processo é cansativo, desgastante, mas imprescindível para quem decide trabalhar com história de vida. Ao passo que eu me encontrava com Seu Espedito, o gravava e o escrevia, criava-se em mim procedimentos e escolhas conscientes e inconscientes. Enquanto pesquisadora, eu ampliava aspectos da vida e da poesia que chegaram até esta tese, seja porque foram assuntos contados e recontados, seja por imagens bonitas no tecer poético do autor, seja por questões que não sabemos explicar racionalmente. O fato é que “fazer o texto falar” é muito difícil, ainda mais quando quem tenta “dar voz” ao texto não tem a técnica nem a poeticidade próprias de um artista.

Transcrever mais de sessenta páginas de áudios gravados em ambientes externos, com ruídos, é um exercício árduo de um pesquisador da oralidade, mas sem este esforço, não há dados. É no entrecruzamento do narrado com o escrito que a pesquisa encontra seus caminhos. É assistindo à performance que o poema escrito ganha vida. Ao escrever, o momento do vivido já é um passado longínquo, embora registrado nesta tese, as belezas, os cheiros e as cores do caminho são heranças minhas enquanto pesquisadora.

É importante destacar que meu contato com Seu Espedito continuou através de ligações, muitas das vezes realizadas por ele, que dizia estar com saudades ou quando tinha algum verso novo e queria compartilhar comigo. Alguns dos versos ditos por telefone compuseram o acervo analisado nesta tese.

Capítulo II



2. O NARRADO E O VIVIDO: EXPERIÊNCIAS POÉTICAS DE ESPEDITO DE MOCINHA

O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha da sua vida. (Walter Benjamin)

Contar histórias é uma ação inerente ao ser humano. Verbalizadas ou não, nossa espécie sempre se preocupou em manter tradições e explicar fenômenos através da linguagem. O texto “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, de Walter Benjamin (1994), é bastante esclarecedor sobre a existência de um tipo ideal de contador de histórias. No capítulo, Benjamin apresenta a ideia do narrador como mestre artesão, fruto de dois tipos de contadores: o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. Esses dois tipos fundem-se em um só, pois: “O mestre sedentário e os aprendizes migrantes trabalhavam juntos na mesma oficina; cada mestre tinha sido um aprendiz ambulante antes de se fixar em sua pátria ou no estrangeiro” (BENJAMIN, 1994, p. 199).

Percebi, em seu Espedito, essa essência do contador de histórias como um marinheiro comerciante. Ele deixa bem claro que já andou “todo o mundo” e, por isso, sabe de muitas coisas. Essa característica também é encontrada em Seu Joventino e em muitos outros contadores que lemos e ouvimos. Lendo a tese de Lucio (2001) e tantas outras com o mesmo tema, percebe-se a singularidade entre esses narradores: eles saem do lugar onde nasceram por um motivo bem pragmático “sobreviver”, mas, com o dom que têm, transformam essa travessia em uma epopeia, cheia de aventuras vividas ou imaginadas e voltam para o lugar de origem como heróis.

De acordo com nossa conversa, antes de fixar-se definitivamente em Monteiro, Seu Espedito trabalhou em várias cidades circunvizinhas, além de ter viajado para Brasília e participado de sua construção. Alguns trechos que marcam essa característica “andarilha” em Seu Espedito:

- 1) “eu até na inauguração de Brasília, eu tava em Brasília, eu construí Brasília, sou um candango legítimo, que eu até escrevi uma poesia...” (Agosto de 2016).

2) “É. Eu andei pelo mundo todo, muito. Depois casei e fiquei andando ainda, escute, o meu... o meu desejo é estudar, eu tenho uma vontade de estudar” (Agosto de 2016).

3) “Sempre morando por aqui, eu nunca saí daqui, nunca... tem até essa placa ali que tem um verso meu que a Sebrae trouxe, eu nasci e me criei aqui, agora bati o mundo todo... da Barragem de Itaipú pra cá eu conheço tudo. Trabalhei de pedreiro, carpinteiro, armador, fui mestre de obras, mais aqui é a terra que eu adoro, meu berço, eu nasci mesmo ali no casco da fazenda, é...” (Agosto de 2016).

Há uma espécie de necessidade, para o contador, de mostrar para o seu ouvinte que o que ele fala é fruto da sua experiência de vida. É o saber narrado e o saber vivido. No caso de Seu Espedito, a partir das transcrições em anexo, é possível perceber que a narrativa de sua vida é permeada também pela poesia. Cada história contada parece uma partitura musical, quase que uma hibridização de gêneros literários na construção de um gênero novo, típico da cultura oral, a conversa caminha sempre para um poema, seja de sua autoria, seja de algum poeta da região. Poesia e prosa entrelaçadas na teia da vida de Seu Espedito.

Acerca desta criação da narrativa, Benjamin descreve o processo como uma construção artesanal, o barro nas mãos do oleiro:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1994 p.205).

Embora escrito em 1936 em um contexto pós-guerra, é bem verdade que os bons narradores ao estilo benjaminiano estão em vias de extinção. O mundo moderno ressignifica esse saber. Na verdade, é necessário haver novos narradores. Os *griôs* africanos, nossos/as avôs/avós, os ex-combatentes viveram experiências que não são nossas, mas que são atualizáveis a partir das suas narrativas e nossa geração, e as que estão chegando, também criam novos meios para contar suas histórias.³

³ Chimamanda Adichie, em *O perigo de uma história única*, reflete sobre as consequências de ouvirmos um narrador único e uma história única. A autora apresenta de forma bem prática quais os perigos de construirmos estereótipos sobre culturas, pessoas e vivências. Seu texto é construído a partir de sua

O ato de narrar o que se vive, as histórias e costumes de um povo é vivo na sua existência real, na dança, no canto do coco, na contação de histórias. No entanto, é importante saber que existem várias versões para essas histórias, e que valorizá-las significa dar dignidade a pessoas e culturas:

A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes(...). Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso (ADICHIE, 2009, s/p).

Seu Espedito, por exemplo, é um narrador em transição. O ato de contar histórias está imbricado no ato de ler e escrever essas histórias. Problematizarei melhor essa relação entre o oral e o escrito no próximo capítulo. Mas é importante dizer que suas histórias ora se apresentavam como fruto de um saber oral, construído a partir de suas viagens e contato com as pessoas, ora se apresentavam como fruto de suas leituras, fato que, orgulhosamente, era marcado nas nossas conversas:

Os primeiros habitantes, como se fundaram... eu terminei de escrever um negócio, nesse instante aí é... de escrever um negócio, a essa região aqui, porque chama cariri, porque chama cariri porque eu escrevi e coloquei o título “Cariri dos cariris”. Aqui foi é era tudo dos índios, como nós sabe, agora isso foi 300 quase 400 anos, era tudo dos **índios e eu procurei, procurei e descobri os índios que morava**, lá em Campina, onde você mora, é mora em Campina né? (Agosto de 2016, **grifo meu**).

A arte de narrar, conforme Benjamin, apresenta sempre uma descrição das circunstâncias, dos fatos, como a história chegou até o narrador ou como foi por ele vivenciada. Seu Espedito apresenta essas duas características ao contar suas histórias: a estória “Do nove fora nada” é um exemplo de como um acontecimento, como a morte de alguém próximo, se tornou “mote” para a construção de uma narrativa.

própria experiência de leitora de literatura estrangeira e da experiência, ainda criança, como ouvinte dos relatos de sua mãe, que foram protagonistas, como vítimas e vilãs, de visões reducionistas, relacionadas ao gênero, à etnia e à classe social. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>>. Acesso em 25 ago 2020

Aí, eu descobro coisa que depois eu fico pensando foi Deus, é Deus que dá. É Deus que dá as coisas à gente. Eu descobri... umas coisas... que isso já por todo canto, levaram pra Bahia, levaram pra São Paulo, aqui em Monteiro o povo admira. A vida da gente, eu descobri aqui, eu tava escrevendo ali na mesa, e morreu uma pessoa, instantânea, do coração, fulano morreu. Deu um negócio...caiu morto. Aí eu escrevendo e umas mulher lá na cozinha começaram a dizer: “ê, a vida não vale nada”, isso faz uns 3 ou 4 ano e eu botei e tá escrito, eu só não vou lhe dar... mas eu dou pra você levar, é tão fácil, descoberto, fica fácil demais, aí, eu disse, a vida não vale nada, eu peguei e fui fazer, pois não é que termina em nada mesmo rapaz, a conta da vida é tudo nove fora nada. Eu vou dar a você, depois você bota aí, escreve, que é nove meses de gestação materna e nove, é nove fora nada. Né? Aí eu peguei a pensar assim, vamos botar mais pra frente, aí botei, aí eu botei 9 mês a 30 dias é 270 dias, 2 e 7 é nove fora nada. Eu fiquei, mas rapaz, deu nada mesmo, eu... vamos mais pra frente. Botei 270 dias a 24 horas, dá 6.480 horas, nós nasce com 6.480 horas e 6.480 horas é 6 e 4, 10 e fora 1, 1 e 8 é 9, nove fora nada, eu digo e a vida vai terminar em nada mesmo é? E aí, eu não me conformei, eu digo, eu vou botar as horas e os minutos, aí botei pra contar as horas. 6.480 horas por 60 minutos, o resultado dá nove fora nada, eu digo, eu vou no fim. Aí botei pra segundo, segundos, dá... botei minuto a 60 segundo, o resultado da prova dá nove fora nada. Aí eu somei, juntei, 9 meses de gestação, 270 dias, 6.480 horas o resultado dos minutos e resultado dos segundos, somei os resultados: nada! Parece uma... você vai fazer, quando você chegar em casa você leve esses escritos e faz. E... eu fiquei imaginando, mas a vida não é nada. Mas você vê, parece que é um dom que Deus dá, que eu agradeço muito a Deus, que é um dom mesmo essa inteligência minha, que eu não aprendi ler, aí, eu diz, veio aquilo, dentro dos nove meses, cada mês tem quatro luas, nova, crescente, cheia e minguante, aí são 9, 4 vezes 9, 36 e 3 e 6, 9, e nada, aí pronto, eu disse, já sei que a vida é nada... Pois é, você leva isso copiado, chega em casa bote no computador pra você ver, a vida termina em nove fora nada mesmo, a vida. É. Então que é isso que a gente é, eu descobro coisa, vem graças a Deus, muito obrigado Jesus, que eu mesmo eu digo, eu gosto de conversar com o pessoal como vocês, que chega assim, muito obrigado pela lembrança de vim e... porque entende, porque conversar com quem não entende, não, não... o inteligente é como doido, nós inteligente é um dom que Deus dá, nós é doido, ele, você tá conversando e eu tô pensando numa coisa aqui, eu digo: sim.. sim, sim, mas quando você sai eu nem sei o que você disse, o inteligente tem momento que tá doido, todo mundo inteligente é doido e outra que eu vou dizer a vocês e você vai me desculpar, vocês vão me desculpar, faste mais, faste mais (acendendo o cigarro). Aqui tem uma vizinha, uma amiga minha, que diz: tu abusa o povo, tu não pode tá sem fumar. (risos) Aí, então... (AGOSTO, 2016)

Essa estória é contada e recontada por seu Espedito. Além de ouvi-la no primeiro encontro, em outros dois momentos em que estivemos juntos, essa me foi

narrada outras vezes. A mesma estória também consta em seu livro com o título de “Fazendo a conta da prova da vida”⁴.

2.1 “EU NASCI E ME CRIEI AQUI”

Seu Espedito nasce no Assentamento de Santa Catarina, mas, na juventude, ganha o mundo em busca de emprego e de melhores condições de vida e depois volta ao seu lugar de nascimento onde vive até hoje. De infância muito sofrida, perde o pai aos 10 anos e a situação econômica da família fica ainda mais complicada. Filho caçula, nasceu no dia 09 de fevereiro de 1939, tinha mais três irmãos. Seus pais se chamavam Manoel Pedro da Silva e Inácia Maria da Conceição (Mocinha), de onde vem a adoção do seu sobrenome artístico. Seu nome completo é Espedito Pedro da Silva, mas ele diz que não se reconhece com esse nome. Constituiu família com Maria Dolores da Silva e com ela teve sete filhos (“e mais dois ou três particular, que eu era sem vergonho que era danado...”).

A cidade de Monteiro fica na microrregião do cariri oriental paraibano, a 170 quilômetros de Campina Grande e 319 de João Pessoa. Oficialmente, é município da Paraíba desde 1872 com território desmembrado do município de São João do Cariri. O território de Monteiro era uma grande área de fazendeiros e criadores de gado. Em 1800, Manoel Monteiro do Nascimento desmembrou uma parte de sua fazenda, chamada Lagoa do Periperi e construiu uma capela com o nome de Nossa Senhora das Dores. Em pouco tempo, a região ao redor da igreja foi sendo habitada e teve os nomes de Lagoa do Periperi, Povoação da Lagoa, Alagoa do Monteiro e, por fim, Monteiro.

Igreja Nossa Senhora das Dores, na primeira foto, provavelmente em 1934, segunda foto, dias atuais.

⁴ MOCINHA, Espedito da. **Cariri de Aruiara: poesias, histórias e humor de Espedito de Mocinha**. Campina Grande: LATUS, 2017.

Fonte: Adaptado de INCRA – PB e Caniello & Duqué (2006).

De acordo com Cavalcante Neto (2019), o contexto de criação do assentamento é de controle do crescimento do Movimento Sem Terra no governo de Fernando Henrique Cardoso:

Esse governo foi marcado por forte aversão aos movimentos sociais do campo e os camponeses, sobretudo ligados ao MST, que sofreram fortes repressões. Procurando desarticular os movimentos sociais do campo e/ou conter os conflitos agrários, o governo lançou mão da política de Reforma Agrária de Mercado, com o programa Banco da Terra, que visava dois objetivos: potencializar a comercialização de terras através do Banco Mundial, favorecendo o desenvolvimento do capital em meio a grande e média propriedade; e desmobilizar os movimentos sociais da mística de ocupações de terras (CAVALCANTE NETO, 2019, p. 06).

Em 20 de dezembro de 1993, ocorreu oficialmente a desapropriação da Fazenda Santa Catarina. Para os historiadores, a conquista foi mais uma regularização fundiária do que uma reforma agrária propriamente, uma vez que, após a morte do dono da fazenda, os funcionários continuaram trabalhando e vivendo na região. A Fazenda Santa Catarina possuía uma área de 2789,5865 hectares, onde foram assentadas 263 famílias. De todo modo, o ato ficou reconhecido como o primeiro de reforma agrária na Paraíba:

foi com o Assentamento *Santa Catarina* que o Cariri paraibano começou a ganhar uma nova dinâmica em torno da questão territorial, uma vez que passou a ocorrer a conquista de terras pelos

camponeses que antes viviam na condição semifeudal de moradores ou assalariados nas fazendas (CAVALCANTE NETO, 2019, p. 07).

É nesse contexto de agricultura familiar que Seu Espedito é criado, a paisagem da caatinga, as condições sociais dos seus pares e questões ligadas à origem de Monteiro e do Assentamento são temas certos das conversas e dos poemas do autor. Durante as visitas, fica sempre muito clara a vontade que Seu Espedito tem de registrar sua região, o apreço que tem por sua casa e sua vida. Rondelli (1993, p.19) afirma que as condições de vida experimentadas no passado são importantes, pois, “para esses contadores, as estórias referem-se a um tempo idealizado do que eles acreditam ter existido e podem ser pensadas como uma maneira de falar sobre aquele passado.”.

O universo narrativo de Seu Espedito é permeado também por suas vivências no Assentamento. O fato de sempre falar que conhece tudo, conforme sinalizado nos trechos do início do capítulo, bem como a alcunha de detentor de um saber cultural aproxima Seu Espedito da ideia de “viajante” de Walter Benjamin, de modo que entender o que ele diz ao contar uma história sobre o surgimento do nome de uma pedra, por exemplo, é importante para entendermos a afirmação dele como uma pessoa necessária para a construção identitária da região.

Essa história de Santa Catarina é muito importante, eu vou dizer ao Sebrae que eles é quem andam com esse negócio que eles apaguem e botem esse verso como botou Pedra da Lua, que quem sabe da história de Santa Catarina sou eu porque além de ser velho, nascido e criado aqui, tenho o livro que me ensina, eu sei de tudo (Agosto de 2016).

Como se lê, na transcrição, seu Espedito preocupa-se com a manutenção da história local. Em vários momentos da pesquisa, ouvi de muitas pessoas que sua sabedoria e memória contribuem para o esclarecimento de dúvidas sobre a história do Assentamento, e também antes dele. Esse fato, a meu ver, dá uma responsabilidade social a Seu Espedito, da qual ele muito se orgulha. No nosso primeiro encontro, ele deixa claro, várias vezes, que muitas pessoas vêm visitá-lo, que é convidado para inaugurações na cidade e que lhe encomendam poemas para datas comemorativas.

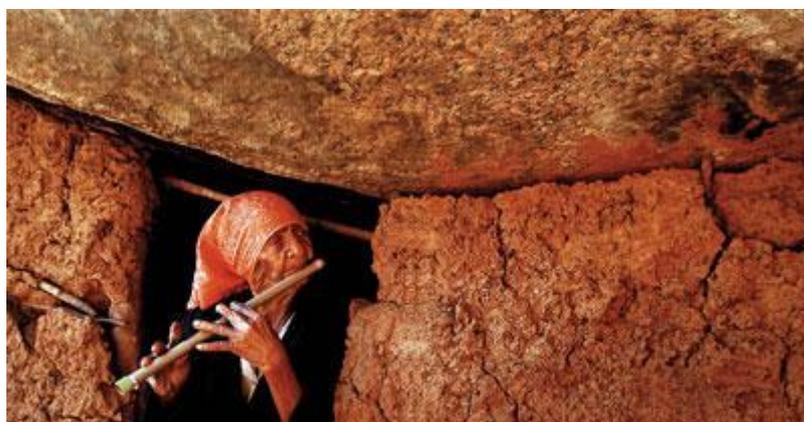
Em outra visita, em 2018, Seu Espedito cartografa os espaços de Santa Catarina:

Seu Espedito: Por ali tem um carreiro de pedra bem grande, aí um cachorro enganchou-se uma pedra, morreu lá. Aí ficaram chamando a Serra do Tungão. Aqui tem a Serra do Tungão, o Gabriel, Matarina, ali onde eu moro é Barro, Lagoa dos Queitões*, Ribeira do Ouro, tem muitos cantos aqui. Aí, eu era menino assim como ele (apontando para Davi), como é o nome dele? Davi. Isso aqui era tudo mato, não tinha essas casas, não tinha morador não, as casas eram todas longes umas das outras, hoje tá uma rua dessa. Agora aqui é um lugar bom, a gente nunca teve patrão, aqui nunca tivemos chefe. Nos criamos como putas, não tinha dono não. (risos) Aqui era assim. Os primeiros moradores daqui foram os Catités, moravam lá na Lagoa, os Mansin, Os Timóteos, os mais velhos nascidos aqui na terra é eu e Inácio Catité, tem mais velhos do que a gente, mas não nasceram na terra. Sei contar a história daqui toda toda (AGOSTO DE 2018).

Um dos objetivos desta tese era cartografar, com mais detalhes e a inclusão de outras vozes, o percurso de Seu Espedito por Santa Catarina, registrando por imagens e seu próprio mapa, para além dos limites geográficos. No entanto, conforme mencionado no capítulo anterior e na introdução da tese, Seu Espedito, eu e o mundo vivenciamos tragédias, pausas, nascimento... situações que nos impossibilitaram de concretizar este desejo.

2.2. ZABÉ DA LOCA, SEU ESPEDITO E DONA MARIA: CONVERSA DE VELHOS

A relação de Seu Espedito com Zabé da Loca merece um momento de reflexão, pois foi através dela que ele ficou mais conhecido na região como poeta. Como já relatei antes, conheci Zabé antes de Seu Espedito, mas no projeto cultural do Assentamento, a Rota Cariri Cultural, as histórias dos dois se cruzam. Há diversas histórias e poemas de Seu Espedito sobre Zabé.



Fonte: <https://sulinhacidad3.blogspot.com/2013/01/zabe-da-loca.html>

Como esta tese não tem pretensão de contar a história oficial e sim o olhar de Seu Espedito através dela, colocarei abaixo a biografia de Zabé por Seu Espedito, contada em seu livro lançado em 2018, cuja análise será realizada de forma mais completa no próximo capítulo:

História de Zabé da Loca

Isabel Marques, Zabé da Loca, nasceu no agreste de Pernambuco, na cidade de Buíque. Chegou no Sertão da Paraíba quando ainda era mocinha. Foi morar no Olho D'água do Neto, em Monteiro. Seu pai se chamava José Francisco ou Zé Chico. Ele tinha um trio de pífano, que era composto pela mulher e filhos. Zabé seguiu a profissão folclórica até não deixar morrer as artes de seu pai.

Zabé foi a única dessa família que ficou na Fazenda. Ela, em suas tocadás, conheceu Belmiro, que ela chamava Delmiro, que era também tocador de zabumba. Começaram a namorar e juntaram-se. Tiveram dois filhos, José e João. Vieram muitos anos e Delmiro morreu. Ficou Zabé com os dois filhos e o trio de pífano. Ela e os filhos tornaram-se famosos, fazendo excursões pelo Brasil inteiro. Os componentes da banda de pife foram morrendo, até que ela continuou a tocar com outros músicos de Monteiro. “Está tudo ficando”, ela dizia, “eu serei besta de morrer!”. Fiz uma estrofe pensando nessa vida de Zabé da Loca:

*A pessoa que não lê
Sente sem saber sentir
Ouve sem saber ouvir
E diz sem saber dizer
Se faz não sabe fazer
Não tem ideal completo
Por mais que seja correto
O analfabeto encobre
Por rico que seja, é pobre
Porque é analfabeto.*

~ " ~

O jeito de Zabé

*Em Zabé, a gente vê
Que simplicidade bela!
Tantos vivem aperreado
E nada aperreava ela.
Fumando seu cigarrinho
E bebendo as caninha dela.*

*Satisfeita com a vida
Não tem o que reclamar.
Não fala em guerra de Iraque,
Em terremotos que há.
O que Zabé quer saber
É estar viva e tocar.*

*Seus oitenta e tantos anos
O tempo botou na lista
Vivendo bem com a vida
Uma saúde otimista
Nunca foi a um doutor
A não ser algum dentista.*

*Com a simplicidade dela
Todo mundo lhe quer bem.
Viveu esses anos todos
Sem ofender a ninguém.
Tem saúde pra vender
Que muitos querem e não tem.*

*Parabéns, Zabé da Loca!
Deus te dê felicidade,
Mais outro tanto de vida
Em nossa sociedade.
Os anos que eu te desejo
Ainda não vão na metade.*

*Dra Dilma Rousseff
Quantos problemas tem ela?
Zabé não tá nem aí!
Faz da vida uma aquarela
O que Zabé quer saber
É tocar o pifinho dela.*

*Com certeza ela é um gênio.
Pela sua construção
Conheci mocinha, até.
Com um cigarro na mão
Nunca ouvi dizer que Zabé
Sentisse nada em pulmão.*

*A história de Zabé da Loca
Tá no Exterior, até.
Os canais de televisão
Mostra Zabé como é
Acho que até a natureza
Tem prazer em ter Zabé.*

Para concluir a história

O esposo de Zabé da Loca se chamava Belmiro. Ela chamava “Delmiro”. Certa vez, chegou uma equipe de repórteres em minha casa e me chamaram para ir a Loca de Zabé a fim de entrevistá-la. Filmaram as pedras. Uma repórter perguntou a ela: “D. Izabel, aqui tem muito barbeiro?” Ela respondeu: “não. Tinha o Antônio Benedito, que cortava o cabelo de Delmiro, mas já morreu”. Antônio Benedito era um barbeiro do Santa Catarina. A repórter riu muito, quase não parava de rir e disse: “não, D. Isabel, é o bicudo o barbeiro!” Então, Zabé disse: “agora era só o que faltava! Botar nome de barbeiro num besouro!” A repórter riu demais com a ingenuidade de Zabé. E assim foi a história de D. Zabé da Loca. Conheço Zabé a uns 60 anos ou mais. Desde que chegou do agreste de Pernambuco, na década de 1940, erradicou-se aqui e é a famosa Zabé da Loca.

Seu Espedito visitou o memorial de Zabé da Loca comigo em 2016. Após sairmos do restaurante de Josivane, ele pediu para parar lá, sua animação para nos

contar tudo sobre a região era grande. Não liguei o gravador, mas, na volta para Campina Grande, registrei tudo em um caderninho de anotações. Fiz algumas fotos:



Logo na entrada do memorial, tem uma placa com um verso que Seu Espedito fez sobre Zabé:

*Em Zabé agente ver quanto a natureza é bela
quantos vivem aperrriados e nada aperreia ela*

fumando seu cigarrinho, bebendo as caninhas dela.

O que ficou dessa passagem pelo memorial, sentada com Seu Espedito após ele assinar seu nome no livro de registros, foi a sensação que eu devia ouvir mais os/as velhos/as. Fiquei pensando na literatura e nos personagens idosos com quem já tinha cruzado nas leituras, na matriarca do conto *Feliz Aniversário* de Clarice Lispector e em tantos vaqueiros e homens simples de Guimarães Rosa; pensei no silêncio de Fabiano de Vidas Secas e na perda de protagonismo que os idosos vão sofrendo no decorrer da vida. A alegria de Seu Espedito com a nossa visita era visível, assim que pôde nos pediu para levá-lo para ver Zabé, ele sempre fala que, quando podia andar e andava sozinho, muita gente ouvia as histórias dele e ele também aprendia ouvindo as outras pessoas.

Zabé da Loca, Seu Espedito, Dona Maria (esposa de Seu Espedito) todos e todas precisavam de cuidados especiais para se locomover, se alimentar, de remédios, mas será que tinham ouvintes? Qual o papel da memória na perpetuação dessas pessoas para o Assentamento? Como Seu Espedito vê a velhice?

Durante nossos encontros, pude perceber como o tempo ia mudando Seu Espedito. Seja na aparência, seja na lentidão da fala, a voz tem um papel importante no envelhecimento. Comparando a voz de Seu Espedito, no primeiro encontro e nas últimas ligações por celular que tivemos, nota-se nitidamente os efeitos do tempo (e do cigarro que agrava ainda mais a situação). Voltarei a discutir melhor sobre voz e performance no próximo capítulo que tratará sobre *Oralidade e Escrita*.

Os espaços do dizer são permeados por lembranças. Seu Espedito é idoso e a convivência com ele, ainda que descontinuada por diversos fatores, proporcionou-me algumas constatações já descritas no livro *Memória e Sociedade, lembrança de velhos* (1979), de Ecléa Bosi. O belíssimo texto de apresentação, escrito por Marilena Chauí, por ocasião da arguição da defesa de tese de livre-docência de Ecléa, demarca a importância política e social de sua obra. Destaco:

Que é ser velho? Pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem.

Como se realiza a opressão da velhice? De múltiplas maneiras, algumas explicitamente brutais, outras tacitamente permitidas. Oprime-se o velho por mecanismos institucionais visíveis (a burocracia da aposentadoria e dos asilos), por mecanismos psicológicos sutis e quase invisíveis (a tutela, a recusa do diálogo e da reciprocidade

que forçam o velho a comportamentos repetitivos e monótonos, a tolerância de má fé que, na realidade, é banimento e discriminação), por mecanismos técnicos (as próteses e a precariedade existencial daqueles que não podem adquiri-las), por mecanismos científicos (as pesquisas que demonstram a incapacidade e a incompetência social dos velho) (BOSI, 1979, p. XVIII).

A leitura do seu livro me levou para o espaço das minhas lembranças com meus velhos, um dia meu avô, hoje minha mãe. Como fazer para que eles também se sintam protagonistas da sua história? Acho que os ouvir é um bom começo. A sociedade, sobretudo a brasileira, a partir dos fatores elencados por Chauí, utiliza-se do saber do idoso, mas não lhe dá condições dignas de sobrevivência. Tive muito cuidado ao pensar em fazer a pesquisa com Seu Espedito para não ser mais uma a “oprimi-lo”. Acredito que essa angústia é sentida por muitos/as pesquisadores/as, pois a linha entre o oportunismo e a oportunidade é muito tênue.

Aqui me vem o questionamento de Spivak (2010): pode o subalterno falar? Em um livro provocador para quem realiza pesquisa como essa. Reflito, a partir do lugar do velho na sociedade e, também, nesta tese, uma vez que nossas autoras trazidas para a discussão reclamam o lugar dos “sem voz”. Mas, como essa voz pode ser ouvida em um contexto de pesquisa acadêmica? Deixando-os falar:

os oprimidos podem saber e falar por si mesmos. Isso reintroduz o sujeito constitutivo em pelo menos dois níveis: o Sujeito de desejo e pode como um pressuposto metodológico irreduzível; e o sujeito do oprimido, próximo de senão idêntico, a si mesmo (SPIVAK, 2010, p. 56).

É por essa razão que preferi manter uma relação dialógica nesta tese. A teoria que a subjaz não poderia ficar separada da voz de Seu Espedito, que ecoa numa relação de representatividade, para continuar com Spivak (2010). A autora critica a prática mecânica de pesquisadores com pesquisados sem a mínima reflexão ou protagonismo desses sujeitos e essa leitura me inquietou muito no processo de escrita. Dar o lugar de destaque a Seu Espedito, era além de um dever acadêmico, um dever humano.

“A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 1979, p. 03). Com essa afirmação, Ecléa Bosi apresenta que, ao conversar com os seus velhos, as memórias afloravam “nas horinhas de descuido”, como disse Guimarães Rosa. A alegria de ter um ouvinte ativo no momento de um café ou em um

passeio fazia com que Seu Espedito fosse lembrando das histórias, revivendo momentos e estimulando sua criatividade para outras produções. Sempre que eu me despedia de uma visita, telefonava-lhe ao chegar em casa e ele dizia: “Ô, como foi bom palestrar com vocês, venham sempre, eu já tenho mais histórias pra lhe contar”. Percebi que, nos momentos em que ele se sentia menos monitorado pelo celular ou pelo “ouvido de uma pesquisadora”, conseguia rememorar mais poemas.

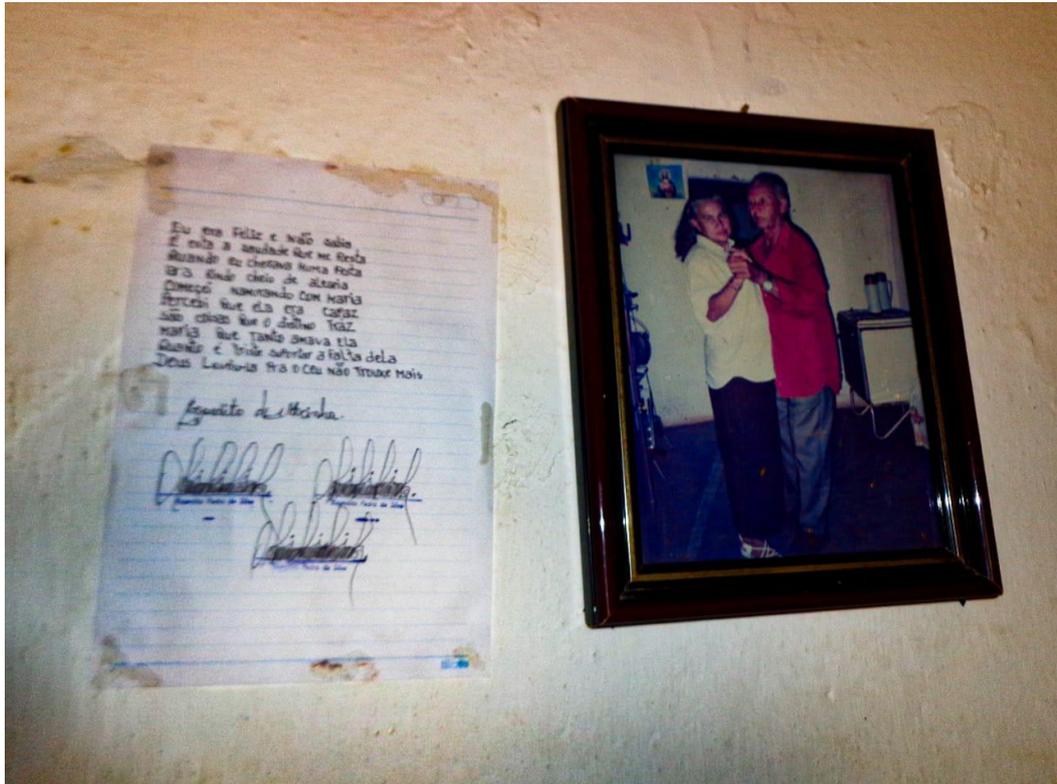
Embora eu saiba que Seu Espedito já fazia versos desde muito jovem, é na velhice que o conheço, suas histórias, seus poemas e os vídeos disponíveis na internet são de um artista já idoso. É por essa razão que achei importante fazer uma reflexão sobre como essas memórias chegam a esse narrador e como elas impactam na sua vida e na sua narrativa. O fazer de Seu Espedito tem um pé no passado distante ou recente:

Ao lembrar do passado, ele não está descansando, ele está se ocupando conscientemente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua própria vida(...) o que rege a atividade mnêmica é a função social exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra (BOSI, 1979, p. 23).

Em nossos encontros, Seu Espedito valia-se da lembrança do que viveu. Ele sempre tinha uma história para contar e, dependendo da conversa, as histórias se repetiam. A repetição é uma característica típica da tradição oral, a esse respeito, Fernandes (2007, p. 49) comenta: “a tradição oral não se constitui, essencialmente, pelo repertório de histórias formado ao longo dos tempos, mas pela contínua atualização dessas histórias, o que requer ininterruptas (re)criações de conteúdos a cada contexto”.

Alguns temas surgiam de acordo com o que acontecia na vida do poeta. No nosso último encontro presencial, um assunto tornou-se imperioso: o falecimento da sua esposa, dona Maria. Como relatado na transcrição em anexo, Dona Maria estava acamada desde 2016, por comorbidades do diabetes. Nos vimos por duas vezes e ela me recebeu de forma muito acolhedora, com sorriso no rosto, muito perfumada. Dona Maria só recebia visitas após sua filha lhe dar banho e arrumar. Percebi que eles mantinham sempre o bom humor no relacionamento conjugal e com os filhos, Dona Maria até brincou quando dissemos que íamos visitar Zabé recomendando que Seu Espedito tivesse cuidado para não beijar Zabé. Antes de ir até a casa dele, telefonei-lhe e ele me contou que havia perdido sua esposa. Voz triste, contida, mas com

vontade de ser ouvida. Marcamos a visita e, ao chegar lá, encontrei, dentro de sua casa, uma foto do casal na parede e um poema póstumo:



Por mais que eu soubesse que Dona Maria havia partido, estar em sua casa foi bem difícil. Fiquei especialmente emocionada ao ler o poema e, ao lado, ver uma imagem que remetia a um momento de alegria, com os dois dançando:

Eu era feliz e não sabia
 É esta a saudade que me resta
 Quando eu chegava numa festa
 Era rindo cheio de alegria
 Comecei namorando com Maria
 Percebi que ela era capaz
 São coisas que o destino traz
 Maria que tanto amava ela
 Quanto é triste suportar a falta dela
 Deus levô-la pra o céu não trouxe mais. (sic.)

Como eu já fui sabendo que Seu Espedito estava enlutado, não pretendia demorar na visita. Fui com meu esposo e mais dois amigos, Eujéssika e Ayrone, logo no início da conversa, ele já foi logo nos dizendo como estava se sentindo:

Eu tô assim, tô levando... fiquei viúvo agora, que eu fiz até umas poesias, tudo é permitido por Deus não é? Eu fiz umas poesias com a morte dela. Aqui tá ruim que tá danado, vai fazer quarta-feira um mês. Maria soube ser boa em tudo, soube desculpar meus erros, que eu era namorado, puteiro, é... ela soube perdoar, que Deus dê o céu a ela. Mas toda vida eu quis bem a ela. Não era homem de viver brigando (DEZEMBRO, 2018).

A experiência da morte chega de forma mais próxima para nosso autor e ele (con)vive com esse momento da forma que sabe: criando. Sua experiência poética é atravessada pela dor da perda e, com isso, suas memórias voltam-se para o que viveu com a esposa.

E assim continua Seu Espedito, sem Zabé e sem Maria, suas inspirações poéticas e companheiras de toda uma vida, que, ainda assim, seguem levando o poeta para outros espaços de escrita: “seu dom é poder contar sua vida, sua dignidade é contá-la inteira...” (BENJAMIN, 1994, p. 221)

2.3 “UM CRÂNIO COM POESIA”

Como observado, a narrativa de Seu Espedito é permeada por poemas. Para esta sessão, pretendo discutir o conceito de poesia e performance a partir da poética da voz, visto que a narrativa de Seu Espedito tem a voz como principal instrumento.

A voz tem uma importante função na sociedade. Antes mesmo do nascimento, o ser humano presta atenção às vozes que já podem ser reconhecidas logo após cortado o cordão umbilical. Na etimologia da palavra, voz é criação, sopro. Sua definição é ampla e poética:

Ora, a voz é querer dizer e vontade de existência, lugar de uma ausência que, nela, se transforma em presença; ela modula os influxos cósmicos que nos atravessam e capta seus sinais: ressonância infinita que faz cantar toda matéria... como atestam tantas lendas sobre plantas e pedras enfeitadas que, um dia, foram dóceis (ZUMTHOR, 1997, p. 11).

O autor, ao discorrer sobre a importância da voz, apresenta-a com uma função protetora do sujeito que fala, uma proteção à sua cultura, sua origem, seu lugar no mundo, “seu uso oferece um prazer, alegria de emanção que, sem cessar, a voz aspira a reatualizar no fluxo linguístico que ela manifesta e que, por sua vez, a paralisa” (*idem*, p. 13). É a circulação em trânsito da linguagem. Embora indissociada da linguagem, a voz nos estudos linguísticos e literários é normalmente esquecida, ou renegada a segundo plano. Portanto, para que haja linguagem é preciso haver voz, pois ela é o seu principal instrumento porque nos revela os desejos e anseios daquele que fala e a escrita é uma das técnicas que “materializa” essa linguagem.

A tradição oral é o ponto de partida para todos os estudos literários, mas, com o decorrer do tempo e com a ascensão dos estudos do texto, a poesia oral adquiriu um *status* inferior à escrita. Segundo Zumthor (1997), esse fato deve-se à sacralização da letra e ao refinamento das técnicas artísticas, o que acabou incentivando uma recusa ao que se produzia na imediatez e improvisado do aparelho vocal.

Para dividir seus estudos sobre a poética da voz, Zumthor (op. cit.) categorizou algumas representações orais na época medieval que são ilustrativas para o período de passagem da literatura oral para a escrita também aqui no Brasil. As relações entre a forma oral e a forma escrita dividiam-se em três grupos distintos: no primeiro grupo, temos uma oralidade primária, em que voz e escrita não entram em contato; no segundo, uma oralidade mista, na qual a escrita influencia de modo externo, parcial ou retardado, ou em que a oralidade é (re)composta através da escrita; e, no terceiro grupo, ele coloca a oralidade mecânica ou tecnologicamente mediatizada.

O referido autor também apresentou uma categoria importante para pesquisas da oralidade que é o conceito de *performance* que ele define como “a ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida” (ZUMTHOR, 1997 p. 33). Essa ação está no cerne da existência do poema, que se divide em cinco fases: a produção, a transmissão, a recepção, a conservação e a repetição. A performance estaria nas fases de produção, transmissão e recepção quando o poema nasce do improvisado, e nas fases de transmissão e recepção quando o poema já existe.

É poesia, é literatura, o que o público – leitores ou ouvintes – recebe como tal, percebendo uma intenção não exclusivamente pragmática:

o poema, com efeito (ou de forma geral, o texto literário), é sentido como a manifestação particular, em um dado tempo e em um dado lugar, de um amplo discurso constituindo globalmente um tropo dos discursos usuais proferidos no meio do grupo social (ZUMTHOR, 1997, p. 40).

Desse modo, a poesia está intimamente vinculada a seu público, ela só acontece se seus ouvintes estiverem em contato com sua realização oral, com sua recepção. No universo de Seu Espedito, percebe-se claramente a necessidade de ouvintes para que seu processo criativo e dialógico aconteça. A qualidade de poeta que ele mesmo se atribui é tida como um dom: “A poesia é um dom que Deus dá. Todo poeta gosta de palestrar, de conversar muito. Poesia quer palestra, quer amor, quer saudade, desgosto...” (AGOSTO, 2016).

A necessidade de um interlocutor, na narrativa de Seu Espedito, advém do fato de que é com a *performance* que se concretiza seu fazer poético, daí a necessidade de se pensar em uma poética da voz, como sugerem Zumthor (1997/2005/2014) e Fernandes (2007), pois “a poesia quer palestra”. A performance seria a presença concreta de leitores e ouvintes no ato da comunicação, ou seja, é parte da recepção, sendo aquela, mais imediata. Zumthor (2014) exemplifica essa diferenciação com a recepção das obras de Virgílio e Homero, o termo performance, nesse caso, não faria mais sentido em virtude da duração desta recepção. Diferente, por exemplo, “se você pergunta o seu caminho e lhe respondem que é a primeira rua à direita” (*idem*, p. 52), estamos aqui no universo da performance.

Em uma situação de oralidade pura, como observa Zumthor (2014), a formação opera-se pela voz, carregando a palavra, a recepção ocorre através da audição e da visão, tendo como objeto o “discurso performatizado”. Nesse caso, transmissão e recepção ocorrem em um ato único que é a performance. A memória é responsável pela conservação e reiteração, chamadas pelo autor de *movência*.

Na fala de Seu Espedito, constatei que sua movência, para continuar com a categoria zumthoriana, é mais uma importante fonte criadora da poesia. Sua inspiração surge, na maioria das vezes, após ouvir alguma história ou conversar com alguém:

Aí, um dia uma chegou uma repórter aqui, nem sei de onde ela era, aí quando ela... conversamos igual nós tá conversando agora, conversamos, conversamos, conversamos, quando ela saiu eu disse:

Chegou até uma repórter, eu disse, seja bem vinda
Ela perguntou a mim, qual foi minha vida mais linda
Respondi: foi quando eu tinha 15 ano ainda

(AGOSTO, 2016)

A experiência performática ficava mais forte quando ele ia até o restaurante onde ficava a casa e o memorial de Zabé da Loca. No caminho, sempre havia explicações sobre a origem do campinho de futebol, de uma pedra, de uma igreja, de um hospital... os diálogos que ele tinha com Josivane que marcavam o “aqui e agora” do contexto, que, muitas vezes, ficava mais claro para eles do que para mim, uma vez que os referentes faziam parte da vida deles:

Seu Espedito: Vocês sabem por que se chama Tungão aqui? Aqui se chama Tungão que uns velhos doido que morava ali, tinha a ilha do Tungão, eu morei ali, tu sabe onde é?

Josivane: Eu sei, eu morei ali.

Seu Espedito: Meus primeiros filhos nasceram ali, quando eu casei, morei ali. Aí, tinha uns velhos, solteirões, mas isso não é história de ontem não, isso é história de cem, duzentos anos. E eles foram caçar, e tinha um cachorro por nome Tungão. E ali naquele carreiro que se chama carreiro de Zefa Soares, ali de pedra, por trás da casa de Zé Caiana. O cachorro entrou ali, acou e morreu enganchado lá dentro das pedras. Aí ficaram chamando Serra do Tungão por conta do cachorro.

Josivane: Acho que foi bem as cobras que mataram ele. Porque pai me conta que tava matando um mocó, atirou no mocó, aí o mocó foi e desceu numa gruta, foi batendo nas pedras e desceu. Quando pai arradiou pra pegar um mocó, quando ele olhou tinha uma pedra grande e tinha uma serpente dando a volta, que ele disse que aquilo não era uma cobra, era uma serpente, na faixa de uns 6 metros de comprimento, ela saiu descendo pra pegar o mocó, pai disse que a cabeça dela era desse tamanho. Aí pai com uma espingarda disse, eu não vou atirar nela não, se não é capaz dela me matar aqui. Aí pai disse que ficou tremendo, nunca teve medo, mas daquela vez ele teve. Ele proibiu a gente de descer lá por causa disso... Ô seu Espedito, a história das cobras de veado que Zabé diz que tinha e escutava lá em cima na serra?

Seu Espedito: Tinha, tinha, ali mesmo tem cobra de viado, é umas cobras dessa grossura. Mas não ofende a ninguém, não morde, não tem veneno, só tem arrocho. Ela abraça, também, se ela abraçar um da gente, tora os ossos todinho... tem a laje das moças, eu sei contar a história, serra do Gabriel, serra do loro, tudo eu sei contar.

Josivane: Ô Seu Espedito e aquele tanque do Justino que tem lá pra cima?

Seu Espedito: Justino era um criminoso, aí se arranchou na serra e fez um rancho ali pertinho daquele tanque. Aí ficaram chamando de Tanque de Justino.

(AGOSTO DE 2016)

Sobre a relação da poesia com o corpo, Zumthor (2005, p. 69) cria uma importante analogia: “como meu pão e digo meu poema, e você escuta meu poema, da mesma forma que escuta os ruídos da natureza”. Neste contexto, lembro-me que, nos nossos encontros, a presença do café, da cozinha, do restaurante eram elementos de movência para nosso poeta, combustíveis para sua criação. Todos os encontros seguiam uma espécie de ritual, típico de quem é recebido no interior: conversa no terraço/sala, depois cozinha, experiências poéticas para Seu Espedito que transcendiam ao momento que vivíamos: para se chegar ao dom, como ele mesmo dizia, a palavra poética passava pelos nossos corpos, por nossa voz, pelos livros que ele lia, uma tessitura do “fazer dentro da vida”.

O “crânio com poesia” do nosso poeta também é resultado de sua leitura de mundo. Seu Espedito não se cansa de dizer que “lê de tudo”. Para ele, a notícia não precisa ser “nova”, desse modo, a inspiração poética é dom e construção:

Às vezes eu pego um jornal do meio da rua, um jornal... mas porque é que tu tá lendo jornal, do ano passado, eu digo mas pra mim é novo que eu nunca li ele (AGOSTO, 2016).

É eu gosto de ler demais, ixe meu passatempo é ler, eu leio tudo no mundo. Agora eu tenho muitos amigos, manda um livro pra mim, até um amigo meu, que é desembargador, de Salvador, veio um dia desse, um dia desse não, um ano desse me trouxe um código civil de lei, eu disse “pra quê gota eu quero um código de lei?” (risos) por exemplo. Eu gosto de ler tudo, tem ali... um código de lei de bíblia, tudo, racionalismo cristão, bíblia sagrada, eu leio de tudo tudo tudo, que até eu escrevi “da minha vida” que eu sou poeta “da minha vida fiz uma faculdade e o mundo é meu grande professor, eu escrevi isso, tenho poesia disso (AGOSTO, 2016).

Outro aspecto importante, no fazer poético do autor, diz respeito aos temas e ao modo de construção dos poemas que são abordados no seu universo. Ingenuamente, pensei que tivesse inspiração apenas no que ele vivenciou, mas, logo

no primeiro encontro, ele já deixou claro que sua poesia era “universal”. Ao concluir a declamação de um poema que ele fez sobre “mães”, pergunto se fez pensando na mãe dele, a resposta veio de um poeta consciente: “Não, eu fiz, desceu isso eu vou lá e escrevo pra quando for dias das mães eu mandar pras escolas pros meus netos recitar isso” (AGOSTO, 2016). Tem-se aqui uma das características de Seu Espedito: a necessidade de ser lido/ouvido, percebe-se que a inspiração ocorre, “desceu isso” referindo-se ao poema, e, logo em seguida, o motivo da criação: a proximidade do dia das mães.

O universo de Seu Espedito se expandiu a partir da escuta de algumas vozes poéticas. Apresentarei os nomes que são mais lembrados e comentarei alguns dos poemas que marcam as preferências e as referências do nosso poeta.

Sua ligação com o repente e os cantadores é de profunda admiração. Ele sempre faz reverência aos cantadores e há um vídeo⁵ no qual ele diz: “Eu quando vejo um cantador, parece que tô vendo Frei Damião”. Por vários momentos, o poeta destacou a qualidade estética de Pinto do Monteiro:

Pinto era um gênio, ele sabia da história. Isso aí, é o que a gente tava conversando, tem um povo inteligente que não cultivava e Pinto cultivou. Ele nunca foi em escola e de tudo sabia. Porque precisa saber, vocês me desculpa que eu sou matuto e vou dizer uma coisa: porque existe, eu já conversei isso até mais um doutor e ele aprovou. Existe o inteligente e existe o sabido. O pessoal mistura uma coisa com a outra. Porque o inteligente não tem nada com sabedoria, porque o matuto assim da minha marca, que não sabe de nada, é matuto mesmo e é inteligente. (AGOSTO, 2016)

Por se autodeclarar poeta de bancada, Seu Espedito sempre diz que não escreve cordéis nem participa ou participou de pelegas, mas admira muito quem sabe. Para o próximo capítulo, farei uma discussão sobre os procedimentos de construção dos seus poemas, analisando os que compõem o livro *Cariri de Aruiara*. No entanto, acho importante trazer para este capítulo algumas das referências do poeta porque elas ajudam a construir a narrativa da sua vida.

Conforme descrito pelo poeta, os momentos de declamação eram, em sua maioria, conversas em bares da cidade:

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=crNkSSn4bGY&t=877s>> . Acesso em 18 ago 2020. Vídeo parte da série “Tesouros do Cariri”, produzido por Marco Di Aurélio.

“...nós amanhecemos o dia lá, nesse tempo o bar era de Seu Nonato, sei lá se era... aí nós bebendo ali, Zé Rabelo dizendo poema que era danado, aí dizendo verso de Pinto, dizendo, Pinto era um gênio, nunca foi em escola e se fosse em escola, pelo tempo não dava pra saber de tudo não...”

No território das movências, Seu Espedito apresenta um repertório considerável de poemas de outros autores. Chamou-me atenção o fato de que o poema mais bonito que ele diz ter ouvido foi de uma mulher, Severina Branca:

Agora eu vou dizer uma poesia que é uma das poesia de uma mulher de São José do Egito, Severina Branca, uma das poesias que quando ela disse todo mundo chorou. Quando era nova, era uma boniteza, chamava o povo atenção, de bonita, eu conheço ela. Tá velha. Severina Branca. Depois ela depravou-se, foi pra zona, pro cabaré. Quando nova todo mundo queria ela, quando ficou velha, ninguém quis mais. Ela depravou-se, virou alcoólica, foi pra rua, dormindo nas calçadas e um dia, ela tava dormindo na porta de uma festa, de um baile na calçada. Ela disse... deixa eu me concentrar... é uma das poesias que eu gosto mais é essa. Ela disse:

Quis o destino, cruel e traiçoeiro
 Fui rainha aqui nesse lugar
 Homens nobres vinham me conquistar
 Para ser meu amante, meu parceiro
 Eu ia, pensando no dinheiro
 Botava eles em todas as alturas
 Não pensava que vinha a desventura
 O que eu desejava era um marido
 O silêncio da noite é quem tem sido
 Testemunha das minhas amarguras

Quando ela disse esse verso, disse que o pessoal chorou.

Quando durmo acordo de madrugada
 Fico só, conversando com a lua
 O hotel que me hospeda hoje é a rua
 E a cama que durmo é a calçada
 Quando eu jovem, fui muito cobiçada
 Fui destaque entre muitas criaturas
 Só Deus sabe o que hoje eu tenho sofrido
 O silêncio da noite é quem tem sido
 Testemunha das minhas amarguras. (AGOSTO, 2016)

Severina Branca já é apresentada no trecho acima por Seu Espedito, de todo modo fui pesquisar algo a mais sobre ela e percebi que este mote “O silêncio da noite é quem tem sido/ testemunha das minhas amarguras” ficou bastante conhecido em São

José do Egito e região, com outras estrofes, e a autora ficou famosa como “poetiza da embriaguez”. No livro, este poema aparece no capítulo 4.

Como se percebe, a região do Pajeú⁶ é rica em referências poéticas para Seu Espedito. Neste rol ainda aparecem Cancão que é apresentado no *Dicionário Biobibliográfico de repentistas e poetas de bancada* como cantador e poeta popular, dedicando-se à poesia escrita e com aproximações estéticas com poetas românticos como Castro Alves, Fagundes Varela e Casimiro de Abreu (ALMEIDA; SOBRINHO, 1978).

Esse daí de Zabé é cordel porque a poesia que eu gosto mais e não sou muito bom é o soneto. Soneto eu já escrevi, mas tem um soneto grande é que o soneto é muito sentimental, esse soneto é de Cancão, de São José do Egito era um dos maiores escrito era ele, ele dizia:

Não quero mais o teu amor perjura
 Não me seduza coração fingindo
 Repare e veja como estou sentido
 Pelo teu amor de voraz candura.

És uma cobra que senti bravura
 Quantas criaturas já tens ofendido
 Em teu esperco* tens um mal contido
 Para o teu veneno não existe cura

Foge para longe com os teus encantos
 Enjuga no outro teus malditos prantos
 Não quero ouvir mais teus tristes ais

Esquece os tempos que jamais revive
 Deixa eu viver com as aves vivem
 Se esqueça de mim não se lembre mais

É muito bom, Cancão era bom demais. Era grande Cancão (AGOSTO, 2016).

⁶ O Pajeú está localizado no Sertão de Pernambuco, em área de 10.828 km², que representa 8,78% do território estadual e com população de aproximadamente 300.000 pessoas. O nome da região vem do nome do seu rio, que era chamado pelos índios de “Payáú”, ou “rio do pajé”. Os municípios totalmente inseridos na bacia do rio Pajeú são: Afogados da Ingazeira, Betânia, Brejinho, Calumbi, Flores, Ingazeira, Itapetim, Quixaba, Santa Cruz da Baixa Verde, Santa Terezinha, São José do Egito, Serra Talhada, Solidão, Tabira, Triunfo e Tuparetama. Disponível em: <<http://cabrasdelampiao.com.br/ocupacao-do-sertao-do-pajeu>>. Acesso em: 18 ago 2020

O trecho acima apresenta outro aspecto importante da narrativa da vida de Seu Espedito que acaba sendo uma preferência literária: o soneto e sua predileção pelas origens da região, a ligação com os povos indígenas, alguns temas recorrentes tanto na declamação quanto no seu livro se conectam na construção de marcas características do poeta. Pretendo trabalhar essas categorias seguindo a sequência que ele apresenta no seu livro, assunto para o capítulo quatro.

Capítulo III



O poeta

*Com dom e vocação
 O poeta nasce feito.
 Com o sentimento perfeito
 Rima métrica e oração.
 Um gênio com invenção,
 Tudo inventa e tudo entende.
 Quanto mais tira, mais rende,
 Quanto mais bota, mais cabe,
 Ninguém lhe ensina, ele sabe.
 Não sabe como é que aprende.*

*Quando ele nasce já traz
 Um gênio, pronto e feliz.
 Sabendo tudo o que diz.
 O que ele pensa, faz,
 Do menos, ele faz mais
 Faz o mais amenizar
 Por Jesus lhe ofertar
 Esse grande privilégio
 No mundo não há colégio
 Que possa lhe ensinar.*

*Todos os dons celestiais
 Os poetas têm ensino
 Vindo pelo dom divino
 As expressões divinais
 São doutores naturais
 Os dotados sonhadores
 Todos os dons superiores
 Deus lhe ensina, com certeza.
 Formado pela natureza
 Sem precisar professores.*

Espedito de Mocinha

3. A VOZ E O TEXTO: RELAÇÕES ENTRE ORALIDADE, ESCRITA E AUTORIA

Este capítulo realiza uma discussão teórica sobre a relação entre a oralidade e escrita tentando situar a poética de Seu Espedito neste limiar, uma vez que sua produção é oral, mas há uma necessidade visceral de constituir-se como sujeito-autor através da escrita. Para tanto, Seu Espedito retoma seus estudos, lendo e copiando tudo o que encontra e depois transforma essas vivências em poesia para o papel. A autoria aqui será percebida em seus escritos como uma construção necessária para a afirmação do autor como sujeito escritor, entendendo a escrita como um lugar de permanência.

3.1 ORALIDADE E ESCRITA

As relações entre a tradição oral e a tradição escrita são objeto de estudo de Louis-Jean Calvet (2011), que nos apresenta, em uma espécie de linha do tempo, como esse processo ocorreu nas sociedades ocidentais. Um dos pontos apresentados por Calvet (2011) discorre sobre a ideia de letrado *versus* iletrado. A definição para “analfabeto”, registrada em dicionários e perpetuada através das gerações, é de que pessoas que não possuem acesso à escrita são cegas, ignorantes, relegadas ao esquecimento. Segundo Calvet (2011):

(1) Longe de significar apenas o que eles pretendem significar etimologicamente (o desconhecimento da escrita), eles conotam, segundo os casos, a estupidez, a grosseria, a vulgaridade, a incultura etc. (2) O saber constituído pelo conhecimento do alfabeto é dado como pré-requisito para todos os outros saberes. Assim será batizada de campanha de alfabetização uma campanha que ultrapasse amplamente o mero ensino do alfabeto, como se todo conhecimento passasse necessariamente pela escrita; aliás, isso é testemunhado em outros lugares por muitas metáforas: ‘saber algo de A a Z’ e ‘não conhecer o ABC...’. (...) o par analfabetismo/escolarização não se deixa, com efeito, definir senão num quadro de uma sociedade de tradição escrita, mas é outra a situação em sociedades sem escrita, nas quais a noção de analfabeto é uma noção importada, desprovida de sentido local, e, para esvaziar as conotações negativas desse sem (escrita), falaremos aqui de sociedades de tradição oral (CALVET, 2011, p 09).

Essa visão ideológica busca, portanto, diminuir quem não tem acesso à escrita e paulatinamente vai se incorporando sobretudo entre os mais pobres e que não

tiveram acesso ao saber escrito. Durante os encontros, percebi que Seu Espedito utilizava dessas expressões, diferenciando-o dos “matutos” de sua região, porque dominava, ainda que minimamente, a escrita. Atravessado pelo discurso hegemônico, ele considera que as pessoas inteligentes são aquelas que possuem domínio da cultura escrita e que frequentaram a escola, ideia bem parecida com a descrição de Calvet. Em todos os encontros, este tema foi abordado e sempre os termos “inteligente” e “sabido” eram mencionados:

“Mas eu gosto de conversar e admiro conversar com vocês, com esse pessoal inteligente porque a gente conversando com o inteligente ele traz alguma coisa porque não é diminuindo ninguém que todos são iguais, mas a gente conversando com o inteligente, ele vai embora e deixa uma coisinha na cabeça da gente. [...]

Aí, você vê que o inteligente, o poeta, eu digo que sou inteligente, porque foi Deus que me deu, eu digo né, que sou inteligente, que descubro coisa que um poeta (...) A gente descobre essas coisas que a gente que vive só pensando assim que o poeta, além de um povo inteligente, sou poeta então, essas coisas eu pesquiso. Vem muita gente perguntar, muita gente me diz: me admiro você não ter formatura, eu digo: eu formei quando era novo, eu bebia cana que só a gota, formei-me em cana agora perdi a formatura (risos)” (MOCINHA, 21/08/2016).

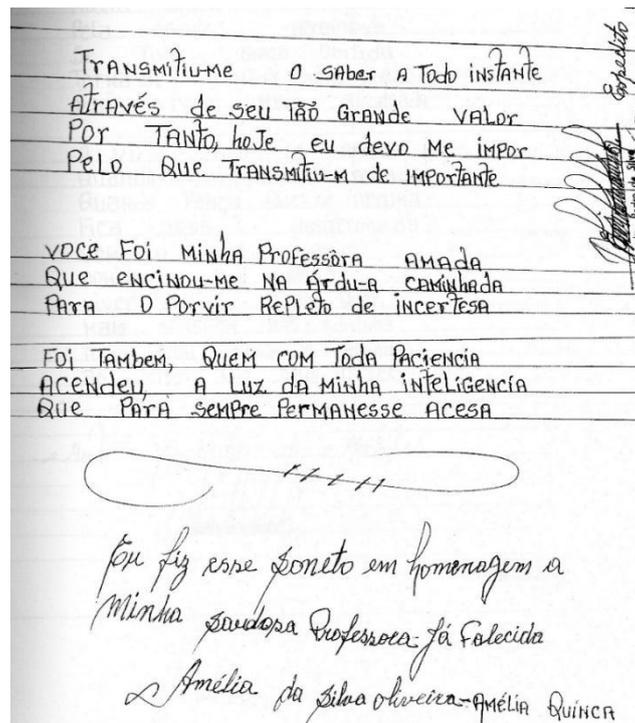
“Pinto era um gênio, ele sabia da história. Isso aí, é o que a gente tava conversando, tem um povo inteligente que não cultivava e Pinto cultivou. Ele nunca foi em escola e de tudo sabia. Porque precisa saber, vocês me desculpa que eu sou matuto e vou dizer uma coisa: porque existe, eu já conversei isso mais um doutor e ele aprovou. Existe o inteligente e existe o sabido. O pessoal mistura uma coisa com a outra. Porque o inteligente não tem nada com sabedoria, porque o matuto assim da minha marca, que não sabe de nada, é matuto mesmo e é inteligente” (MOCINHA, 05/08/2018).

Embora se sinta privilegiado pelo “dom da poesia”, é notória sua diferenciação quando se pensa em uma hierarquia do saber: inteligente é quem frequenta a escola, sabe ler e escrever, sabido é quem aprende com a vida. Pinto do Monteiro⁷,

⁷ O poeta repentista Pinto do Monteiro foi um artista de primeira linha, um grande poeta popular. É o que dizia, por exemplo, o cantador pernambucano José Lopes, natural de São José do Egito (Sertão

não teve acesso à escola institucionalizada, mas, de acordo com Mocinha, eles se tornaram inteligentes porque eram poetas.

Percebe-se o grande valor dado por Seu Espedito à educação escolar institucionalizada. Suas experiências na escola, com a cultura escrita, são inesquecíveis, rendendo vários poemas, inclusive, uma homenagem à sua primeira professora:



do Pajeú), conhecido por Zé de Catota que, ao se referir ao repentista dizia “– Ele deixava todos nós no mato sem cachorro”, querendo dizer que ele era imprevisível na arte do improviso e que não havia como se precaver das artimanhas de que se utilizava para vencer o parceiro num desafio poético, mesmo porque Zé de Catota também era um bom cantador e fora parceiro do repentista em muitas Cantorias, nos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, portanto, sabia muito bem avaliar e tecer um comentário crítico a respeito do cantador. Ele foi considerado, em todos os lugares por onde andou, como um mestre a ser seguido, por conta da sua performance poética, de expressão tão natural quanto simples e, ao mesmo tempo, tão complexa e criativa, por isso mesmo considerada bela e grandiosa. Todos queriam ouvi-lo cantar e admiravam a sua poesia cantada em forma de repente, improvisada. A capacidade, a habilidade e a criatividade para criar versos improvisados eram extraordinárias. Sua memória prodigiosa e a sensibilidade auditiva formavam os grandes instrumentais para a acumulação dos conhecimentos utilizados pelo vate repentista. Como a maioria dos poetas populares de sua época, eram analfabetos ou semi-analfabetos, esse era o motivo pelo qual a memória era valorizada ao máximo pelos cantadores. (SILVA, 2009, p. 57-58)

Como se pode ler, o universo de Seu Espedito é mote para sua produção artística. Ele dedica esse poema à sua professora do primário pela qual tem muito carinho. A docente contava muitas histórias e influenciou o autor na habilidade de narrar. Isso aparece evidente, sobretudo, nos versos “Acendeu a luz da minha inteligência/ que para sempre permanece acesa”. Marcas na produção escrita do poeta são a assinatura e o carimbo, uma forma de se afirmar no universo da escrita, que é muito importante para ele, pois representa prestígio e status. Na experiência do narrado, encontramos o mesmo poema, com algumas modificações:

Eu fiz um poema, um soneto, que eu nem gosto de dizer que eu me emociono,
que era pra minha professora, quando ela estava já doente eu disse esse verso
a ela, esse soneto, ela chorou, eu disse:

Tens um mister nobre e edificante
Abençoado seja o seu valor
Que me ensinaste tudo com amor
O mais objetivo relevante.

Transmitiu-me o saber a todo instante
Através de seu tão grande valor
Portanto isso eu devo me impor
pelo que me transmitiu de importante

Você foi minha professora amada
Que ensinou-me na árdua caminhada
Como é a vida cheia de incerteza

Foi também quem, com toda paciência
Acendeu a luz da minha inteligência
Que para sempre permanece acesa.

(AGOSTO, 2016)

Dona Amélia Quinca é a representação primeira de Seu Espedito desta cultura escrita, do saber e da inteligência. Essa imagem é tão cara ao nosso narrador que Dona Amélia é citada no livro *Cariri de Aruiara* no prólogo, na (auto)biografia e o soneto, acima transcrito, também está no livro.

Pensando ainda na relação da oralidade e da escrita, importantes reflexões são realizadas por Walter Ong (1998), em seu livro *Oralidade e cultura escrita*. Embora privilegie um estudo diacrônico, em uma comunidade que não tinha nenhum acesso à cultura escrita, a discussão que o autor faz entre o limiar do saber oral e

do escrito foi necessária para entender a relação de Seu Espedito com esta cultura. Diz o autor: “compreender as relações entre oralidade e cultura escrita e as implicações dessas relações não é uma questão de psico-história ou de fenomenologia presentes. Isso requer conhecimento amplo – vasto mesmo -, reflexão árdua e afirmações cautelosas” (ONG, p. 10).

Em pesquisas relacionadas à linguagem, Ong (1998) retrata que ela é tão esmagadoramente oral, que apenas 106 línguas humanas tiveram a escrita em um estágio suficiente para produzir literatura entre dezenas de milhares de línguas já faladas no mundo.

Neste espaço do escrito, o oral tem um espaço primordial, Ong (1998, p. 16) é categórico quando diz: “A escrita nunca pode prescindir da oralidade.” Com Seu Espedito ouvi:

O poeta é assim, faz na hora aquela doidiça. Disse Olavo Bilac que o poeta é um doido, um doido divino. Que o poeta é o seguinte, a gente tá na rua, mas tá concentrado em uma poesia. A poesia é um dom que Deus dá. Todo poeta gosta de palestrar, de conversar muito. Poesia quer palestra, quer amor, quer saudade, desgosto... que eu fiz até uma poesia:

(AGOSTO 2016)

O trecho acima reflete bem este processo em que o oral prescinde ao escrito. Seu Espedito comenta, em muitas ocasiões, que o poeta tem um dom, mas, ao mesmo tempo, demonstra conviver com seus poemas “a gente tá na rua, mas tá concentrado em uma poesia” e apresenta a necessidade de palestrar (conversar) porque “poesia quer palestra, quer amor, quer saudade, desgosto”. O nascer de sua literatura é eminentemente oral, mas há uma necessidade de transformar-se em escrita:

Até que a Sebrae andou aqui e disse que ia fazer um livro meu, mas faz nada. Eu tenho um livro completo, de histórias eu tenho um livro, eu tenho história que se você ouvir eu contar você não sai dizendo, eu não acredito que aquele homem é matuto, de tudo no mundo, eu passo a vista e vou ler. Às vezes eu pego um jornal do meio da rua, um jornal... mas porque é que tu tá lendo jornal, do ano passado, eu digo: mas pra mim é novo, que eu nunca li ele (risos)

(AGOSTO, 2016)

Essa necessidade de ter um livro de sua autoria foi sendo explicada no decorrer da análise dos escritos do autor. Percebi que o livro, além de preencher um espaço de vaidade, era a prova de que Espedito de Mocinha era poeta e autor. Como a escrita e a educação eram sinônimo de status e de inteligência, transformar seus poemas e histórias em livro era a confirmação de Seu Espedito de entrada no mundo letrado.

Sobre o processo de criação e de memorização, Ong (1998) apresenta o conceito de “memória verbal” e realiza uma distinção entre o modo como as pessoas pertencentes a culturas orais e a cultura escrita memorizam. Na cultura escrita, a memória verbal normalmente parte do que já está escrito e o memorizador a retoma quantas vezes forem necessárias para a transmissão literal do texto. Na cultura oral, o processo é marcado por fórmulas métricas através das quais os memorizadores seguem uma lógica a partir do tema e das rimas. Um estudo a partir da Ilíada e da Odisseia demonstram essa adaptação entre o oral e o escrito, partindo do pressuposto de que ambas eram “rigorosamente métricas”:

Desse modo, nos poemas homéricos, para Ulisses, Heitor, Atena ou Apolo, assim como para os outros personagens, o poeta possuía epítetos e verbos que os adaptariam ao metro de forma exata quando, por exemplo, qualquer um deles devia ser apresentado dizendo algo (ONG, 1998, p.71).

O estudo de Parry apresentado por Ong (1998) discorre ainda sobre a relação entre a criação oral dos poemas e a escolarização dos memorizadores, “a maioria desses poetas narrativos eslavos do sul ainda vivos – e, na verdade, os melhores – é analfabeta” (p.72). Os autores comentam sobre uma interferência negativa da escrita para poetas da oralidade, segundo eles, ao produzir um texto no papel, induziria no autor um conceito de “controlador da narrativa”, o que seria diferente dos poemas com nascimento eminentemente oral, o escrito não passaria de “recordação das canções cantadas”, conceito que, ao meu ver, assemelha-se muito ao processo de criação de Seu Espedito. Por mais que sua inserção no mundo da escrita seja real e necessária para sua constituição enquanto sujeito-autor, a análise dos seus poemas apresenta-se como registro de uma memória criativa.

Ao estudar o povo bardo, do século XX, Ong (1998) categoriza dois conceitos importantes sobre o processo de criação dos poemas: as fórmulas-padrão e os temas-padrão. Analisando o processo de memorização e de aprendizagem desse povo, observou-se que eles aprendiam ouvindo, durante meses e até anos, seus pares que nunca cantavam a mesma narrativa duas vezes, mas utilizavam fórmulas e temas padrão. Desse modo “a originalidade não consiste em introduzir um novo material, mas em adaptar o material tradicional de modo eficaz a cada situação específica, única, e/ou ao público.” (ONG, 1998, p. 73)

A escrita enquanto tecnologia é o modo através do qual refletimos inclusive sobre a oralidade. Ong (1998) problematiza esse processo, mostrando que, como tecnologia, a escrita é paradoxal, uma vez que o ponto final do texto e sua “mortalidade” é o que garante sua permanência no mundo, sendo “ressuscitada” em contextos vivos ilimitados. Na próxima seção, apresento uma reflexão sobre a chegada dessa tecnologia no Brasil e como ela impacta a produção de Seu Espedito.

3.2 A PRODUÇÃO IMPRESSA NO BRASIL E O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

No Brasil, a tradição escrita é muito recente. De acordo com Almeida e Queiroz (2004), a primeira tipografia brasileira data de 1747 e foi criada por Antonio Isidoro da Fonseca, conhecido tipógrafo português, mas, por questões de censura, foi interdita pela corte portuguesa rapidamente.

A exclusão do comércio legítimo de tantos livros que as pessoas, manifestadamente, desejavam ler explica por que o Rio de Janeiro pôde manter-se com apenas duas livrarias durante todo o período vice-real, e mesmo depois que a vida econômica e cultural da cidade foi transformada, em muitos outros aspectos, pela chegada do governo português no exílio (HALLEWELL, 2005, p. 105).

Apenas em 1808, é criada a *Impressão Régia*, com intensa fiscalização e censura em relação aos livros que seriam impressos e lidos pelos brasileiros. Em

1822, após a Independência, é que outros espaços são autorizados a funcionar, editando e imprimindo livros no Brasil.

Historicamente, os livros e seu acesso eram vistos como instrumentos de doutrinação e poder. No Brasil, antes do crescimento das editoras nacionais, os livros chegavam através de jovens brasileiros que voltavam da Europa após conclusão dos estudos, e através do comércio de obras consideradas “revolucionárias”, nos anos de 1789-1794 (HALLEWELL, 2005).

As máquinas gráficas de produção em larga escala só foram adquiridas em 1966, após um processo de isenção de taxas alfandegárias para maquinário de produção de livros, o que nos leva a concluir que a circulação de livros ocorreu de forma muito tardia. De forma análoga, ocorre o processo de escolarização em massa, que ocorreu pós ditadura militar. É muito compreensível que amantes da palavra, como Seu Espedito, tenham tanto apreço pelo escrito e pelas pessoas que dominem essa habilidade.

A educação de forma geral foi repensada com a chegada da corte, e, posteriormente, com a Independência do Brasil, uma vez que era preciso ocupar os cargos que surgiam juntamente com a ideia de nação. O ensino primário, contudo, só foi melhor estruturado com a primeira Constituição promulgada em 1824, a qual dava autorização da criação de escolas gratuitas para todos (BEZERRA, 2021). Não é difícil, portanto, entender o processo demorado que foi para que nosso país, de dimensões continentais, conseguisse alcançar o maior número de alunos. Além (e acima) das questões geográficas, havia as questões políticas:

A classe dominante, com privilégios, e por isso mesmo despreocupada com grandes transformações no sistema educacional que pudesse beneficiar as camadas mais baixas, deteve-se a mudanças superficiais, com um maior interesse para o nível superior. Porém, mesmo os cursos superiores não tinham muita profundidade, ao menos no que diz respeito aos conteúdos. A finalidade desses cursos era apenas profissionalizar (BEZERRA, 2021, p. 08).

No contexto mais regional, Ananias e Barros (2015) apresentam um estudo sobre o processo de institucionalização da educação primária na Paraíba. O recorte das autoras é entre os anos de 1840 e 1860, ainda que não seja a época em que Seu

Espedito estudou, consegue-se desenhar o cenário educacional do interior paraibano, inclusive porque, de acordo com as autoras, houve um processo de negação dos feitos imperiais relacionados à educação para que o modelo republicano, adotado a partir de 1920, fosse visto como pioneiro, fato que vem sendo rediscutido por pesquisadores, desde 1980.

Um dos objetivos em promover a educação primária ao povo brasileiro diz respeito à criação de ordem e civilização nacional. Em diversos documentos da época, recomendava-se a necessidade de alfabetização dos brasileiros. Em 1840, o presidente da província da Parahyba do Norte dizia:

Ha outros dois objectos que, que não me he licito passar em silencio pela sua gravidade fundamental no enteresse de todos. São elles a Instrucção Publica, e a Agricultura. [...]. Ninguem ignora, que a moralidade he huma base principal da Sociedade no systema representativo, onde os homens são levados ao cumprimento dos seus deveres, antes pela convicção da utilidade, do que pelo temor das penas. Mas he hum perfeito desvaneio esperar, que se chegue a este gráu de moralidade sem proporcionar ao povo os meios de alcança-lo. O primeiro, e indispensavel meio he a Instrucção publica, que a nossa Constituição tem garantido, e em que todos de commum accordo nos esmeramos (PARAHYBA DO NORTE, 1841, p. 5 *apud* ANANIAS; BARROS, 2015, p. 92).

Para atingir essa finalidade, diversos documentos com força de lei foram criados, abrindo escolas, definindo público-alvo, determinando modelos educacionais, até que surge um impasse de ordem prática: o alunado. Como a maioria da população dependia da agricultura para sobreviver, os filhos ajudavam desde cedo aos pais, fato que os impedia de frequentar a escola, precisou de um processo de convencimento, por parte do Poder Público, para que os pais autorizassem seus filhos para ir à escola. Em 1866, surge a lei de obrigatoriedade de ensino:

a lei nº 240 trazia em seu artigo 3º: “O ensino primário é obrigatório para as que habitarem dentro do circulo das cidades, vilas e povoações em que houverem escolas” (PARAHYBA DO NORTE, 2004a, p. 49). Apesar de não ter se efetivado, já que a discussão sobre a obrigatoriedade foi retomada no último quartel do século XIX e início do XX (PINHEIRO, 2013), o debate realizado nos primeiros anos de conformação da escola paraibana deixa entrever o papel das elites governamentais na assunção da importância do ensino para a população paraibana, especialmente para a parcela pobre considerada pródiga, segundo os discursos, em desvalorizar a instrução. (ANANIAS; BARROS, 2015, p. 94).

Os pais e os professores, estes acusados de desleixo e despreparo para o exercício profissional, àqueles acusados de ignorância, eram frequentemente mencionados nos textos oficiais como responsáveis pelo atraso educacional da Província. Assim, regulamentos são criados com objetivo de fiscalizar as escolas, atribuindo à Província a função de reguladora e fiscalizadora das instituições. Para tal finalidade, foi criada a Diretoria Geral da Instrução Pública. Neste mesmo ano, instruções relacionadas ao espaço onde ocorreriam as aulas também foram estabelecidas:

Nessa nova orientação, a convivência numa mesma casa da família dos (as) professores (as) e das aulas de primeiras letras não era aceita como saudável para o desenvolvimento da instrução. Para a efetivação desse novo espaço de escolarização, os artigos seguintes estabeleciam as regras que deveriam reger o espaço interno dessas escolas (ANANIAS; BARROS, 2015, p. 97).

O método de ensino dessas escolas era o *simultâneo*. Ele deveria estar colado em uma placa em todas as salas de aula. Esse método tem origem cristã, foi criado no século XVII e objetivava ensinar todas as disciplinas aos alunos com o mesmo professor, que os dividia em grandes grupos, chegando a ter de 50 a 60 alunos ao mesmo tempo (ANANIAS; BARROS, 2015).

Nesta nova conjuntura, a escola era dividida em três níveis, de acordo com o objeto de ensino e da idade dos alunos. O método de soletração já era considerado ultrapassado e, como orientação, sugeria-se um método de leitura a partir dos textos, considerando o nível de aprendizagem de cada aluno. As autoras Ananias e Barros (2015) acrescentam que o método *simultâneo* não era utilizado em todos os casos. Havia registros em que as professoras realizavam atividades mais próximas dos alunos, ajudando-os no processo de ensino-aprendizagem, o que é considerado pelas autoras um avanço na escolarização paraibana. Além disso, os temas sugeridos para as leituras também dialogavam com a realidade dos alunos, como conhecimentos agrícolas, memórias, recibos, compra e venda etc.

O contexto educacional imperial manteve-se por décadas, o saber institucionalizado era objeto de desejo de muitos, mas privilégio de poucos. Considerando que Seu Espedito nasceu em 1939, sua escolarização ocorreu na

década de 1940 e, ainda assim, percebem-se traços constantes da educação imperial, com salas de aulas lotadas e apenas uma professora:

Eu comecei, eu estudei ali, naquele chalé, sai da escola, mas meu passatempo maior é ler (...) comecei a estudar, naquele tempo passado, que a gente estudava o primário, era num tempo que não vai mais nem servir... era um tempo que se dava lição soletrando bê-a- bá, ca-çá era assim o estudo de antigamente, eu muitas vezes ia para a escola passando fome, era cento e tantos meninos... eu estudava ali, naquele chalé. Cento e tantos meninos para uma professora só, não tinha um lanche, não tinha transporte, não tinha o que comer na escola e quando chegava em casa também não tinha, era só feijão com farinha. Pura. Quando tava passando bem, tinha um ovo assado. No começo da vida, com 10 anos, meu pai morreu, aí foi que aumentou meu sofrimento. Mãe, pobre, tinha umas festas da escola, ela saía pedindo aos vizinhos, no dia 07 de setembro, fazendo uma cota para comprar uma farda pra mim, pra marchar na escola... (MOCINHA, 2016)⁸

No relato de Seu Espedito, percebemos uma mudança em relação ao estímulo à educação. Seus pais já percebiam a importância da escola, prova disso é o esforço feito por sua mãe para que ele pudesse frequentar as aulas e participar do desfile cívico. Contudo, problemas financeiros e de gestão escolar demonstram a dificuldade de manter os alunos na escola: a falta de merenda, muitas crianças em uma única sala tornavam-se empecilhos para o desenvolvimento de uma educação plena. Observa-se também que o método utilizado para alfabetização era o de soletração, já ultrapassado em meados de 1850.

A carência do saber institucionalizado, no entanto, não era motivo para a falta de cultura. Sabemos que, embora carentes de escolas e de livros, circulavam, por todo país, saberes culturais através da oralidade, sendo esta grande fonte de conhecimento. A arte de versejar, como já comentado em outros momentos, é de origem oral e, através dela, muitos saberes foram e são compartilhados.

⁸ Espedito de Mocinha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=crNkSSn4bGY>. Acesso em: 10 jan 2016

Almeida e Queiroz (2004) localizaram na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, no ano de 1932, os primeiros registros editoriais com o tema da oralidade e suas interrelações:

Com linha editorial voltada principalmente para a publicação de documentos antigos, relativos à história de São Paulo (ordens reais, atos do governo, papéis avulsos, cartas, listas, etc). Desde o primeiro número, entretanto, publica também textos sobre literatura e língua no Brasil, artigos sobre gíria brasileira, elementos indígenas e ciganos na língua portuguesa, dialetos regionais, narrativa e poesia popular (ALMEIDA E QUEIROZ, 2004, p. 48).

Como observa-se, a oralidade é registrada através da escrita em forma de memória histórica, e também de resistência. As manifestações literárias estão presentes desde a primeira edição da revista e são importantes meios para valorizar a cultura oral de vários povos. Nota-se a ação de instituições no processo de financiamento e manutenção de espaços de memória da cultura. A revista *Arquivo Municipal de São Paulo* homenageia o prefeito Fábio da Silva Prado, pelo “espírito culto e moderno, valorizador perfeito das tradições de um povo entendendo que povo é somente aquele que tem e cultua suas tradições (*sic*)” (ALMEIDA E QUEIROZ, 2004, p. 49). Em 1935, assume o cargo de diretor do departamento de cultura, Mário de Andrade, que, conhecidamente, realizou um exímio trabalho incentivando e (re)conhecendo expressões artísticas não só de São Paulo, mas do país inteiro.

Pensando na região do nordeste brasileiro, espaço no qual Seu Espedito nasceu, tem-se a crescente expansão das pelejas, palestras e repente – gêneros tipicamente orais – e o surgimento das tipografias de folhetos, que fizeram circular poemas com temas variados pelo interior do Nordeste e pelo país inteiro, sobretudo no final do XIX e início do século XX:

os primeiros escritores de folhetos que saíram do campo em direção às cidades levavam consigo a esperança por melhores dias e as lembranças de contos e histórias de príncipes e princesas, reinos distantes, homens valentes e mocinhas indefesas, além das canções dos violeiros e repentistas que viajavam pelas fazendas animando festas e desafiando outros cantadores (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p.17-18).

Os folhetos foram cada vez mais produzidos, levando para a escrita poemas nascidos na oralidade, já, há muito, conhecidos por frequentadores de feiras, praças

e terraços. Outros textos foram surgindo diretamente para o papel e assim as editoras (tipografias) transformaram-se em fonte de renda para os poetas:

Os folhetos, que no início eram produzidos em tipografias de jornal, passaram com o tempo a ser impressos em tipografias dos próprios poetas. Leandro Gomes de Barros criava, publicava e vendia seus versos, garantindo com essa atividade o seu sustento e da família. Francisco das Chagas Batista era conhecido por suas viagens no interior da Paraíba e de outros estados do Nordeste, onde vendia folhetos e miudezas, e também por sua ‘Livraria Popular Editora’, criada em 1913 e que foi responsável pela edição e venda de folhetos de muitos poetas da região. Na Paraíba e em Pernambuco, até os anos 1930, chegaram a funcionar 20 tipografias (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p.23).

Essas interseções entre oralidade e escrita, em um contexto de criação de escolas e alfabetização de um povo, são traços importantes que imprimem até hoje seus efeitos. É o que Ong (1998) chamou de “transição da oralidade para a cultura escrita”, considerando a escrita como uma “tecnologia”, ela chega até o Nordeste como uma forma de resistência de uma arte, ressignificada com um novo suporte: o impresso.

3.3 ESCRITA E AUTORIA: INTERCESSÕES

De acordo com Marinho e Pinheiro (2012), com o advento das tipografias, os editores começaram a imprimir as obras deixando de dar créditos ao autor, fazendo com que os poetas criassem acrósticos com seus nomes nas últimas estrofes dos folhetos. A autoria de muitos folhetos também ficou comprometida após a “venda” dos folhetos, que passaram a ser “propriedade” de outra pessoa. A história do poeta Leandro Gomes de Barros ilustra bem esse momento, pois, após a sua morte, sua produção intelectual foi vendida para João Martins Athayde, que passou a assinar os folhetos de autoria de Leandro, e, posteriormente José Bernardo da Silva comprou de Martins Athayde a produção dos folhetos e também passou a assinar seu nome, em alguns folhetos com o nome de “proprietário”. As filhas de Athayde, após sua morte, reivindicaram judicialmente o direito à propriedade dos folhetos e seus nomes também começaram a aparecer nas capas das obras (RIAUDEL, 2019).

A questão da autoria é aquecida por publicações e teorias, as quais apontam, na sincronia da história, para a morte e ressurreição do autor. De maneira *en passant*, pretendo comentar algumas delas.

Hansen (1992), em seu capítulo “Autor”, apresenta um percurso histórico, desde a antiguidade grega, refletindo sobre a epistemologia das palavras *auctor* e *auctoritas*, reservando para esse período histórico o uso dos termos para a especificação de gêneros, com valor transdiscursivo, podendo designar uma doutrina, uma teoria ou uma tradição:

é neste sentido transdiscursivo que Foucault propõe uma classe específica de autores, que chama de ‘fundadores de discursividade’. Marx, Freud e Nietzsche – autores hoje, em tempos neoliberais e pós-modernos, em grande parte arquivados não só em seus textos, mas principalmente nas regras de formação de outros e que ironicamente poderiam ter tido – Foucault escreve sobre a autoria em 1969, em era pré-pós-moderna – função autoral semelhante à de Aristóteles e Cícero nos discursos antigos, até o século XVIII (HANSEN, 1992, p. 29).

Seguindo a cronologia de Hansen, a noção de autor/autoria, na segunda metade do século XVIII, foi transpassada pelo surgimento do *artista*. Este diferenciava-se por uma atividade profissional e se destacava por uma produção única e distinta, diferenciando-se da noção de *artífice*, concebido como “produtor sem originalidade”. Com o surgimento do romantismo, no século XIX, essas categorias ganharam mais força, até o século XX.

O século XX é marcado por posições bem distintas em relação à noção de autor/autoria. O grupo marxista apresenta categorias bem definidas como *representação, ideologia, produção, produto, apropriação, valor contradição*, sendo o *produto* e a *apropriação* bens produzidos através do trabalho de sujeitos a quem deveria ser creditada a “assinatura” da obra. No caso da *apropriação*, teria o sujeito transformado um objeto, em que simultaneamente se produz um sujeito, para o objeto transformado (HANSEN, 1992). As correntes críticas subsequentes acabam com essa visão epistemológica da noção de autor e passam, cada uma a sua maneira, a analisar a obra como unidade significativa, destacando seus processos de construção e sua forma. É o caso das correntes estruturalistas, formalistas e pós-estruturalistas.

Hansen (1992) apresenta um esquema criado até a década de 1980 com posições “conflitantes” em torno da autoria:

Autor -defunto	Ausência da presença de “origem”, “sujeito”, “consciência” e “teleologia”. Substituídos por “estrutura” ou “escritura”, códigos que se pensam intransitivamente nas operações dos discursos, falam como máquinas e não como espelhos.
Função-autor	Pensada por Michel de Foucault, relação histórica, específica e descontínua. De um nome próprio para autor e discurso, como dispositivo classificatório em uma tipologia discursiva.
Autor-contradição	Do marxismo, unidade contraditória em que dados históricos e transindividuais de uma situação-posição de classe se refratam transformados na produção e no produto da contradição-autor.

(Baseado em HANSEN, 1992)

A teoria pós-estruturalista propõe um fim à noção de autor indivíduo, este pensado como um “passado” do seu próprio texto, a subjetividade do autor é anulada nessa visão. Contudo, o conceito de *escritura* surge como uma prática transgressiva, pois, à medida que o leitor escreve, ele muda de função, transformando-se em autor e assim segue-se o curso cíclico de sua “morte” e mudança de pronome pessoal, categoria benvenistiana “eu/tu”.

A partir do conceito de *função-autor* pensado por Foucault, disponível em sua literatura, sobretudo na Conferência “O que é um autor?”, de 1969, pode-se diferenciar o indivíduo do sujeito que escreve. O autor é pensado com uma função classificatória, uma vez que ele “classifica, restringe, exclui e inclui”: “o sujeito que escreve deposita todos os signos de sua individualidade particular: a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência” (FOUCAULT, 1969, p. 269). Nesse contexto, o

autor, para se destacar em sua função, precisa morrer enquanto indivíduo, de modo que ele não passe de uma subjetividade, de mais um elemento do todo maior que é a obra.

Outro ponto importante sobre autor/autoria apresentado por Foucault (1969) e Hansen (1992) diz respeito à movência dessa noção no decorrer do tempo e dos discursos. A função-autoral, para os discursos literários e científicos, por exemplo: o primeiro (literário), no século XVIII, não era tão imperiosa como o discurso científico. Nos séculos seguintes, dada a “sistematicidade” da produção científica, a questão autoral se exige de maneira mais contundente quando se trata de alguma invenção, já, para a literatura, obras sem função-autoral são tidas como de menor grandeza ou como enigma a ser decifrado (HANSEN, 1992). Como *obra/texto* entende-se um conjunto coerente de signos, compreendendo, desta maneira, discursos orais e escritos (BAKHTIN, 2006). Olhar dessa maneira para a produção é importante para os estudos da oralidade, embora boa parte desses autores pós-estruturalistas tenha se dedicado mais para a produção de discursos escritos.

Questões pós-modernas aparecem e procuram criar pontos de intercessão em relação ao papel do autor no texto. Pampa Olga Arán (2014), ao estudar a questão em Bakhtin, apresenta um ponto de equilíbrio após a “morte do autor”, decretada por Roland Barthes, em 1968, a partir dos estudos bakhtinianos, que antecedem, inclusive, os de Foucault, pontua Arán (2014, p. 23):

Trata-se de uma concepção diferente da relação da linguagem com o sujeito falante e com o sujeito do ato de escritura. Para Barthes, “é a linguagem que fala, não é o autor” (p.66), enquanto para Bakhtin o homem é responsável por sua palavra e ela envolve sempre uma valoração social que, no caso do texto literário, assume o lugar fronteiro da consciência autoral. Para Bakhtin é a voz que expressa uma consciência, para Barthes é uma escritura “esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito, o preto-e-branco aonde vem perder-se toda a identidade, a começar precisamente pela do corpo que escreve” (p.65).

Revisitando Bakhtin e os demais autores, é possível traçar um retorno ao sujeito que escreve o texto a partir da categoria sujeito-autor-falante, uma vez que a consciência é materializada na e pela linguagem e quem a comanda é o sujeito, responsabilizando-se por sua *ação discursiva*.

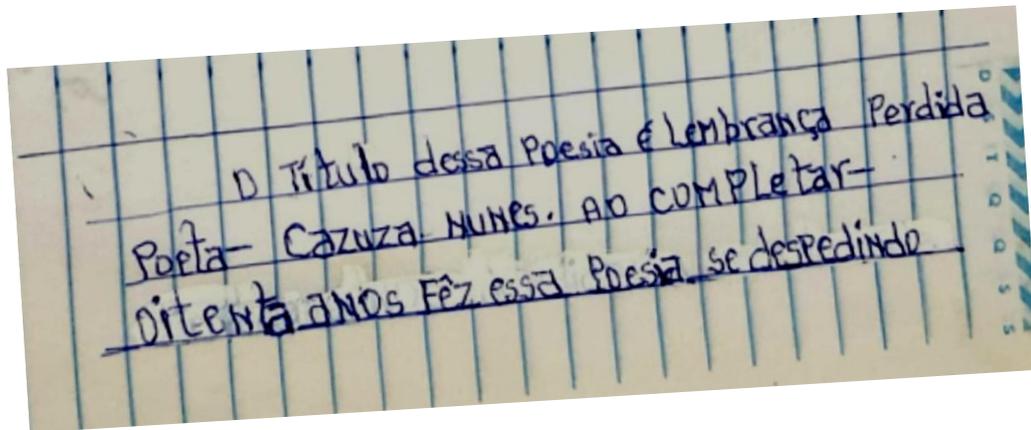
Após a década de 1960, o olhar para a autoria dos textos, sobretudo os de literatura, passou a ser requerido por camadas consideradas “subalternas”. Os Estudos Culturais começam a ganhar espaço entre os intelectuais e as academias e o avanço das teorias feministas fizeram com que a produção autoral hegemonicamente masculina começasse a ser problematizada. As mulheres começaram a perceber como as personagens femininas eram criadas por autores homens e como a criação de estereótipos reforçava a condição de submissão das mulheres em relação aos homens: “A vertente revisionista se revelou um ramo bastante produtivo da crítica feminista, tendo gerado centenas de análises dos estereótipos e representações femininas presentes na literatura produzida por escritores homens.” (BELLIN, 2011, p. 2-3). Sem levar a questão para discussões reducionistas, quero explicitar apenas que o valor de autor e de autoria suscita uma nova problemática, à medida em que há um retorno à noção de sujeito-autor, inclusive, porque a própria autora procura afastar-se de uma visão reducionista. Nasce, com essa problemática, os estudos de gênero, os quais possuem uma gama imensa de nuances que vão muito além da dicotomia homem *versus* mulher.

Os Estudos Culturais, a Estética da Recepção, Estudos de Gênero e tantos outros que surgiram propõem um novo olhar para a questão do autor e da autoria, dando uma nova roupagem à visão de autor/artífice conceituada no século XVIII. Quem escreve volta a ser importante para a interpretação da obra, a partir de um dado contexto, dependendo de qual “óculos” o leitor vai interpretá-lo, “não há nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação” (BAKHTIN, 2006, p. 401). Pensando na construção de Seu Espedito como sujeito-autor, observa-se a necessidade de uma representatividade do indivíduo Espedito de Mocinha, através da assinatura, como veremos adiante.

Desde a primeira oportunidade que tive de ouvir e ler Seu Espedito, percebi que havia, de sua parte, uma preocupação com a autoria das histórias que contava e poemas que recitava. Na oralidade, ele sempre iniciava os poemas com “Eu disse”, para poemas de sua autoria; “Ela/Ele disse para poemas de outros autores: “Agora eu fiz um verso da minha vida eu disse:” / Tem um verso de Zé Catota, de São José do Egito também, tem uma sextilha que ele disse que a mãe dele ouviu e começou a chorar, ele disse:” (TRANSCRIÇÕES). Os trechos citados são de dois momentos diferentes das transcrições e ilustram esse recurso oral encontrado por Seu Espedito.

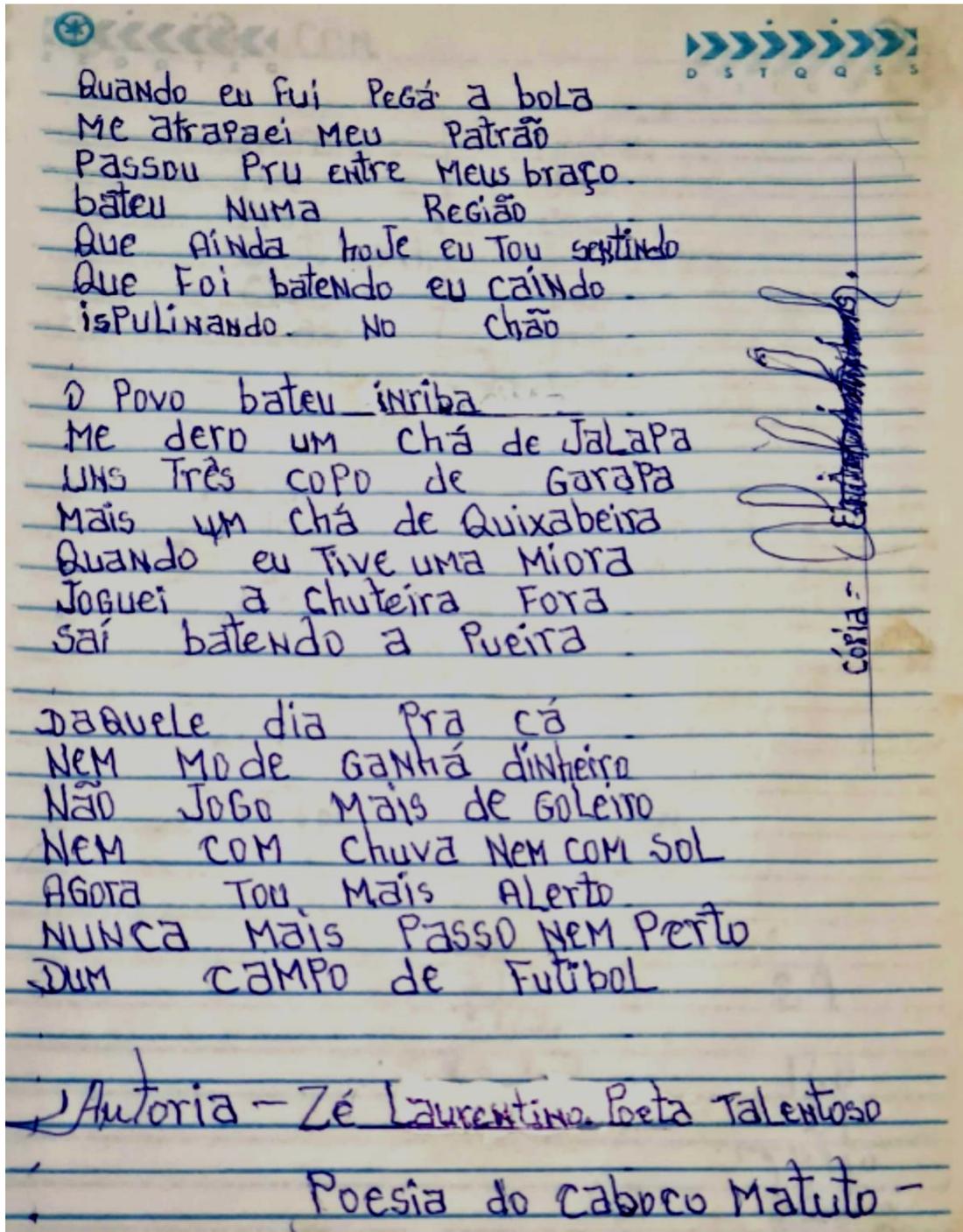
Esse foi, para nós, um dado importante de procedimento adotado pelo poeta para marcar sua fala e a fala de outrem.

Na escrita, Seu Espedito marca textualmente essas referências, seguem abaixo recortes de seus textos:



No trecho acima, percebe-se o cuidado do poeta em marcar uma produção que não é sua. Esse texto está na margem direita da folha, e traz uma espécie de comentário reflexivo sobre a natureza do poema, como forma de deferência ao autor. Zé de Cazuzza é amigo de Seu Espedito e um importante poeta da região do cariri paraibano. Ele mora na cidade de Prata-PB.

O poema abaixo também marca a autoria de outro poeta. Observa-se, contudo, que Seu Espedito assina como “copista”, na margem direita da folha, como forma de deixar seu nome inscrito no processo. Após dar os créditos de autoria, ele utiliza uma adjetivação “poeta talentoso – poesia do caboclo matuto”. Acredito que a referência à expressão “caboclo maturo” diz respeito à linguagem informal/popular empregada no poema e ao poeta, conhecido pela criação de poemas “matutos”, Zé Laurentino. Zé Laurentino é paraibano, natural da cidade de Puxinanã, e tornou-se uma referência na produção de poemas voltados para o povo da roça, de forma crítica e bem-humorada, os poemas “matutos”, como são conhecidos, são marcas registradas do autor. Laurentino faleceu em 2016.



Seu Espedito também marcava quando não sabia a autoria do poema que havia copiado, uma ação honesta com a escrita do outro. Percebe-se que ele nunca tentava se apropriar de uma produção que não era dele:

Poeta X Espedito de Macintha
 Aut Não isenafiado

Abaixo, um soneto de Augusto dos Anjos, poeta de grande apreço de Seu Espedito:

versos em soneto
 de AUGUSTO dos ANJOS
 X

Vez, NINGUEM assistiu ao formidável
 enterro da tu última Avimera
 somente, a solidão essa Pantera
 foi tua companheira inseparável

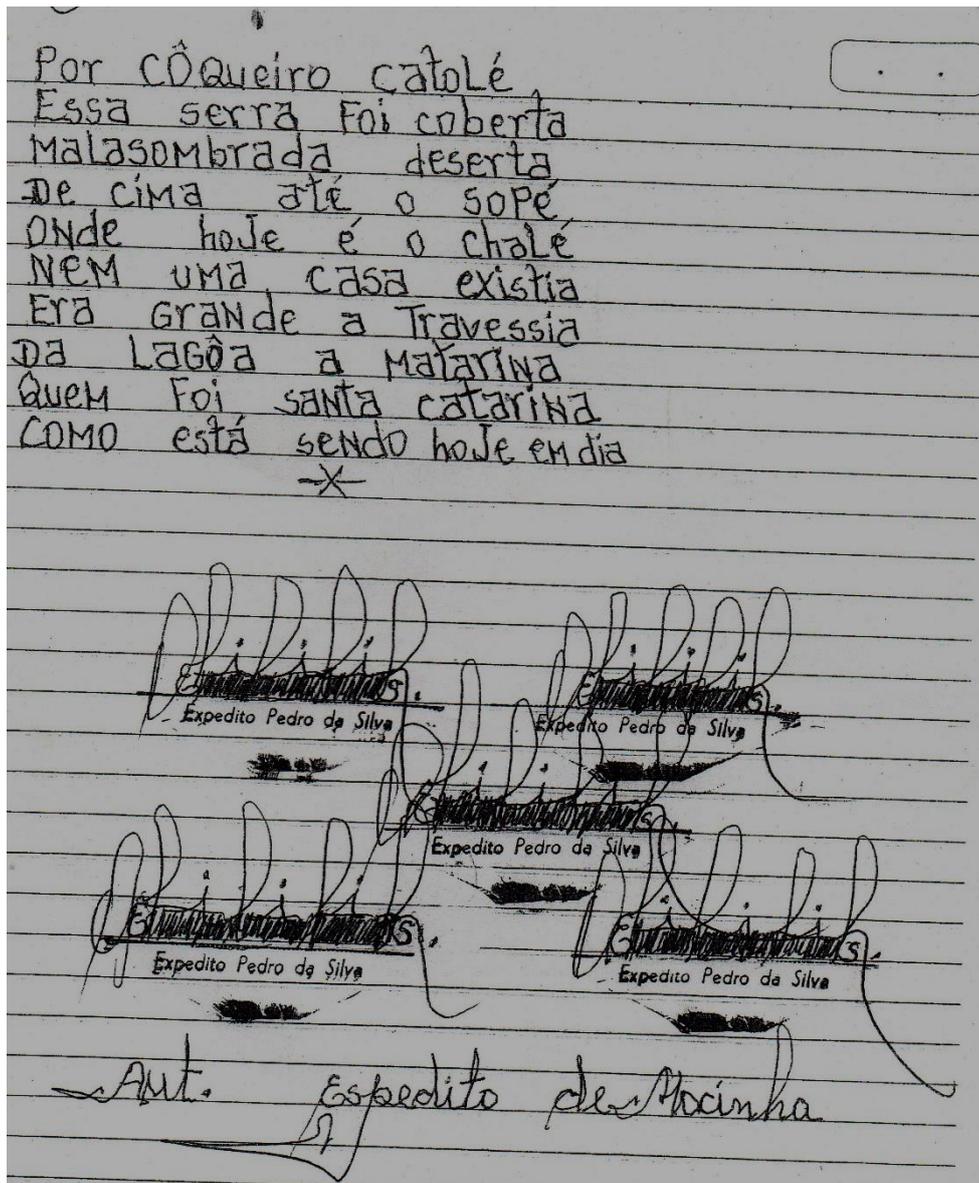
acostuma-te a Lama que te espera
 o homem, que nessa Terra miserável,
 mora entre Fera, e sente necessidade inevitável
 de também ser Fera

pegue o fósforo acende o teu cigarro
 o beijo, amigo, é a vespa do escarro
 a mão o afaga, é a mesma que apedreja

se ALGUÉM, causa ainda a tua chaga
 apedreja essa mão vil que te afaga
 e, escarra nessa boca que te beija

Escrito Pelo Poeta - Espedito Macintha

Observa-se que Seu Espedito novamente credita a autoria, mas sempre assina seu nome, marcando seu lugar de copista. Para os seus poemas, notar-se-á sua assinatura, que, posteriormente ganhou a ajuda de um carimbo:



No “Anexo” desta tese, é possível encontrar outros poemas que selecionei do poeta nos quais encontram-se variações de assinatura e de registros: ora Seu Espedito abrevia “Aut.”, como no poema acima, ora utiliza o termo “autoria”.

Sobre essa necessária relação dos poetas com a memória e o registro escrito e assinatura de suas criações, Chartier (2007) nos apresenta Baudri de Bourgueil, um poeta abade, que viveu entre 1078 e 1082. Em seu processo criativo, estavam as andanças entre a Normandia e a Inglaterra, e as tabuletas e o estilete. As tabuletas eram um grande presente para os amantes da escrita. Talhados à cera, posteriormente um escriba tinha a função de transcrever as inscrições dos poetas para pergaminhos. A doação, empréstimo ou presente dessas tabuletas eram desejadas

fortemente pelos autores. Para Baudri, o escriba deveria ser uma profissão muito bem remunerada:

Para que os poemas possam ser enviados a um amigo ou reunidos em livro (designado como *liber*, *libellus* ou *codex*), é preciso que sejam transcritos no pergaminho. Tal tarefa é vista por Baudri como uma arte – o que supõe uma habilidade específica - e como trabalho que merece remuneração (CHARTIER 2007, p. 30).

Uma releitura desse processo de escrita em pergaminhos é identificada em Seu Espedito, uma vez que, após a transcrição desses poemas para o papel, são realizadas cópias e distribuídas para seus amigos e admiradores que o visitam. O desejo de espalhar sua poesia e fazer com que as pessoas se lembrem dele como autor, são marcas constantes de sua trajetória. É nesse ponto da análise que percebemos um poeta com características de um escritor “não popular”. Pensamos nisso, ao observar o processo de construção de suas histórias e poemas e a necessidade que Seu Espedito tinha em ter um livro. Como mencionado em outros momentos desta tese, a maior realização de Seu Espedito era ter um livro de sua autoria. No capítulo seguinte, abordaremos os procedimentos de constituição de sua primeira obra publicada.

Capítulo IV



*A enchente dos anos foi chegando
Com uma violenta tempestade
O açude da minha mocidade
Com peso da água foi vazando*

*Vi a minha mocidade se afogando
No remanso do poço da idade
As pilastras da ponte da saudade
Se partiram no meio e me pegou
A enchente dos anos carregou
o açude da minha mocidade*

Espedito de Mocinha

4. CARIRI DE ARUIARA: POEMAS E HISTÓRIAS DE HUMOR DE ESPEDITO DE MOCINHA

Este capítulo objetiva categorizar, de forma temática, o livro *Cariri de Aruiara*, primeira obra reunida de Seu Espedito, publicada em 2017, com lançamento em 21 de abril de 2018, realizando uma análise do processo de construção dos poemas e histórias e, dentro da categorização criada pelo próprio autor, apresentar alguns textos que não foram selecionados para o livro, outros posteriores à publicação, além dos resultantes das pesquisas de campo e ligações telefônicas realizadas entre a pesquisadora e o poeta.

A motivação para a discussão deste capítulo reside no fato de que Seu Espedito sempre falou que seu maior sonho era transformar seus textos em livro. Após perceber-se poeta, a necessidade de escrever tudo aquilo que estava em sua memória tornou-se urgente. Ao passar para o papel aquilo que estava em sua memória, surge uma marca de autoria da escrita inscrita na história do poeta.

4.1 PROCESSO DE ELABORAÇÃO DO LIVRO

O livro *Cariri de Aruiara* foi gestado entre 2015 e 2016 tendo Val da Costa, jornalista responsável pelo projeto “Mestres do Cariri”, como idealizadora. Esse projeto era uma vertente de uma proposta maior chamada “Rota Cariri Cultural”, criada desde 2015, pelo Sebrae, que objetivava ampliar o turismo em cidades do cariri paraibano. “Mestres do Cariri” surgiu para reverenciar a produção artística e cultural de Zabé da Loca, João de Amélia e Espedito de Mocinha, dentre outros artistas monteirenses. Inicialmente uma biografia dos mestres foi criada e, em forma de folheto, distribuída para os turistas. Posteriormente, sabendo da vasta produção de Seu Espedito, Val conseguiu uma parte dos recursos do projeto, para, em parceria com a editora Latus, da Universidade Federal da Paraíba, fomentar o livro.

Durante o lançamento do livro, em 2017, conversei com Val e obtive algumas informações sobre o projeto. Foi ela quem fez a fala de abertura no dia do lançamento do livro.

Lançamento do livro Cariri de Aruiara



Segundo Val, o processo de construção do livro teve como base a produção escrita de Seu Espedito. Não houve transcrição de suas histórias e poemas durante as performances. Por dois anos, a jornalista fez visitas sazonais, nas quais conversava com o autor, estabelecendo uma relação de confiança de Seu Espedito com o projeto, além de buscar entender melhor sobre o processo de produção dos poemas.

Um dado importante que descobri na conversa com Val e durante a fala de Seu Espedito, no lançamento do livro, diz respeito às modificações autorais realizadas em toda a obra. A primeira delas é em relação ao título do livro, que foi sugerido por Val da Costa, após a seleção das histórias e poemas. A segunda intervenção diz respeito às alterações nos textos de Seu Espedito. Sem orientações do ponto de vista autoral, o profissional responsável pela digitação fez correções linguísticas sem a autorização do autor, promovendo uma espécie de “higienização” do texto e, fato que considerei mais grave, alterando inclusive os títulos dos poemas. Segue abaixo um exemplo dessas alterações:

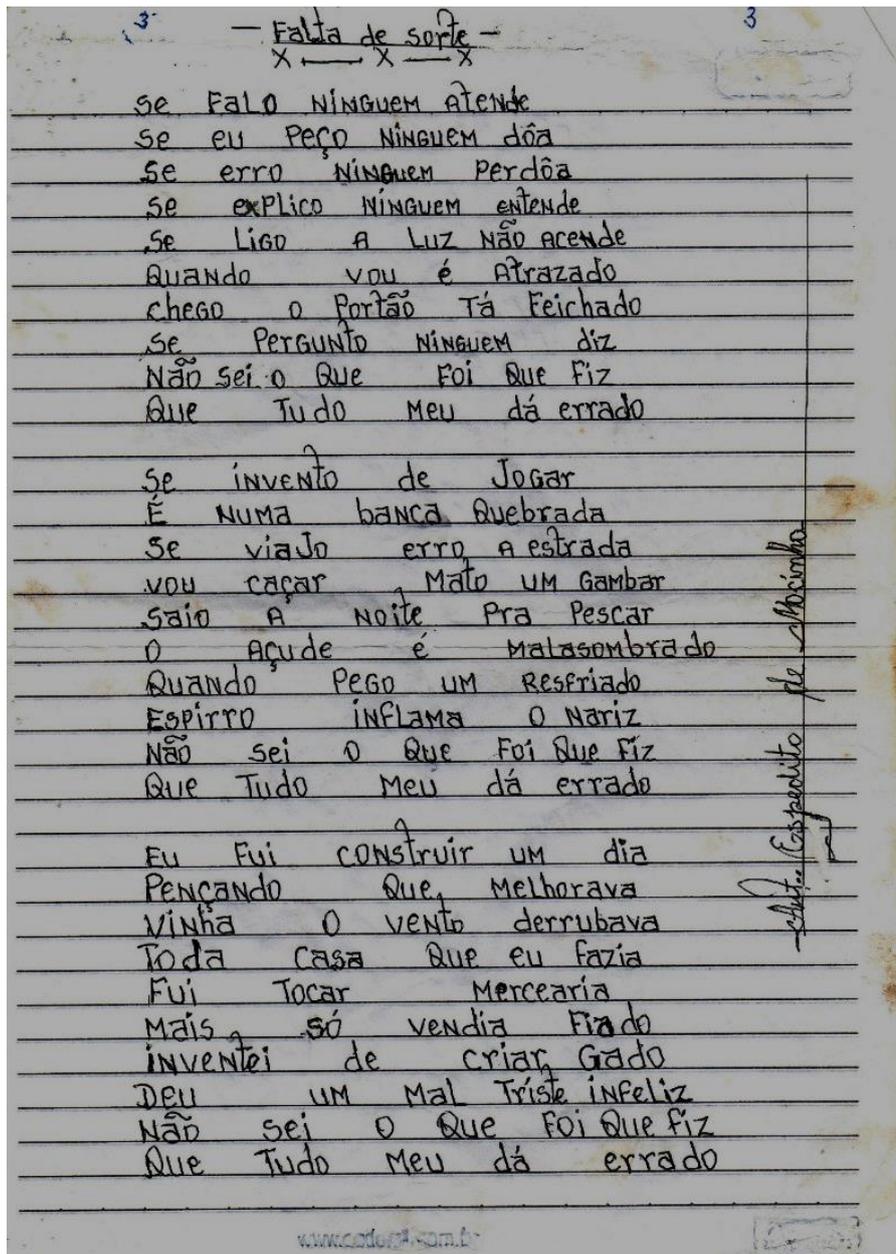
Tudo errado

Eu falo, ninguém atende
 Se eu peço, ninguém doa
 Se erro, ninguém perdoa
 Se explico, ninguém entende.
 Se ligo a luz, não acende
 Quando vou, chego atrasado
 Chego, o portão tá fechado
 Se pergunto, ninguém diz
 Não sei o que foi que eu fiz
 Que tudo meu dá errado.

Se invento de jogar
É numa banca quebrada
Se viajo, erro a estrada
Vou caçar mato, um gambá
Saio à noite pra pescar
O açude é mal assombrado
Se eu pego um resfriado
Espirro, inflama o nariz
Não sei o que foi que eu fiz
Que tudo meu dá errado.

Pensando que construía
Umás casas melhoravam
Vinha o vento e derrubava
Toda casa que eu fazia
Fui tocar mercearia
Mas só vendia fiado
Inventei de criar gado
Deu um mal triste infeliz
Não sei o que foi que eu fiz
Que tudo meu dá errado.

MOCINHA, Espedito da. **Cariri de Aruiara:** poesias, histórias e humor de Espedito de Mocinha. Campina Grande: LATUS, 2017. p.



(Anexo, texto 11 – material escrito de Seu Espedito)

Como observa-se, na análise dos textos, houve alterações formais e mudança no título do poema. O título original “Falta de sorte” é muito mais poético do que “Tudo errado”. Embora tenha mantido a rima e a métrica – poema de sete sílabas poéticas – os versos foram alterados, como se observa na última estrofe: “Pensando que construía / Umas casas melhoravam / Vinha o vento e derrubava / Toda casa que eu fazia” (versão do livro); “Eu fui construir um dia / pensando que melhorava / vinha o vento derrubava / toda casa que eu fazia” (versão escrita). Nota-se que a versão escrita, encontrada no acervo de Seu Espedito é mais marcante por colocar o sujeito “Eu” no início do verso. Destaque-se também a inversão do verso e a mudança

realizada: “pensando que construía” é bem diverso de “pensando que melhorava”. É provável que a mudança no título do poema tenha se dado por conta da última estrofe “Que tudo meu dá errado”.

Mesmo entendendo a intenção da edição, é evidente que há uma perda na originalidade dos escritos, o que não diminui a importância desta publicação para o autor e para esta tese.

Fernandes (2012) problematiza a questão das correções linguísticas em textos oriundos da oralidade ou escritos por pessoas menos escolarizadas, quando comparados a livros escritos por autores do mundo letrado. Afirma Fernandes que, para os autores escolarizados, há um processo natural de correção dos textos antes da edição, mesmo que seja em situações de transcrição e porque, para os poetas da oralidade, o mesmo tratamento não pode ser dado? Embora concorde com o autor, para esta tese alterei minimamente as transcrições e, para este capítulo, transcrevi os poemas do mesmo modo como o escrito por Seu Espedito, colocando, inclusive, a versão escrita à mão pelo próprio autor, procedimento necessário por conta da natureza investigativa e analítica da tese. Ainda assim, houve um excesso na forma como foi conduzida a edição do livro de *Cariri de Aruiara*, pois, mesmo entendendo as condições de produção que envolviam o projeto, entendo que o modo como o autor escreve deve ser respeitado, não devendo, portanto, ser adaptado para um padrão de escrita formal.

De modo organizacional, apresentarei por capítulos o livro, respeitando as categorias criadas por Seu Espedito e por Val e, em seguida, apresentarei alguns poemas que selecionei a partir dos escritos de Seu Espedito, que não compuseram o livro, seja pelo seu ineditismo, seja por exclusão, por questões outras. O livro é dividido de acordo com temas, a saber: Capítulo 1 “As biografias do autor”, Capítulo 2 “A verdadeira história do Santa Catarina”, Capítulo 3 “Glosas e poesias”, Capítulo 4 “Piadas e anedotas” e Capítulo 5 “Acontecimentos históricos”. Adiante, comentarei melhor sobre cada capítulo.

O capítulo 1, “A biografia do autor”, apresenta uma autobiografia, com o subtítulo de “O autor por ele mesmo”. Na leitura do texto, pude perceber marcas de oralidade, próprias das conversas que Seu Espedito tem com quem vai visitá-lo, além de trechos

de poemas que se entrecruzam nos parágrafos do texto em prosa. O texto todo é muito poético. Os versos seguintes aparecem logo após o primeiro parágrafo:

Nasci nesse pé de serra
 Tenho orgulho de dizer
 Criei-me aqui, vivo aqui
 Aqui eu quero morrer
 Muito bom findar a vida
 Onde se começa a viver”.

Após contar um pouco de sua história, ainda no capítulo 1, há o subtópico com o título de “Os Índios”. Nele, Seu Espedito conta um pouco sobre a história dos indígenas que povoaram a região do cariri e explica a origem do título do livro, mesmo dizendo no lançamento que não foi sugestão dele: “Como uma homenagem a esses primeiros habitantes desta terra que tanto amo, resolvi colocar o nome do livro “Cariri de Aruiara”. É uma menção à história da fazenda Santa Catarina misturada à minha poesia, que é feita e inspirada neste lugar” (SILVA, 2017, p. 20).

Os outros tópicos que seguem no capítulo 1 são: “música, religião, natureza, vida, aventuras da minha vida e o autor pela jornalista Val Costa – biografia de Seu Espedito escrita pela jornalista.”. Destes, quero destacar o tópico “natureza”, pela poeticidade apresentada pelo autor:

A matéria mais difícil é a natureza, que por mais que eu estude, não entendo porque ela se transforma. O homem faz um caroço de milho ou outra qualquer semente, mas não faz a vida dela. Para ela germinar, o homem come tecnologia. Pode até fazer, através da fumaça, a nuvem. Só não faz ela congelar. Chover faz uma flor idêntica ou mais bonita. Agora, o perfume da flor é que é difícil. Todas as flores têm perfumes diferentes uns dos outros.

A natureza ensina o homem do campo, quando ele é inteligente. Pelas árvores, ele sabe como vai ser o inverno do próximo ano. Certo de que a natureza muda, mas as árvores não negam, elas mostram, por exemplo, o que pode acontecer. Uma mangueira floresce e só frutifica mais do lado que vai chover. Se vingar mais frutas para o Norte, o inverno será abundante. Assim por diante, se ela frutificar para o Sul, o inverno será mais forte para lá. Se for geral a frutificação, o inverno será constante.

Outra experiência da natureza são os animais silvestres. Se algum tiver filhotes recém-nascidos por perto de um riacho então, vendo-os se deslocar para as partes altas, é sinal de que logo terá enchente. Também se existe rebanho de gado no cercado e está sem chover e eles começam a correr, escaramuçando, eles estão alegres porque irá chover logo. Não se vê rebanhos de dez ou mais do pássaro lavadeira. Na primeira ninhada, elas criam seus filhotes e trabalham

de dia à noite sem comer. Quando os filhos já comem por conta própria e voam, os pais morrem de tão fracos, às vezes, com tuberculose. Por isso não se vê rebanhos grandes de lavadeiras. Acontece a mesma coisa com os filhos e assim por diante. Portanto, a natureza ensina e os inteligentes moradores do campo fazem essas pesquisas sem ver nos livros. O certo é que: quem convive com a natureza, a entende mais do que quem a estuda (SILVA, 2017, p. 21-22).

Com a leitura, fica evidente a predileção de Seu Espedito por questões relacionadas à natureza/vida, temas sempre presentes em suas conversas e nos textos selecionados para o livro. Mesmo ao abordar outro tema, como amor ou memórias, por exemplo, referências a elementos da natureza estão presentes nas composições do poeta. No trecho acima, percebe-se como Seu Espedito encontra sabedoria na natureza, concluindo que, ao homem do campo, foi dada uma inteligência soberana: a de saber os mistérios que constituem o ser vivo porque com ela com(vive), coabita. As indagações iniciais do texto também são um convite à filosofia, Seu Espedito realiza provocações pertinentes sobre a relação homem *versus* natureza. No decorrer do livro, há cerca de sete poemas com o tema central “natureza”.

O capítulo 2, “A verdadeira história do Santa Catarina”, mescla histórias e poemas da região onde Seu Espedito nasceu. A partir do título, confirma-se a necessidade que Seu Espedito tinha em ser o narrador de sua gente, pois, como observa-se, não é mais uma história sobre o Santa Catarina, é a “verdadeira”. “Essa história é muito importante ser contada como ela é para que não seja esquecida pelo tempo” (SILVA, 2017, p. 30). Essa vontade de verdade, já discutida por filósofos como Foucault e Nietzsche, revela mais sobre o sujeito que a enuncia do que sobre seu significado em si. A verdade para Seu Espedito interdita e exclui as outras possibilidades e, como já mencionado, na metodologia desta tese, não há como objetivo refutar ou investigar a veracidade dos fatos narrados. A versão do nosso narrador é a matéria de nossa análise.

Ao contar a história adâmica do Santa Catarina, Seu Espedito apresenta os mesmos personagens sobre os quais nos contou durante as visitas e o enredo segue praticamente igual até chegar em Zabé da Loca, que já apresentamos em outro momento. No campo da poesia, identificamos sete poemas que têm como tema o assentamento, a cidade de Monteiro e Zabé da Loca.

A partir desse capítulo, já é possível observar uma recorrência poética em Seu Espedito. Embora tenha se autointitulado como “poeta de bancada”, de forma a diferenciar-se de autores de folheto e repentistas, seus poemas seguem o padrão da literatura de cordel brasileira, sextilhas rimadas no 2º, 4º e 6º versos e com sílabas em redondilha maior:

Pra eu ser feliz aqui
 Nem preciso de *dinheiro*
 Eu, em minhas orações
 Eu peço a Deus *verdadeiro*
 Quando quiser que eu morra
 Deixe eu morrer em *Monteiro*.
 (SILVA, 2017, 39, *grifos nossos*)

E décimas, versos comumente usados pelos repentistas, com rimas no primeiro verso rimando com o quarto e quinto (rima A), o segundo rimando com terceiro (rima B), o sexto rimando com o sétimo e décimo (rima C), e o oitavo rimando com o nono (rima D).

Ninguém sabia escrever (A)
 Uma carta ninguém lia.(B)
 O tempo é esse hoje em dia (B)
 Todo mundo sabe ler (A)
 E se um adoecer (A)
 Tem os médicos competente (C)
 Remédio suficiente (C)
 Além disso, é tudo dado (D)
 Vamos esquecer o passado (D)
 O tempo é esse, presente. (C)
 (SILVA, 2017, p. 36)

Outro procedimento de construção do texto literário foi percebido durante a análise desse capítulo, em confronto com as imagens em vídeo registradas no dia do lançamento do livro. Conforme mencionei nas transcrições, o registro desse dia ficou muito comprometido porque o espaço era aberto, logo susceptível a ruídos de diversas naturezas. De todo modo, consegui transcrever um poema que Seu Espedito declamou em homenagem à cidade de Monteiro, abaixo transcrito:

Poema sobre Monteiro lido no lançamento do livro *Cariri de Aruiara*

Monteiro, como tu és linda
 Ruas largas te atravessam
 Onde o cariri se finda

Onde meus sonhos começam
 Sua história é um romance
 Onde nasceu Bibi Jansen,
 Pinto, rei dos violeiros
 Novinho, Deijinha, Flávio José
 Dá uma impressão que até
 Jesus nasceu em Monteiro

Monteiro também nasceu
 dois ministros da nação
 doutor Luisinho Rafael Mayer
 Doutor Djacir Falcão
 Em Monteiro tem história
 que faz chamar atenção

Rainha do Cariri
 Minha terra predileta
 Além de ela ser rainha
 Uma cultura completa
 Onde vê um monteirense
 Se não for músico, é poeta

Eu sou de Santa Catarina
 A terra que amo tanta
 Santa Catarina tem coisa
 Que a natureza encanta
 Eu posso ser pecador
 Mas venho de descendência santa.

O poema acima não está no livro, mas partes dele sim, em momentos diferentes, o que me leva a concluir que sua finalização foi feita posteriormente. No poema “Poesia para Santa Catarina”, página 31 do livro, identifiquei os versos: “Nela eu até me sinto santo / Não há santa tão santa do seu tanto / Ela é a santa que mais eu quero bem”. A mesma ideia foi encontrada na última estrofe do poema sobre Monteiro: “Eu posso ser pecador / Mas venho de descendência santa.”.

Em outro momento do livro, página 69, encontrei um poema de nome “Quadra”, que é exatamente o início do poema lido por ocasião do lançamento do livro: “Monteiro, como tu és linda / Ruas largas te atravessam / Onde o cariri se finda / Onde meus sonhos começam”. Por fim, na página 94, “Me orgulho de ser de Monteiro / Minha terra predileta / Referente à cultura / Monteiro está completa / Onde ver um monteirense / Se não for músico é poeta.”. O verso transcrito foi inspiração para a

terceira estrofe do poema. Como percebe-se, além de inspiração, há transpiração e trabalho do poeta com as palavras.

O capítulo 3, *Glosas e poesias de Espedito*, é, como o próprio título revela, o que apresenta um maior número de poemas, do ponto de vista da estrutura: textos escritos em versos e estrofes. Há 30 poemas de diversas temáticas, sendo 4 escritos por outros poetas. O termo “glosa” é, segundo o Dicionário de termos literários, um poema composto por um mote. O mote, por sua vez, é uma estrofe que funciona como a matriz do poema, a “cabeça” e os demais versos são as glosas, que precisam desenvolver a ideia do mote. (MOISES, 2013). Os dois termos são de origem europeia, mas se popularizaram no Brasil principalmente na literatura de folhetos e poesia de improviso.

Os temas que permeiam esse capítulo são: metalinguagem, memória, natureza, cura/saberes naturais, humor, política, amor e história. Por amostragem, irei apresentar alguns deles, dando destaque para os que encontrei referências com os temas que aparecem também nas transcrições e os que não foram abordados em outros momentos da tese. O humor, a política e a história, como aparecem nos capítulos seguintes, serão tratados posteriormente.

A *metalinguagem* é um procedimento que reflete sobre o próprio fazer da linguagem, em um movimento de olhar e de reflexão sobre a ação. Jakobson (1970) foi quem primeiro categorizou esses termos como função (poética e metalingüística). A partir de então, diversos críticos e autores ampliaram esse conceito e o aplicaram nas mais diversas áreas do conhecimento. Na literatura, especificamente na poesia, os poetas que começaram o processo de reflexão sobre o fazer poético foram Poe, Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé e Paul Valéry. No Brasil, foram os modernistas que tornaram esse fazer poético um procedimento recorrente até os dias atuais. O termo *metapoema* definido por Telles (1989) é interessante porque nele são definidos dois momentos de reflexão em relação à concepção literária, o primeiro, exterior, pensando em outros textos, de variados gêneros, que analisam o texto literário, e o interior, que é:

quando a ação criadora se resolve em si mesma e o fazer poético se entremostra duplo, como tema e exemplo, como poema do poema – ou metapoema. Observe-se que no passado a atitude metalingüística é percebida na referência lexical a termos que dizem respeito à literatura, às artes (música, pintura, canto, dança), à linguagem

(palavras, verbo sintaxe etc.) e às técnicas poéticas ou retóricas que o poeta diz estar usando. É esse, aliás, um dos aspectos mais característicos da moderna poesia brasileira, quando o poeta continuamente se debruça sobre os problemas da criação poética, como é o caso de Drummond e, mais recentemente, de João Cabral de Melo Neto (TELES, 1989, p. 124-125).

Seu Espedito, por diversas vezes, alega que seu fazer é divino, que a poesia é um dom. Abaixo, segue um poema que apresenta o tema da metapoesia, vejamos:

O poeta

Com dom e vocação
 O poeta nasce feito.
 Com o sentimento perfeito
 Rima métrica e oração.
 Um gênio com invenção,
 Tudo inventa e tudo entende.
 Quanto mais tira, mais rende,
 Quanto mais bota, mais cabe,
 Ninguém lhe ensina, ele sabe.
 Não sabe como é que aprende.

Quando ele nasce já traz
 Um gênio, pronto e feliz.
 Sabendo tudo o que diz.
 O que ele pensa, faz,
 Do menos, ele faz mais
 Faz o mais amenizar
 Por Jesus lhe ofertar
 Esse grande privilégio
 No mundo não há colégio
 Que possa lhe ensinar.

Todos os dons celestiais
 Os poetas têm ensino
 Vindo pelo dom divino
 As expressões divinas
 São doutores naturais
 Os dotados sonhadores
 Todos os dons superiores
 Deus lhe ensina, com certeza.
 Formado pela natureza
 Sem precisar professores.
 (SILVA, 2017, p.
 61)

O poema, escrito em décima, apresenta um trabalho com a linguagem, com escolhas lexicais para caberem nas rimas, permeado de figuras de linguagem. A

primeira estrofe demarca o conhecimento de Seu Espedito em termos técnicos utilizados na escrita de um poema: “rima, métrica e oração”. No entanto, em sua temática, há uma insistência do eu-lírico em afirmar que os poetas têm um “dom celestial”. Essa máxima é recorrente, sobretudo na poesia popular, na qual os poetas, sempre com pouca ou nenhuma formação escolar, conseguem produzir grandes textos e não se consideram capazes, sozinhos, de tamanho feito.

Há também, no capítulo, dois textos pequenos, em prosa, sobre metapoesia, escritos em terceira pessoa, em um exercício crítico de Seu Espedito, uma reflexão exterior ao texto literário, para citar Telles (1989). Destaco o tópico “O espírito poético”:

O poeta é uma pessoa escolhida por Deus, que recebe o dote e o dom, que são dados pela natureza, como músico também. A própria natureza traz para a sua mente. Ele se inspira, coloca a métrica e a rima, precisa saber que a rima não é poesia.

A poesia está na origem e na oração da História, como sonhou a expressão. Portanto, o mundo do poeta não é igual a outro qualquer. É verdade que ele vê os outros, também vê só o que o poeta faz daquilo que viu, o que o outro também viu, e não faz. Repito, é como disse Olavo Bilac, quando lhe perguntaram o que ele achava do poeta, ele respondeu: “é um doido, mas é um doido divino, porque, às vezes, vê as coisas abstratas”. E é mesmo. Quase todos os poetas falam só, interpretam que estão falando com outra pessoa.

O poeta é também da seguinte forma: várias vezes conversa com ele, mas ele está ouvindo quando, às vezes, está concentrado em outra coisa. Quando sai dali não sabe o que ouviu da palestra que estava ouvindo. Ele estava sonhando. É onde os estudiosos do racionalismo cristão dizem que há vida, fora da matéria e sendo poeta. Principalmente, os escritores dizem o que a imaginação traz para a sua mente. Portanto, Olavo Bilac disse certo, que o poeta é um doido. Mas com juízo (SILVA, 2017, p. 70).

Um trecho importante nessa descrição de Seu Espedito, dentre outras, diz respeito ao modo de nascimento de um poema. Tudo é matéria para sua poesia. As conversas às vezes são suspensas no pensamento do autor, que cria enquanto ouve. Outra discussão apresentada refere-se à concepção de poeta como diferente das outras pessoas, seu mundo não é igual a outro qualquer. Esse diferencial do “ser poeta” dialoga, a meu ver, tanto com a noção de dom⁹ quanto com a noção de um detentor de um saber especial, principalmente se ele for do universo da escrita.

⁹ Entende-se aqui a noção de dom como um presente divino que precisa ser socializado entre as pessoas sem a intenção de lucro. Maria e Marinho (2021) realizam uma importante discussão teórico-metodológica no artigo “Eu te benzo, Deus cura: interseccionalidade e memória na reza de Glória do Curral. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4611>. Acesso em: 23 jan 2022

Sobre os poemas glosas, identifiquei sete, no capítulo 3, dos quais quero destacar o de título “Meu professor é o mundo”, por dois motivos: o primeiro é que Seu Espedito o menciona durante nossos encontros, mas não o recita, talvez pela sua extensão; e segundo porque, quando o li pela primeira vez, nos manuscritos do poeta, fiquei emocionada com o modo como, em um único poema, ele aborda sua história de vida:

Meu professor é o mundo

Não tive condição de estudar
 Nem minha inteligência foi perdida
 O que mais desejava em minha [vida
 Era ter estudado e me formar.
 O jeito foi eu me conformar
 Deus não quis que eu fosse [doutor.
 Me deu o dom de poeta sonhador
 Pra mim foi uma felicidade
 Da minha vida fiz uma faculdade
 E o mundo é meu grande [professor.

O passatempo melhor pra mim é [lendo,
 Mas não tenho diploma de estudo,
 Leio tudo e não sei tudo de tudo,
 Mas lendo tudo, de tudo um pouco [entendo,
 Lendo, fico mais compreendendo.
 Muitas coisas que escreve o [escritor,
 Até mesmo as palavras do Senhor
 Por não ter ido à universidade
 Da minha vida fiz uma faculdade
 E o mundo é meu grande [professor.

A vida tem muito o que aprender
 O mundo tem muito o que ensinar
 Não precisa nem se matricular
 Para as coisas do mundo se saber.
 O mundo ensina a gente a [compreender.
 Coisa ruim, também coisa de valor
 Ensina a corrigir-se quando errou
 Só depende da gente ter vontade
 Da minha vida fiz uma faculdade
 E o mundo é meu grande [professor.

Não é justo ninguém julgar [ninguém
 Que quem julga também será [julgado.
 Não julgue quem hoje está errado,
 Que amanhã você pode errar [também
 Porque cada um dá o que tem
 Não se julgue que é superior
 Nunca julgue ninguém porque [errou

Só Deus sabe onde é que está a [verdade.
Da minha vida fiz uma faculdade
E o mundo é meu grande [professor.

Tinha vontade e ninguém me [ensinava
Porque chamam Serra de Jabitacá.
Sei que o Rio Paraíba nasce lá
E quantas cidades ele lava.
Sei quando os holandeses [conquistava
A Paraíba com plano de invasor.
Sei quem foi do seu forte o [construtor,
Cristovão Lintz teve a capacidade
Da minha vida fiz uma faculdade
E o mundo é meu grande [professor.

Sei da história do grande [Tiradentes,
Da cidade onde ele nasceu
Seu massacre e o dia que morreu,
Como foi que tornou-se [inconfidente,
Patriota honrado e competente
Pela pátria tornou-se um sofredor
O Brasil reconhece seu valor
Tem seu nome quase em toda [cidade
Da minha vida fiz uma faculdade
E o mundo é meu grande [professor.

Sei quem foi o primeiro presidente
A cidade onde ele nasceu
Também sei a profissão que [exerceu
De qual Estado ele era [descendente.
E o dia que morreu, infelizmente
Porque foi que aumentou o seu [valor
Eu sei disso e não tive educador
Nunca fui em universidade
Da minha vida fiz uma faculdade
E o mundo é meu grande [professor.

Eu sei a cidade que viveu
A mulher brasileira mais bonita
Foi Bárbara Heliodora teve a dita
De ter tanta beleza que Deus deu
Ela nasceu onde Tiradentes [nasceu
Tão bonita e morreu sem ter amor
A sua beleza superou
São João Del Rei era sua cidade
Da minha vida fiz uma faculdade
E o mundo é meu grande [professor.

De Zumbi dos Palmares e seu [passado
Que lutou contra a escravidão
Com humanidade, caráter e [gratidão
Sei o porquê e por quem [assassinado
Por Domingo Jorge Velho [comandado
Soares tornou-se o traidor
Zumbi, moço cheio de vigor

Aos trinta e nove anos de idade
 Da minha vida fiz uma faculdade
 E o mundo é meu grande [professor.

De quem foi a ideia do avião
 Que Santos Dumont construiu
 Sei que o primeiro sonho surgiu
 Do ilustre Bartolomeu de Gusmão
 Bartolomeu, inspirado em um [balão,
 Santos Dumont tornou-se o [inventor
 Ele mesmo foi o aviador
 Que até hoje admira a humanidade
 Da minha vida fiz uma faculdade
 E o mundo é meu grande [professor.

Sei onde Getúlio Vargas nasceu,
 o mês, a data, o ano e seu Estado.
 Sei também em que ele era [formado
 Quantos cargos públicos ele [exerceu
 Quantas campanhas políticas [concorreu
 Por qual Estado ele foi governador
 Foi presidente do Brasil, foi [senador
 Como homem público foi uma [sumidade
 Da minha vida fiz uma faculdade
 E o mundo é meu grande [professor.

Através de 11 estrofes de 10 versos, o poeta consegue resumir a matéria de sua poesia, passeia sobre sua biografia, sobre sua falta de estudo, cria o mote “Da minha vida fiz uma faculdade / E o mundo é meu grande professor”, além de contar-nos de sua preferência pela leitura e apresentando o motivo pelo qual começou a ler mais e mais: a curiosidade. Há uma predileção de Seu Espedito por questões históricas, mas o poema também apresenta uma reflexão filosófica/espiritual, admoestando-nos em relação ao julgamento que fazemos de outras pessoas. Esse poema encaixa-se em uma categoria metapoética e autobiográfica.

Ao mesmo tempo em que escreve poemas autobiográficos ou homenageia amigos e sua terra natal, Seu Espedito escreve poemas “neutros”, que aparentam ser para alguém de sua estima, mãe, mulher amada, mas que simplesmente são processos criativos com *personas* fictícias. Um momento que comprova essa observação encontra-se no poema “Lamentos do órfão”:

Lamentos do órfão

É muito justo se homenagear
 O Dia de quem nos trouxe ao mundo.
 O amor de mãe é tão profundo

Que não tem com o que se igualar.
 Não há jóia para com ela comparar
 Igual amor de mãe eu não conheço
 De mamãe eu nunca me esqueço
 Nem dos conselhos que ela dava a eu
 Desde o dia que a minha mãe morreu
 Todos os Dias das Mães eu entristeço.

Eu criança, com mamãe na companhia
 Para mim ela era uma jóia de ouro
 Quando eu chorava, ela corria
 Para saber o motivo do meu choro.
 Numa tarde invernososa de janeiro
 Se eu tivesse brincando no terreiro
 Ela corria com um plástico na mão
 Me botava nos braços, me acodia,
 Com o plástico, ligeiro, me cobria
 Se molhava todinha, mas eu não.

No seu colo macio eu me deitava
 No batente da porta, eu lembro até
 Com o seu carinho eu cochilava
 Nem sentia ela dando cafuné.
 Com poucos minutos adormecia
 Seu carinho era tanto que eu nem via
 Quando ia pro quarto nos seus braços
 Eu nunca vou esquecer aquela cena.
 A redinha era tão pequena
 Que só ela, com seu jeito, achava espaço.
 (SILVA, 2017, p. 68)

Esse poema foi declamado para mim no primeiro encontro que tive com Seu Espedito. Como percebi um eu-lírico em primeira pessoa, descrevendo lindas imagens com sua mãe, perguntei se era uma homenagem à mãe dele, sua resposta foi surpreendente:

Ai que lindo, muito bonito. O senhor fez pensando na sua mãe? O senhor fez em homenagem a sua mãe?

Não, eu fiz, desceu isso eu vou lá e escrevo pra quando for dia das mães eu mandar pras escolas pros meus netos recitar isso. (AGOSTO, 2016)

Após essa resposta, digna de um poeta consciente de seu ofício, fiquei mais atenta às imagens apresentadas nos poemas de Seu Espedito. No livro, os poemas feitos em homenagem a amigos são descritos antes do título do poema, como foi o caso do poema póstumo: Sentimento no cemitério:

Eu morava em Monteiro. Quando fazia pouco tempo da morte de Manoel Titi, morreu Zé da Bruxa. No sepultamento dele, no cemitério de Monteiro, estava a filha de Manoel Titi na cova do seu pai. Dela, eu senti e me inspirei, escrevendo este verso:

Sentimento no cemitério

Um dia pela tardinha
 Fui sepultar um amigo
 Olhei para outro jazigo
 Estava uma criancinha
 Se pondo quase mocinha
 Olhando pra uma capela
 Eu me aproximei dela
 Pensei que estava rezando
 Mas ela estava chorando
 No pé da cruz do pai dela.
 (SILVA, 2017, p. 48)

Percebe-se que, mesmo descrevendo antes que é um poema inspirado em uma situação real, na qual Seu Espedito perde um amigo, há lirismo no modo como ele escreve. A indeterminação do amigo pelo artigo indefinido “um amigo”, no segundo verso, referindo-se ao primeiro amigo falecido, Manoel Titi; bem como a indeterminação dada à filha desse “uma criancinha”, sem apresentá-la imediatamente como tal, universaliza o poema, característica de poetas experientes que têm consciência do processo de elaboração de um texto literário.

No capítulo 4, Piadas e Anedotas, encontramos uma quantidade expressiva de piadas e histórias de humor recolhidas do saber popular, sem uma autoria específica de Seu Espedito, e momentos dedicados a poetas e poetisas que ele conheceu pessoalmente ou sabe dos seus poemas e histórias. Há dois poemas criados pelo autor com a temática “mulher” e algumas histórias engraçadas vividas por Seu Espedito e seus amigos e sobre personagens da cidade de Monteiro.

Durante os encontros presenciais, Seu Espedito sempre demonstrou ter bom humor e, em todas as histórias que contava, sorria, mesmo as que pareciam mais tristes. Nas performances, ele se enchia de sentimentos, mas, nas conversas, que chegavam até a declamação, o bom humor estava presente. Em relação às piadas, notava-se sempre que os temas abordados giravam em torno da mulher, o que causava certo desconforto em Seu Espedito ao me contar, fato já mencionado em outros momentos. Esse desconforto também foi para escrita, como consta em seu livro:

Mulheres

Estou brincando, com todo o respeito. Desculpe-me e perdoe-me as mulheres que o poeta é assim mesmo. O que vem no pensamento e na imaginação ele diz ou escreve “ele não diz tudo o que sente e nem sente tudo que diz”. Fiz estes versos sobre a temática da virgindade, algo que tinha seu valor social onde nasci e cresci, mas que se modificou com o passar dos tempos.

Falar em honestidade
 Isso é coisa que se passou
 Outra coisa que se acabou
 Foi valor de virgindade
 Hoje na sociedade
 A virgindade se some
 A gente só vê o nome
 Na real é ilusão
 Se fosse alimentação
 Morreria o povo de fome.

(...)

Certa vez, fiz uns versos referentes à mulher, com todo o respeito que tenho pelas mulheres, mas o poeta cria sempre essas coisas. Espero que elas me perdoem. O verso é o seguinte:

Mulher faz muita zuada
 Aonde ela tiver
 Mas o homem sem a mulher
 Sente uma falta danada.
 Teve mulher consagrada
 Foi Madalena uma delas
 Eu peço perdão a elas
 Principalmente a Nossa Senhora
 Mas essas que tem agora
 São diferentes daquelas.

Mulher é uma novela
 Já nasceu com esse dom
 Se o home faz não é bom
 Só quem faz direito é ela
 A importunância dela
 É tanta que ninguém mede
 Tudo no mundo ela impede
 Tem que ser como ela quer
 Na cabeça da mulher
 Se tiver juízo, fede.
 (SILVA, 2017, p. 85-86)

Os dois poemas produzidos por Seu Espedito, acima transcritos, aparecem com um pedido de desculpas pelo modo jocoso com que trata “as mulheres”. No entanto, se observarmos, no primeiro poema, o poeta não apresenta a virgindade

associada às mulheres, ela é tratada de forma geral. Evidentemente que sabemos, pelo contexto discursivo apresentado pelo poeta, que ele fala sobre a virgindade das pessoas do gênero feminino, uma vez que havia um senso comum, estabelecido pelo patriarcado, de que as mulheres precisavam se preservar sem relações sexuais até o casamento e, para os homens, a virgindade era sinônimo de imaturidade, e, como forma de ritual para a fase adulta e viril, eles necessitavam relacionar-se sexualmente com mulheres, mas estas não “serviam” para o casamento. Aqui entra outro termo, mencionado nas histórias de Seu Espedito como “putas” e “mulheres da zona”. Neste capítulo aparece a história de Severina Branca, já apresentada no capítulo 2, que morou na rua e precisou se prostituir.

Para finalizar esse passeio analítico do livro de Seu Espedito, trago um tema bem presente em seus textos e na sua vida: a política. O capítulo 5 tem como título “Acontecimentos históricos” e versa sobre a história da República, a construção de Brasília, a consciência negra e sobre questões de corrupção. O senso de democracia em Seu Espedito é marcante. Sua história de vida, que passa pela construção de Brasília e pelas lutas no Assentamento são, certamente, bases formadoras de seus textos que possuem uma consciência política e noção de direito aguçadas. O fato de apreciar a leitura de documentos históricos contribuiu para essa formação cultural em Seu Espedito. Há uma passagem em um de nossos encontros, que me fez despertar para a leitura de Antonio Candido (2011), O direito à literatura. Abaixo, segue a transcrição do momento em que Seu Espedito vai à Biblioteca Municipal da cidade de Monteiro:

eu não tinha a constituição, eu disse eu vou na biblioteca de Monteiro pra ler um artigo, que eu tava precisando de um artigo da Constituição. Quando cheguei lá, tinham três moças, aí uma foi buscar, ela me conhece demais, eu disse, eu vou ler aqui mesmo. Ela olhou assim pras outras, com um arzinho de riso, como quem diz: o que danado que esse matuto tá atrás de Constituição aqui. Aí eu peguei, li e agradei. E disse, de agora em diante eu vou adquirir uma pra mim, e adquiri mesmo. Eu tenho pra uns 70 livros aí, agora é dentro de umas caixas velhas ali, aí eu fico pensando, se aquelas moças vissem a minha biblioteca é que elas iam rir mesmo. (AGOSTO, 2018)

O texto clássico de Antonio Candido é um convite à reflexão da literatura e do saber como um direito de todos e de todas. O “arzinho de riso” descrito por Seu Espedito das moças que trabalhavam na biblioteca municipal de Monteiro certamente é uma prova de que, para elas, a Constituição Brasileira era um bem compreensível,

na categoria de Candido, que era “supérfluo” ou inalcançável para um homem do campo, como Seu Espedito. Mas, para ele, desde sempre, o conhecimento foi um bem incompressível¹⁰, ou seja, indispensável para sua formação enquanto cidadão.

Ao mesmo tempo em que apresenta uma face preconceituosa da sociedade, a passagem de Seu Espedito pela biblioteca municipal apresenta uma situação de empoderamento de um homem que mora em um Assentamento, com pouco estudo, mas sabe que pode ter acesso a um bem de consumo intelectual em um órgão público. O episódio foi um agenciamento de saberes, a partir do que Candido apresenta como bem inalienável e ilustrou que aquilo que imaginamos ser para nós um direito, também precisa ser para todos. Nas palavras de Candido (2011):

Nesse ponto as pessoas são frequentemente vítimas de uma curiosa obnubilação. Elas afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégios de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoiévsky ou ouvir os quartetos de Beethoven? Apesar das boas intenções no outro setor, talvez isto não lhes passe pela cabeça. E não por mal, mas somente porque quando arrolam os seus direitos, não estendem todos eles ao semelhante. Ora, o esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre os direitos humanos (CANDIDO, 2011, p. 174-175).

O universo da leitura e o interesse pelas notícias, sejam elas escritas ou orais, possibilitaram a Seu Espedito o conhecimento de personalidades e fatos históricos do nosso país. O primeiro texto do capítulo 5, o último que compõe o livro *Cariri de Aruiara*, foi escrito em prosa e intitulado de “A história da República”. É importante destacar que, logo abaixo do título do capítulo, lê-se a informação: “Anotações baseadas em leituras de livros de História do Brasil”. Esse texto apresenta um resumo de cada presidente que o Brasil República teve, até o golpe de 2016, que, através de um *impeachment*, retirou a presidenta Dilma Rousseff do cargo de chefe de Estado.

¹⁰ Certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis, como os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas. Mas a fronteira entre ambos é muitas vezes difícil de explicar, mesmo quando pensamos nos que são considerados indispensáveis. (CANDIDO, A., 2011, p. 175)

Em seguida, há um parágrafo justificando a escrita do resumo e, logo após, um poema importante para a história de vida de Seu Espedito:

Fiz este imenso retrospectivo para reavivar a memória dos mais maduros e ativar a dos mais jovens e para entrar em poesias que gosto muito, que escrevi inspirado por este universo político, que a gente só assiste pela TV, na Fazenda Santa Catarina. Um desses presidentes me inspirou e escrevi:

Brasília

Juscelino Kubitschek de Oliveira
 Chegou no Planalto de Goiás
 Ele, Lúcio Costa e outros mais
 Fez Brasília bonita e hospitaleira
 A Capital caçula brasileira
 Gerou serviços para o povo nordestino
 JK mineiro tão granfino
 Presidente de alta qualidade
 Quem vai à Brasília tem saudade
 Do saudoso presidente Juscelino.

Uma catedral com bonita engenharia
 Com um desenho pioneiro no País
 Quem vai à Brasília vê-la diz
 “presidente como aquele não se cria”
 Aeroporto e bonita rodovia
 Rede bancária, ginásio e hospital
 Fez também o hotel nacional
 Para turistas que vão lhe visitar
 Fez o Lago Paranoá
 Sua beleza embeleza a Capital.
 O Palácio do Planalto e a Alvorada
 O Senado e Congresso Federal
 Fez também um museu especial
 Botou mais de uma coisa antepassada
 Inspirou-se e sonhou com uma estrada
 A Bernardo Saion ele ordenou
 O engenheiro por lá se acabou
 Mas a estrada ainda hoje representa
 Em mil novecentos e sessenta
 A vinte e um de inaugurou.
 (SILVA, 2017, p. 114-115)

O parágrafo tem a função de justificar o motivo da presença daquele tipo de texto em seu livro, pensando que o possível leitor estranharia ler um texto mais informativo e didático. No entanto, meu olhar se ateu também ao modo como Seu Espedito descreve a inspiração para a escrita do poema “Brasília”. A meu ver, muito incipiente se pensarmos no contexto de sua história de vida e de sua participação na construção da cidade que se tornaria a capital política e geográfica do Brasil. O texto

parece não dar conta da riqueza que foi esse momento, talvez porque eu, enquanto pesquisadora, conhecia o percurso que o autor fez até produzi-lo.

Durante o nosso primeiro encontro, Seu Espedito diz, após declamar esse poema: “É Juscelino. Esse verso tá com a idade de Brasília porque eu escrevi isso no dia da inauguração. 56 anos” (AGOSTO/2016). É possível observar os detalhes e as adjetivações dadas aos lugares que foram construídos em Brasília, muitos dos quais Seu Espedito participou ativamente como pedreiro. No encontro de 2018, ele acrescentou:

Seu Espedito: Ia de Pau-de-Arara. A primeira vez que eu fui para Brasília foi em 58. De Pau-de-Arara caiu o couro da bunda de tanto que ficava sentado naquele pau. Banco duro danado. Onze dias de viagem, não tinha estrada asfaltada, passei onze dias, cheguei em Brasília. Trabalhei onde hoje construíram a Assembleia, aquela mais alta de Brasília, o 28, já chamava de 28 porque tinha vinte e oito andares. No dia da inauguração eu estava lá. (AGOSTO/2018)

Como pode-se perceber, Brasília é um pedaço da vida de Seu Espedito, as histórias sobre sua construção permearam todas as visitas durante o período de pesquisa de campo, sendo assim, é notório que a inspiração para a escrita do poema vai além das informações obtidas em livros de história. É no livro da vida que ela se inscreve.

No capítulo 5, mais curto em relação aos demais, há sete poemas, além da história da República e outra sobre a história do dia da consciência negra. Todos os poemas têm cunho político, um deles em homenagem ao presidente Lula. Ele ganhou a seguinte sextilha

Lula ajudou os pobres
Um exame de consciência
Ele é um homem dotado
Da divina providência
Vai ser difícil ver outro
Como ele na presidência.
(SILVA, 2017, p. 116)

Os demais poemas abordam a temática da corrupção: “Cadê a democracia?”, “Democracia fantasma”, “Constituinte fantasma” e “Carregaram até a trave” são os

últimos poemas do livro de Seu Espedito que se encerra com a história sobre a consciência negra, com a estrutura semelhante à história da República. O poema “Democracia fantasma” apresenta características e temas presentes nos outros de mesma temática:

Democracia Fantasma

Se existir democracia
A gente só vê o nome
Passa na televisão
Fraudes, não há quem some
Chega de hipocrisia
Falar em democracia
E o povo passando fome.

Todo dia a gente vê
Passa na televisão
Uma tal de CPI
Eles em reunião
A maior demagogia
Falando em democracia
Só enganando a Nação.

Democracia seria
Se não fosse como diz
Uns demagogos que vivem
Explorando nós civis
Faltando com nosso respeito
Assassinando o direito
Das leis de nosso País.

Cadê o ouro tirado
Da Serra dos Carajás?
O dinheiro da Rio Doce
Não apareceu jamais!
Onde que está escondido
Isso tudo foi vendido
Às multinacionais.

Será que democracia
É passear de avião
Lá pelo Exterior
Itália, França, Japão
Eu vejo e fico notando
Que aquilo tudo é gastando
O dinheiro da Nação.

Por que não vai passear
Nas regiões mais carentes?
Para ver pai de família
Com dois, três filhos inocentes
Sem ter o que eles comerem
Vão olhar para vocês verem

Quanto um pobre desse sente.
 Eu não sei pra que fizeram
 Essa Constituição
 Por que não cumprem a Lei dela?
 Só se vê corrupção!
 Traficante de maconha
 Isso é uma vergonha
 Para os políticos da Nação!

Honre a democracia
 Quem estiver no poder
 Dê trabalho e um salário
 Que dê para sobreviver
 Não acho que seja exato
 Uns jogam comer no mato
 Outros dormem sem comer.

Faça como Juscelino
 Como ele foi gentil
 Indústria de automóvel
 Trouxe aqui para o Brasil
 Fez Brasília, deu serviço
 A democracia é isso!
 Sendo assim, é nota mil!

Getúlio Vargas também
 Desempenhou o seu valor
 Lutou pelos direitos
 Do home trabalhador
 Deu a aposentadoria
 Honrou a democracia
 E governou com amor.

Hoje o Brasil tá moderno
 Com roubo, chamam desvio
 Tem dossiê, mensalão
 Vivendo tranquilo e frio
 Se gritar “pega ladrão”
 Só fica São Sebastião
 O padroeiro do Rio.

Depois desse modernismo
 Estou com muito cuidado
 De não criarem uma Lei
 E aprovar no Senado
 Quando nascer um cristão
 Se o pai não for ladrão
 Não pode ser registrado.

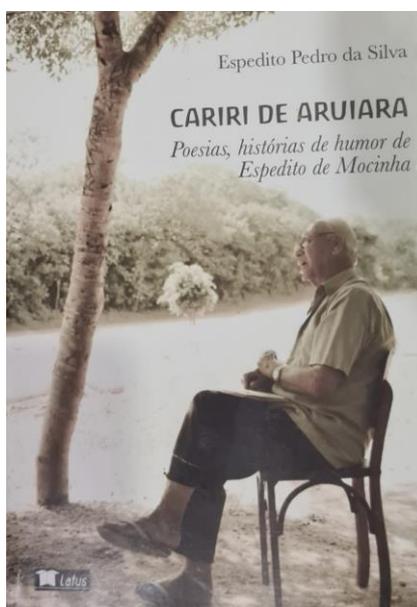
“Democracia fantasma” é composto por 12 estrofes de sete versos em redondilha maior, com rimas fixas no segundo, quarto e sétimo verso. Percebe-se o

trabalho do poeta em demonstrar que o termo “democracia” não existe no cenário brasileiro, sendo ela um “fantasma”, o que comprova através de fatos que ficaram impunes em vários setores da sociedade. Ele cita, por exemplo, escândalos de corrupção envolvendo a empresa Vale do Rio Doce, menciona as viagens internacionais realizadas por políticos com dinheiro público, apontando como um bom gestor deveria trabalhar:

Honre a democracia
 Quem estiver no poder
 Dê trabalho e um salário
 Que dê para sobreviver...

Dois presidentes foram apresentados no poema como bons políticos: Juscelino Kubitschek e Getúlio Vargas. Na referência ao primeiro, é exaltada a construção de Brasília e a chegada da indústria de automóveis; e, na referência ao segundo, a luta pelos direitos dos trabalhadores e a conquista da aposentadoria.

As 125 páginas que constituem *Cariri de Aruiara* abarcaram 35 histórias/causos e 60 poemas – grande maioria escrita por Seu Espedito no decorrer de sua vida. Muitos poemas e temas não foram contemplados neste formato de livro. Contudo, tentei abordá-los, no decorrer desta tese, incluindo o espaço das transcrições e dos anexos, a fim de registrar este material tão rico que contribui para a literatura monteirense, paraibana e brasileira. Segue capa da edição:



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa corona vírus
Tem muita gente morrendo
A gente vê na televisão
Outra coisa não estamos vendo
O povo todo de máscara
Parece que o mundo é fedendo.

(Espedito de Mocinha, 2020)

Não poderia concluir esse percurso sem um poema de Seu Espedito sobre a grande tragédia humanitária que estamos vivendo desde 2020. A sextilha foi declamada por telefone, quando entrei em contato com o poeta para saber como ele e a família estavam. A pandemia impediu-me de visitar Seu Espedito, mas mantivemos, sempre que possível, contato por telefone e este foi o último que ouvi dele até a conclusão desta tese. Do alto de seus 82 anos, o poeta ainda se inquieta e registra sua percepção do momento histórico e transforma-o em matéria de sua poesia.

Emocionalmente falando, pesquisar um poeta do cariri paraibano, que, à época, não possuía nenhum livro publicado, parecia uma utopia, ainda mais quando se tratava de uma pesquisa de doutorado. A escassez de pesquisadores sobre as poéticas orais, em algumas instituições e editoras, faz com que, autores como Seu Espedito fiquem de fora da academia. Pensava eu, até que ponto isso era importante, de que modo impactaria na vida do autor. E, na primeira leitura de Spivak, em *Pode o subalterno falar?*, fiquei me questionando se essa voz chega à universidade, ela interessaria mais a mim ou a Seu Espedito? Mas, em uma segunda leitura, acrescida da leitura de Antonio Candido, no seu “Direito à literatura” passei a acreditar que havia dois subalternos falando: eu e Seu Espedito. Quantas filhas de operários chegam ao nível máximo de ensino em uma sociedade meritocrática e de privilégios como a nossa? Conseguimos. Eu e Seu Espedito. Um emprestando a voz ao outro para contar histórias de vidas que se entrelaçam e se multiplicam.

Desse modo, acredito ter alcançado objetivos perseguidos desde a introdução deste trabalho, e muito antes dele, no processo seletivo para o ingresso no doutorado.

Ouvir Seu Espedito, entrar um pouco na sua vida e na de sua família, sentir o luto da perda de Dona Maria e Zabé da Loca, conhecer filhos e netos foi um bonito percurso e de mão dupla, uma vez que ele também partilhou, mesmo que à distância, da maior transformação da minha vida que foi a maternidade.

Do ponto de vista estrutural, percebeu-se que a metodologia *história de vida* foi o melhor meio de analisar a produção poética do autor. As nuances da escrita e da oralidade puderam ser melhor compreendidas no fazer da vida, percebendo os processos de produção, ouvindo o que o poeta tinha a dizer, repetidas vezes e para diferentes ouvintes.

Ouvir Seu Espedito através da *história de vida* propiciou-me compreender o modo pelo qual ele consegue fazer de sua vida matéria de sua poesia, contando e recontando histórias, lendo, produzindo seus poemas, e também entender como esse fazer o constitui como ser humano. A necessidade de ser ouvido ocorre porque é assim que Seu Espedito se vê: como um poeta que conta histórias, é força motriz para sua existência.

Observei também que a experiência com a escrita foi positiva na produção do autor, levando-o inclusive, a realizar o seu maior sonho: publicar um livro. Ficou claro, que a poesia de Seu Espedito tem raízes fincadas na experiência oral e mesmo que escritos, a natureza de seus poemas continua sendo oral. Esse fato não o diferencia de um poeta que faz o caminho inverso: ambos são poetas. Desse modo, não identifiquei perdas significativas entre os registros orais para os escritos, excetuando-se, evidentemente o fator performático, que é único e irrepetível.

Em relação à autoria, percebeu-se o cuidado do poeta em demarcar seu território da linguagem, sua consolidação como sujeito-autor dependia do reconhecimento dos seus escritos, necessitando que mesmo os papéis avulsos entregues a turistas e amigos estivessem assinados. Era a garantia de permanência de sua voz através da tecnologia da escrita. É preciso destacar também a preocupação do autor em sinalizar quando o texto escrito tratava-se apenas de cópia, fato que demonstra uma consciência de direitos autorais e o reconhecimento daquilo que é do outro, sem intenções de apropriação.

Os temas apresentados pelo autor foram analisados dentro de um recorte promovido pelo livro, respeitando as escolhas da equipe editorial. Procurei apresentar

trechos das transcrições nos quais o poeta nos contava histórias e declamava poemas, de modo a ampliar o espectro de temas apresentado pelo livro, entendendo que há outros assuntos abordados de forma poética por Seu Espedito, que, sem dúvida nenhuma, poderiam ser editados em mais livros.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. 2009. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>>. Acesso em: 25 ago 2020
- ALMEIDA, Átila Augusto F. de; SOBRINHO, José Alves. **Dicionário Bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. Vol 1. João Pessoa: Editora universitária, 1978
- AMARAL, Janaína Amado; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Trad. Luiz Alberto Monjardim et al. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ANANIAS, Mauricéia; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. **Escolarização na Província da Parahyba do Norte: a organização da instituição pública primária (1840-1960)**. In: Rev. bras. hist. educ., Maringá-PR, v. 15, n. 1 (37), p. 83-108, jan./abr. 2015.
- ARÁN, Pampa Olga. A questão do autor em Bakhtin. In: Bakhtiniana, São Paulo, Número Especial: 4-25, Jan./Jul. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/bak/a/WXgmr6Q5SMPYG3Mc8rsd4Th/?lang=pt>>. Acesso em: 20 nov 2021
- AYALA, Ignez; AYALA, Marcos (org.). **Com o coco eu desafio o mundo: cocos, aboios e outros poemas**. Campina Grande: Bagagem, 2009.
- AYALA, Maria Ignez Novais. Aprendendo a apreender a cultura popular. In: PINHEIRO, Hélder. **Pesquisa em literatura**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.
- BARROS, José D'Assunção. "Micro-História" in O Campo da História. Petrópolis: Editora Vozes, 2011, 8a edição. p.152-179. Disponível em: <https://campodahistoria.blogspot.com/2011/01/micro-historia.html>. Acesso em: 24 ago 2020
- BARTHES, R. A morte do autor. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- BAUMAN, Zygmunt . **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BELLIN, Greicy Pinto. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. Revista FronteiraZ, São Paulo, n. 7, dezembro de 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica e arte política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. Trad.: Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense: 1994. p. 197-221
- BEZERRA, Ricardo José Lima. História escolar e ensino de História na escolarização básica brasileira: Refletindo sobre percursos históricos, contextos e discussões. In: Research, Society and Development, v. 10, n.8, e19510817344, 2021
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A Queiroz, 1979

- CALVET, Louis-Jean. *Tradição oral & tradição escrita*. São Paulo: Parábola, 2011
- CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas de Interculturalidade**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CAVALCANTE NETO Faustino Teatino. **O Programa Nacional de Reforma Agrária do Inca: a formação dos primeiros assentamentos do cariri paraibano (1995 a 2001)**. Anais do 30º Simpósio Nacional de História. Disponível em: <https://www.snh2019.anpuh.org/>. Acesso em: 01 ago 2020
- CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. São Paulo: UNESP, 2007
- ECO, Humberto. **Apocalípticos e integrados**. Pérola de Carvalho (trad.). 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008. Coleção Debates 19.
- FERNANDES Frederico; LEITE, Eudes Fernando. **Trânsitos da voz: estudos de oralidade e literatura**. Londrina: UEL, 2012
- FERNANDES, Frederico. **O atributo da voz: poesia oral, estudos literários, estudos culturais e abordagem cartográfica**. Revista da Anpoll, vol 1, n. 33, 2012. ISSN: 1982 7830
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. IN: **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós Modernidade**. (Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro) 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALLEWELL, Laurance. **O livro no Brasil: sua história**. Trad.: Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- HANSEN, João A. "Autor". In JOBIM, José L. *Palavras da Crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992 (11-43).
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4217539/mod_resource/content/4/Barthes_%20a%20more%20do%20autor.pdf
- _____. Palestra "O Autor". Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=jpnteyRZf2k>.
Acesso em: 15 nov 2021
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. 3ª ed. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.
- LIMA, Francisco Assis de Sousa. **Conto popular e comunidade narrativa**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985.
- LUCIANO, Aderaldo. **Os poetas ditos "matutos": um olhar**. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/os-poetas-ditos-matutos-um-olhar/>. Acesso em: 24 ago 2020

LÚCIO, Ana Cristina Marinho. **O mundo de Jove (A história de vida de um cantador de coco)**. (tese). Programa de Pós Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, José Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez 2012.

MOCINHA, Espedito da. **Cariri de Aruiara: poesias, histórias e humor de Espedito de Mocinha**. Campina Grande: LATUS, 2017.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. trad.: Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1998.

PANORAMA MONTEIRO. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/monteiro/panorama>>. Acesso em: 01 ago 2020.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral**. Conferências. Projeto História. São Paulo, 1997. p. 13-49

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da memória viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

REVISTA DA ANPOLL. ESTUDOS CULTURAIS E ABORDAGEM CARTOGRÁFICA. Brasília, DF: v. 1, n. 33, 2012. ISSN: 1414-7564

Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 72, p. 276-295, abr. 2019.

RIAUDEL, Michel. Literatura de cordel e valorização digital: o direito de propriedade em questão.

RODRIGUES, Lílian de Oliveira. **A voz em canto: de Militana a Maria José, uma história de vida**. (tese). Programa de Pós Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

RONDELLI, Beth. **O narrado e o vivido: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão**. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC, 1993.

ROSA, Helena. História Oral e Micro História: aproximações, limites e possibilidades. **IV Encontro Regional Sul de História Oral - anais eletrônicos - Nº 01 / 2007**. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Helena%20Rosa.pdf>>, acesso em: 16 de maio de 2012.

SANTHIAGO, Ricardo. **História oral e arte: Narração e criatividade**. São Paulo: Letra e voz, 2016.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. IN: **Tempo e argumento**. Revista do Programa em Pós Graduação em História, 2010, Florianópolis, v. 2, n. 01, p. 03-20.

SILVA, Aline Pacheco et al. **Conte-me sua história: reflexões sobre o método história de vida**. Revista Mosaico. vol 1, n. 1, p. 25-35, 2007.

SILVA, Maria Ivoneide da. POESIA, PERFORMANCE E MEMÓRIA DE SEVERINO LOURENÇO DA SILVA PINTO, O "PINTO DO MONTEIRO": UM MARCO NA HISTÓRIA DO

REPENTE NORDESTINO. (TESE). UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA, Salvador, 2009

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). In: **Revista Esc Enfer USP**, n. 37, 2003. p. 119-126.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad.: Sandra Regina Goulart de Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010

TELES, Gilberto Mendonça. Retórica do Silêncio I – Teoria e prática do texto literário. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

_____. **A voz e o sentido:** poesia oral em sincronia. São Paulo: UNESP, 2007.

_____. **Escritura e nomadismo.** Trad. Jerusa P. Ferreira e Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005

_____. **Introdução à poesia oral.** Trad.: Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: HUCITEC, 1993

ANEXOS

Termo livre e esclarecido



UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
MÉDICAS DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA / CCM



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A VIDA EM VERSO: HISTÓRIAS E POEMAS DE ESPEDITO DE MOCINHA

Pesquisador: ALUSKA SILVA CARVALHO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 85816218.7.0000.8069

Instituição Proponente: UFPB - Centro de Ciências Médicas/CCM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.557.669

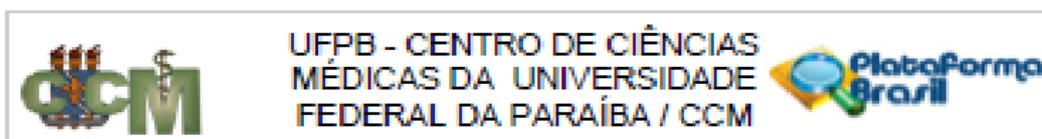
Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa em nível de Doutorado, na área de concentração Literatura, Cultura e Tradução, na linha de pesquisa Estudos Culturais e de gênero, do Programa de Pós-Graduação em Letras. Pesquisadoras: ALUSKA SILVA CARVALHO, orientadora: Prof. Dra. Ana Cristina Marinho Lúcio. A proposta é dar visibilidade a uma voz do cariri paraibano "Seu Espedito de Mocinha". O poeta, como se autointitula, tem uma vasta e eclética produção como poeta de bancada, além de ser um exímio contador de histórias. Seu Espedito, já com 77 anos, vive em um assentamento chamado Santa Catarina, que fica a 14 quilômetros da cidade de Monteiro. Por conta da idade e de algumas dificuldades de locomoção devido a sequelas de uma hanseníase que lhe acometeu há aproximadamente 20 anos, sua produção artística fica limitada à presença de turistas e de alguns ativistas culturais que conhecem seu trabalho. Para a coleta de dados será utilizado o gravador de voz, através do qual será realizado o registro das estórias, memórias e poemas de Seu Espedito, além de uma catalogação de seu material escrito, fruto de sua produção oral e registrado em folhas avulsas, escrita pelo próprio autor.

Objetivo da Pesquisa:

Geral

Endereço: Centro de Ciências Médicas, 3º andar, Sala 14 - Cidade Universitária Campus 1
Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOÃO PESSOA
Telefone: (33)3216-7617 E-mail: comitedeticos@ccm.ufpb.br



Continuação do Parecer: 2.567.009

Estudar a produção artística do monteirense Espedito de Mocinha e, a partir da história de vida, observar como suas narrativas e sua poesia se entrelaçam na criação do seu universo.

Específicos

Realizar um levantamento de poemas escritos e/ou memorizados de Espedito de Mocinha;

Analisar as diferentes narrativas (re)criadas pelo autor;

Refletir sobre as visões de mundo que estão presentes em sua narrativa e poesia;

Catalogar sua produção escrita e comparar com as gravações realizadas, percebendo se há mudanças na transmissão do oral para o escrito.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa não possui riscos presumíveis relevantes, sendo sua execução apta a gerar benefícios no âmbito da divulgação e valorização da figura do poeta, além da poesia e cultura popular.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo apresenta delineamento metodológico adequado e atende às observâncias éticas recomendadas para estudos envolvendo seres humanos (Resolução 466/12, CNS, MS).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A proposta está adequadamente elaborada e permite fazer julgamentos concernentes aos aspectos éticos envolvidos.

Recomendações:

Assegurar ao participante da pesquisa os benefícios resultantes do projeto, em termos de retorno social (R.466/12,CNS,MS).

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

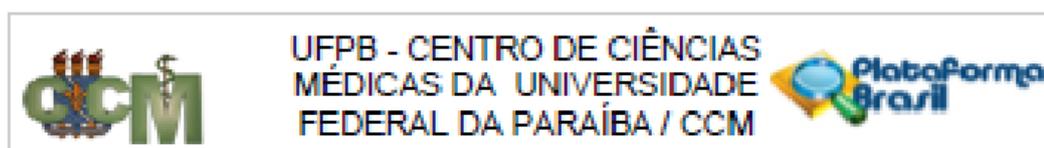
Não há pendências ou inadequações. Deste modo, a pesquisa encontra-se apta à execução.

Considerações Finais a critério do CEP:

O protocolo de pesquisa foi considerado APROVADO, em Reunião Ordinária realizada no dia 27 de março de 2018, no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos -CEP/CCM/UFPB, conforme NORMA OPERACIONAL Nº 001/2013, nos termos do Item 5, do Capítulo XIII, da Resolução CNS nº 466 de 12 de dezembro de 2012.

Lembramos que, após o término da pesquisa, a pesquisadora responsável, em atendimento à Resolução 466/2012, do CNS/MS, deverá anexar (via online) na Plataforma Brasil, através do ícone "notificação", o Relatório Final da pesquisa.

Endereço: Centro de Ciências Médicas, 3º andar, Sala 1-4 - Cidade Universitária Campus 1
 Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.061-900
 UF: PB Município: JOÃO PESSOA
 Telefone: (33)3216-7617 E-mail: comitedeetica@ccm.ufpb.br



Continuação do Parecer: 3.567.009

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1079598.pdf	08/03/2018 12:55:12		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	08/03/2018 12:55:35	ALUSKA SILVA CARVALHO	Aceito
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCE.docx	08/03/2018 12:53:02	ALUSKA SILVA CARVALHO	Aceito
Folha de Rosto	FR.pdf	08/03/2018 12:50:45	ALUSKA SILVA CARVALHO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 27 de Março de 2018

Assinado por:
Iaponira Cortez Costa de Oliveira
(Coordenador)

Endereço: Centro de Ciências Médicas, 3º andar, Sala 14 - Cidade Universitária Campus 1
 Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.061-900
 UF: PB Município: JOAO PESSOA
 Telefone: (83)3216-7617 E-mail: comedestica@ccm.ufpb.br

1) EXPERIÊNCIAS POÉTICAS COM SEU ESPEDITO

Durante os encontros e até escrita da tese, uma questão que me incomodava muito dizia respeito ao local onde colocaria a voz de Seu Espedito, uma vez que sem ela, este trabalho não existiria. Como havia feito a leitura de algumas teses que trabalhavam com o mesmo corpus e com a mesma perspectiva metodológica, resolvi deixar, até o momento da qualificação, todas as transcrições realizadas dentro do primeiro capítulo, como uma forma de mostrar que não se tratava apenas de um material anexo, mas sim da vida de um colaborador, de uma persona que se mostrava a cada novo encontro e que ainda ressoa, cada vez que o ouço as gravações ou (re)leio as nossas conversas.

Por questões do próprio gênero escrito – tese – acabamos por deixar a narrativa de Seu Espedito na íntegra ao final dos capítulos oficiais da tese. Ainda assim, preciso registrar que, sem estas “Experiências poéticas” não existiria a pesquisa do modo como ela foi construída. Gostaria de retratar aqui um pouco do que vivi nestes anos de pesquisa, cada poeira na estrada, cada coruja que eu via, cada café, almoço... tudo seguirá de forma poética, seja através das imagens coletadas, das narrações que fiz entre um espaço e outro, dos momentos únicos, irrepetíveis, mas que procurarei descrever com uma cartografia da voz adaptada, posto que narra a vida de Seu Espedito e também a minha. Vivemos tantas coisas desde 2016, tantos impedimentos, tantas perdas... experiências do narrado e do vivido que estão partilhadas nestas páginas de transcrições e imagens.

TRANSCRIÇÕES

Conforme mencionamos, Seu Espedito foi alfabetizado por poucos anos, quando criança, e retomou à leitura e à escrita praticamente na idade adulta. Sua fala, além das marcas comuns da oralidade, apresenta desvios linguísticos do que se convencionou como norma padrão ou norma coloquial, aproximando-se mais do padrão popular da língua portuguesa.

De modo a tentar deixar o texto mais fluido, optei por diminuir ao máximo os registros da oralidade que pudessem dificultar a leitura ou mesmo diminuir a autoridade dessa voz poética, conforme aponta Fernandes (2012):

É comum na fala, a omissão de sílabas e letras, como o uso do gerúndio, em que geralmente ocorre o emprego de ‘ano’ (‘falano’, ‘escreveno’,

'subino'); a ausência do 'r' no final dos verbos no infinitivo ('fala', 'escreve', 'i'); e do 'u' nos casos de pretérito perfeito dos verbos da primeira conjugação ('falo', 'canto', 'grito'); a troca de 'o' final por 'u' ('outru'); o 'i' no lugar de 'e' ('isquisito', 'hoji', 'genti'); a ausência do 's' ('nós vamo', 'nós falamo'); aspectos que preferimos transcrever adotando a forma padrão de escrita, pois são características muito frequentes na maioria das falas. A terminação dos verbos em terceira pessoa do plural ('chamaro', 'chamaru') aqui também adotamos, no texto transcrito, o mais comum 'chamaram' (FERNANDES, 2012, p. 107-108)

Convenções utilizadas para a transcrição

Falas de Seu Espedito	Fonte <i>times new roman</i> , cor preta, tamanho 11
Falas da pesquisadora e dos convidados para fazer perguntas a seu Espedito	Fonte <i>times new roman</i> , cor azul, tamanho 11
Ações performáticas	Fonte <i>times new roman</i> , cor preta, tamanho 11, entre parênteses ()
Comentários da pesquisadora para contextualizar o espaço/ambiente	Fonte Arial, tamanho 11
Pausas longas realizadas por Seu Espedito	Reticências ...
Poemas	com versos e estrofes, fonte <i>times new roman</i> , cor preta, tamanho 11
Trecho inteligível	*

Quadro resumo dos encontros com gravação em áudio

Data	Duração da gravação
21/08/2016	332 minutos
21/05/2018	26 minutos
05/08/2018	92 minutos
09/12/2018	61 minutos

Narrativas de Seu Espedito – Transcrições

ENCONTRO DO DIA 21 DE AGOSTO DE 2016

Contextualizando:

Apresentei-me a Seu Espedito e perguntei se podíamos conversar um pouco sobre sua vida e sua poesia, perguntei se havia algum problema em gravar o áudio da nossa conversa e ele disse: “mais minha filha, pode gravar, filmar, fazer o que você quiser”. Fui acompanhada do meu esposo, Tércio. Não apresentei nenhuma metodologia de coleta de dados para ele, todas as “interferências” na conversa foram fruto do diálogo que se deu com o poeta.

Como eu estava com medo de perder as gravações, fui fazendo por etapas, desligando e ligando o gravador do celular, o que pode, entre uma e outra gravação, interromper o fluxo de pensamento. Para tanto, farei as contextualizações necessárias para o entendimento das transcrições.

Seu Espedito, o senhor é poeta? Como nasce a sua poesia?

- É uma coisa divina, vem de Deus, surge aquilo, aí surgiu inda agora e eu comecei a escrever dia das mães, eu eu... todo dia, nós tudo, vocês tudo tem mãe, eu não tenho mais nem mãe nem pai, não sei nem quem era pai (risos)

Mas o senhor foi criado pelos seus pais? Por aqui mesmo?

Fui. Faz 60 anos que papai morreu. Nasci e me criei ali, aqui em Santa Catarina.

No assentamento né?

É. Eu andei pelo mundo todo, muito. Depois casei e fiquei andando ainda, escute, o meu... o meu desejo é estudar, eu tenho uma vontade de estudar. Eu não estudei. Fiz o segundo ano, fiz o segundo ano primário, mas, no meu tempo, aprendia ler, no tempo que era soletrar bêabá lêalá, cêaçá lêalá era tudo atrasado. E tinha uma carta de abc, a gente aprendia, lia numa cartinha de abc e na carta de abc tinha uma frase ainda hoje eu lembro que dizia “ah, meu pai, já sei ler, como é bom, vou ler mais”, então... eu peguei essa frase, eu, eu tenho 90 e tantos livros aí, eu só vivo estudando, de 7 anos, de 7 anos pr’aqui eu não lembro que passei um dia, não, oito dias sem ler e sem escrever, eu tanta coisa que se eu disser a você, cê é de dizer até que é mentira, até eu mesmo, eu sei de coisa que quando eu lembro eu digo mai rapaz e eu tinha isso, sabia disso.

- Tem a memória boa né?

É, eu gosto de ler demais, ixe, meu passatempo é ler, eu leio tudo no mundo. Agora eu tenho muitos amigos, manda um livro pra mim, até um amigo meu, que é desembargador, de Salvador, veio um dia desse, um dia desse não, um ano desse me trouxe um código civil de lei, eu disse “pra quê gota eu quero um código de lei?” (risos) por exemplo. Eu gosto de ler tudo, tem ali... um código de lei de bíblia, tudo, racionalismo cristão, bíblia sagrada, eu leio de tudo tudo tudo, que até eu escrevi “da minha vida” que eu sou poeta “da minha vida fiz uma faculdade e o mundo é meu grande professor”, eu escrevi isso, tenho poesia disso.

O senhor tem muita poesia escrita?

Tem.

Mas nunca chegou a publicar não, nada?

Eu, eu ia publicar, eu tenho um livro pronto aí, ia, publico folhetinhos, livrinhos pequenos, mas um livro eu ia fazer depois era muito caro, eu digo: e se eu não vou vender isso, é caro demais, ficar por 1.400 um milheiro ou era 2.400 eu digo: sabe de uma coisa, eu escrevo, tiro a xerox, boto aí e pronto.

Mas o senhor tem vontade?

Tenho, eu tenho vontade de fazer um livro.

Pra deixar pros outros ler depois né?

Até que a Sebrae andou aqui e disse que ia fazer um livro meu, mas faz nada. Eu tenho um livro completo, de histórias eu tenho um livro, eu tenho história que se você ouvir eu contar você não sai dizendo, eu não acredito que aquele homem é matuto, de tudo no mundo, eu passo a vista e vou ler. Às vezes eu pego um jornal do meio da rua, um jornal... mas porque é que tu tá lendo jornal, do ano passado, eu digo: mas pra mim é novo, que eu nunca li ele (risos)

Se informa de tudo né, seu Espedito?

É, pra mim é novo, é do ano passado, mas eu não li (risos).

Mas o senhor, o senhor é Espedito de Mocinha por quê? Por causa da sua mãe?

Porque mamãe chamava Mocinha e então tinha o pessoal que começa a chamar Espedito de Mocinha, Espedito de Mocinha e pegou esse nome. Meu nome. É por isso que eu digo, quem é casado e tem filho, o nome morre, morre a pessoa, que agora o seu nome de solteiro morre todo. O solteiro, quem é solteiro não deixa família, não deixa nada, ele morre todo. E quem é casado, tem família, não morre o nome, morre, mas o nome fica. É, a gente deve casar. As mulheres, vocês mulheres... eu às vezes, é que eu converso demais...

E a gente adora ouvir

(risos) eu, eu converso tanto que as vezes eu tenho vergonha por causa de que o povo diz, “tu não deixa o povo conversar”, se eles quiseram conversar eles mandam eu parar e eu entro na conversa deles. Mas eu gosto de conversar e admiro conversar com vocês, com esse pessoal inteligente porque a gente conversando com o inteligente ele traz alguma coisa porque não é diminuindo ninguém que todos são iguais, mas a gente conversando com o inteligente, ele vai embora e deixa uma coisinha na cabeça da gente

Mas a gente tem muito pra aprender com o senhor

Que eu tenho tanta coisa na cabeça, eu descubro tanta coisa porque... olhe, eu vou já aperiariar vocês, viu?, que eu não posso tá sem fumar, que eu vou já me afastar, ficar mais longe.

Fique à vontade.

Aí, eu descubro coisa que depois eu fico pensando foi Deus, é Deus que dá. É Deus que dá as coisas à gente. Eu descobri... umas coisas... que isso já por todo canto, levaram pra Bahia, levaram pra São Paulo, aqui em Monteiro o povo admira. A vida da gente, eu descobri aqui, eu tava escrevendo ali na mesa, e morreu uma pessoa, instantânea, do coração, fulano morreu. Deu um negócio...caiu morto. Aí eu escrevendo e umas mulher lá na cozinha começaram a dizer: “é, a vida não vale nada”, isso faz uns 3 ou 4 ano e eu botei e tá escrito, eu só não vou lhe dar... mas eu dou pra você levar, é tão fácil, descoberto, fica fácil demais, aí, eu disse, a vida não vale nada, eu peguei e fui fazer, pois não é que termina em nada mesmo rapaz, a conta da vida é tudo nove fora nada. Eu vou dar a você, depois você bota aí, escreve, que é nove meses de gestação materna e nove, é nove fora nada. Né? Aí eu peguei a pensar assim, vamos botar mais pra frente, aí botei, aí eu botei 9 mês a 30 dias é 270 dias, 2 e 7 é nove fora nada. Eu fiquei, mas rapaz, deu nada mesmo, eu... vamos mais pra frente. Botei 270 dias a 24 horas, dá 6.480 horas, nós nasce com 6.480 horas e 6.480 horas é 6 e 4, 10 e fora 1, 1 e 8 é 9, nove fora nada, eu digo e a vida vai terminar em nada mesmo é? E aí, eu não me conformei, eu digo, eu vou botar as horas e os minutos, aí botei pra contar as horas. 6.480 horas por 60 minutos, o resultado dá nove fora nada, eu digo, eu vou no fim. Aí botei pra segundo, segundos, dá... botei minuto a 60 segundo, o resultado da prova dá nove fora nada. Aí eu somei, juntei, 9 meses de gestação, 270 dias, 6.480 horas o resultado dos minutos e resultado dos segundos, somei os resultados: nada! Parece uma... você vai fazer, quando você chegar em casa você leve esses escritos e faz. E... eu fiquei imaginando, mas a vida não é nada. Mas você vê, parece que é um dom que Deus dá, que eu agradeço muito a Deus, que é um dom mesmo essa inteligência minha, que eu não aprendi ler, aí, eu diz, veio aquilo, dentro dos nove meses, cada mês tem quatro luas, nova, crescente, cheia e minguante, aí são 9, 4 vezes 9, 36 e 3 e 6, 9, e nada, aí pronto, eu disse, já sei que a vida é nada... Pois é, você leva isso copiado, chega em casa bote no computador pra você ver, a vida termina em nove fora nada mesmo, a vida. É. Então que é isso que a gente é, eu descubro coisa, vem graças a Deus, muito obrigado Jesus, que eu mesmo eu digo, eu gosto de conversar

com o pessoal como vocês, que chega assim, muito obrigado pela lembrança de vim e... porque entende, porque conversar com quem não entende, não, não... o inteligente é como doido, nós inteligente é um dom que Deus dá, nós é doido, ele, você tá conversando e eu tô pensando numa coisa aqui, eu digo: sim.. sim, sim, mas quando você sai eu nem sei o que você disse, o inteligente tem momento que tá doido, todo mundo inteligente é doido e outra que eu vou dizer a vocês e você vai me desculpar, vocês vão me desculpar, faste mais, faste mais (acendendo o cigarro). Aqui tem uma vizinha, uma amiga minha, que diz: tu abusa o povo, tu não pode tá sem fumar. (risos) Aí, então...

- O senhor fuma desde criancinha?

Faz 64 anos foi, eu tenho 77 e comecei a fumar com 13 ano, comecei a fumar e o povo dizia e ofendia menos, eu fumava tudo no mundo, só não fumei maconha, tudo no mundo eu fumo, tudo. Aí, você vê que o inteligente, o poeta, eu digo que sou inteligente, porque foi Deus que me deu, eu digo né, que sou inteligente, que descubro coisa que um poeta... Outro dia eu tava... essa é nova, essa é descoberta minha nova...! Outro dia eu tava... aí nós tava falando, eu pensando em quilometragem... 1 quilômetro é mil metro, aí eu comecei a pensar: um metro é cem centímetro, aí fui botando pr'aquilo, daqui em Monteiro é 14 quilômetro. Aí eu digo, aí eu botei no lápis, porque eu nem tenho computador nem gosto, é, botei no lápis, dá 14 quilômetro, é 14. Meio metro dá 10 milhões e 400 mil centímetros daqui pra Monteiro. A gente descobre essas coisas que a gente que vive só pensando assim que o poeta, além de um povo inteligente, sou poeta então, essas coisas eu pesquiso. Vem muita gente perguntar, muita gente me diz: me admiro você não ter formatura, eu digo: eu formei quando era novo, eu bebia cana que só a gota, formei-me em cana agora perdi a formatura (risos)

Parou de beber?

E eu posso mais? Já essas pernas, eu tive hanseníase faz uns 30 anos e começou com as pernas, nem dói, nem coça, nem é dormente nem nada, mas não pode com o corpo. Eu pra andar é pegado com o povo e cada vez aumenta mais. Eu tenho umas filhas em João Pessoa, pai vamos no médico, chego lá, quando nós tava consultando minha menina disse: “ô Doutô, ele teve hanseníase faz uns 20 e poucos anos” aí ele disse: pronto, não é doença, é sequela, você trata da hanseníase, mas fica a sequela, ela aparece depois. E aqui, ele disse “você foi feliz que ela apareceu sem dor”, nada. Aqui tem um que teve também, tá aleijado, até hoje a gente tava falando nele em Monteiro. Tem uns também que veio com dor, a sequela, não é mais a doença, é a sequela, e então tem de ter essas coisas...

O senhor tem quantos filhos?

7 e é 7 e tem 2... 3 particular que eu era sem vergonho que era danado, namorador (risos) aí, mas morreu um acidentado, acidentou-se aqui, morreu em Campina

E foi? E o senhor é casado há quantos anos?

Cinquenta e... eu casei em 63, 53 anos.

Sempre morando por aqui?

Sempre morando por aqui, eu nunca saí daqui, nunca... tem até essa placa ali que tem um verso meu que a Sebrae trouxe, eu nasci e me criei aqui, agora bati o mundo todo... de de da Barragem de Itaipu pra cá eu conheço tudo. Trabalhei de pedreiro, carpinteiro, armador, fui mestre de obras, mas aqui é a terra que eu adoro, meu berço, eu nasci mesmo ali no casco da fazenda, é... Deixa eu fastar mais a cadeira pra não abusar muito vocês (fumando outro cigarro), depois eu volto, depois eu volto. Uma amiga que eu tenho ali, quase irmã, ela disse “tu abusa o povo, o povo quer conversar com tu e tu fala muito (pausa, acende o cigarro...). Comecei fumar com 14 anos, 13 ano e nunca deixei e quando um... um dia desse, um dia desse não, 2 anos, um... aqui tinha um doutor muito bom, bem mocinho assim como esse aí (aponta para meu esposo), aí... ele disse o senhor vai bater uma ultrassom geral, eu fui bater, cheguei lá era uma médica, a médica bateu geral e disse, da garganta, daqui pra baixo pras virilha, mandava eu me virar, pra o outro, pra cima do rins, aqui no estômago, na barriga, aí eu disse, aí você não vai ver nada, eu sempre fumei, só tem fumaça, ela disse: pelo contrário, pela idade que você tem tá tudo normal, pulmão, bexiga, tudo. Aí eu peguei a imaginar, ou ela tá errada ou esse aparelho tá desmantelado (risos) ou ela tá errada ou o aparelho tá desmantelado. Eu fui e trouxe e entreguei ao médico: oxente, o senhor tá um menino rapaz. Logo ele gostava de brincar comigo, tu tá um menino, rapaz. Aí eu disse: esse aparelho tava errado, não tá vendo que eu não tenho, lá pra dentro não vê nada, ninguém vê nada.

Só tem fumaça né, seu Espedito?

Só vê fumaça... mas tem gente que tem o organismo mais forte... aqui tinha um velho, morreu faz uns 4 anos, morreu com 104 anos, começou fumar, ele dizia, começou fumar com 5 anos, morreu quando quis, fumando... é. Tem gente que tem... já a mulher não fuma, a mulher foi ao médico, o médico disse, você fuma? Ela disse, não. E alguém fuma em casa? Aí a menina, a minha filha disse, pai fuma demais, pois ele disse diga a ele que tenha cuidado que ela tem fumaça de fumo, mas e médico também mente muito (risos), médico mente muito (risos).

Ela tava com a fumaça que não tava no senhor, nera?

Era, disse que a fumaça, a minha fumaça aí, pra vocês eu fumo mais, que aí eu acredito porque já vai com a fumaça que tem dentro da gente, todos nós tem bactérias e esse aí eu acredito, mas muitas que o doutor diz é mentira também (risos) e a gente tem de acreditar que é ele quem sabe... sim, pode perguntarem alguma coisa que quiserem. Os dois tem mãe?

Tem graças a Deus, mãe e pai.

E eu tenho uma poesia das mães que eu tô escrevendo, eu decorei e tô escrevendo.

O senhor decora primeiro é, e depois escreve?

É, aí quando eu decoro eu vou escrever que tiro a xerox, tem um pacote de xerox por aí.

Hum... depois eu quero tirar uma foto dessas poesias, o senhor deixa?

Eu vou até lhe dar umas pra você.

Aí o senhor começou a pensar em poesia desde menino?

Desde menino, poesia é um dom que Deus dá, aí a gente vai aperfeiçoando, vai aperfeiçoando e tal e tal aí eu me tornei um poeta, porque eu sou... poesia tem diversas, aí tem poeta, porque tem o poeta de soneto, que é a poesia mais clássica que eu acho bonita, a poesia de soneto, aí tem o repentista de viola, o cantador de viola, tem o poeta de poema, tem o poeta que chama a gente de poeta escritor de bancada, somos nós que até dizem, o pessoal diz que o maior poeta e escritor é eu, Zé, Zé de Cazuzza, ali na Prata, e Enoc Ferreira em São José dos Cordeiros e Dedé Monteiro em Itabira. O Enoc eu conheço, Zé de Cazuzza eu conheço, é meu amigo e Dedé manda poesia pra mim aqui e eu não conheço Dedé, dizem que nós somos os maiores, de poesia de bancada, eu às vezes eu escrevo cada umas coisas aí... que depois o poeta vê uma coisa que vem lá de cima que a gente, a gente mesmo que é poeta... a gente que é poeta, a gente tá dormindo... se descer aquela, aquele assunto pra gente escrever ou se levanta pra escrever ou não dorme mais

É mesmo?

É... É... porque é aquela inspiração, perde o sono que aí a gente tem que escrever

Aí o senhor vai e anota?

Acordo e escrevo...

Aí quem vai passar pro computador do senhor, é quem?

Eu não passa não, aí eu vou tiro a xerox, eu tenho um bocado de xerox, eu sou desmantelado, agora falar em desmantelo eu sou em primeiro lugar, eu não sei, tudo meu é desmantelado, eu boto dentro de uma sacola, caixa de papelão, procuro, quando vou procurar não sei onde tá, sou desmantelado demais e tem homem que é desmantelado, mas eu tô em primeiro lugar (risos).

Aí essa que o senhor fez do dia das mães, o senhor lembra?

Sim, eu escrevi, eu disse:

É muito justo se homenagear
O Dia de quem nos trouxe ao mundo.
Que o amor de mãe é tão profundo
Que não tem com o que se igualar.
Não há joia pra gente comparar
Igual amor de mãe eu não conheço
Eu levo minha mãe eu nunca me esqueço
De tanto carinho que fez a eu

Nem dos conselhos que ela dava a eu
 (Todo dia - fala como se tivesse errado a parte)
 Depois que a minha mãe morreu
 Todos os Dias das Mães eu entristeço.

Eu criança, com mamãe na companhia
 Para mim ela era uma joia de ouro
 Quando eu chorava, ela corria
 Para ver o motivo do meu choro.
 Numa tarde invernosa de janeiro
 Se eu tivesse brincando no terreiro
 Ela corria com um plástico na mão
 Me botava nos braços, me acudia,
 Com o plástico, ligeiro, me acudia
 Se molhava todinha, mas eu não.

No seu colo macio eu me deitava
 No batente da porta, até
 Eu criança, manhosa cochilava
 Nem sentia ela dando cafuné.
 Com poucos momentos adormecia
 Seu carinho era tanto que eu nem via
 Quando ia pro rede nos seus braços
 Nem via passar aquela cena.
 A redinha era tão pequena
 Que só ela, com seu jeito, achava espaço.¹¹

Ai que lindo, muito bonito. O senhor fez pensando na sua mãe? O senhor fez em homenagem a sua mãe?

Não, eu fiz, desceu isso eu vou lá e escrevo pra quando for dias das mães eu mandar pras escolas pros meus netos recitar isso.

Seus netos gostam de poesia?

Não. Não sabem pra onde vai... tem um que é decorista que é danado. Tem um que decora poesia minha que eu nem lembrava mais. É.

É bom pra não deixar se perder, né?

É, é decorista, mas e o poeta é assim, o poeta ele diz uma coisa porque outra coisa que eu vou dizer a vocês, que vocês usa, que é a tecnologia, até hoje pra mim a maior tecnologia foi o computador, mas tem um defeito o computador... você me desculpa eu ter... (truncado). Eu tive conversando com doutor Beza, ali em Monteiro, que ele gosta de conversar comigo, era um homem muito inteligente, aí eu falei e ele disse, isso é uma verdade porque o computador você não vai forçar a inteligência, até

¹¹ O mesmo poema consta na página 68 do seu livro com algumas modificações. Deixamos na transcrição da forma que Seu Espedito declamou no momento da visita. Todos os poemas que estiverem no livro que são declamados obedecerão a esse critério.

porque nós todos somos inteligentes, um é inteligente pra uma coisa, um é inteligente pra uma coisa, mas não força, você pensa uma coisa e vai pro computador, trabalha os dedos, mas a mente não. O computador... se confia no computador como hoje o doutor Beza disse, hoje tem muito inteligente, mas não procura desenvolver. Porque o computador é mais fácil, trabalha com os dedos, a mente para. É quem confia no..., vai no lápis, passa uma hora ou quando vai fazer uma conta, no computador, descreve o Brasil, é bom demais o computador, mas depois do computador num, num... ninguém força mais a inteligência porque todo mundo é inteligente, você é inteligente pra uma coisa, esse é outra, mas a gente quando é inteligente tem de usar ela, você tem aquela vocação de medicina, a direito, economia, você tem que forçar aquilo pra aparelhar, por isso tem o inteligente, não existe o inteligente, nós três somos médicos, nós passa pela universidade só, o livro só, a lição só, mas dentro de nós três tem você que é inteligente, tira um pedaço da cara, um pedaço da bunda, um pedaço da perna, bota em outro canto, dá certo, esse é o inteligente. Será que ele estudou mais? Não, estudou a mesma coisa, mas é o inteligente que cria - eu vou tirar esse pedaço aqui, vou tirar esse pedaço dali e bota num canto e dá certo – esse chama-se o inteligente. É o mesmo doutor, a mesma prova que ele fez, nós fizemos, mas tem o inteligente, pra isso ele vem dentro da profissão. É como o advogado, tem o advogado bom, tem o advogado ruim, tem o médico bom e o médico ruim... num são ruim a especialidade dele não é aquela, ele não puxou pr'aquilo.

E poeta, o senhor acha que tem poeta bom e poeta ruim?

Tem.

O senhor já viu muitos?

É, tem poeta que não tem oração que é a oração da poesia... é o assunto, se tá falando no camponês que danado cê vai botar amor dentro do camponês? Porque aí se tá falando no campo, é campo. Tá falando em vaquejada pra que vai botar saudade? Não é vaquejada? A isso chama-se oração.

- Aí o senhor aprendeu com quem, com a vida?

Não, não se aprende não, poesia não se aprende, poesia, poesia é como a inteligência, vem de Deus, a pessoa já nasce com aquilo. Agora tem de classificar, aí a gente vai aparelhando, aparelhando até que nisso eu escrevi uma poesia nisso, eu disse:

Com o dom e vocação
 O poeta nasce feito
 Com sentimento perfeito
 Rima, métrica e oração
 (pausa...)
 Um gênio cheio de invenção
 Tudo inventa, tudo entende
 Quanto mais tira, mais rende
 Quanto mais bota, mais cabe
 Quando o poeta não sabe

Jesus ensina, ele aprende

Das coisas celestiais (não)
 Quando ele nasce já traz
 Um gênio pronto, feliz
 Sabendo tudo o que diz
 (pausa)
 Das expressões divinais
 (pausa) (frase truncada)

Então que o poeta é como você tá estudando medicina, aí você não nasce, você termina a formatura, você recebe o concurso, mas ali você não tá pronta, ali você sendo inteligente você vai aparelhar ,vai caçando, vai ajeitando e vai por ali porque na hora que se forma ele não tá pronto, ele não tá pronto o que tá pronto é ele ser inteligente e sair caçando. Eu sou advogado, eu sou médico e vai aparelhando, aparelhando, quando dé fé se torna um grande por você, que a educação vai da gente, a educação vai de casa, a educação vai do berço, agora as escolas, os colégios é instrução, vai instruir, mas a educação vai de casa, vai de casa, seu pai, sua mãe, é: meu filho faça assim é assim, siga assim, se leva a educação de casa, leva a educação de casa, lá vai instruir, aparelhar, vai aparelhar... E a palestra, como nós tamo palestrando, isso é uma coisa muito importante, muito importante eu palestrar com você, você palestra e diz uma coisa, se pergunta uma coisa, quando eles vêm aqui, que todos os dias vêm, quase toda semana vêm, eu digo, eu acho muito importante me perguntar, eu acho importante você perguntar, dizer: Ô, Espedito, você sabe disso, pode orientar isso, pode dizer sobre isso? Se eu souber eu digo e se eu não souber, eu posso dizer, não, isso aí eu não posso porque é importante, porque às vezes você fia um assunto que eu sei, mas faz tempo que eu, que tá guardado no, na, e eu no... (hesitações) no cérebro, ali dentro da cabeça, mas ninguém ferir eu não lembro mais. E você perguntando e isso assim-assim-assim e você pergunta uma coisa a mim e se eu souber eu digo: é assim-assim-assim mas se eu não souber também eu digo que eu crio como um pecado, dizer que sabe sem saber. Você me perguntar uma coisa e dizer, não, eu sei, a gente só pode ensinar se souber, se não souber é um pecado, é pecado e crime, você dizer uma coisa e ensinar uma coisa errada, não pode... quiser só diz que sabe, quando sabe, agora se não sabe...

O senhor tem muita memória de quando era criança, por aqui?

É que tá fugindo mais, a idade, mas eu sou muito curioso, eu sou curioso, eu gosto de perguntar, eu gosto de saber como foi isso, como foi aquilo porque é isso que o inteligente só sabe se perguntar e a pergunta dá sinal de inteligente. É o primeiro sinal do homem inteligente, da pessoa inteligente você saber: mais rapaz, tu sabe me explicar como esse pau florou? Como segurou essas frutas? Perguntar porque às vezes eu não sei, mas eu vou perguntar e aquilo é um doido? Mas quem sabe é o doido, senão o doido fica na frente, eu vou perguntar uma coisa a você e você vai... Oh Tadeu, Tadeu, um cafezinho aqui (fala para o filho que está dentro de casa). Aí, eu sou muito curioso, tanto estudioso que como eu

disse, de 8 anos pra cá eu não lembro que passei 8 dias sem pegar num livro. E escrever eu escrevo tudo no mundo, se é Paraíba, história da Paraíba e da Bahia, Pernambuco e de tudo, de tudo... essa região aqui eu tenho que saber, essa região é procedência francesa.

E é?

É. Francesa. Os primeiros habitantes, como se fundaram... eu terminei de escrever um negócio, nesse instante aí é... de escrever um negócio, a essa região aqui, porque chama cariri, porque chama cariri porque eu escrevi e coloquei o título “Cariri dos cariris”. Aqui foi, era tudo dos índios, como nós sabe, agora isso foi 300, quase 400 anos, era tudo dos índios e eu procurei, procurei e descobri os índios que morava lá em Campina, onde você mora, mora em Campina, né?

- Moro

Lá ficou ou Caturités e Caetés aqui ficou os cariris, tapuis, potrins, icós, tem o nome das cidades e eu butei tudo.

Foi mesmo e fez um poema sobre isso?

Não, não, isso é uma história.

O senhor escreve histórias também?

Escrevo tudo no mundo. De tudo no mundo, quando eu sei de uma coisa, vou fazer a história disso e guardo pra aí, agora minha biblioteca é umas caixinhas de papelão véi (risos). Depois nós vamos entrar, tomar um pequeno... pra você vir, bem vindo.

Obrigada, a gente vai voltar, se Deus quiser!

Aí, um dia uma chegou, uma repórter aqui, nem sei de onde ela era, aí quando ela... conversamos igual nós tá conversando agora, conversamos, conversamos, conversamos, quando ela saiu eu disse:

Chegou até uma repórter, eu disse, seja bem vinda
Ela perguntou a mim, qual foi minha vida mais linda
Respondi: foi quando eu tinha 15 ano ainda

Que a gente quando tem 15 anos é o tempo que tá bom, a gente enganado, não pensa em nada, só pensa em farrar, em namorar aí depois a vida vai pra decadência (risos). É, o nove fora nada.

Há um espaço de tempo entre as gravações, ele já começa declamando um poema sobre a passagem da vida.

A enchente dos anos foi chegando
Com uma violenta tempestade
O açude da minha mocidade
Com peso da água foi vazando

Vi a minha mocidade se afogando
 No remanso do poço da idade
 As pilastras da ponte da saudade
 Se partiram no meio e me pegou
 A enchente dos anos carregou
 o açude da minha mocidade

Eu tenho poesia de todo jeito.

Decora tudo também?

É aí depois sai, que a cabeça é já velha, mas eu até tenho uma sorte que o que eu escrevo, decoro. Às vezes eu esqueço aqui e acolá. É, que eu canso muito, leio demais, eu leio, leio que você vê, eu tenho 90 livros ali, eu sei de quase todos, em todos eles eu sei um trecho. Sou danado pra ler, é isso, já tô com 77 anos, faz 70 anos que eu leio. Gosto de ler, pra mim conversando com quem lê, eu até não gosto de dizer isso aqui, porque quem não sabe ler às vezes diz que a gente tá humilhando ele. Pra mim, a riqueza do homem é o conhecimento, é a riqueza sua, não vá pensar que ninguém pense que rico é dinheiro não, rico é conhecimento. Como que até tem uma passagem no livro ali que eu leio ela, Jesus, o que é que tu queres de mim? Ao fariseu, aí um diz: riqueza, pediu a Salomão, e Salomão e tu o que é que vai pedir? Ele disse: ciência, doutor, saber conhecer a humanidade. Aí Jesus deu, Salomão era o rei da ciência. Pra saber conhecer. Porque eu descubro quem morre primeiro, eu descobri... tudo através dos livros. Pra mim a maior vantagem... fulano, pobre não, o pobre que lê, ele não é pobre é rico. Não é através de dinheiro não, porque tem que ter o conhecimento. Um troço que eu não estudo é pra cima, astronomia.

Mas gosta de olhar pro céu?

Gosto de olhar tudo da natureza, eu gosto de olhar a natureza, como é que a natureza... eu tenho até um verso meu, que eu fiz (faz uma pausa para se lembrar):

Todo dia a natureza
 Abre as flores e perfuma
 Um perfume diferente
 O outro de ciúme
 Faz outro do mesmo jeito
 Sem diferença nenhuma

Porque no jardim abre uma flor hoje, ela fecha e amanhã nasce do mesmo jeito. Pois bem, eu fiz isso, todo dia a natureza (repete o poema) é isso que é o poeta, a gente gosta disso. Sim agora pode conversar, eu conversei, conversei, conversei e agora.

Não sabe nada de mim, né?

Vou dar um tempo pra vocês perguntar... (acende mais um cigarro). Se (pronuncia nome que não entendi) chegar aqui, vai dizer: mas tu não já tá fumando de novo não, né?

Aí, o senhor vive com quem aqui?

Eu moro só eu mais a esposa, agora tem uma filha que mora aí vizinho, aí tem um filho que chegou de São Paulo, que veio porque tava doente, a mãe dele que tava doente, tá aí, tem os netos.

Passa o dia com gente em casa

Não falta ninguém aqui, a minha casa todo dia, não falta gente aqui pra vir conversar comigo.

E o senhor gosta?

Affe Maria, adoro! Adoro dialogar com o povo.

Aí vem gente aqui do loteamento? Vem gente de Monteiro, de Campina?

Vem, vem, gosta de conversar, até fizeram um folhetozinho meu aí, que foi a Sebrae, que botaram eu falando no livrinho, que eu sou um... como é? Eu esqueci agora... um anfitrião! E eu digo, que danado é anfitrião (risos) aí eu fui no dicionário saber o que é anfitrião, é uma pessoa que conversa, sabe contar história e eu não sabia que no livro diz que botou eu como anfitrião, eu disse que gota é isso? (risos) Aí eu fui no dicionário... é uma pessoa que sabe conversar e contar história

Não mentiram não, né?

É, não mentiram não.

Vamos entrar (falando para filha que estava dentro da casa)

- Ô Lucineide, tem café tem?

- Tem não, mas já vou botar

Não se preocupe não, a gente já tá de saída, a gente vai lá em Josi, almoçar lá no restaurante de Josi.

Josi é a cuidadora de Zabé da Loca, amiga e personagem de muitas histórias de Seu Espedito. Ela abriu um restaurante próximo à subida da loca onde foi construído um memorial em homenagem a Zabé. Colocarei fotos que ilustram esses espaços no próximo capítulo.

E é, vocês não querem conhecer Zabé da Loca, não?

Quero, é sua amiga é?

É, Zabe da Loca, eu conheço Zabé da Loca, deixa eu ver... quando menina, Zabé chegou aqui que ela é pernambucana, de Buique, agora se você ver Zabe da Loca agora é doida, agora ali tem uma coisa importante: a inocência. Ela vai pra rua, compra uma botina, quando andava, é de botina, foi muito bem o nome que até outro dia ela disse: não sabe o que é que vão ver em Zabé da Loca, esse repórter, tudo querendo ver Zabé da Loca, começando a mangar de Zabé da Loca, eu digo: sabe porque eles vão atrás de Zabé da Loca, vão ver em Zabé, sabe o que eles vão ver? Vão ver o que não vê num doutor, não vê num engenheiro, não vê no médico, não vê no advogado, não vê em mim, não vê em você, vai ver a simplicidade dela, a um ritmo de música, tocar pife, tem muito tocador, mas é músico, foi pra escola, e

ela tem aquele ritmo, com a idade dela... tem o retrato dela aí, vamos ver o café, nós entra, se vocês não morrer, mas sim, pergunte alguma coisa...

Eu quero só dizer ao senhor que eu tô conversando com o senhor porque eu queria ler um pouquinho das suas histórias de vida, dos seus poemas e eu tô pra fazer um projeto pra, se o senhor me permitir, estudar a sua vida, seus escritos, aí se o senhor me permitir também e der tudo certo pra eu voltar mais vezes pra gente conversar mais.

Venha mesmo, é um prazer!

Independente de dar certo ou não, eu quero conversar mais com o senhor.

Faz tempo de casado?

3 anos.

E não tem menino ainda não?

Ainda não.

Não são doido, né? Não, menino tem que ter... já terminou os estudos?

Já. Eu tô tentando, essa história da sua vida que eu tô querendo é pra fazer um doutorado, é depois que a gente faz a graduação, aí a gente entra na universidade pra estudar mais, ter mais conhecimento, aí é lá na universidade de João Pessoa, eu sou de Campina Grande, mas vou tentar pra lá, pra João Pessoa, aí caso dê certo, a gente vai se encontrar muito mais vezes.

Eu vou lhe mostrar umas coisas ali, se eu achar e encontrar eu vou lhe mostrar. Com licença, deixa eu ir buscar um bocado de coisa que tem ali. Desculpe eu aqui, é que aqui eu tô achando bom...

Contexto: Seu Espedito nos chama para conhecer sua casa e tomar um café. No caminho até a cozinha, nos mostra sua produção

Licença.

(Filha de seu Espedito, Lucineide): Pode entrar.

Seu Espedito: Isso é a minha biblioteca. Tudo o que você pegar aí, depois eu vou mostrando (pegando suas folhas), isso foi uma coisa que eu escrevi, essa semana.

Que letra bonita! Ah, é o dos Cariris né?

É isso é o dos Cariris.

Seu Espedito passou um tempo em silêncio, separando algumas folhas com seus textos, e eu fui lendo alguns textos para conhecer um pouco mais a produção dele. O que me espantou foi o cuidado com que ele tinha em marcar todos os textos com seu nome, utilizando um carimbo. Todas as folhas eram escritas à mão, com uma letra bem marcada, imitando a “letra de imprensa”. No decorrer da conversa, descubro o motivo desta letra tão organizada...

Logo depois fomos tomar um café. Seu Espedito tem dificuldade para andar por conta das sequelas da hanseníase. Sempre solta a piada que tem que andar apoiado por mulheres. Durante o café, pergunto quem é que passa os textos para o papel e ele disse que era ele mesmo quem escrevia, alguns textos tinham cópias, então ele falou que quando sobrava um dinheirinho, ia a Monteiro ou pedia para os netos irem fazer cópias. Quando chega alguém para conhecê-lo, algum grupo de escola ou amigos, ele oferece um texto de presente para essa pessoa.

Olhe, tudo eu leio, tudo eu leio. E isso que tá passando, vocês não sabem que nasceram ontem, mas isso que a gente tá passando, tá na vida, tá lá, Deus disse, Jesus disse. Ninguém vá pensar que vai mais ter tempo bom não, não, menina, não vá pensar não, que é o tempo, o livro, é na vida sagrada de Jesus que fala tudo o que tá se passando e Jesus disse: sabedoria aumenta, dinheiro aumenta, vai aumentar o dinheiro no fim da geração, aumenta o dinheiro, a sabedoria, aumenta a ganância, aumenta a violência, o dinheiro aumenta demais, passa gente nas porta oferecendo dinheiro e já tá passando pros aposentados fazerem empréstimo, aumenta tudo e as águas diminuem. Palavra de Deus, Ele disse: haverá tempo que diz, que for vivo diz, ah, se eu morresse há dez anos ou mais, pra não ver a desgraça. O dismantelo vai vir... eu ainda ontem tava dizendo aqui, os aperreio que tá se passando hoje, falta de emprego... mas rapaz nós estamos num céu, cê vai ver coisa ruim é daqui a uns 4, 5 anos, é doutor passando fome, sem ter emprego, e já tá, já tá, tem doutor formado e não tem emprego, que hoje é só o pessoal procurando emprego e se formando. A saúde acabou-se, tá acabada. Emprego não existe, quem tem condição financeira suficiente bota um escritório, aí tá certo, é mais interessante, cê vai ver cada gente formado, desempregado. Vai ter. Também porque a nação aumentou demais, tem de medir, saber e medir a história, tem gente demais no mundo, pra empregar esse povo todo, tem muita gente. Aí diz, antigamente não era assim, mas não era o povo todo, era uma pessoa aqui outra acolá. Hoje as cidades tá aumentando demais, a violência tá aumentando demais. Pois tá escrito.

O senhor é aposentado?

Sou. Se não fosse morria de fome também. É como tem falado, os políticos têm vontade de melhorar, de serem bom não são não, mas eles pedem... Outro dia eu tava conversando em Monteiro, aí quando eu chego em Monteiro faz aquela roda de gente pra conversar, aí falando dos deputados que não trazem nada, aí eu digo, meu amigo, a gente vai medir, os deputado pede, aqui tem dois deputados, eles pede, a gente não vai dizer que eles não pede não. Mas os chefes vão deixar, porque o roçado do político é

voto. Eles não vão deixar de mandar pra Campina Grande, Patos, que tem 100 e tantos mil votos pra mandar pra Monteiro que tem 20 mil, votos, né isso?

Na época do assentamento, o senhor já morava por aqui já?

Eu nasci e me criei aqui.

Aí foi o INCRA, foi que veio pra cá?

Foi o Incra. Colocou o nome de reforma agrária não sei por que, não financia, não ajuda, nem nada, é tudo nascido e criado aqui. Aqui tem filho dessa terra, tudo daqui. O Incra mesmo diz que não botou ninguém, quando ele chegou aqui, os impostos tava atrasado, aí eles apropriaram, o imposto tudo atrasado, morreu os donos tudo das fazenda, aí eles apropriaram, mas o povo já tava morando, aqui tem gente com 80, 90, 100 ano, eu sou o caçula, com 77 anos, nascido e criado aqui.

De tudo aqui em Santa Catarina tem, tudo-tudo o que você pensar. Aqui tem artesão, rendeira, músico, poeta, o primeiro padre do município nasceu aqui, o capitão, o primeiro capitão de curveta da marinha brasileira, neto de Priscila, nascido do cariri era daqui, tem puta, tem corno (risos), tenho história de tudo. Toda história que passou-se aqui eu sei. A história de Santa Catarina - vamos ali pra fora –

Saimos do café na cozinha e voltamos para o terraço. Enquanto fui ao banheiro, Seu Espedito conversava com Tércio, que ficou contando histórias sobre os quadros e as condecorações que ele já tinha recebido e estavam espalhados pela casa, pedindo que fizesse fotos. E sentados no terraço, prosseguimos a conversa.

Sim, eu vou contar a história de Santa Catarina, essa é muito importante viu, você grava ela que é importante... Essa área aqui, Santa Catarina, é procedência francesa, eu vou contar a história, ela é meio longa, deixa eu fumar, eu sei de toda história daqui (apontando para os seus escritos). Pode olhar aí, tem de tudo, tem poesia, tem história. É assim, eu tenho muitas poesias, é que é como eu disse, eu sou um desmantelado de marca maior, eu leio depois boto lá pra dentro, nos caixão... tem muitas coisas escritas. (Enquanto Seu Espedito fumava, eu folheava seus escritos). Eu fiz um... hoje ninguém fala mais nisso não, que é negócio de matuto... eu fiz um, naquele tempo não tinha computador, era máquina de datilografia, eu fiz um concurso com aquele computador, a minha menina disse: eu vou comprar um computador pra pai, eu disse, quero não, minha fia, deixe pros netos, que eu não tenho mais cabeça pra isso não.

A história de Santa Catarina é longa, interessante essa história. É a área mais importante da Paraíba, tava em segundo, mas agora tá em primeiro. E de tudo tem, tem músico, tem poeta, repentista, poeta escritor, que sou eu, rendeira, renascença, o diabo pro aqui tem, tem. Gente ruim que só a gota

(risos), em habitação é a maior, tem mais de 4 mil habitantes aqui nessa área, aqui já deu padre, deu advogado, só não deu doutor.

-Aí é tudo isso aqui?

Tudo o que sua vista tiver cobrindo é daqui dessa área, vou começar a contar a história... Olhe, naquela década, naquele século, entre 1650 a 1700, um francês por nome Adolfo Meier teve por intuito de conhecer o Brasil e viajou da França em um navio negreiro, isso não tem data certa, mas foi entre 1650 a 1700, viajou num navio negreiro. Chegou, ancorou o navio, aportou, nos arrecife, nesse tempo se chamava arrecife, que eu fui até procurar no dicionário, sei lá o que diabo é arrecife, acho que um lugar que tem pedra, um bocado de pedra, ele, o francês, ficou com a família lá, é, ele viajou com a família pra conhecer o Brasil, chegou aqui, tudo índio, tudo era índio. Ele ficou nos arrecife, aí ele falou, eu vou conhecer o sertão, aí saiu, o transporte naquele tempo era animal e não tinha transporte motorizado ainda. Saiu. Aí chegou em Sumé, parou, e Sumé nesse tempo era São Thomé com H, aí chegou em São Thomé e ficou. Aí tinha uma senzala de índio, umas senzalas, ele ficou por aí. Ele com boa condição financeira, botou uma loja, ele tinha dinheiro, aí botou uma loja de coisas francesas, de tecidos, brincos, miudezas, pra vender aos índios. Ele ficou e foi se radicando na terra, aí foi olhando as terras e foi vendo que as terras eram boas, eram devolutas, era do governo. Ele, com condição financeira, dividiu do rio Sucurú, dividiu com Pernambuco. Prata, São Francisco, Boa Vista, Serrote Agudo tudo era daqui, ele foi e cercou, cercou não, piqueteou, botou os max (incompreensível). Era Adolfo Meier o nome dele. E ficou ele, começou a criar e tornou-se um dos maiores fazendeiros do sertão, ele vinha com os vaqueiros a cavalo, aí tinha um pé de juá, isso eu não sei dizer aonde é, deve ser lá na fazenda, que tinha muito lá perto, e tinha um olho d'água e começou a chamar Olho d'Água do Juazeiro aqui, mas com o tempo, ele resolveu ir a João Pessoa, chegou lá em Cabedelo, viu o forte de segurança de Cabedelo, circulado de...de..., tem até uma foto de lá aqui, circulado de uma muralha de pedra, dois metros de largura e dentro tinha a capela de Santa Catarina, aí ele prestando atenção naquilo ali, escravo como o diabo, até hoje tem as correntes aí pra amarrar, ali perto do Fórum. Ele veio, quando chegou, por Santa Catarina ser circulada de serra e pedra, ele botou aqui por nome Santa Catarina. Aí, aqui foi chegando gente, foi chegando gente, os primeiros moradores daqui eram os Irineus, ainda hoje tem família deles por aí, com 80, 90 anos, tem Luiz ainda vivo. Tem os Catités e os Timóteos, três famílias tinha aqui, somente. Aí ele tinha, ali tem matarina, na serra de matarina, aí tinha uma índia que morava num rancho que se chamava Irina, aí botaram o nome, serra de Mara Rina. Depois ele morreu. Quando ele morreu ficou major Tobias em Sumé, seu Marcolino Meier e Major Alfredo.

Já eram os filhos de seu Adolfo?

Já eram os filhos, aí quando ele morreu, o Tobias, ficou em Sumé, ele e seu Marcolino ficou em Sumé e Major Alfredo foi pra Serrote Agudo, aqui era Santa Catarina e tinha uma filha, Rosalina, aí eles disseram: dá aquele pedacinho de terra pra Rosalina, que aqui era 4 mil e 500 hectares de terra. Mas

Rosalina nem conheceu isso aqui não, ela ficou, ela tinha o intuito de estudar e ficou estudando no Recife. Aí o doutor Artur Santa Cruz era casado com a menina de major Saturnino e passou um ano e dois meses e ficou viúvo, a mulher morreu. Aí quando a mulher morreu ele devia ser bonito que gente rico é tudo bonito, não é feio, né? Aí começou a namorar com ela, ele era juiz, era desembargador, aí começou a namorar com Rosalinda e casou com ela, mas ela não vem pr'aqui não, aí ficou no Recife, construíram família, nasceu doutor Arturzinho Filho, doutor Lincon, médico, doutor Arturzinho era juiz de direito e doutor Edson era agrônomo, é o que andou aqui, diziam até que ele era gay e ele ficou pela aqui, foi o único da família que conheceu isso aqui, os outros estudaram, se formaram, tem umas mulheres, mas eu não sei o nome não. (acho que é outra história) Aí o doutor ficou aqui, ele era juiz de direito, no interior, na terra de Luiz Gonzaga, no Exú, mas de 15 em 15 dias vinha aqui, polka que eu nunca vi, era aquela alegria medonha, ele gostava de mim como o diabo que... Aí é a história de Santa Catarina é essa, é procedência francesa, que depois, faz um 20 anos, de 94, o INCRA desapropriou que morreram, ficou as terras abandonadas, mas o INCRA mesmo diz, aquilo lá é de vocês que já moram lá. Eu nasci e me criei aqui e sou dos mais novo, 77 anos. Mas Luiz de Irineu tá com uns 90 e tanto anos. Uma terra boa, uma terra pacata. Hoje aqui tem, antigamente não, mas hoje tem aqui posto de saúde, um atendimento muito especial, tem um colégio estadual e que faz o derradeiro grau, como é que faz, pra ir pra doutor? De tudo tem, tem igreja.

- O senhor vai, pra igreja?

Oxe, vou nada, eu gosto de ler a bíblia, mas respeito toda religião, mas não sou de nenhuma, nem sou católico, nem sou crente. Eu leio o racionalismo cristão, eu acho muito importante, o racionalismo cristão é doutrina, não é religião, mas o racionalismo cristão você seguindo ele é um dos melhores. Ele proíbe marido trair mulher, mulher trair marido, é contra o roubo, é uma seita, não é uma seita, é uma doutrina, eu gosto muito, mas respeito todas, nem sou um, nem sou outra, mas respeito. Eu pra mim, todas as que tão falando em Deus tão certa, agora falar em Deus não é o tão importante, é como o livro aí tá dizendo, não é dizer “ah meu Deus”, e o coração fechado, é abrir o coração, que Jesus diz: abra o coração que eu entro, no teu coração. Mas tem muitas coisas hoje no modernismo que tá se acabando, que eu não sou contra. Eu sou contra essas mocinhas antes de começar a andar já pega homem, eu não sou contra, eu sou contra a irresponsabilidade. Esse negócio de virgindade, não, agora a mulher é que deve raciocinar, pra não perder seu moral, agora virgindade não vale de nada não. Agora é raciocinar pra não esbandaiasse, ser responsável, mas virgindade não vale nada não. A mulher, tudo é inclinação, mas de onde vem isso? Do raciocínio cristão. Você tendo na cabeça, você não trai sua mulher, a mulher não trai seu marido, que perde a dignidade, a gente deve fazer jeito da dignidade aumentar. Por que se eu me tornar um ladrão, cadê minha moral, minha dignidade? Falta de respeito, não, vamos ser digno. Tem muitas coisas que o povo mistura uma coisa com outra, mas não é. É respeitar-se a gente próprio.

Tentei me despedir, porque a hora já estava bem perto do almoço e Seu Espedito não deixou de jeito nenhum sairmos antes de almoçarmos com ele. Ele vai mostrando o material que é produzido sobre o projeto “Rota Cariri Cultural”, enquanto sua filha colocava a mesa para o almoço. Nesse tempo de conversa, e no decorrer do dia, meu esposo participa de algumas conversas e faz algumas perguntas de forma mais “direta” a seu Espedito. Ele disse que ficava querendo saber sobre o processo de criação, autores em que seu Espedito se inspirava, enfim, perguntas que talvez fosse fluindo pelo próprio autor. Como eu não tinha antecipado para ele o objetivo da metodologia da história de vida, me senti desconfortável de impedi-lo de interagir e deixei a conversa acontecer... Seu Espedito mostrou o encarte produzido pela “Rota Cariri Cultural” e disse:

Aí tem história minha, é nesse aí, é nesse aí que tem aquele negócio de... anfitrião, sei lá que negócio era anfitrião, fui no dicionário aí diz que é quem conversa muito... bote a cadeira aqui perto... é aqui onde tem, é aqui, olha anfitrião, eu digo isso é uma piada, menino (risos).

- **Tércio pergunta: Qual é o autor que o senhor se inspira, que o senhor gosta de ler?**

Eu , eu gosto muito de ler as coisas, coreografias (sic) do Brasil, do estrangeiro, agora lá pro exterior eu não conheço nada... eu, eu, até na inauguração de Brasília eu tava em Brasília, eu construí Brasília, sou um candango legítimo, que eu até escrevi uma poesia...

Juscelino Kubitschek de Oliveira
 Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e outros mais
 Pesquisaram o Planalto de Goiás
 E fizeram uma cidade hospitaleira
 Capital caçula brasileira
 Construída pelo o povo nordestino
 JK mineiro tão granfino
 Presidente de alta qualidade
 Quem visita Brasília tem saudade
 Do saudoso presidente Juscelino.

Construiu (pausa...) não...

Uma igreja com bonita engenharia
 Seu desenho o primeiro do País
 Quem visita a Brasília vê-la e diz
 “presidente como aquele não se cria”
 Aeroporto, bonita rodovia
 Rede bancária, ginásio e hospital
 Fez também museu especial
 Botou mais de uma coisa antepassada
 Depois ele sonhou com uma estrada
 Chamou um engenheiro e ordenou
 O engenheiro por lá se acabou
 Mas a estrada ainda hoje representa
 Em mil novecentos e sessenta

A vinte e um de abril de inaugurou.

É Juscelino. Esse verso tá com a idade de Brasília porque eu escrevi isso no dia da inauguração. 56 anos.

Qual é o verso mais antigo que o senhor se lembra?

O verso mais antigo que eu me lembro foi... quando eu era rapazinho novo, quando eu fui trabalhar na Samba¹² em Campina Grande, ali no bairro da Liberdade, eu fui trabalhar lá. Aí, quando eu saí, as moças nesse tempo queria beijo, tinha hormônio, chorava, quando eu ia saindo elas choraram de novo e eu fui dormir que não dormi pensando... na namorada, me despedindo dela de noite. Aí tinha um sabiá cantando, num pé de árvore na frente de casa, aí disse:

Sabiá cantando
 Na copa desse arvoredo
 Como quem conta um segredo
 de quem tu vive esperando
 o tempo vai se passando
 mas o futuro é na frente
 passas dias descontentes
 sem ouvir a minha voz
 adeus até quando nós
 se avistar novamente.

A gente conversou, conversou e a gente tem que conhecer minhas poesias.

É verdade, o senhor deixa eu digitar, não deixa?

Deixo, esse aqui eu escrevi e mandei a menina bater na máquina, datilografar. Esse aqui é aquele, leve esse aí pra você...

Entramos para a cozinha e deixei o gravador ligado, enquanto almoçávamos, Seu Espedito conversava e começou falando sobre Pinto do Monteiro.

... mas meu amigo, Pinto era muito mais velho do que o meu avô, ele morreu com 95 anos, aí disse, aí ele disse: “Aqui é Santa Catarina, terra do doutor Artur, Catarina era uma índia, a linda Paraguaçu, filha de Tibiriçá, mulher de Caramuru”. Rapaz, eu acho que nem o papa sabe disso, pois Pinto sabia, que Catarina era filha de Tibiriçá, mulher de Caramuru. Esse é um verso que fala de Santa Catarina.

Aí é essa história de Santa Catarina é muito importante, aí eu vou dizer ao Sebrae que eles é quem andam com esses negócio que eles apaguem e botem esse verso como botou Pedra da Lua, que

¹² A Sanbra – Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S.A foi uma grande empresa produtora de algodão

quem sabe da história de Santa Catarina sou eu porque além de ser velho, nascido e criado aqui, tenho o livro que me ensina, eu sei de tudo eu, eu, porque eu digo até que o pessoal vem aqui e diz que eu sou, como é aquilo? Anfritrão, é porque eu sei contar essas histórias tudinho. Eu sei, já lá pra Campina Grande eu não sei, sei que os Caetés e os Caturités ficaram lá, os índios, mas eu não sei contar a história de Campina.

Algumas pausas são realizadas durante o almoço. Aparece um neto e ele nos cumprimenta, ele me faz algumas perguntas, de onde sou, se sou professora, quando digo que sou de Campina Grande, seu Espedito relembra:

Já morei em Campina Grande, na rua de Pedra, ainda tem esse nome de rua lá? Casa de Pedra era assim como quem vai pra... um dia eu fui e arranjei uma namorada, eu sempre era bonito que era danado, nera? Arrumei uma namorada, nós fomos numa festa em Fagundes, não tem um Santo Antonio lá em Fagundes? Eu fui naquele santo. Parece que a gente passa em Queimadas pra chegar lá...

Desculpe viu, desculpe o cumê... Maria quando tinha saúde, às vezes chegava gente aqui, eu dizia, bora almoçar, espera pra almoçar, aí a mulher me chamava e dizia: ô, Espedito, o almoço hoje não tá bom não. Aí eu dizia, eu tô chamando é pra cumê, quem tá com fome come até o diabo (risos). Aqui não falta gente, graças a Deus, e os vizinhos gostam de vir pr'aqui pra eu conversar mais eles... o povo da Prata que vieram ontem aqui, eles foram pra Zabé também.

Sim Zabé, a gente começou a contar a história de Zabé e não terminou, quando acabar o almoço eu conto...

Falamos sobre o documentário dela onde ele aparece e ele disse:

Tinha um rapaz aqui, filho de uma amiga minha, de Marli, saiu daqui e estava em São Paulo e foi trabalhar numa firma pro lado do Japão e lá pega a Globo e ele disse que viu eu passar lá, eu digo: já passaram tudo o que prestava agora tão passando toda besteira (risos).

Perguntei sobre uma imagem de uma santa, se ele sabia do nome dela, mas ele disse que não sabia, a conversa foi para o tempo em que essa imagem estava com eles e seu Espedito continua...

Essa santa é da mulé, agora tem uma santa e uns troço véi aqui que eu gosto de mostrar, troço de 100 anos, é isso que eu gosto... Olhe, essa cristaleira tá com uns 80, 90 anos (a filha traz a imagem do santo). Sim, esse santo aí, mãe dizia que casou em 11, mil novecentos e onze, mãe dizia que comprou ele, tá com 100 anos.

Tadeu, seu filho: e o pote de casamento? O pote de água do casamento, tem 50 anos.

Tem tudo, dessas coisas velhas eu gosto, esse negócio de lembrar do tempo velho. Olhe, eu posso enricar ainda, mas minha casa é desse jeito, eu sou desmantelado todo, não tenho luxo não. As coisas antigas

inspira a gente, as coisas velhas inspira a gente, o novo, a coisa nova não tem nada de inspiração, você gosta, mas não tem nada de inspiração, não tem uma história pra se contar de coisa nova, você conversa mais seu pai, mais seu avô que eles têm história interessante pra contar, um velho como eu tem história pra contar. Essas histórias de hoje é só cachaça, mulher nova, perna de mulher, só isso que se fala... não tem uma história importante.

O neto diz (com ar de riso, sabendo o que o avô ia responder): e as músicas, vó e as músicas de hoje?

Essas músicas de hoje só é pilheria, tem música que a gente tá escutando, chega gente de fora e a gente desliga porque não pode escutar... Antigamente tinha umas letras, uns sentimentos, umas nobreza, tem até que eu sei cantar uma de Nelson Gonçalves: “Deus queira que você seja feliz e não venha precisar mais do meu carinho...”. Hoje é tudo piada, é cada uma letra nojenta que não tem graça, uma batucada danada que não tem nobreza, você sentado, se tiver pulando você acha bom, mas se tiver sentado não tem o que ouvir, na letra.

[Aqui tinha festa em Santa Catarina antigamente? Tinha uns forrós bons?](#)

Tinha, tinha, ainda hoje tem, mas hoje é uns cabaré que não vale nada, é uma zoada que ninguém pode conversar, aquele som é bom pro músico pra cobrir as falha dele, mas a gente tá na sala e não pode conversar, tá no terreiro e não pode conversar que ninguém escuta, você não vê uma letra, uma letra desses cantor novo tem letra, Amado Batista tem letra, mas hoje em dia... mas forró, tendo uma dama e um cavalheiro pode bater uma lata que é bom, mas não tem o que a gente escutar... Dos forró era Luiz Gonzaga, desses vivos é Roberto Carlos, Roberto Carlos tem letra importante, mas esses outros não tem letra nenhuma.

Chega a filha Lucineide e diz que eu posso ir conhecer a sua mãe, depois que ela tomou seu banho ela me chamou para vê-la. Segundo a filha, ela só recebe as pessoas depois de ficar “cheirosa”. Enquanto eu ia conversar com dona Maria, o gravador ficou ligado na cozinha e Tércio pergunta a seu Espedito se ele já compôs alguma letra de música

Não, eu nunca pensei, que até os meninos, os músicos daqui disse, escreve uma letra, mas eu disse é questão que eu não tenho o ritmo, eu sou poeta, é uma coisa e o compositor é outra, as letras da gente não dá, não encaixa, não tem o ritmo, mas agora tem que ter poesia, a música tem que ter poesia, que a música com poesia é aonde você gosta, que ali conta a história, mas hoje é só pilheria mesmo, não tem música com letra não, é porque não são artista, dos cantor de hoje tem Roberto Carlos e Amado Batista, tem sentimentos as músicas dele... Ali em Monteiro tem um menino compositor que é bom que é danado, Naná de Batista, mas eu não sei nenhuma decorada, mas tem de ter poesia. Aonde se vê muita nobreza e muita poesia é no sertanejo caipira, agora o ritmo deles é que muita gente não gosta, mas ali tem nobreza.

O neto pergunta: Nelson Gonçalves, o senhor gostava vô?

Nelson Gonçalves foi o rei de tudo, eu digo que dos cantor bom foi Nelson Gonçalves, Altemar Dutra, forró Luiz Gonzaga e hoje tá vivo Roberto Carlos, que tem nobreza as músicas dele... Olhem, ali em Campina Grande eu gosto dele demais que é contando a história com graça, é Genival Lacerda. Agora ali tinha uma cantora arretada que eu acho que é da idade da tua mãe, era Nenzinha, Erinês. Pergunta a tua mãe, era... Marinês, era uma artista a Marinês, depois de Marinês foi Jackson do Pandeiro... ganharam o nome porque tinha letra.

Tércio e Seu Espedito vão ao quarto de dona Maria, onde eu estava.

Seu Espedito: Ô Maria, essa menina foi a que me ligou de Campina.

Apresento Tércio como meu esposo e seu Espedito diz:

Tão perdendo tempo, não faz menino... (risos), quantos anos? (respondo que 3 anos)

Dona Maria: Eles têm juízo, não é no seu tempo não que quando foi com 9 meses e 15 dias nasceu o primeiro.

É, naquele tempo nós era macho mesmo (risos). Ô, Maria eu vou lá na casa de Zabé mais eles viu?

Dona Maria: Cuidado pra não beijar Zabé (risos).

Seu Espedito: Sim a história de Zabé que eu pelejei pra contar a história de Zabé e nem contei ainda... Zabé ela é de Buíque, no Pernambuco, depois veio morar aqui, toda vida ela era assim, não era muito feia não, era uma galeguinha dos olhos azul, naquele tempo também não tinha mulher bonita, que as mulher era os vestido cobrindo o mocotó, não sabiam nem se vestir, aí ela chegou aqui com uns 20 anos, coisa assim em 44, depois ela teve um caso com João Cinésio, teve uma filha, essa filha dela foi pra Brasília, pra lá morreu. Depois ela ficou, juntou-se com um nego véi, Belmiro, mas Zabé ela tem assim, hoje, coitada, tá caducando, tem 90 e mais anos, mas a simplicidade dela é que vale as coisas, a inocência. Passou aqui uma repórter e me chamaram pra ir na casa de Zabé, na loca, nesse tempo era na loca ainda, chegamos lá e a repórter falando com ela e tal e a repórter disse: Dona Isabel, aqui tem muito barbeiro, aí ela disse, não tem não, só tinha um barbeiro aqui que era Antonio Benedito que era o que cortava os cabelos (risos). Aí a repórter começou a rir e disse: não, dona Zabé é o bicudo, aí ela disse: só era o que faltava, botar nome de barbeiro em um besouro (risos). A simplicidade dela é o que valia. Homem, era uma coisa, eu colhi muita coisa de Zabé, brincalhona, ela gostava de brincar comigo, quando ela bebia cana, ela bebia uma, fumava um cigarrinho, de vez em quando ela dizia: ô, Pedito, vamos tomar uma? Eu dizia, vamos Zabé, ela me chamava de Pedito, nós bebia uma. Teve uma festa, fizeram uma festa lá na loca, veio gente de Fortaleza, Ceará todo canto, lá em cima na serra, aí ela comigo, onde eu tava ela tava, aí ela disse: “Pedito, bora beber Pedito”, aí eu disse: Zabé vai tomar

banho, se ajeitar que a festa hoje é tua, aí ela disse: mas agora sim, eu vou deixar de beber cana pra prestar atenção nesses besta (risos). Hoje eu vou até lá que eu nunca mais vi-a... ela é toda cheia de graça, por isso eu fiz esse verso aí: “duvido é cassar Zabé”.

Seu Espedito me entrega algumas folhas avulsas com suas produções antes de sairmos, ele fala:

Tem muitos por aí escrito, quando eu vim eu procuro por aí, é que meu português é errado, eu, eu quando entrego a poesia, que tem poesia de todo jeito, assim eu digo logo: eu não tenho português não, eu não sei, pra escrever eu troco letra, mas disse Rui Barbosa, eu já li uma passagem em um livro que diz: “o português popular, o certo é o errado porque se a pessoa for falar tudo danado, tá falando pra quem sabe ler e quem não sabe ler não entende e o errado quem sabe ler diz “ele queria dizer isso””, acertou. Pois Rui Barbosa disse, no português popular, o certo é o errado porque o errado todo mundo entende, é como esse anfitrião, sei lá o que diabo era isso. Bora.

(Indo no carro para a casa de Zabé)

Pergunto se ele vai muito visitar Zabé e ele diz que nunca vai por falta de transporte. Tércio pergunta se ele já escreveu cordel, ele responde:

Esse daí de Zabé é cordel porque a poesia que eu gosto mais e não sou muito bom é o soneto. Soneto eu já escrevi, mas tem um soneto grande-grande, é que os soneto é muito sentimental, esse soneto é de Cancão, de São José do Egito, era um dos maiores escritor era ele, ele dizia:

Não quero mais o teu amor perjura
 Não me seduza coração fingindo
 Repare e veja como estou sentido
 Pelo teu amor de voraz candura.

És uma cobra que senti bravura
 Quantas criaturas já tens ofendido
 Em teu esperco* tens um mal contido
 Para o teu veneno não existe cura

Foge para longe com os teus encantos
 Enjuga no outro teus malditos prantos
 Não quero ouvir mais teus tristes ais

Esquece os tempos que jamais revive
 Deixa eu viver com as aves vivem
 Se esqueça de mim não se lembre mais

É muito bom, Cancão era bom demais. Era grande, Cancão. Aqui tinha um amigo, Aberlado Pereira, que trabalhava no banco, amanhecia o dia bebendo cana e escutando poesia, ele era grande em poesia, em soneto, ele dizia:

Eu jurei que se algum dia ela passasse
 Por mim, pagava tudo o que me fez
 Mandei dizer-lhe que jamais cruzasse meu caminho
 Sequer uma só vez.

Cada dia passado, cada mês
 um ódio se estampava em minha face
 E me vingando dela, assim
 talvez meu coração traído descansasse

Vingar-me-ei é este o meu destino
 Só Jesus com seu poder divino,
 Meu ódio com certeza há de mudar

Um dia, ela passou ergui mirado
 Fiquei trêmulo, mudo, acovardado
 Fechei os olhos e a deixei passar.

Eu fiz um poema, um soneto, que eu nem gosto de dizer que eu me emociono, que era pra minha professora, quando ela estava já doente eu disse esse verso a ela, esse soneto, ela chorou, eu disse:

Tens um mister nobre e edificante
 Abençoado seja o seu valor
 Que me ensinaste tudo com amor
 O mais objetivo relevante.

Transmitiu-me o saber a todo instante
 Através de seu tão grande valor
 Portanto isso eu devo me impor
 pelo que me transmitiu de importante

Você foi minha professora amada
 Que ensinou-me na árdua caminhada
 Como é a vida cheia de incerteza

Foi também quem, com toda paciência
 Acendeu a luz da minha inteligência
 Que para sempre permanece acesa.

Aqui tem uma coisa, que quando a gente passar de volta eu vou mostrar, a história de Santa Catarina tá lá, é o patrimônio, tá com uns 400 anos, é um cruzeiro que nem os donos sabem quem implantou esse cruzeiro aqui. Era bem alto, mas foi caindo, a terra comendo, tá bem baixinho, mas se eu tivesse condição eu fazia uma capela lá, mas ninguém sabe contar a história. Aqui é um bar, o povo daqui bebe como o diabo... eu nasci e me criei aqui, conheço tudo como a palma de minha mão.

[Como era o nome do sítio onde o senhor nasceu?](#)

Era Santa Catarina já. Aqui é uma igreja evangélica. Primeiro campo de Santa Catarina. O campo de futebol foi esse. Foi feito em 1940, tá com quantos? 66 anos. 76 anos esse campo. Agora isso aqui é em

toda a Ribeira, tem acolá já chama Ribeira, que as casas na rua mesmo. Logo isso aqui o pessoal nasceram e se criaram libertos, nunca teve sujeição, o pessoal vive tranquilo-tranquilo. Antigamente era uma agricultura medonha, hoje ninguém quer trabalhar, hoje só querem é... o pior que tem esse pessoal do sítio é muitos pais de família não incentivam os filhos a estudar, é o pior. Eles estudam aí uma coisinha, vão só por causa da merenda, é. Vão só por causa da merenda. Aí quando termina aí não procura desenrolar. Eu tenho um neto, dois neto estudaram aí, esses estão na rua estudando universidade, eu digo: estude meu filho, estude o quanto puder estudar, estude que só vai pra frente estudando, lendo com curso. Olhe eu sei ler, mas eu não tenho curso, eu não tenho o que mostrar a não ser mentira e não tenho o que mostrar... (risos)

Um dia, com um tempo, eu ia passando lá na farmácia, todo mundo me conhece em Monteiro, Jorge, o dono da farmácia daí é muito meu amigo, família tradicional e tem uma família dele do Recife, era festa da padroeira, eu ia passando ele disse: “Espedito, passa pel’aqui”. Aí quando eu passei, eu entrei lá, aí tava na farmácia a família todinha dele, aí ele disse: “é esse aqui”. Aí eu fiquei meio assim e disse “o que é, Jorge?”, aí ele disse: “É porque eu disse que aqui tinha um doutor no sítio, tudo sabe, conversa como o diabo”, eu digo, mas agora isso é conversa, doutor... Aí o irmão dele, doutor Beza disse, e esse é que é o doutor mesmo que aprendeu por conta dele, aprendeu e sabe ler. Aí tinha uma filha de doutor Beza, disse: qual é seu curso superior? Eu disse “Cana, bebi muita cana” (risos), só foi a formatura que eu arrumei foi de cana (risos). Aí eu disse, eu tenho uma vantagem que eu gosto muito de ler, de 8 anos pra cá eu nunca passei 15 dias sem ler, sem pegar num livro e sem escrever. Aí o pai dela, doutor Beza, disse “é muita vantagem, que quem ler não fica velho porque fica velha a matéria, mas a mente tá nova” e eu fiquei com ele mesmo. É como eu tava dizendo lá em casa, a gente pega o jornal velho, o povo fica pra quê esse jornal velho?, mas pra mim é novo que eu não sei das notícias que tem nele...

Aqui é o museu de Zabé da Loca, depois a gente vem que parece que tem verso meu ali... aí é a casa de dona Zabé da Loca...

Chegamos na casa onde Zabé da Loca mora. Sua cuidadora se transformou em uma ativista cultural e empreendedora do turismo local e abriu um restaurante ao lado da casa para acolher aos turistas. Josivane nos recebeu no restaurante e nos informou que dona Zabé estava dormindo, muito debilitada. Seu Espedito achou melhor não entrar para vê-la. No restaurante havia uma família de Monteiro e o rapaz que lá se encontrava conhecia seu Espedito e sua poesia. Tentarei transcrever os trechos da conversa no restaurante de modo a recuperar algumas falas interessantes para a construção da cartografia de Seu Espedito, o texto não estará na íntegra por escolha minha, por considerar que há muitas conversas cruzadas, visto que estávamos num restaurante:

Personagem 1 (homem): Uma das coisas boas dessa região é vir conversar com Seu Espedito.

Seu Espedito: Obrigado, muito obrigado. Eu vinha dizendo um... sim eu me esqueci de dizer, outro poema de Abelardo, dizia:

No espelho, nitidez que diferença
 Vi estampado aqui mais um embuste
 Cada ruga uma marca de desgosto
 Cada cabelo branco um (...)
 Foi esta Deus, a triste recompensa
 Que recebi no mundo após a contragosto
 Além de estar, triste no recosto
 Inda mais a velhice por sentença

Só depois dessa atroz realidade
 Foi que vi quanto é bom a mocidade
 E o meu (...)
 Eita, revelação daquele espelho
 Ficou só a revolta e o desgosto

Abelardo era bom demais... aí eu vinha dizendo ali: ruim é sem precisão, eu dizia, ô, Abelardo, tu tá ruendo porquê? Ele dizia: por nada. Ele dizia...

Eu jurei que se algum dia
 Ela passasse por mim
 Pagava tudo o que me fez
 Mandeí dizer-lhe que jamais
 Cruzasse meu caminho sequer dessa vez
 Cada dia passado, cada mês
 O ódio se estampava em minha face
 Ledo engano dela assim talvez
 Meu coração traído descansasse
 Me enganei é este o meu destino
 Só Jesus com seu poder divino
 Meu ódio com certeza há de mudar
 Um dia, ela passou, ergui mirado
 Fiquei trêmulo, mudo, acovardado
 Fechei meus olhos e a deixei passar.

Personagem 2(mulher): O senhor tem quantas poesias?

Seu Espedito: Eu tenho várias, eu tenho mais de mil, agora a cabeça, uma hora eu me esqueço.

Personagem 2(mulher): decorado, tem quantos?

Seu Espedito: Tenho muitos. Eu escrevi um agora nesses dias:

Eu tenho prestado atenção
 Como é a natureza
 Ela fez Zabé da Loca
 E Dilma com certeza
 Cassa o mandato de Dilma

(não... tempo para relembrar. Recomeça:)

Eu tenho prestado atenção
Na natureza como é
Ela fez Zabé da Loca
Depois Dilma até
Cassa o mandato de Dilma
Duvido é cassar Zabé (Risos)

Eu tava contando a história de Zabé, que Zabé, a simplicidade de Zabé como é, eu conheço Zabé desde menino, com ela mocinha, nova. A simplicidade dela conquista o povo, um dia desse eu tava dizendo na rua que o pessoal diz: o que diabo é que o povo vê em Zabé? Eu digo, que vê é em Zabé é o que não vê num doutor, é o que não vê num médico, é o que não vê num engenheiro, é o que não vê num advogado, o que não vê em eu e o que não vê em você. É que Zabé é a simplicidade, pra ela tá tudo bem. Um dia desses...

(contou a história do Barbeiro, do mesmo modo que nos havia contado algumas horas atrás).
A simplicidade dela era a maior do mundo, fazia gosto a gente conversar com Zabé.

Seu Espedito pergunta pelas crianças e quem é quem e o “Personagem 1” vai apresentando sua família... Após as apresentações, Seu Espedito fala um pouco da região, mas as falas ficam truncadas e ele muda de assunto rapidamente. Em geral, falou da “procedência francesa” do início do Assentamento, uma fala mais resumida das histórias que havia nos contado no almoço. E finaliza:

Aqui deu de tudo... até corno, catando direitinho, pode até achar corno (risos), desculpe que eu gosto de brincar, viu...

O personagem 1, que havia mencionado, vem conversar comigo para saber do projeto e, durante a conversa, Seu Espedito diz que ele é sobrinho-neto de Pinto de Monteiro. Seu nome é Airton e ele me diz que também é ativista cultural, já foi professor e atualmente é oficial de justiça. Ao falar em Pinto, seu Espedito já encontra o mote para sua próxima história...

Tem um verso de Pinto, eu tava dizendo que botaram, primeiro botaram ali “Pedra da Lua”, eu disse: tá errado, ali deveria ser “Pedra do Índio” que foi a terra dos índios, que ali foi terra dos índios. Aí trocaram, aí, Santa Catarina...

Personagem 1: Que antes era conhecida como “Pedra de Pedro Xixi, nera? Por conta do dono da terra.

Seu Espedito: Era. Pedra do Xixi, que lá até tem uns desenhos dos índios. É como um verso de Pinto que botaram, eu vou dizer ao Sebrae que tá errado, botaram um verso que Pinto fez, isso foi... é mais velho do que eu, faz muito tempo...

Aqui é Santa Catarina
 Terra de doutor Artur
 E Catarina era a índia,
 A linda Paraguaçu
 Filha de Tibiriçá,
 Mulher de Caramuru

Esse é que é o verso dele.

Personagem 1: Aí botaram lá como?

Seu Espedito: Eu nem li o verso. Aí... dizendo esse verso a doutor Zé Rabelo ele disse: Pinto não era um gênio? Que nunca foi em escola, nem o papa sabe disso, de Santa Catarina.

Personagem 1: Oh seu Espedito, ele já doente, aí eu ia com minha vó lá nos domingos visitá-lo, quando ele tava morando aqui em Monteiro já. Aí ele tava lá, em cima da cama, cego né, e eu por curiosidade perguntei, tio Pinto, o senhor sabe ler muito pouco e como é que o senhor conseguia fazer verso falando de religião, de geografia, de literatura. Ele disse: meu filho, o segredo é escutar, onde eu tô eu tô prestando atenção na conversa do pessoal e vou pegando.

Seu Espedito: Pinto era um gênio. Porque se falasse em medicina, ele tava por dentro. Falasse em religião, tava por dentro. Tudo. Era um gênio. Doutor Zé Rabelo, um dia nós bebendo cana, eu, finado Firmo...

Personagem 1: Não sei porque, por que o senhor não gostava, né?

Seu Espedito: Não sei porque... nós amanhecemos o dia lá, nesse tempo o bar era de Seu Nonato, sei lá se era... aí nós bebendo ali, Zé Rabelo dizendo poema que era danado, aí dizendo verso de Pinto, dizendo, Pinto era um gênio, nunca foi em escola e se fosse em escola pelo tempo não dava pra saber de tudo não. É, eu sou advogado, estudei 20 e mais anos, se eu for falar de advocacia pra Pinto não sei onde danado vai que Pinto cai dentro, sabe de tudo. Aí ele disse, cantando na caju, na piaba, chegou Jorge Turiba, aí Turiba disse, chegando uns políticos pro lado de lá, ele disse, aí tem dinheiro, aí ele vem de aliviar, repare mesmo o que saiu:

Não acredito em conversa de candidato
 Lá em casa chegou de cara lisa
 Prometeu-me uma calça, uma camisa,
 Um paletó, gravata e um sapato
 Na parede pregou o seu retrato,
 Eu disse: meu voto é do senhor
 Prometeu-me uma moça de corredor
 Não deu nem a farinha do pirão
 Depois que passa o dia da eleição
 Nem se lembra o que disse para o povo

Pinto era um gênio, ele sabia da história. Isso aí, é o que a gente tava conversando, tem um povo inteligente que não cultivava e Pinto cultivou. Ele nunca foi em escola e de tudo sabia. Porque precisa saber, vocês me desculpa que eu sou matuto e vou dizer uma coisa: porque existe, eu já conversei isso até mais um doutor e ele aprovou. Existe o inteligente e existe o sabido. O pessoal mistura uma coisa com a outra. Porque o inteligente não tem nada com sabedoria, porque o matuto assim da minha marca, que não sabe de nada, é matuto mesmo e é inteligente.

Contou a história de Jorge quando chamou seu Espedito e apresentou a família...

Onde eu tô na rua é cercado de gente, o povo diz, olha, Espedito tá acolá, garanto que ele tá mentindo (risos) porque onde eu tô tá arruado de gente pra contar histórias.

Olho para um quadro de Zabé da Loca tocando pífano e pergunto:

- E Zabé Tocava bem, tocava?

Seu Espedito: Tocava ruim pra danado, é o que eu digo ao povo, é de admirar, uma danada dessa se lembra das coisas é porque agora ela tá doente. Toca, tem um ritmo e nunca soube de nada de nada. Não sabe um “a”, nada disso e tem a vida melhor do que a de Dilma. É... tá tudo bom. A felicidade dela (Zabé) é que pegou essa menina, Josivane, toma conta dela, que é gente muito boa, aí se não fosse Josivane tava aí, tinha dois filhos, morreu, graças a Deus, que eram ruim, se tivessem vivos era mais ruim.

Era ruim pra ela, era?

Não era ruim-ruim, mas tomava o dinheiro da aposentadoria dela.

O casal saiu do restaurante e ficamos conversando com Josivane, dona do estabelecimento e cuidadora de Zabé da Loca. Ela fala sobre planos de expansão do restaurante e seu Espedito elogia Josivânia, falando que foi muito bom ela aparecer na vida de Zabé.

Seu Espedito: Vocês sabem por que se chama Tungão aqui? Aqui se chama Tungão que uns velhos doido que morava ali, tinha a ilha do Tungão, eu morei ali, tu sabe onde é?

Josivane: Eu sei, eu morei ali.

Seu Espedito: Meus primeiros filhos nasceram ali, quando eu casei, morei ali. Aí, tinha uns velhos, solteirões, mas isso não é história de ontem não, isso é história de cem, duzentos anos. E eles foram caçar e tinha um cachorro por nome Tungão. E ali naquele carreiro que se chama carreiro de Zefa Soares, ali, de pedra, por trás da casa de Zé Caiana. O cachorro entrou ali, acou e morreu enganchado lá dentro das pedras. Aí ficaram chamando Serra do Tungão por conta do cachorro.

Josivane: Acho que foi bem as cobras que mataram ele. Porque pai me conta que tava matando um mocó, atirou no mocó, aí o mocó foi e desceu numa gruta, foi batendo nas pedras e desceu. Quando pai arruiu pra pegar um mocó, quando ele olhou tinha uma pedra grande e tinha uma serpente dando a volta, que ele disse que aquilo não era uma cobra, era uma serpente, na faixa de uns 6 metros de comprimento, ela saiu descendo pra pegar o mocó, pai disse que a cabeça dela era desse tamanho. Aí pai, com uma espingarda, disse: eu não vou atirar nela não, se não é capaz dela me matar aqui. Aí pai disse que ficou tremendo, nunca teve medo, mas daquela vez ele teve. Ele proibiu a gente de descer lá por causa disso... Ô seu Espedito, a história das cobras de veado que Zabé diz que tinha e escutava lá em cima na serra?

Seu Espedito: Tinha, tinha, ali mesmo tem cobra de viado, é umas cobras dessa grossura. Mas não ofende a ninguém, não morde, não tem veneno, só tem arrocho. Ela abraça, também se ela abraçar um da gente, tora os ossos todinho... tem a laje das moças, eu sei contar a história, serra do Gabriel, serra do loro, tudo eu sei contar.

Josivane: Ô Seu Espedito e aquele tanque do Justino que tem lá pra cima?

Seu Espedito: Justino era um criminoso, aí se arranchou na serra e fez um rancho ali pertinho daquele tanque. Aí ficaram chamando de Tanque de Justino.

Em conversas sobre Lampião e Antonio Silvino:

Josivane: Mas Zabé conta que lá pra onde ela morava, eles ameaçavam quem ia por esses cantos lá e o pai dela, Chico né?... ou era Lampião ou era Antonio Silvino.

Seu Espedito: Lampião morreu eu não era nem nascido... Antonio Silvino era um moleque, um cabra safado pra vista de Lampião. Lampião era um cidadão. Lampião, se o cabra estuprasse uma moça, ele ia atrás, ou casava ou ele matava. Ele chegava na sua casa e não fazia medo de jeito nenhum, você dava comer a ele e ele ia s'imbora. Ele era um homem, ele perseguia porque Lampião teve a razão dele porque mataram o pai dele em Vila Bela, nesse tempo era Serra Talhada chamava Vila Bela, aí mataram o pai e ele pediu justiça, a justiça não ligou, ele disse eu vou fazer com minhas mãos. Aí arrumou um rifle

velho, naquele tempo rifle era como espingarda, todo mundo possuía e começou sozinho aí terminou com setenta companheiros. Mas Lampião não era bandido não, agora quando ele tava com fome roubava, matava um bode, comia. Era um homem de lei, de ordem. Hoje em dia esculhambou não tem mais uns homens de respeito. Lampião era um homem de respeito.

Hoje em dia não tem mais homem bom, nem mulher boa, tem mais mulher boa do que homem. As mulheres deviam me chalarar muito que eu dou um ponto a mulher maior do mundo. A mulher sabe administrar melhor que o homem. Toda mulher. Agora de ter mulher descabeçada tem. Mas a mulher quando quer administra melhor. A mulher quando tá na cozinha, lavando os pratos, mas ela tá imaginando o que falta fazer, falta ajeitar a sala, falta ajeitar o sofá, falta forrar a cama. A mulher boa sabe administrar mais do que o homem. O homem pensa, nós homens. Se o homem bem pensasse, todo o dinheiro que pegasse entregava a mulher. Tome, quando eu precisar de dinheiro pra comprar cigarro tu me dá, quando eu precisar de ir num canto você me dá, que ela sabe dar um tantinho. E a gente se for com todinho, gasta todinho de uma vez. A mulher administra melhor. Eu não sei administrar não. Eu não gosto de riqueza, nunca desejei riqueza. A riqueza que eu tenho no mundo, que tem no mundo, é primeiro a saúde. Depois é o sossego de espírito. Você ser bem quisto com todo mundo. Eu posso ter dinheiro pra jogar no mato, mas na minha casa em nem ligo, eu não sou luxuoso.

Depois de um período em silêncio, ouvindo as músicas de Sandra Belê, Tércio pergunta:

Tércio: O senhor ouviu a primeira poesia de quem? Quem inspirou o senhor a escrever? Tem algum autor?

Seu Espedito: A poesia é o seguinte: eu gostava de poesia e umas cantorias que faziam também (...) aí comecei a fazer, também foi logo, a poesia vem do alto, a poesia tem de entender, tem o soneto, tem o de poema e tem a oração. A oração da poesia é o assunto, se você dá um mote, vamos dizer, um mote “saudade”, o que danado eu vou botar o nome “futuro” no meio, não é saudade? De amor, pra quê eu vou botar “vaquejada” nele? O assunto, se é de amor, cai dentro do amor, se é de vaquejada, cai em vaquejada. Isso se chama “oração”.

Tércio: Aí o senhor aprendeu com quem?

Seu Espedito: Aí eu fui lendo, fui descobrindo o que é oração, o que é ritmo, o que é poesia é o seguinte, o ritmo, a música e a oração. Porque o ritmo é se você for fazer uma coisa, botar uma letra a mais, tira o ritmo. É isso. Você tem de... a poesia tem de ter um ritmo. A música tem mais ritmo, a música tem de poesia, a oração diz o sentido. Eu tinha... até escrevi:

Como dom e vocação
 O poeta nasce feito
 Com sentimento perfeito
 Rima, métrica e oração

Um gênio cheio de invenção
 Tudo inventa, tudo entende
 Quanto mais tira, mas rende
 Quanto mais bota, mais cabe
 Quando o poeta não sabe
 Jesus ensina, ele tenta.

Quando ele nasce já traz
 Um gênio pronto, feliz
 Sabendo tudo o que diz
 Do menos ele faz mais
 Faz o mais amenizar
 Tem a sorte que Deus dá
 Esse grande privilégio
 No mundo não há colégio
 Pra um poeta estudar.

Com dons celestiais
 O poeta tem em si
 Vindo pelo dom divino
 As expressões divinais
 Sonhos sobrenaturais
 (verso inaudível)

Todos dons superior
 Deus ensina com certeza
 Formado por natureza
 Sem precisar de ciência

Tem um poeta lá de Campina Grande, vocês são de lá e não sabem a história, Generino. Era analfabeto, agora um homem inteligentíssimo, fazia poema de sextilha. Tem um verso que ele disse:

Saudade é um parafuso
 Que dentro da rosca cai
 Só entra se for torcendo
 Porque batendo não vai
 Depois de enferrujar dentro
 Nem distorcendo não sai.¹³

[Aluska: Esse verso eu conheço.](#)

Seu Espedito: É de Generino.

¹³ Esse poema é atribuído a Antônio Pereira de Moraes, natural de Itapetim, Pernambuco. Como princípio ético e como estava seguindo a metodologia da história de vida, não realizei nenhuma correção nas histórias de Seu Espedito

Às cinco e meia da tarde
 Saudade faz sentinela
 O sol fica mais vermelho
 Deixa uma barra amarela
 E a terra fica cinzenta.

Ali em Campina Grande deu muito poeta. Ronaldo Cunha Lima era poeta. A poesia é um dom que Deus dá. Nós passamos o dia hoje palestrando, mas não desceu uma poesia, quem sabe se amanhã não desce uma poesia pra eu falar em vocês. Agora o nome dela é mais difícil do que o dele. (risos). Fale aí pra eu anotar. (...)

Agora eu vou dizer uma poesia que é uma das poesia de uma mulher de São José do Egito, Severina Branca, uma das poesias que quando ela disse todo mundo chorou. Quando era nova era uma boniteza, chamava o povo atenção, de bonita, eu conheço ela. Tá velha. Severina Branca. Depois ela depravou-se, foi pra zona, pro cabaré. Quando nova todo mundo queria ela, quando ficou velha ninguém quis mais. Ela depravou-se, virou alcoólica, foi pra rua, dormindo nas calçadas e um dia ela tava dormindo na porta de uma festa, de um baile, na calçada, ela disse... deixa eu me concentrar... é uma das poesias que eu gosto mais é essa. Ela disse:

Quis o destino, cruel e traiçoeiro
 Fui rainha aqui nesse lugar
 Homens nobres vinham me conquistar
 Para ser meu amante, meu parceiro
 Eu ia, pensando no dinheiro
 Botava eles em todas as alturas
 Não pensava que vinha a desventura
 O que eu desejava era um marido
 O silêncio da noite é quem tem sido
 Testemunha das minhas amarguras

Quando ela disse esse verso, disse que o pessoal chorou.

Quando durmo acordo de madrugada
 Fico só, conversando com a lua
 O hotel que me hospeda hoje é a rua
 E a cama que durmo é a calçada
 Quando eu jovem, fui muito cobiçada
 Fui destaque entre muitas criaturas
 Só Deus sabe o que hoje eu tenho sofrido
 O silêncio da noite é quem tem sido
 Testemunha das minhas amarguras.

Tem um verso de Zé Catota, de São José do Egito também, tem uma sextilha que ele disse que a mãe dele ouviu e começou a chorar, ele disse:

Tão vendo essa velhinha
 Envolvida naquele manto
 É a minha mãe querida
 Pessoa que adoro tanto
 Já cantou quando eu chorava
 Hoje chora quando eu canto.

Tércio: E tem algum verso em homenagem a sua esposa?

Seu Espedito: Ah, tem muitos. Agora mesmo nessa doença dela, outro dia eu tava nervoso, a gente fica imaginando, nervoso. Eu disse:

Chegamos pra o fim da vida
 Eu doente, ela doente
 Ela triste, eu descontente
 Por vê-la tão abatida
 Eu vencido, ela vencida
 Eu sem força, ela cansada
 Chegamos ao fim da jornada
 Somos os dois vencidos
 Do mundo desiludido para terminar em nada.

(...)

Aí um dia ela brigando com eu, mas eu vou dizer, mas não vão se zangar não, as mulheres. Aí ela brigando comigo, eu escrevendo e ela varrendo a casa, aí era vassoura pra lá e ela batendo nos meus pés e dizendo: homem, sai daí, tu só vive escrevendo essas tuas besteiras. Eu nem liguei, aí eu fiz um verso, eu disse:

Mulher é uma novela
 Já nasceu com esse dom
 Se o homem faz não é bom
 Só quem faz direito é ela
 A importunância dela é tanta
 Que ninguém mede
 Tudo no mundo ela impede
 Tem que ser como ela quer
 A cabeça de uma mulher se tiver juízo fede.

Aí eu mostrei a ela e ela quase dava um cabo de vassoura em mim. (risos) Poeta é assim, faz na hora. Aí eu vou dizer um verso, tá só nós aqui, consideração, tudo irmão, é feio, mas vou dizer, desculpe. Esse verso é de Pinto.

Dinheiro de aposentado
 Eu tenho prestado atenção
 É feito menstruação
 Foi não foi vem atrasado

Tem mais um tempo marcado
 Que só vem de mês em mês
 Pelas contas que fez
 Fica só na agonia
 Passa quatro, cinco dia
 E fica liso outra vez.

Aluska: E o senhor, faz poema assim?

Seu Espedito: Não, não, faço não. Outro dia inauguraram um posto de saúde ali e me pediram uns versos. A doutora Lurdinha mandou eu falar. Mas eu não sei falar, não tenho base pra falar, aí eu fiz uma poesia:

Aqui em Santa Catarina
 No tempo que eu era moço
 Pra estourar um caroço
 Tinha que ir pra Campina
 Morava a velha Porcina
 Que rezava mal olhado
 Dor de dente, resfriado
 Ia pra ela benzer
 Hoje se adoecer
 Tem doutor pra todo lado

Ninguém sabia escrever
 Uma carta ninguém lia
 Diferente de hoje em dia
 Todo mundo sabe ler
 Se alguém adoecer
 Tem médicos, hospitais
 Até nas zonas rurais
 Aumentou a medicina
 Descobriram até vacina
 Pros velhos não gripar mais.

O poeta é assim, faz na hora aquela doidiça. Disse Olavo Bilac que o poeta é um doido, um doido divino. Que o poeta é o seguinte, a gente tá na rua, mas tá concentrado em uma poesia. A poesia é um dom que Deus dá. Todo poeta gosta de palestrar, de conversar muito. Poesia quer palestra, quer amor, quer saudade, desgosto... que eu fiz até uma poesia:

Vi uma jovem num pranto
 Que fazia piedade
 Por que é que chora tanto?
 Ela me disse: saudade
 Encostei juntinho dela
 E disse uma coisa a ela
 Não tenho dúvida nenhuma
 Que também já senti uma
 Que quase morria dela.

Porque saudade não só é de amor, de paixão, a gente tem saudade de uma palestra dessa, de um pedaço velho de pau. Eu fiz um, disse:

Uma saudade danada
Toda vida eu sempre tive
E não sei como é que se vive
Sem ter saudade de nada.
Até mesmo um camarada
Quando faz uma partida
Na hora da despedida
Deixa a saudade plantada
Não ter saudade de nada
É não ter nada na vida.

Vou falar um sobre o beijo, vocês me desculpem:

Me falou um sertanejo
Vou perguntar a você
Se você sabe dizer os mistérios
Que tem o beijo.
Respondi, pelo o que eu vejo
O beijo é uma ilusão
O beijo é uma paixão
Uns beijam por ilusão
Sem ter a mínima amizade
Se o beijo é felicidade
Também tem muita traição

Sendo beijo com amor
Esse nunca é esquecido
Mas tem beijo parecido
Com o de Judas Traidor
Tem o beijo sem valor
Que é o beijo de novela
Quando apresenta na tela
A gente tem nojo dele
O beijo puro é aquele
Que a mãe dá no filho dela.

O beijo segredos tem
Essa impressão sempre tive
Não sei como é que se vive
Sem nunca beijar ninguém
O beijo é sinal do bem
Tem muita energia
Eu acho que o beijo acende o facho
Pra esquentar o desejo
A energia do beijo
Liga em cima, acende embaixo.

(Risos)

Aluska: *Aí esse verso é do senhor?*

Seu Espedito: É meu. Eu também tenho piada safada. Eu não sei se eu conto...

Aluska: *o senhor pode contar, a gente escuta tudo.*

Afastei-me um pouco para que ele ficava interagindo mais com Tércio do que comigo. Senti que ele não estava muito confortável para contar a piada.

Seu Espedito: A mulher foi ao médico e estava com mal estar, uma azia maior do mundo, era uma velha, aí o médico “diga dona, o que é que você sente?”. Eu sinto uma azia, um mal estar danado, aí ele foi examinou, aí o médico, deixei de fumar que esse seu problema aí é tabaco, aí a mulher disse “e eu quero lá isso”... (risos) Ali em Ouro Velho quem conta as piadas são as mulheres, aí tem uma mulher lá e Antonio Bernardo, poeta que é e safado que é danado botou um barzinho e depois do bar botou um talão pra vender jogo, e já velha, a mulher dele já velha com uns 80 anos, quando ele saía, deixava ela despachando, aí ela passava o bicho e tal, aí chegou um senhor e ela disse “quer alguma coisa?” e ele disse não, eu vim só saber aqui da senhora se já deu o bicho. Aí ela disse “já, agora faz muito tempo”. (risos) Agora vocês me desculpem (risos). É por isso que o povo gosta de mim porque eu converso e conto uma piada.

Tem outra: estavam todos rindo na beira do rio, ela sentada numa pedra na beira do riacho, começaram rir mangando dele. Ele disse “o que é que estão fazendo aí?”, ela disse “nós estamos pescando rapaz” aí ele disse “pois não pega não, tá sentada em cima da isca” (risos) aí tem uma lá era... chamada Antonio da Palmeira porque tinha um pé de palmeira na porta da casa dele. A mulher dele botava chifre nele que só a gota e ele nem ligava. Aí tinha uma filha, casou a filha e o marido pegou ela namorando. Naquele tempo era... Ave Maria. Aí ele chegou pra devolver ela. Aí Antonio disse: O que é que está acontecendo? O marido disse: eu vim entregar essa safada peguei ela namorando lá. Aí ele disse: tenha calma. E o cabra disse: como calma, peguei ela dentro de casa namorando lá. Ele disse: tenha calma, a mãe dela também era assim, eu fui tendo calma, tendo calma, hoje tá assim, uma senhora de bem, dona de casa. (risos) Eu tenho é anedota engraçada...

Agora eu fiz um verso da minha vida eu disse:

Fui ao médico um dia me consultar

Toda parte do corpo eu tinha dor

Me sentei disse tudo ao doutor

Doutor, sinto dor em quase todo lugar

Às vezes faço jeito de andar

As pernas parecem não ser minhas
 Eu falei um dia pra vizinha
 Que do jeito que eu vivo assim sofrendo
 Se for conta que a Deus ando devendo
 Deus botou conta dos outros na minha.

Depois, Seu Espedito nos conta novamente sobre o poema que está fazendo para o dia das mães. Falou sobre outras histórias, sobre Zumbi dos Palmares, em seguida fomos conhecer o memorial de Zabé da Loca. Dona Zabé estava muito debilitada e não pudemos encontrá-la. Levamos então Seu Espedito ao memorial de Zabé, que é uma casa onde ela morou no pé da serra que sobe para a Loca. Em seguida, nos despedimos de Josivane e fomos deixar Seu Espedito em casa. Inconformado por nossa partida, ele insistiu para que dormíssemos na casa dele e voltássemos só no outro dia para Campina porque já estava tarde. Falei que não se preocupasse, que iríamos tomar cuidado e que ligaria para ele assim que chegasse em casa. No trajeto do carro para a sua casa, ele nos confessa:

Seu Espedito: Agora eu tô imaginando uma coisa viu. O cabra casou, ficou sem a mulher, acabou-se a metade do mundo. Porque é um. A gente se une no matrimônio pra Deus, fica um corpo, dois corpos num corpo só. Quando a minha mulher morrer, eu só espero isso, eu não espero muitos anos de vida pra ela não, muito tempão não. Eu já fiz a ideia, ela morre primeiro do que eu, e quando ela morrer eu vou ficar, eu já estou conformado, que Deus me fortifique, quando ela morrer, que eu já estou esperando, eu vou sofrer menos. Mas minha casa fica a mesma coisa, cheia de gente. Eu quero que vocês que me conhecem não me desprezem. Venham lá em casa, a gente come feijão e palestra e tudo. Na minha casa não falta gente, eu converso muito, brinco muito. É minha felicidade.

O fim de tarde se aproximava, e já estávamos quase na casa de Seu Espedito, quando Tércio perguntou se ele conhecia alguma história mal assombrada da região:

Seu Espedito: Antigamente tinha, aparecia uns malassombro. E eu vou contar uma história que aconteceu comigo que se outra pessoa contasse, talvez eu nem acreditava. O ano passado, faz um ano, que a mulher foi lá pra João Pessoa, foi quando cortou a perna e a diabetes tava seiscentos e tanto, o médico disse tira tira, chegou em Campina, aí disse, a gente vai cortar a perna, passou lá quase dois meses. E uma noite eu tava em casa, sozinho assistindo, era até um dia de domingo. Aí eu ouvi “béeeimm” derrubou a cadeira lá pra dentro. Eu saí me levantei, cheguei lá e a cadeira estava no mesmo canto. Voltei. Me sentei. Com um pouco, caiu os caldeirão, as louças todas, tudo no chão, eu disse, oxente, isso é um gato, mas eu não crio gato. Cheguei lá os caldeirão, os pratos estavam no mesmo

canto. Aí eu voltando, quando dei fé, um barulho no quarto, como quem levanta e joga no chão. Eu não vi nada, só ouvi, e isso é transmissão de espírito. Eu não me assombrei nem nada, mas fiquei nervoso. Quando foi umas 10 horas da noite começou a chegar gente e eu disse, eu vou contar, mas vocês vão achar que é mentira. Aí foi, ouvi isso.

Tércio: E astronomia? O senhor olha pra cima?

Seu Espedito: Eu leio sobre tudo, gosto de ler coisa, gosto de ler muito a natureza. Mas sei que de tudo existe.

Tércio: O senhor acredita que tem vida alienígena?

Seu Espedito: Acredito, acredito. De tudo existe e tem coisa que a gente vê e muita gente vê. Por isso que eu gosto de estudar. Tem uma coisa que vocês não sabem, vocês nascido e criado na rua, vocês não sabem. Aquela constelação que tem que chama sete estrelas. Nos livros dizem que são duzentas e tantas estrelas, mas a gente diz sete estrelas. E no mês de maio ninguém vê a constelação. Você só vai ver em junho... que até eu fiz um verso:

Tem coisa na natureza que eu desejava saber
 Perguntei a todo mundo, ninguém sabe me dizer
 Porque é que a sete estrela no mês de maio ninguém vê.

É como a estrela Dalva. Aí a estrela Dalva ela passa nove meses no nascente. Agora ela tá no poente. Ela se muda. A gente via muita coisa...

Descendo do carro, estavam na varanda da casa, Dona Maria, sua vizinha e sua filha Lucineide. Momento de despedidas e recomendações.

Entre o primeiro e o segundo encontro, houve uma ida minha a casa de Seu Espedito, no dia 06 de agosto de 2017. Sua amiga, Zabé da Loca, havia falecido no dia anterior e ele estava em João Pessoa, na casa de sua filha.

Segue adiante, registros do primeiro encontro:



Aluska, Seu Espedito e Josivânia, cuidadora de Zabé da Loca

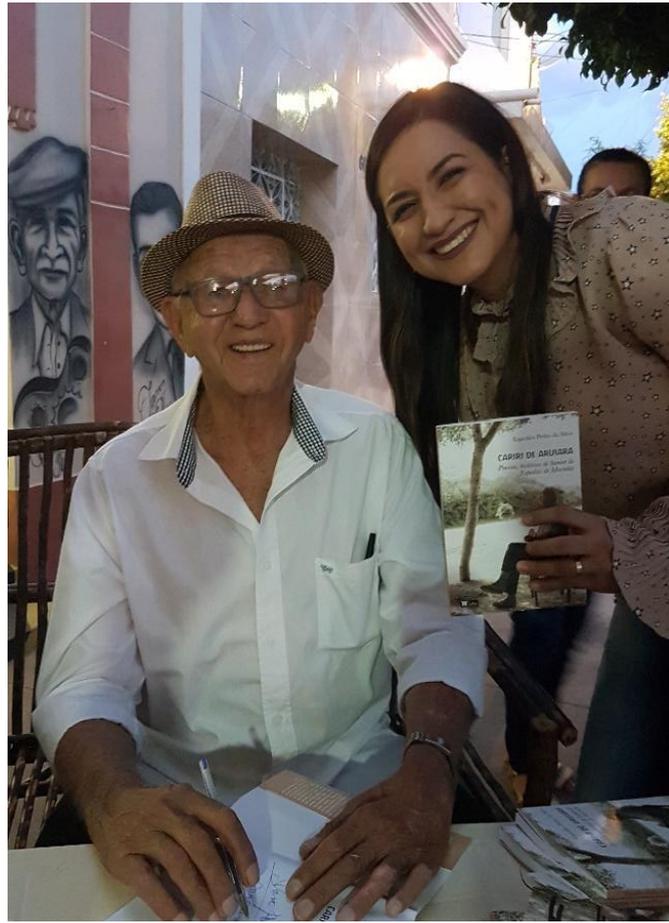


SEGUNDO ENCONTRO: 21 DE ABRIL DE 2018

Lançamento do livro

O encontro para o lançamento do livro foi filmado, como a câmera não era de muita qualidade e o evento ocorreu em ambiente aberto, na Casa Progresso, em Monteiro-PB. Por essa razão, ficou praticamente impossível uma transcrição com riqueza de detalhes. De todo modo, no capítulo quatro, descrevo como ocorreu o evento e analiso a seleção de histórias e poemas de Seu Espedito. Segue abaixo alguns registros fotográficos do evento:





TERCEIRO ENCONTRO: 05 DE AGOSTO DE 2018

Hélder, Etiene, Davi e Tércio

Aluska: Opa Seu Espedito, tudo em paz em Santa Catarina?

Seu Espedito: Tá melhor agora que vocês chegaram.

Aluska: E essa bandeira de São João?

Seu Espedito: E não foi uma festa que fizeram pra mim, no dia 21 do mês de São João. O povo me chamando pra sair e eu aleijado da perna disse não vou não, aí vieram pra aqui. Bora entrar.

Aluska: Eu trouxe algumas pessoas pro senhor conhecer, o nome desse é Hélder, ele foi meu professor. Essa é Etiene e esse é o Davi.

Seu Espedito: Olha, eu tô ruim das pernas viu, eu fui a um médico em João Pessoa, eu já tive hanseníase. Você me desculpa eu não me levantar. Sentem, sentem um pouquinho.

Aluska: E fizeram uma festa pro senhor foi? Me conte.

Seu Espedito: Fizeram uma festa em homenagem a mim, veio a prefeita, veio um monte de gente. Eu agradeço demais, mas eu tô uma pessoa perdida, sem poder andar direito, e as mulher perto de mim, eu digo, olhe agora perto de mim eu só quero mulher bonita, nova (risos).

Aluska: E o livro, já vendeu muito?

Seu Espedito: Ainda tem uns 50 livros, tá aqui. E as histórias nesses tempos eu tava imaginando aqui, que eu tava imaginando aqui umas poesias. Que eu tirei televisão. Aí uma mulher, dando uma entrevista, dizendo que dinheiro não é felicidade, dinheiro ajuda a viver. Aí eu escutando isso, fiz um verso:

Eu vi um em desespero, dizendo tudo o que quis

A gente só é feliz quando a gente tem dinheiro

Eu disse: meu companheiro, isso aí não é verdade

Do que vale ter quantidade e doente de morrer?

Dinheiro ajuda a viver, mas não é felicidade.

Não é? Dinheiro ajuda a viver, mas não traz felicidade. Porque o poeta, diz assim Olavo Bilac, o poeta é um doido divino. O poeta tá aqui conversando aí inspira-se para fazer aquela poesia, depois você vai perguntar a ele e ele não sabe não como ele fez não. O poeta é um doido, um doido divino.

Aluska: E os encontros? As pessoas estão vindo conversar com o senhor, os alunos das escolas?

Seu Espedito: Sempre, sempre. Um dia desse veio a universidade do Rio Grande do Norte, eu não sei onde danado eles sabem do meu nome. Quando dei fé, chega a Globo, veio aqui já duas vezes, a Globo do Recife, a Record.

Aluska: E seu amigo, desembargador?

Seu Espedito: Morreu. Doutor Manoel Rafael Neto. É vem gente aqui de todo nome, é da internet. Olhe, minha vida aqui tá muito desmantelada. Logo eu converso demais, eu acho é bom quando vem gente. A mulher tá parada aí em cima de uma cama, tá doente aí, e eu também doente aqui das pernas que fiz até um verso:

Chegamos pra o fim da vida
 Eu doente, ela doente
 Ela triste, eu descontente
 Por vê-la tão abatida
 Eu vencido, ela vencida
 Eu sem força, ela cansada
 Chegamos ao fim da jornada
 Somos os dois vencidos
 Do mundo desiludido para terminar em nada.

Seu Espedito: Que é eu doente e ela doente né.

Aluska: E o senhor tem que contar a ele (Hélder) a história do nove fora nada, foi criação sua não foi?

Seu Espedito: (risos) é... nove fora nada. É que eu tava escrevendo um dia aí, aí chegou a notícia de uma pessoa que morreu em Monteiro, uma morte instantânea. E começaram a dizer “a vida não vale nada, a vida não vale nada”, pois agora eu vou começar a mexer na vida.

(Em seguida, ele narra toda a história do nove fora nada, transcrita no primeiro encontro)

Seu Espedito: É, a vida é nada mesmo. Eu tenho muita coisa guardada aqui, eu tenho histórias, eu escrevo, faz 10, 12 anos que eu escrevo. Aí, quando dei fé... (risos) eu não tinha a constituição, eu disse eu vou na biblioteca de Monteiro pra ler um artigo, que eu tava precisando de um artigo da Constituição. Quando cheguei lá, tinham três moças, aí uma foi buscar, ela me conhece demais, eu disse, eu vou ler aqui mesmo. Ela olhou assim pras outras, com um arzinho de riso, como quem diz: o que danado que esse matuto tá atrás de Constituição aqui. Aí eu peguei, li e agradei. E disse, de agora em diante eu vou adquirir uma pra mim, e adquiri mesmo. Eu tenho pra uns 70 livros aí, agora é dentro de umas caixas velhas ali, aí eu fico pensando, se aquelas moças vissem a minha biblioteca é que elas iam rir mesmo.

Aluska: Nós trouxemos alguns livros para o senhor.

Seu Espedito: Hum, muito obrigado.

Hélder: O Senhor conheceu, o José Alves Sobrinho?

Seu Espedito: Conheci. Tá até doente, o pobrezinho.

Hélder: Já morreu, faz uns cinco anos já.

Seu Espedito: E morreu? É que o poeta é como um doido, aqui tinha um poeta... (prepara um café aí) aqui tinha o rei do improvisado que era Pinto. Ali era um gênio, agora ele era um gênio mesmo porque uma cabeça só não cabe aquilo tudo não. Ele nunca foi numa escola.

Aluska: E o senhor conviveu com ele?

Seu Espedito: Convivi demais, demais até. Ele dizia coisa que os doutores não sabiam, que até tem um verso dele, um advogado e bacharel em Letras, inventou de cantar com ele... repare, o poeta fez

Não canto como você
Nem tenho sua rapidez
Mas em matéria geral
Um posso cantar um mês
Conheço geografia e entendo de português

(Pinto)
Esse verso que você fez
Profundo defeito tem
Português é uma matéria
Que da gente está além

Somente um vernaculista
 Conhece português bem

Seu Espedito: Eu digo, o que danado é vernaculista? Um matuto sem nunca ir numa escola, eu pejei, pejei, aí fui num dicionário ver o que diabo é isso, pois não tava certo ele? Vernáculo é uma pessoa que sabe bem, que conhece as Letras, sabe escrever bem e conhece bem, tem consciência de tudo. Não tá vendo, um matuto saber uma palavra dessa. Agora tem um que ele fez também, esse eu ainda não procurei, acho que não tem não, que ele cantando com um colega disse:

Você pode me apertar
 Mas penetrar eu penetro
 Paciente como Jó
 Calmo do jeito de Jetro
 Orando de palmo em palmo
 Vendo Deus de metro em metro

Seu Espedito: Eu disse, quem danado sabe o que é Jetro? Acho que isso foi ele quem disse mesmo. Pinto nunca foi de escola, rapaz. Era um gênio. Aí um tempo desse, um conversando, nesse tempo eu bebia umas canas, tava com Zé Rabelo, ele era poeta, doutor Zé Rabelo, ele era advogado, aí começamos a recitar versos de Pinto, aí ele disse: Pinto era um gênio, ele não sabia que sabia disso tudo não. Aquilo quando tocava no assunto, a natureza mandava ele dizer. E eu acho que é mesmo. Porque ele nunca foi numa escola e ainda que tivesse ido, não dava tempo não. De tudo ele sabia. Eu tô conversando muito, já já a gente vai tomar um café.

Hélder: Não, tá bom, eu quero é conversar mesmo.

Seu Espedito: Ele contou uma história que juntou-se lá no Rio Grande do Norte, que tem uma árvore, por trás do cemitério, que calculadamente tem madeira pra sessenta casa. E ninguém sabe o nome dessa árvore. Aí chamaram Pinto e perguntaram: Pinto a gente vai te mostrar uma coisa que ninguém sabe de nada. Aí quando disseram, a gente vai olhar uma árvore ali, Pinto, que ninguém sabe do nome, tu vai ver. Ele disse, nós vamos, mas eu já sei, essa árvore foi de 1414 veio 25 árvores dessa pro Brasil, situo essa no Rio Grande do Norte e outra em Goiás, Zé Rabelo disse: pronto, acabou-se. Ele não sabia ler não, a carta dele, eu tenho a letra dele ali, a carta dele só quem lia era ele mesmo, ele nunca foi numa escola. Pinto foi dado por Deus, tudo o que você pensasse, ele era como eu, gostava de gente. Eu fico muito contente, alegre, satisfeito, agradeço a vocês demais. Eu gosto de ver gente, de palestrar. Eu vivo aqui só pensando, é bom ser poeta, poeta é doido, um doido divino, mas é doido.

Aluska: Ei, conta pra gente a história de Zabé, que a gente vai levar eles lá para conhecer.

Seu Espedito: E eu vou também. Zabé, ela chegou aqui em 1944, mocinha nova, não era muito feia não, é que naquele tempo e ainda hoje as mulheres não sabia se trajar, hoje faz até outra cara lá nas casas de beleza, ficam mais novas. Ela chegou aqui, matuta, mas conversadeira igual a mim, ela chegou aqui, criou-se aqui, o pai dela tinha uma zabumba. Era ela, Madalena, Joaquim Chico, Severino Chico eram os irmãos dela. O pai dela morreu e ela ficou por aqui. Morreu com 94 ou foi 95 anos, nunca ofendeu a nada, ela achava bom ser desmantelada. Ela ia pra rua, comprar um calçado, comprava uma botina de homem, vaqueiro. A gente dizia: mas não é de mulher não, é de homem. Ela dizia: mas eu quero dessa mesmo.

Aluska: O senhor visitava ela na loca?

Seu Espedito: Visitei muito. Chegou uma equipe de repórter aqui... (e contou a história do Barbeiro)
A gente morria de rir com Zabé.

Aluska: Mas o senhor não aprendeu a tocar pífano não?

Seu Espedito: Não

Hélder: Ela tocava basicamente quais instrumentos? Pífano?

Seu Espedito: Tocava ruim que eu nunca vi. Era o esporte dela, era tocar pife. E eu vou até perguntar a Josivania se guardaram o pife de Zabé.

Aluska: Deve estar no museu, que fizeram um museu lá naquela casa dela.

Hélder: Mas ela tocava zabumba essas outras coisas também?

Seu Espedito: Tudo no mundo. Tocava zabumba, pife, tocava triângulo, tocava o diabo. Era música mais do que eu, que eu não entendo de música, não sei tocar nem chocalho.

Bora tomar um cafezinho?

Aluska: E cadê os escritos, o senhor me falou que tinha muita coisa naquele caderno que eu lhe dei.

Sáimos para o outro cômodo da casa onde Seu Espedito guarda livros e seus cadernos. Lá, ele me mostra alguns textos escritos no caderno que eu levei na última visita.

Aluska: Eita, que o senhor escreveu foi muito.

Hélder: Que planta é essa aqui do seu quintal, é juazeiro é?

Seu Espedito: É juazeiro é. Eu escrevi já muito, eu tenho muitos e muitos cadernos, esses papeis por aqui é livro, é poesia que eu escrevo, aí boto por aí.

Aluska: Olha esse aqui como é grande, é da história do assentamento.

Seu Espedito: Essa aqui é uma poesia que eu fiz “Lagoa dos catitus”...

Ele segue folheando o caderno e nos mostrando alguns poemas, em seguida, seguimos para a cozinha para tomar café.

Seu Espedito: Olhe, ali em Ouro Velho tem um pessoal cheio de anedota: chegou em casa as filhas estavam se arrumando pra ir para uma festa, agora a festa era num lugarzinho onde só tinha cachaceiro e maconheiro lá. Ele disse “pra onde vão?”, elas disseram “pro forró”, ele “disse não vai não, nem invente, pode tirar as roupas e ir dormir”, aí a mulher, toda mãe chalera as filhas né, disse “o que é que tem as bichinhas irem? Deixe elas irem, será que vão tirar pedaço delas?”, aí ele disse “não, eu não tenho medo é deles tirarem pedaço, eu tenho medo é deles colocarem” (risos). Certa vez vinha umas moças de lá, quando viram ele disseram, vamos fazer que estamos pescando, sentadas com uma vara assim dentro d’água. Aí ele perguntou “o que é que tão fazendo?”, elas responderam “estamos pescando rapaz”, e ele respondeu “pois não vão pescar não, porque estão sentadas em cima da isca” (risos) Tenha outra anedota de lá: uma mulher tinha um bar e vendia pipoca, confeito e dava café ao povo, aí tinha um talão pra passar jogo, aí passou um velhinho que era acostumado a jogar uma milhar, uns bichinhos tudo barato, quando foi um dia, ele chegou meio dia e o bicho só chega uma hora, aí ela disse “quer alguma coisa?” ele disse não quero não, eu só quero saber com a senhora se já deu o bicho? Aí ela disse: já, mas faz dois anos ou mais... (risos) é um povo cheio de piada, engraçado.

Durante o café (Seu Espedito se dirige a filha Lucineide, pedindo para fazer mais café):

Seu Espedito: É a minha felicidade aqui é essa menina, que toma conta da mãe.

Hélder: Como é o seu nome?

Lucineide: É Lucineide, não sei onde esse povo achou esses nomes né?

Etiene: No Ceará é cheio de Lucineide.

Seu Espedito: É assim, sobre a história de Zabé, tem muito o que contar, muito.

Hélder: *Aí ela tomava uma pinguinha também?*

Seu Espedito: Olhe, eu tenho a vida dela todinha ali no livro.

Lucineide: *Ela bebia mais pai.*

Seu Espedito: A gente conversando com ela, era conversadeira que eu nunca vi. Tudo tava certo pra ela.

Hélder: *Ela teve filho também? Casou?*

Seu Espedito: Teve dois filhos, agora os filhos não sabiam de nada. Morreu todos dois.

Aluska: *Quem cuidou dela foi Josivânia né?*

Seu Espedito: (falando para Davi). Esquecemos do menino. Chegue meu filho, chegue. Os meninos hoje é tudo com celular.

Seu Espedito: Eu tenho muita história para contar. Minha vida é ler aqui, eu não trabalho mais, que eu não posso, minha vida é ler e escrever.

Hélder: *O senhor trabalhava em que, basicamente?*

Seu Espedito: Trabalhei em tudo no mundo. Fui pra Brasília, fundei Brasília, no dia da inauguração eu tava lá, Paraná, vim para São Paulo, Rio de Janeiro, nunca arrumei nada. Eu andei, andei no mundo todo. Logo eu sou muito curioso, quando eu ouvia falar numa coisa que eu nunca vi, meu intento é conhecer aquilo. Se eu acertasse a loteria eu gastava todinho só pra conhecer. A nascença do Rio Amazonas, aquela Cachoeira do Iguaçu, eu conhecia era tudo. Eu sou tão pesquisador das coisas, um dia eu estava em João Pessoa, lá na casa das filhas, e disse: Hoje eu vou no Hotel Tambaú. Ela disse, “o que danado o senhor vai ver lá?”, eu vou porque eu todo canto que eu chego é o povo falando do Hotel Tambaú e eu que sou paraibano não conheço. Vou lá. Saí danado. Aí uma filha disse “vou mais pai”. Chegamos lá, o gerente muito educado, mandou uma moça me mostrar o hotel todo. Outro dia eu fui pra lá e disse: agora eu quero ir na Fortaleza de Santa Catarina, Cabedelo, fui bater lá. Eu sou pesquisador dessas coisas, curioso que eu nunca vi. E noto, boto na cabeça. E por falar em Forte de Cabedelo, hoje é o dia aniversário da Paraíba, dia 05 de agosto. Eu sei contar a história da Paraíba que pouca gente sabe. Muita gente sabe ler e não sabe disso, eu gosto de ler demais, sei da história da Paraíba, ontem à noite eu estava contando, amanhã o aniversário da Paraíba. A Paraíba teve três donos. Agora eu gosto de contar as histórias velhas, trezentos, quatrocentos anos. Isso foi um tratado de acordo dos índios que existiam com os colonos portugueses. Aí descobriram a Paraíba com o nome de Nossa Senhora das Neves. Depois, em 29 de outubro do mesmo ano, passou a Filipéia de Nossa Senhora das Neves em homenagem a Dom Felipe, o rei da Espanha. Agora, no dia 26 de dezembro de 1634. Depois no dia 1654 ela passou com o príncipe Orange, passou a chamar Paraíba. Que hoje a gente diz “Vou a João Pessoa”, mas antigamente era “Eu vou a Paraíba”, agora no dia 04 de setembro de 1930, passou a capital João Pessoa em homenagem a morte de João Pessoa, foi assassinado no Recife, ele como vice-presidente de Getúlio Vargas. Essas são as histórias velhas, eu gosto muito.

Aluska: *Eles me perguntaram sobre história do assentamento por que é Santa Catarina?*

Seu Espedito: Santa Catarina é uma história muito longa. Foi em 1680 a 1700, um francês Adolfo Meier na França teve o intuito de conhecer o Brasil. Aí embarcou em um navio negreiro e aportou no Recife, ele ficou lá pelo Pernambuco, depois teve o intuito de conhecer o sertão. Isso à cavalo, que não existia transporte motorizado não. Adolfo Meier chegou em Sumé, nesse tempo as terras eram todas do governo, ele viu uma senzala de índios, ficou ali, ele, condições financeiras boas, colocou uma loja vendendo ouro, miudezas, tecidos, ficou por ali. Aí foi conquistando as terras porque as terras eram boas de criar, naquele tempo, a terra era comum, era devoluta, do governo, então ele dividiu: da beira do rio Sucurú até Pernambuco, Boa Vista, Prata, ele dividiu. E isso já aconteceu em 1850, ele ficou aqui, os filhos dele eram: Major Tobias, Major Alfredo, Seu Marcolino Meier e Rosalina. Quando ele morreu, Seu Marcolino ficou lá em Sumé com Major Tobias, Major Alfredo ficou em Serrote Agudo, lá perto de Amparo e Rosalina era uma moça, deu uns pedacinhos de terra a ela. O doutor Artur era casado com a filha do Major Saturnino Bezerra, passou um ano ou foram dois casados, a mulher morreu e não deixou um filho. Começou a namorar Rosalina, casou com ela, mas ela não conhecia suas terras, morreu sem conhecer. Ficou no Recife, constituiu família, formou os filhos e o doutor Artur, o dono daqui, era o desembargador e ele trabalhou na comarca do Exú. De 15 em 15 dias ele estava aqui, conversando com o povo, eu conheci muito ele. Muito popular, gente muito boa. Eu era menino de 7, 8 anos. A história de Santa Catarina é essa.

Hélder: Aí depois virou um assentamento?

Seu Espedito: Há 20 anos pra cá, ficou Assentamento. Ele dizia: aqui essa terra não é minha, isso aqui é apoio para quem não tem terra. O doutor Artur dizia. E assim, nascemos e nos criamos aqui. O mais velho nascido e criado aqui sou eu e Inácio Carité, lá na Lagoa. A Lagoa é porque tinha muito porco do mato aqui e vinha tomar banho. Essa história só quem sabe contar assim sou eu porque gosto e guardo na memória. É uma terra pacata, aqui tem mais de 5 mil habitantes. A polícia mesmo não tem trabalho aqui. Quando acontece alguma coisa aqui, já mataram duas mulheres aqui. Da terra dá cachaceiro.

Lucineide: Mas vá pro lado da Lagoa de noite pra você ver... esse setor aqui é calmo porque é o começo do Assentamento. A Lagoa de noite não tem quem queira ir. Ninguém deixa nada fora de noite, se não no outro dia não encontra. Porque pai não anda para lá, aí não sabe.

Seu Espedito: Eu tenho minhas histórias porque sou curioso, que nunca vi. Quando eu andava em São Paulo...

Aluska: Morou quanto tempo lá, o senhor lembra?

Seu Espedito: Eu fui lá umas três vezes. Passava um ano lá e desabava pra outro canto.

Aluska: Chegava lá como heim?

Seu Espedito: Ia de Pau-de-Arara. A primeira vez que eu fui para Brasília foi em 58. De Pau-de-Arara caiu o couro da bunda de tanto que ficava sentado naquele pau. Banco duro danado. Onze dias de viagem, não tinha estrada asfaltada, passei onze dias, cheguei em Brasília. Trabalhei onde hoje construíram a Assembleia, aquela mais alta de Brasília, o 28, já chamava de 28 porque tinha vinte e oito andares. No dia da inauguração eu estava lá.

Aluska: O senhor fez até um poema não foi? Pra Juscelino Kubitschek.

Seu Espedito: Foi no dia da inauguração, eu escrevi em cima de uma tábua isso. Tá com sessenta e tantos anos, eu disse:

Juscelino de Oliveira Kubitschek
 Ele, Lúcio Costa e outros mais
 Construíram a cidade hospitaleira
 Capital caçula brasileira
 Construída pelo povo nordestino
 JK um mineiro tão granfino
 Presidente de alta qualidade
 Quem vai em Brasília tem saudade
 Do saudoso presidente Juscelino

Construiu o Palácio da Alvorada
 O Senado, o Congresso Federal
 Fez também um museu especial
 Botou mais de uma coisa antepassada
 Depois sonhou com uma estrada
 Chamou um engenheiro e ordenou
 O engenheiro por lá se acabou
 Mas a estrada hoje representa
 Em 1960 a 21 de abril inaugurou.

Seu Espedito: É a história. Escrevi isso em cima de uma tábua lá.

Etiene: E o senhor viu muita gente morrer nesta construção?

Seu Espedito: Vi. Aquele prédio um dia... toda vida teve gente besta. Um cabra recebeu uma carta da noiva, ela acabando o casamento. Era um cearense... dos vinte e seis andares, pulou. Leu a carta, a noiva acabando o casamento, ele bêi, pulou. Eu disse: oh, cabra besta (risos). Agora lá não tinha mulher não, ninguém via, era proibido andar mulher por lá. Se tivesse, já sabia que era meretriz. A zona era em um lugar chamado Cidade Live, tinha uma placa da Mercedes Benz bem grande. No fim do mês, quando o povo recebia, eles diziam: eu hoje vou pro pé da estrela! (risos) Pra estrela da Mercedes Benz. (risos). Então, eu tenho muitas histórias, aí você como eu sou curioso. Ele (Juscelino) fez um museu especial, eu disse “eu vou nesse museu, ver as coisas antepassada”, tá aí, eu achei bonito visse, a coroa de D. Pedro, toda cheia de frisos de ouro. Eu fui bater lá pra conhecer. Sou assim. É por isso que eu sou danado de conversador, o povo diz até que sou mentiroso (risos).

Etiene: O senhor já tem quantos anos, Seu Espedito?

Seu Espedito: Já passei de 18 (risos)... oitenta.

Etiene: O meu pai tem 84.

Seu Espedito: Só falta seis meses, é em fevereiro, os documentos dizem que é de fevereiro, mas é de abril. Dia 09 de abril... e eu vim dar fé há pouco tempo...

Etiene: É bom que faz duas festas: um bolo para comemorar em fevereiro e outro em abril.

Seu Espedito: E sua mãe ainda é viva?

Etiene: Mamãe tem 70.

Seu Espedito: É nova. A minha mulher tem 75, mais nova do que eu quatro anos. É uma coitada. Era uma alegria em casa, aí com a diabetes em alto grau, ela amputou uma perna. Depois, tem um dizer “em cima de queda, coice”, ela deu um AVC aí só vive dormindo, a gente fala com ela, ela não conhece, uma vida assim, não sei como... e eu sozinho aqui, não converso mais com ninguém, por isso eu tiro o atraso quando chega gente (risos). Elas (as filhas) dizem: pai mente demais (risos).

Aluska: Aquele seu amigo, lá de Monteiro, que tem a copiadora, vem aqui ainda? O que fez o prefácio do seu livro, esqueci agora o nome dele... Assis é?

Seu Espedito: Vem, vem sempre aqui, é Assis. Meu amigo que é danado, ele. Agora desde o lançamento desse livro ele nunca mais veio aqui, desde abril. Levei um livro pra ele.

Aluska: Ele não estava no dia do lançamento não, tava?

Seu Espedito: Tava não. Ele só vive viajando, ele tem uma papelaria, mas é difícil encontrar ele em casa. Inteligente que é danado.

Etiene: O senhor sempre vai a Monteiro?

Seu Espedito: Vou de mês e mês, quando eu vou receber é que eu vou. Fico lá sentado, toda voltinha que dou, é numa moto porque eu não posso andar. Eu posso andar, mas um passo uma hora pra chegar ali, naquela calçada. Bem devagarinho. Agora eu não sinto dor. Eu tive a hanseníase, faz uns 30 anos. Eu estava na casa da filha e ela disse “vamos saber o que é isso nas pernas, pai”. Chegando lá, eu conversando com o doutor, aí o doutor disse: “ele teve hanseníase, doutor, será isso?”. Ele disse: “Ah, pronto, eu não passo um comprimido porque isso não tem cura não, é sequela, nem é doença e é a pior que tem, é sequela.”. Aí eu disse uma graça lá “pois bem, então são três doenças que eu tenho sem cura: primeiro, labirinto, não tem cura, esse das pernas agora, também não tem cura e depois a idade, três coisas que não têm mais jeito... que até um fiz um verso: eu disse:

Fui ao médico um dia me consultar
 Em toda parte do corpo eu tinha dor
 Me sentei e disse ao doutor:
 “eu sinto dor em todo lugar”
 Às vezes eu penetro de andar
 As pernas parecem não ser minhas
 Não tem mais agilidade como tinha
 Quando dou uma passada é pendendo
 Se for conta que a Deus eu tô devendo
 Então botaram conta dos outros na minha.

Logo após as anedotas e o café, seguimos de carro até o Memorial de Zabé da Loca e do restaurante de Josivânia.

Seu Espedito: Por ali tem um carreiro de pedra bem grande, aí um cachorro enganchou-se uma pedra, morreu lá. Aí ficaram chamando a Serra do Tungão. Aqui tem a Serra do Tungão, o Gabriel, Matarina,

ali onde eu moro é Barro, Lagoa dos Queitões*, Ribeira do Ouro, tem muitos cantos aqui. Aí, eu era menino assim como ele, como é o nome dele? Davi. Isso aqui era tudo mato, não tinha essas casas, não tinha morador não, as casas eram todas longes umas das outras, hoje tá uma rua dessa. Agora aqui é um lugar bom, a gente nunca teve patrão, aqui nunca tivemos chefe. Nos criamos como putas, não tinha dono não. (risos) Aqui era assim. Os primeiros moradores daqui foram os Catités, moravam lá na Lagoa, os Mansin, Os Timóteos, os mais velhos nascidos aqui na terra é eu e Inácio Catité, tem mais velhos do que a gente, mas não nasceram na terra. Sei contar a história daqui toda toda.

Após um tempo no restaurante, eu saio com Hélder, Etiene e Davi para o Memorial de Zabé da Loca. No retorno, Seu Espedito quer contar a história de Zé Feitosa.

Seu Espedito: As irmãs de Zé Feitosa viviam num Cabaré, aí cantando com Pinto, aí dizendo que Pinto já cantou muito, que a voz já estava cansada, quem deve cantar sou eu que sou de família ilustrada*. Aí Pinto disse: Você nunca teve nada, seu pai morreu no alheio, no cabaré de Monteiro tem duas irmãs no meio, quer ver puta é rabo cheio... porque tinha uma que era conhecida como Rabo Cheio com ela. (Se dirigindo a Hélder) Mais rapaz, ele disse aqui que você também é poeta, prazer! Desculpe pelas minhas poesias que são ruins demais. Aí eu vou dizer, (declamou o poema da Enchente dos Anos)¹⁴. Em seguida, declamou a continuação do poema:

Quando eu moço, ainda adolescente
Minhas águas eram cheias de beleza
As marrecas brincando na represa
E os patos nadando, lentamente.

Os ciclones dos anos infelizmente,
Transformou a bonança em tempestade
A parede rachou-se na metade
O barco partiu-se ela passou
A enchente dos anos carregou
O açude da minha mocidade

Trouxeram um copo com água para Seu Espedito e ele começou:

Seu Espedito: Ainda bem que me trouxeram água porque eu por mim não tomo não, tá tudo seco aqui dentro. Faz pouco tempo que eu fumo, 68 anos, comecei a fumar era menino, 12 anos eu comecei. Mãe

¹⁴ A enchente dos anos foi chegando / Com uma violenta tempestade / O açude da minha mocidade / Com peso da água foi vazando / Vi a minha mocidade se afogando / No remanso do poço da idade / As pilastras da ponte da saudade / Se partiram no meio e me pegou / A enchente dos anos carregou / o açude da minha mocidade.

fumava cachimbo, aí ela mandava eu acender o cachimbo dela, quando eu vinha, já vinha fumando. Eu tinha 2 irmãos, um homem e uma mulher, mas morreram. Inacinha e Amaro.

Aluska: Algum deles era poeta? Quem era o mais velho? A sua mãe teve poucos filhos né, para a época?

Seu Espedito: Nenhum era poeta não. O mais velho era Amaro. Era mais velho do que eu vinte anos, se ele tivesse vivo, já estava perto de completar cem anos. A irmã era de 30, se tivesse viva estava completando oitenta e oito. Mãe teve quinze filhos, é que morreu tudinho, naquele tempo não tinha o que tem hoje. Mãe disse que eu mamei quatro anos, disse que eu correndo no terreiro, quando vinha mamava. É por isso que eu sou sadio, graças a Deus. Tenho essa moléstia nas pernas e o labirinto, mas não sinto dor, não sinto nada. Bebi cana, eu bebi tanta cana. Eu nunca fui viciado, mas antes fosse, eu bebia por farra, os outros saiam bom e eu saia bêbado. Eu devo ter me embebedado umas mil vezes.

Aluska: Dava muito trabalho a mulher?

Seu Espedito: Dava, eu era ruim que só merda, tenho família fora, eu rezo, peço perdão a Deus. Tenho filho fora, agora eu era tão ruim que fazia os filhos e não dava um pão. Nunca dei um confeito a um.

Aluska: Mas Seu Espedito é mesmo, e o senhor já viu algum deles?

Seu Espedito: Já rapaz, eles querem tão bem a mim. Um trabalha em hospital, outro em salão de beleza. Aqui em Monteiro, eles gostam de mim. Eles estavam no dia do lançamento do livro.

Paramos um pouco para nos deliciarmos com uma galinha guisada e pratos bem caseiros e nordestinos, preparados por Josivânia. Depois perguntamos como Seu Espedito havia conhecido dona Maria, sua esposa.

Seu Espedito: Olhe naquele tempo a gente nem podia pegar na mão, antigamente era cheiro que dava, hoje é beijo, escondido e se der, depois de beijo passou mastigando a língua um do outro. É, antigamente era assim, era um tempo atrasado da moléstia. Eu pedi ela, o velho dizia, olhe, eu quero respeito. Nem sentava perto um do outro, era assim, dois metros. Nós nos criamos juntos, eu toda vida gostava dela, eu fui feliz, ela foi uma boa mãe de família. Eu era o diabo, fazia tudo quanto não presta. Eu já pedi perdão a ela, peço perdão a Deus. Da Bahia pra aqui, eu tenho filho é por todo canto. Agora as mulheres que tinham filhos meus era muito mais ruim. Eu era ruim mesmo.

Aluska: O senhor depois que pediu a mão dela, casou com quanto tempo?

Seu Espedito: Aí era pertinho, toda noite ia pra lá. Nesse tempo tinha um jogo numa casinha, aí a gente ficava até dez horas jogando. Começamos pouco a pouco, na frente do velho. De namoro, cinco anos. Jesus é quem gostava do que é bom, nunca casou com ninguém. (risos) Agora casar é ruim é para a mulher. Olhe, o pai tá dormindo e ela com ele nos braços. O cabra que pensa, tem que dar muito valor a mulher. Eu fui ruim que só, mas toda vida dei valor a mulher e nunca fui enxerido, nunca gostei de mulher casada, nem moça, eu era sem vergonho, viesse pro meu lado eu pegava, mas toda vida não tive fama de conquistador não, só vem quem quer. Nesse tempo, eu novo, parecia gente, as mulheres era tudinho atrás. Eu tenho uma filha, nesse tempo era morava em Itabuna, a mãe dela, e essa rapaz eu ia me lascando, essa era moça, a danada era moça, virgem virgem, aí teve uma filha minha e foi simhora para Itabuna, na Bahia. Depois de muito tempo, aí eu recebi uma carta, que ela ia terminar lá o ginásio e queria conhecer o pai e que eu fosse para a festa. Eu não conheço ela e nem ela me conhece. Tem três em Monteiro, hoje, cadê hoje? É nada.

Mas olhe, eu vi uma coisa passar na televisão que eu emocionei. Passou no jornal um homem que foi para o hospital e uma cadela acompanhou a lotação, quando chegou lá no hospital ela deitou na porta do hospital, a cadela, e com aquilo eu fiz uma poesia. Eu disse:

Vi uma cena passar na televisão
 Fiquei até impressionado
 O paciente para o hospital levado
 Uma cadela seguiu a condução
 Em seu dono fizeram internação
 Ela deitou na porta do hospital
 Provando a sua lealdade
 Tanta falta de amor na humanidade
 Tanto amor a gente vê num animal.

Aluska: Bonito demais, a cadela tem mais sentimentos do que o ser humano, não é?

Seu Espedito: Outra coisa, tá tudo tão moderno, a evolução, mas de cem às vezes não tira dez. São coisas que não prestam, são vaidades, coisas que o racionalismo cristão disse. Porque eu vou pra tudo no mundo, Xangô, sessão de espírita, sou curioso. Eu tenho que ver, eu não posso falar de uma coisa sem ver. Racionalismo cristão foi onde eu achei a realidade maior. Você raciocinando, não mata, não rouba, não estupra, é muito importante o racionalismo cristão, nem é religião, é doutrina. Agora religião, desculpem se eu tiver errado, mas todas é uma só e todas elas são erradas. É o padre, é o pastor... tem muita coisa errada. O padre não diz porque dá... ele dizia dizer quando dá aquela hóstia, dizer o que significa isso, assim assim. Quando batiza, dizer o que significa. É como os evangélicos, tem muita é política dentro da religião. O católico não vai na igreja do crente, o crente não vai na igreja do católico, é política. Mas toda a religião é uma só. Que Jesus disse: vais a igreja, não escolhas qual. O importante é se juntar dois três falando em meu nome que estarei no meio deles. Outra coisa, a gente, católico, evangélico, tudo, a gente reza para Nossa Senhora, merece que é a mãe de Jesus. Aí agora eu pergunto

a vocês: e por que não reza pela mãe de Judas? Porque a mãe de Judas não teve culpa de Judas trair Jesus não. Ela sentiu primeiro do que a mãe de Jesus porque o filho traiu o Senhor que ela adorava. Depois viu ele enforcado, a mãe de Judas se iguala com a mãe de Jesus porque todas as duas eram mães. Toda mãe é igual.

Aluska: O senhor é católico?

Seu Espedito: Eu sou católico. Eu não sei o que diabo eu sou mais não. Não vou nenhuma. Batizei, casei na igreja católica. Mas todos estão certos fazendo o bem, mas tem a política. Agora eu não gosto da política.

Aluska: E Lula preso? O senhor fez mais algum poema sobre ele?

Seu Espedito: Lula? Aquela prisão, aquilo é só pra fazer jornal, menina. Se for, matar os ladrões, fica desabitado o mundo. Ninguém sabe se ele vai ser candidato, acho que não. Por falar em roubo, eu tenho uma poesia que eu disse:

Comparar (Pausa bem marcada na tentativa de lembrar do poema)

(Não)

A diferença que tem de Lampião
É que os de hoje estão tudo de gravata
Lampião roupa suja e de alpercata
E um bernal cheio de munição
Os de hoje só andam de avião
Lampião por dentro de matagais
Mas pelo o que falam nos jornais
Que a gente está vendo a toda hora
Comparar Lampião com os de agora
Lampião era honesto até demais.

Nos preparamos para sair do restaurante e Seu Espedito ainda nos contou algumas piadas e anedotas, vou transcrever abaixo a partir dos temas. Logo em seguida, o deixamos em casa e partimos para Campina Grande.

Piada da mulher furada:

Ele viu um vulto e arrumou uma namorada, mas já era mulher. Aí um amigo dele disse: Samuel e você vai casar com aquela mulher? Ele disse: vou. Mas ela já é furada. Ele disse: E eu não vou colocar água nela.

Verso de Pinto:

Gostei muito de rapé,
que por tabaco é chamado,
eu era tão viciado,
tomava botando fé
umas moças disseram até
Pinto, me dê um pouquinho
Eu fui respondi assim
Isso é pra encher meu saco
Porque vocês têm tabaco
E vem pedir tabaco a mim.

Segue abaixo, alguns registros do encontro:





TERCEIRO ENCONTRO: 09 de dezembro de 2018

Convidados: Tércio, Ayrton e Eujéssika

Aluska: Opa meu amigo, tudo em paz?

Seu Espedito: Eu tô assim, tô levando... fiquei viúvo agora, que eu fiz até umas poesias, tudo é permitido por Deus não é? Eu fiz umas poesias com a morte dela. Aqui tá ruim que tá danado, vai fazer quarta feira um mês. Maria soube ser boa em tudo, soube desculpar meus erros, que eu era namorador, puteiro,

é... ela soube perdoar, que Deus dê o céu a ela. Mas toda vida eu quis bem a ela. Não era homem de viver brigando. (dirigindo-se a Eujessika). É a primeira vez que tu vem por essas bandas?

Eujessika: É sim, a primeira vez que estou conhecendo sua ilustríssima pessoa.

Seu Espedito: Pra quem gosta do que não presta aqui é bom.

Ayron: É não, aqui é bom demais, Seu Espedito.

Aluska: Olha, trouxe uns livros pro senhor. Conhece Patativa do Assaré?

Seu Espedito: Patativa do Assaré, isso era um grande poeta, esse homem. Do Ceará.

Aluska: O senhor sabe que ele nunca soube escrever? Ele memorizava os versos e as pessoas que escreviam.

Seu Espedito: Tem até um verso que ele escreveu que dizia, que é até esse sentimento esse que eu tô:

A morte temos por certo
Mas ninguém deseja tê-la
Quando morre uma criança,
Os pais lamentam em perdê-la
Jesus se veste de branco e
vem pra porta recebê-la.

Seu Espedito: É de Patativa esse verso. Vamos entrar que esse barro tá muito quente.

Aluska: Hoje nós viemos bem rápido, de passagem mesmo viu. Eu quero vir depois com mais tempo.

Seu Espedito: Aqui tá ruim que tá danado. Maria, quando era viva, às vezes chegava gente assim, eu dizia “espera pra comer”, aí ela me chamava lá na cozinha e dizia “Espedito, não chama não que o almoço não tá bom não”, eu dizia “agora pronto, eu tô chamando pra comer, não tô dizendo qual é o comer não”.

Aluska: Faz pouco tempo que ela faleceu?

Seu Espedito: Vai fazer um mês quarta feira ainda. Ela sofreu demais... e não vão lá em Zabé não?

Ayron: Josivane tem vindo aqui, Seu Espedito?

Seu Espedito: Josivane veio no dia que ela morreu. No velório ela veio...

Chega o filho de Seu Espedito, Neto. Prestamos-lhe as condolências. Após um tempo, Seu Espedito se dirige à Eujessika:

Seu Espedito: Mas lá em Zabé você já foi?

Eujessika: Fui uma vez, passamos aqui na frente, mas aqui eu nunca tinha vindo não.

Seu Espedito: Agora Zabé era engraçada, a gente morria de rir com ela. Era uma simplicidade, não sabia de nada. Não sabia nem do nome de Jesus. Mas era tão boa, chegou uma jornalista aqui... (e conta a história do Barbeiro...)

Aluska: O senhor tem muitas histórias, não é, de Zabé?

Seu Espedito: Muitas histórias... também morreu com quase noventa anos e não ofendeu a nada no mundo. Não sabia se o sol nascia no poente no nascente, era inocente. Bora tomar um cafezinho (...) Sobre essa história de beber, eu bebi pouco, de quando eu comecei a beber, eu acho que eu me embebedei umas mil vezes e não era viciado, me chamavam pra farrar e eu danava-me a beber...

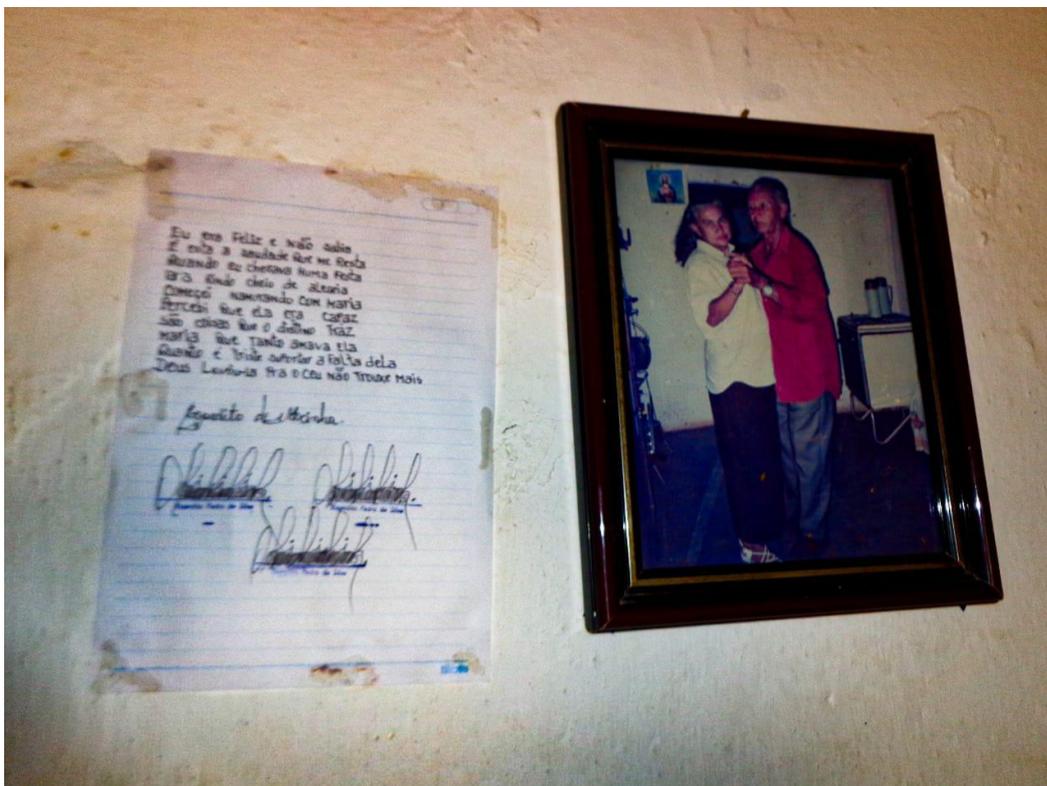
Aluska: Fez muito poema bêbado, não fez não?

Seu Espedito: Olhe tem até um verso, que eu disse:

As canas que eu já bebi
Que fiquei embriagado
Eu esqueci até esse verso (pausa...)

As canas que eu já bebi
Que fiquei embriagado
Se eu pegasse de real
Ficava tão rico o sacco
Dava pra comprar daqui pra Campina
Cheio de gado.

Seu Espedito: Aqui tá tudo dismantelado, o rapaz é quem cozinha aí. Eu com essa idade, a não ser fazer café, eu não sei fazer nada na beira de um fogo. E um homem deve aprender a lavar roupa, a cozinha, eu não sei de nada. A água estando fervida, eu sei fazer o café. Olhe, vem ver aqui, tire o retrato ali...



Eu era feliz e não sabia
 É esta a saudade que me resta
 Quando eu chegava numa festa
 Era rindo cheio de alegria
 Comecei namorando com Maria
 Percebi que ela era capaz
 São coisas que o destino tráz
 Maria que tanto amava ela
 Quanto é triste suportar a falta dela
 Deus levô-la pra o ceu não trouxe mais. (sic.)

Seu Espedito não teceu nenhum comentário sobre o poema que escreveu sobre sua falecida esposa Maria. Foi o momento mais pungente que vivemos durante as visitas. Ele não chorou, não teceu comentários, mas desejou que eu registrasse aquela foto na parede, com

seu poema ao lado. Seu Espedito já havia feito uma cópia e me ofertou como presente. Após este momento, ele tossiu muito, e o recomendamos que parasse de fumar para não adoecer:

Seu Espedito: Vocês que têm o santo forte, façam uma promessa pra eu parar de fumar, agora são duas carteiras de cigarro, todos os dias, fora os cigarros de fumo.

Aluska: *Aí quando vai fazer o Raio X não tem nada não é, Seu Espedito?*

(Ele segue contando a história de quando foi ao médico em João Pessoa)

Aluska: *Quando o senhor estava por Brasília, o senhor fazia muitos versos por lá?*

Seu Espedito: Eu era bem novinho naquela época, tinha uns 20 anos, eu fazia, desde menino que eu faço versos. Eu nasci poeta. Eu fazia versos para as namoradas. Aí elas se apaixonavam...

Aluska: *E quando o senhor era pequeno, tinha alguém que fazia versos e o senhor ouvia?*

Seu Espedito: Não, não tinha ninguém. Olhe, a poesia é um dom que Deus dá, que vem do céu. Quando a gente está escrevendo vem tanta coisa pra gente colocar, que depois a gente vai corrigindo.

Aluska: *E Pinto, o senhor conversou com ele?*

Seu Espedito: Eu já grande, homem feito, eu conversava com ele. Porque Pinto era repentista de viola, o negócio de Pinto era uma coisa sobrenatural.

(E começa contar a história de que Pinto era um gênio... e do vernaculista)

Aluska: *E a política por aqui como foi?*

Seu Espedito: Quando é para prefeito e vereador é mais agitado. E o que você acha desse presidente Bolsonaro?

Aluska: *E preferia que fosse Haddad... o senhor foi votar?*

Seu Espedito: Eu voto quando eu gosto do candidato. Eu gosto.

(Seu Espedito vai conversando com o filho, pedindo as xícaras, os biscoitos para tomarmos mais café, nós ficamos um pouco na mesa, mas já dizendo que não iríamos demorar muito por conta de todo o contexto de luto que a família estava vivenciando. Depois, chega Lucineide, filha de Seu Espedito.)

Seu Espedito: Eu gosto demais quando vocês vêm me ver, muito obrigada, volte sempre. E vocês moram em Bodocongó não é? Eu já fui muito ali... eu trabalhava na Sambra e namorava com uma moça que ela me chamou para aquela igreja, como é o nome?

Aluska: Eu vou para a missa lá. É Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Seu Espedito: Eu morava na Liberdade. Agora isso faz pouco tempo, foi em 58. Eu estava com 19 anos. E já fazia versos.

Aluska: E fez aquele verso tão lindo ali para Dona Maria.

Seu Espedito: Foi... agora é só saudades... (silêncio) Maria soube ser boa em tudo: boa esposa, boa mãe, boa dona de casa. Soube desculpar meus erros que eu era ruim, namorador, puteiro e ela soube perdoar. Eu não era homem de viver brigando, toda vida quis bem a ela. (silêncio)

Aluska: Pois olhe Seu Espedito, nós já estamos de saída, como eu disse a visita hoje é rápida.

Seu Espedito: Não vá agora não, fique pro almoço, hoje é galinha.

Aluska: Eita que é muito bom, mas vou deixar para a próxima, obrigada! Sim, e suas filhas em João Pessoa, como estão? São duas lá, não é?

Seu Espedito: Tem duas e um filho. Elas querem que eu vá para lá depois da missa, vai ser no dia 15, aí eu vou que quero ir lá no doutor para ver essa minha fraqueza nas pernas e a tontisse disse que é o labirinto...

Segue abaixo, alguns registros do encontro:





2) Registros escritos de Seu Espedito

Selecionei alguns poemas e histórias dos tantos escritos de Seu Espedito e escaneei. Alguns destes poemas aparecerão no seu livro *Cariri de Aruiara* e outros foram escritos após a edição e lançamento ou apenas apareceram alguns versos nas transcrições acima. O critério utilizado para a seleção foi baseado na diversidade de temas abordados e gênero, uma vez que Seu Espedito também escreve em prosa.

Texto 1

Grande diferencia TEM
 DE UMA MÃE Pra UMA MADRASTA
 UMA beija, A OUTRA arrasta
 UMA Odeia, OUTRA Quer bem
 UMA AFASTA A OUTRA VEM
 MÃE É A ÚNICA PESSOA
 QUE NÃO deixa O Filho ATÔA
 O SEU AMOR NÃO TEM FIM
 NÃO existe Mãe Ruim
 E NEM TEM MADRASTA BOA
 X

Autoria: Espedito de Mocinha
 Pili Pili

Santa Catarina - Monteiro

Texto 2

sou batizado católico e sou cristão
 Respeito o Racionalista
 Não discrimino, o Ateu, NEM O budista
 Entre os dois eu não dou opinião
 Cada um, tem sua Religião
 Para mim isso é coisas Naturais
 Sei que tem, o Espírito ele quer Paz
 E a Matéria quer Falta de respeito
 O Espírito não fica satisfeito
 COM OS erros que a Matéria faz

O Espírito, pode ser incorporado
 numa Matéria assassina ou de um Ladrão
 O Espírito não tem culpa disso não
 É O CORPO que não é civilizado
 O Espírito está nele encarnado
 cumprindo as Ordens celestiais
 talvez esteja sofrendo até de mais
 por ver a Matéria desse jeito
 O Espírito não fica satisfeito
 COM OS erros que a Matéria faz

Eu já tenho dito só pra mim
 que a humanidade faz muita coisa errada
 Mais o Espírito não tem culpa de nada
 Não é culpado a Matéria errar assim
 tem a Matéria o raciocínio ruim
 O Espírito e ela, são seres desiguais
 O Espírito vem por forças divinas
 E o corpo é do pecado está sujeito
 O Espírito não fica satisfeito
 COM OS erros que a Matéria faz

Texto 3

COM O DOM E VOCACÃO
 O POETA NASCE FEITO
 COM SENTIMENTO PERFEITO
 RIMA, MÉTRICA E ORACÃO
 UM GENIO, CHEIO DE INVENSÃO
 TUDO INVENTA TUDO ENTENDE
 QUANTO MAIS TIRA MAIS RENDE
 QUANTO MAIS BOTA MAIS CABE
 TUDO QUE O POETA SABE
 É DEUS QUE ENSINA ELE APRENDE

x

QUANDO ELE NASCE JÁ TRAZ
 UM GENIO PRONTO E FELIZ
 SABENDO 'TUDO QUE DIZ
 O QUE ELE PENSA FAZ
 DO MENOS ELE FAZ MAIS
 FAZ O MAIS AMENIZAR
 TEM A SORTE DEUS LHE DÁ
 ESSE GRANDE PRIVILÉGIO
 NO MUNDO NÃO HÁ COLÉGIO
 QUE SAIBA LHE ENSINAR

x

DAS COISAS CELESTIAIS
 O POETA TEM ENSINO
 VINDO PELO UM DOM DIVINO
 AS EXPRESSÕES DIVINAS
 SONHOS SUBNATURAIS
 SÃO DOTADOS SONHADORES
 TODOS DONS SUPERIORES
 DEUS LHE ENSINA COM CERTEZA
 FORMADO POR NATUREZA
 SEM PRECISAR PROFESSORES

Texto 4

— Ou Pisa NO Freio Ou vira —

Essa - - Constituição
 Que o Brasil constituiu
 Tem uma corrupção
 Que antes, nunca se viu
 Faz agente, ficar boubó
 Os Jornais só Fala em Roubo
 Até no Parlamentar
 É senador Deputado
 Eu Fico impressionado
 Ver o Brasil como está

Ex. Ministro Ex. Presidente
 Envolvido em corrupção
 Será que eles não sente
 Que é vergonha, Pra Nação
 No Passado antigamente
 Quando era Presidente
 Era Pra se Respeitar
 Hoje é Tudo Esculhambado
 O Jeito é Ficar calado
 Que não tem Jeito Pra dá

Se Gritar Pega o Ladrão
 O Brasil fica NUM FIO
 Só Fica São Sebastião
 O Padroeiro do Rio
 Acho que está de mais
 O Roubo da Petrobras
 Faz até Emcabular
 Mostra o dinheiro Encanado
 Amarrado EMPacotado
 Não deu NEM TEMPO contar

Esperedito de Mocimbo

Aut. do Poeta

Texto 5

A procedência e origem da Faz.
santa catarina em Três Fases

NO FINAL do século deesseis entre 1685 a 1700 UM Francês por NOME Adolfo Mayer Teve o INTUÍTO de conhecer o Brasil, e assim muito ANCIOSO e muita disposição embarcou NA FRANÇA EM UM NAVIO NEGREIRO, O NAVIO ANCOROU NO Recife, que na época era chamado - Arrecife - Adolfo Mayer desembarcou e ficou ali PELO LITORAL. COM a PASSAGEM de uns tempos, ele RESOLVEU conhecer o SERTÃO, isso em ANIMAL que na época NÃO TINHA transporte motorizado chegando ele em São Thomé que hoje é Sume ENCONTROU uma aldeia de índios que era do Grupo sucuriú ele se ENTROUSOU COM OS índios COM condições FINANCEIRAS suficiente começou uma LOJA vendendo tecido bijuteria ouro e etc e foi CONQUISTANDO as terras Vill que as terras eram muito boa pra criar ele sentou PIVETE ou MARCOS, dividiu do Rio sucuriú AO MUNICÍPIO da INGAZEIRA Pernambuco tudo deserto desabitado CORONEL Adolfo Mayer, TORNOU-se um dos MAIORES FAZENDEIROS do Cariri.

Ele percorrendo as Terras com os vaqueiros PARAVAM para LANCHAR em um pé de Juazeiro que tinha um OLHO D'ÁGUA perto, FICOU chamando OLHO D'ÁGUA do Juazeiro. LAGOA dos Queitatu PORQUE, no meio do mato tinha a LAGOA e os PORCOS do mato que é chamado Queitatu VINHAM de rebanho TOMAR banho POR ISSO intitulou o nome, LAGOA dos Queitatu isso a TREZENTOS ANOS ou mais. MATARINA, extia uma INDIANA mata chamada - RINA - PERNOYAR Na Serra na Mata chamou MATARINA até hoje em todo Cariri

100

Coronel Adolfo Mayer radicou-se no cariú até a morte, ele uma certa vez teve uma intuição de conhecer cabedelo conheceu a Fortaleza de Santa Catarina que é conhecida por Forte da Paraíba construída em 1586 pelo Engenheiro Cristóvão Lintz - as paredes da muralha dois metros de largura a maior segurança até hoje existe dentro da muralha tem a igreja de Santa Catarina tudo de pedra as muralhas tudo de pedra Coronel Adolfo Mayer vendo admirou e ficou na impressão, chegou em Olho d'água do Juazeiro como era chamado, viu que aqui é cercado de serra e muita pedra inspirado no forte de cabedelo disse, agora aqui é Olho d'água de Santa Catarina até hoje, imortalizou esse nome Filhos do Coronel Adolfo Mayer era Major Tobias - Major Alfredo - Marcolino e Rosalina

(2º Faze)

O Dr. Artur Santa Cruz de Oliveira foi casado com uma filha de Major Saturnino Bezerra. Ela morreu com um ano e poucos meses de casada não deixou filho O Dr. Artur casou-se com Rosalina a filha do Coronel Adolfo Mayer ela não quis morar aqui ficou no Recife estudando O Dr. Artur era Juiz Desembargador. Trabalhava na comarca de Ingazeira Afogados Flores, Carnaíba até Exu no alto sertão de Pernambuco

Morrendo o Coronel Adolfo Mayer inventariaram Tobias e Marcolino ficaram na região de Sumé Alfredo em serrote Agudo, Rosalina com Olho d'água de Santa Catarina o Dr. Artur tomou posse, isso era a fazenda no Macapá o administrador seu Duda a 150, ou mais anos em 1917 o Dr resolveu fazer a sede da faz. No centro da terra iniciou, em 1917 concluiu em 1919. Quando existe o chale como é chamado até hoje os primeiros moradores foram: os Timotes, os Catité os Irineus e os Mansinhos.

Em Santa Catarina, tem várias famílias que é internacionais - franceses, - holandeses, - italiano - Guilombola Africano, - isso, precisa entender que é descendência: Santa Catarina é a faz rural mais habitada do Cariri, da Paraíba talvez do Brasil tem várias culturas naturais nela tem músico, - sanfoneiro, - pifeiro artesão, - Rendeira, - Gaiteiro, - Nove campos de futebol - Poeta repentista de viola Poeta e declamador escritor de bancada A faz, Santa Catarina seu primeiro administrador, foi seu Duda segundo, Zé Francisco o último Bento Tenório por 40, ou 50 anos

- 3: -

EM agosto de 1994 o INCRA desapropriou. Hoje é assentamento de Reforma Agrária hoje tem aproximadamente quatro mil habitante tem filho de Santa Catarina nascido e criado nela com 90 e mais ano

Texto 6

Vivendo a Terceira idade
 Bem satisfeito e feliz
 Não Tenho Tudo que Quiz
 Mais Tenho Tranquilidade
 NÃO Tenho MAIS MOÇIDADE
 Tudo é como Deus Quer
 Hoje Faço o que Poder
 Que chegou Minha Medida
 Assim Vou vivendo a vida
 Até quando Deus Quiser

X
 A vida é cheia de Esse
 Uma hora nega, outra dar
 Precisa se conformar
 Com o que a vida oferece
 Uma hora sobe, outra desce
 Tudo isso a vida tem
 Agente pensando bem
 Mesmo Assim a vida é bela
 O bom mesmo é viver ela
 Sem ofender a NINGUEM

X
 Se ver gente apertado
 Com ganância desmedida
 Só pença na sua vida
 Possuir carro importado
 Fazenda cheia de gado
 Só é nisso que tem fé
 Esquece de Deus até
 Mais é preciso saber
 Que só é o que quer ser
 Se Deus Permetir que é

Expedito de Mônica.

Autoria
 Mônica

Texto 7

XXX LEMBRANÇA XXX

Eu lembro quando era Adolescente
 Que tinha uma vida de Quermesse

Tem Passado Na vida Que se esquece
 E TEM Passado Que Fica Permanente
 Não se ver o Passado Mais se sente
 Uma Lembrança, Uma Mágoa Uma saudade
 Os ANOS Aumentaram A Minha idade
 O TEMPO Fêz isso Por vingança
 Tá escrito NO Quadro da Lembrança
 Como Foi, Que eu Fui, Na Mocidade

X X X X X

Eu ia Festa de Noite de São João
 Em Forró Me sentia bem Feliz
 Nem gosto de Lembrar Tudo que Fiz
 Que Magoa inda Mais Meu coração
 Hoje Resta só A Recordação
 Do que Fui Não sou Mais Nem A metade
 Os cabelos Mudando A Qualidade
 De Pensar NO meu Tempo de criança
 Tá escrito NO Quadro da Lembrança
 Como Foi, Que eu Fui, Na Mocidade

X X X X X

Pra Todo canto eu era convidado
 Pra Forró, caçada, Pescaria
 Pra chow, Casamento e Cantoria
 Até Pra correr Atraz de Gado
 Foi Assim Minha vida NO Passado
 Tudo isso eu Fasia com vontade
 Era Mõço com muita vaidade
 E agora A velhice Faz cobrança
 Tá escrito NO Quadro da Lembrança
 Como Foi, Que eu Fui, Na Mocidade

Expedito Pedro da Silva
 Mat. 003

Expedito da Mocinha

Autoria:

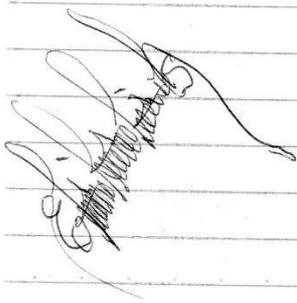
Expedito Pedro da Silva
 Mat. 003

SANTA CATARINA - MONTEIRO

Texto 8

xx A Minha Dúvida xx

1º	3º
<p>DIZEM QUE TEM democracia SE TIVER EU NÃO VI NEM acredito SENADORES FALANDO TÃO bonito Discursando A maior demagogia O QUE AGENTE TÁ vendo Todo dia É ASSALTO, sequestro AGIOTEIRO Vendem Tudo daqui Pra O estrangeiro Que O BRASIL TEM Tudo de valor só FALTA UM administrador Pra ZELAR O Patrimônio Brasileiro</p>	<p>Oh. Meu Deus, como tá esse Paiz só Tem ordem e Progresso Na bandeira só se ver ASSALTO e Roubalheira O POVO NÃO vivem mais FELIZ Ludibriando O POVO, ainda diz Que O BRASIL, está indo Pra Frente Se TIVESSE UM Congresso competente VIA ISSO e Faria Punição se Fôr Punir Toda CORRUPÇÃO Quem é Que vai ser O Presidente</p>
2º	4º
<p>Vendeiram A VALE do Rio doce O OURO Lá de serra PELADA A MADEIRA de Lei sendo exportada A do PARÁ Já quase Terminou-se O Petrólio Também Já ENPENHOU-SE COMO É QUE vai ser essa NAÇÃO TEM Fraude em Toda REPARTIÇÃO PELO O QUE vejo nos JORNAIS UM Ladrão de Gravata Rouba mais De Que CEM MARGINAIS de Pé no chão</p>	<p>NÃO sei O que Foi que Aconteceu Que AGENTE ver derrota, mais derrota EU Queria saber A Dnde bota O dinheiro das coisas que vendeu os direitos do Povo se escondeu O SALÁRIO NÃO dá NEM Pra Fazer Feira só FALTA vender Nossa bandeira E se NÃO Tomarem outra medida VÃO venderem a senhora APARECIDA E deixar O BRASIL sem Padroeira</p>



O POVO estão esquecendo
 FERNANDINHO BEIRA MAR
 HOJE só estão FALANDO
 NA MÁFIA PARLAMENTAR
 Que TEM TANTO FERNANDINHO
 Que TRABALHO A CONTAR

Texto 9

versos em soneto
de Augusto dos Anjos

x

vêz, NINGUEM assistiu ao formidável
Enterro da Tu última Anímera
SOMENTE, A solidão essa Pantera
Foi tua companheira inseparável

acostuma-te a Lama que te espera
O homem, que nessa Terra miserável,
Mora entre Fera, e sente necessidade inevitável
de Também ser Fera

pegue o fósforo acende o Teu cigarro
O beijo, AMIGO, é a véspera do escarro
A Mão o afaga, é a mesma que apedreja

se ALGUÉM, CAUSA ainda a tua chaga
apedreja essa mão vil que te afaga
E, escarra nessa boca que te beija

Escrito pelo Poeta - Espedito Macinha

Texto 10

≡ O Beijo ≡

Me Falou um sertanejo
 Vou perguntar a voce
 se voce sabe dizer
 OS Mistérios que tem o beijo
 RESPONDI pelo o que vejo
 O beijo é uma paixão
 UNS beija por ilusão
 SEM Ter A MINIMA amizade
 se O beijo é felicidade
 TAMBEM TEM muita traição

-X-

Sendo beijo COM amor
 Esse NUNCA é esquecido
 Mais TEM beijo parecido
 COM O de Judas Traidor
 TEM um beijo sem valor
 que é o beijo de novela
 Quando apresenta Na Tela
 AGENTE TEM NôJO dele
 O beijo Puro é aquele
 que A Mãe dá No filho dela

-X-

O beijo um segredo tem
 Essa impressão sempre tive
 É muito triste quem vive
 SEM NUNCA beijar NINGUEM
 O beijo é sinal do bem
 TEM muita energia eu acho
 que O beijo acende O FAIXO
 Pra esquentar O desejo
 A energia do beijo
 Liga em cima acende em baixo

4

da Bocinha.

Espedito

Aut.

Texto 11

3 - Falta de sorte - 3
 X ← X → X

se FALO NINGUEM ATENDE
 se eu PEÇO NINGUEM DÔA
 se erro NINGUEM PERDÔA
 se explico NINGUEM ENTENDE
 se Ligo A LUZ NÃO ACENDE
 QUANDO vou é ATRAZADO
 chego O PORTÃO TÁ FECHADO
 se PERGUNTO NINGUEM DIZ
 NÃO sei O QUE FOI QUE FIZ
 QUE TUDO MEU dá ERRADO

se invento de JOGAR
 É NUMA banca QUEBRADA
 se viajo erro A ESTRADA
 vou caçar MATO UM GAMBAR
 SAIO A NOITE PRA PESCAR
 O AÇUDE é MALASOMBRADO
 QUANDO PEGO UM RESFRIADO
 ESPIRRO INFLAMA O NARIZ
 NÃO sei O QUE FOI QUE FIZ
 QUE TUDO MEU dá ERRADO

Eu fui CONSTRUIR um dia
 PENSANDO QUE MELHORAVA
 VINHA O VENTO DERRUBAVA
 TODA CASA QUE EU FAZIA
 FUI TOCAR MERCEARIA
 MAIS SÓ VENDIA FIADO
 INVENTEI DE CRIAR GADO
 DEU UM MAL TRISTE INFELIZ
 NÃO sei O QUE FOI QUE FIZ
 QUE TUDO MEU dá ERRADO

Estudo Espiritismo de M. C. S. M.

Texto 12

O poeta Antonio Marinho era muito inteligente. Tinha umas respostas humorísticas e espirituosas.

Ele chegou em um hotel em uma manhã muito fria, disse vou tomar um café pra esquentar sentou pediu o café disse Passe dois ovos a mulher procurou ovos não tinha mais falou pra seu Antonio não tem mais ovos quer um copo de leite quente no lugar dos ovos, ele disse Deus me livre não sou doido não.

X
Ele ia passando pelo rio tinha umas moças quando viram ele pegaram umas varas pra dizer que estavam pescando sentadas nas pedras quando ele aproximouse elas disseram seu Antonio estamos pescando rapaz ele disse mais estão sentada em cima da isca

X
Ele uma certa vez foi conhecer o Recife chegando lá, a família foram mostrar o mar a ele quando estavam lá ele calado só olhando a beleza disseram a ele quanto é bonita a natureza não é, ele disse dizem que Deus fez o mundo em seis dias mais esse Barreiro foi outra empreitada por fora

Texto 13

UM senhor muito conhecido na sociedade viuvo boa condição financeira arranjou uma namorada e terminou se apaixonando já idoso a moça o povo dizia que ela não era mais moça ele disse eu vou casar com ela um amigo dele disse tu vai casar com aquela moça ele disse vou o amigo dele disse ela é furada ele disse eu que importa não vou botar água nela

um motorista carreteiro pegou uma carga apressada vinha com muito sono chegou em casa disse vou dormir um pouco sair de manhã cedo foi o seu plano assim a mulher botou a janta ele jantou e foi deitar a mulher começou a xingar e dizendo tu só anda atrás de rapariga cabra ruim ele disse mulher cala boca deixa eu dormir que eu vou sair cedo pra entregar essa carga ela disse porque não parasse na casa das puta ele disse vou embora essa danada não deixa eu dormir entrou no carro ligou e saiu apareceu um vulto do lado dele ele ficou com medo a visão filho não tema não eu sou seu amigo da guarda lhe acompanho toda a sua vida lhe defendendo do que não presta ele disse e onde voce táva quando eu sair pra casar com aquela besta fera

Texto 14

Na Escola

A Professora reuniu os alunos para perguntar qual era a profissão de suas mães. Um disse a minha é funcionária pública. Perguntou a outro ele disse mãe é costureira. Perguntou a outro ele disse mãe é empregada doméstica. Perguntou e a sua mãe Joãozinho ele disse minha mãe é substituta, a professora disse substituta não é profissão, diga como é o trabalho dela, ele disse mãe bota a janta depois se apronta e vai pra boate e chega de madrugada. a professora disse assim é prostituta, Joãozinho disse não prostituta é a minha irmã quando ela não vai mãe vai. A professora disse assim é substituta mesmo.

Texto 15

Existia um senhor que foi morar na terra de um fazendeiro, ele com a família três moças e quatro rapazes. O fazendeiro tinha um filho começou a conquistar uma das moças e ela também apaixonou-se. O resultado foi ele estuprá-la. O senhor pai dela por o rapaz ser filho do fazendeiro rico ficou calado. Passou uns tempos o rapaz esturpou outra filha do velho por ser filho o jeito foi ficar calado. Com a passagem dos tempos o rapaz esturpou a derradeira que tinha. Aí o velho disse assim, tá de mais eu agora vou procurar a justiça e assim foi. Chegou onde estava o juiz disse - senhor eu vim aqui lhe dizer eu sou um pai de sete filhos quatro macho e três fêmea moro com um fazendeiro ele tem um filho começou com prosas - coisou minha filha mais velha por ser filho do fazendeiro fiquei calado. Com pouco tempo coisou a outra e fiquei calado agora foi a derradeira achei que é de mais vim pedir justiça. O juiz disse mais três filhas me diga uma coisa lá não tem homem não. Ele disse, tem mais ele não quis não só a quiz as meninas.

Texto 16

Pelas coisas que vejo eu tenho dito
 Que o Espírito é coisa muito séria
 O Espírito se encarna na matéria
 A matéria desenvolva o seu Espírito
 O Espírito vem lá do infinito
 E a matéria do mundo dos mortais
 O Espírito tem as forças divinas
 Por tanto merece ter respeito
 O Espírito não fica satisfeito
 Com os erros que a matéria faz

A matéria é masculina e feminina
 O Espírito ninguém sabe como é
 Se tem braço, cabeça, mão e pé
 Porque livro nenhum aqui ensina
 A matéria o Espírito é quem domina
 Na hora que se encarna a vida traz
 Ninguém sabe quando for se volta mais
 Ninguém tem certeza, a esse respeito
 O Espírito não fica satisfeito
 Com os erros que a matéria faz

O Espírito é abstrato ninguém ver
 Quando ele vai para eternidade
 Ninguém sabe se ele tem saudade
 De quem, com ele, esteve antes de morrer
 Se voltasse novamente pra dizer
 Mais não volta vai viver com os imortais
 Se voltasse seria bom de mais,
 Que a humanidade sabia mais direito
 O Espírito não fica satisfeito
 Com os erros que a matéria faz

Texto 17

JÁ FUI UM homem de sobra
 O Que Tocasse eu dançava
 Pegava boi derrubava
 ERA PAU Pra Toda obra
 HOJE A velhice me cobra
 O Que Fiz NA Mocidade
 A Justiça da idade
 me fez UM SENTENCIADO
 O Que Já Fiz NO PASSADO
 HOJE eu NÃO FAÇO A Metade.

X
 NUM Recanto me arrumo
 NA Prateleira da vida
 UMA Mercadoria vencida
 sem servir Mais Pra O CONSUMO
 MESMO, Assim me acostumo
 COM A Metade do VALOR
 O TEMPO destruidor
 Toda CONSEQUENCIA TRAZ
 Pra O MUNDO NÃO Presto Mais
 Pra O seu sou Pecador.

X
 De secenta ANOS em diante
 UM ANO VALE Por DEZ
 A vista encurta incha os Pés
 Pra morrer é NUM instante
 vive desinteressante
 Abusa A QUEM Lhe AMAVA
 QUANDO era MOÇO sobrava
 E depois FALTA A Metade
 Se vendesse Mocidade
 Por Todo Preço eu COMPRAVA.

Expedito de a Mocidade -

Antônia

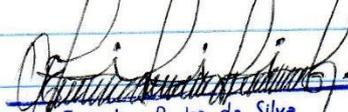
Texto 18

≡ QUEM NÃO TEM SORTE ASSIM ≡

Se FALO NINGUEM Atende	PENÇANDO QUE CONSTRUIA
SE EU PEGO NINGUEM DÔA	UMAS CASAS EU MELHORAVA
SE ERRO NINGUEM PERDÔA	VINHA O VENTO DERRUBAVA
SE EXPLICO NINGUEM ENTENDE	TODAS CASAS QUE EU FASIA
SE LIGO A LUZ NÃO ACENDE	FUI TOCAR MERCEARIA
PEGO UM TRANSPORTE ATRASADO	MAIS SÓ VENDIA FIADO
CHEGO O PORTÃO TÁ FEIXADO	INVENTEI DE CRIAR GADO
SE PERGUNTO NINGUEM DIZ	DEU UM MÁ TRISTE INFELIZ
NÃO SEI O QUE FOI QUE FIZ	NÃO SEI O QUE FOI QUE FIZ
QUE TUDO MEU DÁ ERRADO	QUE TUDO MEU DÁ ERRADO

x	x
SE INVENTO DE JOGAR	PASSEI PARA AGRICULTURA
É NUMA BANCA QUEBRADA	NA TERRA DE UM PARENTE
SE VIAJO ERRO A ESTRADA	UM DIA DEU UMA ENCHENTE
VOU CAÇAR MATO UM GAMBAR	JÁ A LAVOURA SEGURA
SAIO A NOITE PRA PESCAR	CARREGOU TODA FARTURA
O AÇUDE E MAL ASSOMBRADO	TUDO QUE TINHA PLANTADO
QUANDO PEGO UM RESFRIADO	EU FUI VENDER O ROÇADO
EXPIRRO INFLAMA O NARIZ	DFERECI NINGUEM QUIZ
NÃO SEI O QUE FOI QUE FIZ	NÃO SEI O QUE FOI QUE FIZ
QUE TUDO MEU DÁ ERRADO	QUE TUDO MEU DÁ ERRADO

Autoria: - Expedito de Alcinha
Barro de Santa Catarina - Monteiro,


Expedito Pedro da Silva
Mat. 003

Texto 19

UM dia NO cemitério

TANTAS bonitas Feições
 QUE NA Terra se ACABARAM
 E TANTOS bons CORAÇÕES
 NELA TAMBEM se FINDARAM
 TANTAS TUMBAS, TANTAS LOUZAS
 TANTAS MÃES, TANTAS ESPÔSAS
 TANTOS Filhos, TANTOS PAIS,
 TANTAS PESSOAS AMIGAS
 E Criaturas ANTIGAS
 QUE AGENTE NEM lembra MAIS

NINGUEM, Percebe NEM SOMA
 O QUANTO A Terra é FAMINTA
 SERÁ POSSIVEL QUE COMA,
 SEUS PRÓPRIOS Filhos, E NÃO SINTA
 Oh, Mãe Perversa E MALVADA
 COM A boca ESCANCARADA
 NUNCA MATA A SUA FOME
 COVARDE vil Traíçoeira
 É A MAIOR Carniceira
 QUE CRIA seus Filho e COME

Espectro de Moçinha

Texto 20

A SAUDOSA PROFESSORA

-X- SONETO -X-

Tivesse, O Mister Nobre, e edificante
 ABENÇOADO, seja O seu VALOR
 Que me ENCINOU COM PACIENCIA E COM AMOR
 O MAIS OBJETIVO RELEVANTE

TRANSMITIU-ME O SABER A TODO INSTANTE
 ATRAVÉS de seu TÃO GRANDE VALOR
 POR TANTO, hoje eu devo me IMPOR
 PELO que TRANSMITIU-ME de IMPORTANTE

VOCE FOI MINHA PROFESSORA AMADA
 QUE ENCINOU-ME NA ÁRDU-A CAMINHADA
 PARA O PORVIR REPLETO de INCERTESA

FOI TAMBÉM, QUEM COM TODA PACIENCIA
 ACENDEU, A LUZ da MINHA INTELIGENCIA
 QUE PARA SEMPRE PERMANESSE ACESA



Eu fiz esse soneto em homenagem a
 minha saudosa Professora já falecida
 Amélia da Silva Oliveira - AMÉLIA QUINCA

Expedito de Amélia.


 Expedito Pedro da Silva
 N.º 1000

Texto 21

A vida

Quem não escuta conselho
 Permanece sempre errado
 Que a vida é um espelho
 que mostra o nosso passado
 mostra a onde agente error
 mostra também o valor
 pela agente apresentado
 se tiver graça obitida
 torna-se a vida outra vida
 vai viver mais sussegado

A vida não se arruma
 quando a onda é agitada
 quando pença que se apruma
 fica mais desaprumada
 vem o astro inferior
 domina o superior
 viver feliz todas quer
 mais ninguém não adivinha
 assim vou levando a minha
 do jeito que Deus quiser
 X

Aut. Espedito de Mocinha.

Philip

Texto 22

=SONETO=

ESSA HUMANIDADE, É MAL, PEREÇA E FRIA
 SE SOFRERES UMA COISA DE VERDADE
 NÃO DIGA, A ESSA VIL HUMANIDADE
 QUE ELA RI E GARGALHA DE ALEGRIA

VIVE FLUTUANDO EM UM MAR DE HIPOCRISIA
 COM ORGULHO, GANANCIA, E COM MALDADIA
 NÃO SEI, COMO CABE, TANTA DESIGUALDADE
 NINGUEM AMA, A O OUTRO COMO DEVERIA

SÓ DEUS É JUSTO, ESSA É A CERTESA
 SE VIVERES CHEIO DE RIQUEZA
 TU ÉS BOM, QUERIDO, E ABRAÇADO

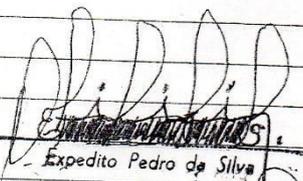
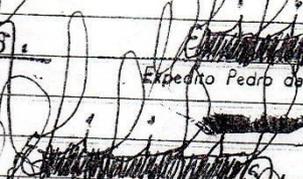
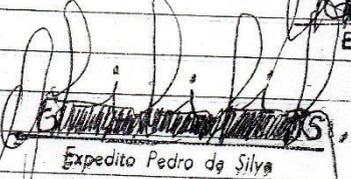
TOME CUIDADO, QUE SE UM DIA TU CAIR
 O MESMO QUE TE ABRAÇOU PASSA POR TI
 TOR-SE E A CARA, E DEUS, NÃO TE DEIXA DESPRESAD

Poeta X Espécrito de Moencha

AUT NÃO IDENTIFICADO

Texto 23

Por CÔqueiro catolé
 Essa serra foi coberta
 Malasombrada deserta
 De cima até o sopé
 Onde hoje é o chalé
 NEM uma casa existia
 Era grande a Travessia
 Da Lagôa a Mafarina
 Quem foi Santa Catarina
 Como está sendo hoje em dia
 X


 Expedito Pedro da Silva
 
 Expedito Pedro da Silva

 Expedito Pedro da Silva

 Expedito Pedro da Silva

 Expedito Pedro da Silva
 Aut. Expedito de Rocinha

